



Os Números do Amor 25 LIVRO III

SARAH MACLEAN

*Onze leis
a cumprir
na hora
de seduzir*







*Onze leis
a cumprir
na hora
de seduzir*



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

SARAH MACLEAN

*Onze leis
a cumprir
na hora
de seduzir*



Título original: *Eleven Scandals to Start to Win a Duke's Heart*

Copyright © 2011 por Sarah Trabucchi

Copyright da tradução © 2017 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Fabiana Colasanti

preparo de originais: Magda Tebet

revisão: Ana Grillo e Cristhiane Ruiz

diagramação: Abreu's System

capa: Miriam Lerner

imagem de capa: © Richard Jenkins Photography

foto da autora: © Rupert Whiteley

adaptação para e-book: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M145o

MacLean, Sarah

Onze leis a cumprir na hora de seduzir [recurso eletrônico]/ Sarah MacLean; tradução de Fabiana Colasanti. São Paulo: Arqueiro, 2017.
recurso digital (Os números do amor; 3)

Tradução de: Eleven scandals to start to win a duke's heart

Sequência de: Dez formas de fazer um coração se derreter

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN: 978-85-8041-532-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Colasanti, Fabiana. II. Título. III. Série.

17-40569

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

*Para Carrie,
com amor e gratidão.
Obrigada por me fazer voltar
ao acampamento base.*

Un momento con una donna capricciosa vale undici anni di vita noiosa.

Um momento com uma mulher fogosa vale onze anos de uma vida tediosa.
(Provérbio italiano)

UM



As árvores não passam de um dossel para o escândalo.

Damas elegantes permanecem dentro de casa depois de escurecer.

– UM TRATADO SOBRE A MAIS REQUINTADA DAS DAMAS

Soubemos que folhas não são as únicas coisas caindo nos jardins...

– O JORNAL DO ESCÂNDALO, OUTUBRO DE 1823

Em retrospecto, havia quatro ações que a Srta. Juliana Fiori deveria ter reconsiderado naquela noite.

Primeiro, ela deveria ter ignorado o impulso de deixar o baile de outono de sua cunhada em favor do mais agradável, mais perfumado e muito mais mal iluminado jardim da Casa Ralston.

Segundo, ela deveria ter hesitado quando aquele mesmo impulso a levou além, pelos caminhos escuros que marcavam o exterior da casa de seu irmão.

Terceiro, ela deveria ter voltado para casa no momento em que deu de cara com lorde Grabeham, extremamente bêbado, quase caindo e cuspiendo grosserias.

Mas ela com certeza não deveria ter batido nele.

Não importava que ele a tivesse puxado para junto de si e jogado seu hálito quente carregado de uísque sobre ela, ou que seus lábios frios e úmidos tivessem encontrado, de modo desajeitado, o caminho para a curvatura de seu rosto, ou que tivesse sugerido que ela poderia gostar *como sua mãe havia gostado*.

Damas não batem em pessoas.

Pelo menos não damas inglesas.

Ela observou enquanto aquele homem nada cavalheiro uivava de dor e puxava um lenço do bolso, cobrindo o nariz e encharcando de vermelho o imaculado linho branco. Ela congelou, apenas sacudindo a mão dolorida, o medo tomando-a por completo.

Aquilo com certeza se espalharia. E com certeza se tornaria uma “questão”.

Não importava que ele merecesse.

O que ela deveria ter feito? Permitido que ele a maltratasse até que um salvador saísse do meio das árvores e a resgatasse? Qualquer homem no jardim àquela hora certamente seria mais um como ele.

Mas ela acabara de provar que os rumores eram verdadeiros.

Ela nunca seria um deles.

Juliana ergueu os olhos para o dossel alto das árvores. O farfalhar das folhas, que poucos instantes antes lhe prometia alívio dos aborrecimentos do baile, agora parecia escarnecer dela – um eco dos cochichos dos salões de baile de toda a Londres sempre que ela adentrava neles.

– Você me bateu! – berrou o homem gordo, num tom nasalado e ultrajado.

Ela ergueu a mão latejante e empurrou uma mecha solta de cabelo para longe do rosto.

– Aproxime-se de mim novamente e repito o que fiz.

Ele não parou de encará-la enquanto limpava o sangue do nariz. A raiva em seu olhar era evidente.

Ela conhecia aquela raiva. Sabia o que significava.

Preparou-se para o que estava por vir.

Doía mesmo assim.

– Você vai se arrepender disso – disse ele, dando um passo ameaçador na direção dela. – Vou fazer todo mundo acreditar que você me implorou por isso. Aqui no jardim de seu irmão, como a devassa que você é.

Ela começou a sentir dor nas têmporas. Deu um passo para trás, balançando a cabeça.

– Não – falou ela, retraindo-se e sentindo ficar mais forte o sotaque italiano que ela tanto trabalhara para domar. – Eles não vão acreditar em você.

As palavras soaram vazias até mesmo para ela.

É claro que acreditariam nele.

Ele leu seu pensamento e soltou uma gargalhada zangada.

– Não pode imaginar que vão acreditar em *você*. Nem é legítima. Todos a toleram apenas porque o seu irmão é um marquês. Não pode crer que *ele* acreditaria em você. Você é, afinal de contas, filha de sua mãe.

Filha de sua mãe. As palavras eram um golpe do qual ela nunca conseguiria escapar. Não importava quanto tentasse.

Ela ergueu o queixo, aprumando os ombros.

– Eles não vão acreditar em você – repetiu, forçando sua voz a ficar firme – porque sabem que eu jamais poderia ter desejado um *maiale*.

Ele levou alguns instantes para traduzir o italiano para o inglês e entender o insulto. Mas, quando ouviu a palavra *porco* pairando entre eles nos dois idiomas, Grabeham voou na direção dela, sua mão carnuda e seus dedos de salsicha agarrando-a.

Ele era mais baixo do que ela, mas compensava a diferença com força bruta. Segurou

um pulso, os dedos se enterrando fundo, prometendo machucar, enquanto Juliana tentava se soltar, sua pele torcendo e queimando. Juliana sibilou de dor e agiu por instinto, agradecendo ao seu criador por ter aprendido a lutar com os meninos na beira do rio em Verona.

Ela levantou o joelho. Fez contato preciso, perverso.

Grabeham uivou, suas mãos se afrouxaram apenas o suficiente para permitir que ela se desvencilhasse dele.

E Juliana fez a única coisa na qual conseguiu pensar.

Ela correu.

Levantando as saias de seu vestido verde cintilante, ela disparou pelos jardins, mantendo-se bem longe da luz que saía do enorme salão de baile, sabendo que ser vista correndo na escuridão teria sido tão danoso quanto ser pega pelo detestável Grabeham... que havia se recuperado com uma rapidez alarmante. Ela podia ouvi-lo ofegante, mancando atrás dela através de uma sebe particularmente espinhenta.

O som a impulsionou a correr mais e ela irrompeu pelo portão lateral do jardim rumo às estrebarias contíguas à Casa Ralston, onde uma coleção de carruagens esperava, em uma longa fila, que seus lordes e damas chamassem para serem transportados de volta para casa. Ela pisou em algo pontiagudo e tropeçou, escorando-se nos paralelepípedos, arranhando as palmas das mãos nuas conforme lutava para se aprumar. Amaldiçoou sua decisão de tirar as luvas que usara no salão de baile – quente ou não, a pelica teria economizado algumas gotas de sangue aquela noite. O portão de ferro se fechou atrás dela e ela hesitou por um segundo, certa de que o barulho chamaria a atenção. Uma rápida olhada revelou um grupo de cocheiros absortos em um jogo de dados no lado mais distante da alameda, mas eles não notaram sua presença ou não se interessaram. Ao olhar para trás, Juliana viu o corpanzil de Grabeham dirigindo-se para o portão.

Ele era um touro investindo contra uma capa vermelha; ela tinha poucos segundos antes de ser espetada pelos chifres.

As carruagens eram sua única esperança.

Com um sussurro baixo e tranquilizador em italiano, ela deslizou para debaixo das cabeças gigantescas de dois grandes cavalos pretos e se esgueirou rapidamente pela fileira de carruagens. Ouviu o portão ranger ao se abrir e se fechar e congelou, tentando ouvir o som revelador de um predador se aproximando da presa.

Era impossível escutar qualquer coisa acima das batidas de seu coração.

Silenciosamente, ela abriu a porta de um dos grandes veículos e se içou para dentro da carruagem sem nem ao menos utilizar os degraus. Ouviu o tecido de seu vestido se rasgar ao se prender em uma borda afiada e ignorou a pontada de decepção enquanto puxava as saias para dentro do coche e esticava a mão para a porta, fechando-a atrás de si o mais rápido que podia.

O cetim verde fora um presente de seu irmão – um reconhecimento do ódio dela

pelos vestidos pálidos e afetados usados pelas outras damas solteiras da aristocracia. E agora ele estava arruinado.

Ela se sentou dura no chão logo na entrada da carruagem, os joelhos puxados até o peito, e deixou a escuridão envolvê-la. Forçando sua respiração tomada pelo pânico a se acalmar, ela tentou ouvir alguma coisa, *qualquer coisa*, naquele silêncio abafado. Resistiu ao impulso de se mover, temendo chamar a atenção para seu esconderijo.

– *Tego, tegis, tegit* – sussurrou bem baixo, a cadência tranquilizadora do latim focando seus pensamentos. – *Tegimus, tegitis, tegunt*.

Uma sombra tênue passou, escondendo a luz fraca que matizava a parede da carruagem exuberantemente estofada. O corpo de Juliana se enrijeceu antes de se apertar no canto do coche, tornando-se o menor possível – um desafio, considerando-se sua altura incomum. Aguardou, desesperada, e, quando a luz quase inexistente voltou, ela engoliu em seco e fechou bem os olhos, soltando a respiração devagar.

Em inglês, agora.

– Eu escondo. Tu escondes. Ela esconde...

Ela prendeu a respiração quando vários gritos masculinos cortaram o silêncio, rezando para que eles passassem por seu esconderijo e a deixassem, para variar, em paz. Quando o veículo balançou sob o movimento de um cocheiro que se atrapalhava para sentar no próprio lugar, ela soube que suas orações não seriam atendidas.

Esconder-se não ia funcionar.

Ela praguejou, usando uma das palavras mais pitorescas de sua língua materna, e considerou suas opções. Grabeham podia muito bem estar do lado de fora, mas até mesmo a filha de um mercador italiano que só estava em Londres havia alguns meses sabia que não podia chegar à entrada principal da casa de seu irmão em uma carruagem pertencente a sabe lá Deus quem sem causar um escândalo de proporções épicas.

Decisão tomada, ela esticou a mão para a maçaneta da porta e mudou o peso do corpo de lugar, reunindo coragem para fugir – para se lançar para fora do veículo, para cair sobre os paralelepípedos e correr rumo ao pedaço de escuridão mais próximo.

E então a carruagem começou a se mover.

E fugir não era mais uma opção.

Por um breve momento, ela considerou abrir a porta e pular da carruagem em movimento. Mas nem mesmo ela era tão temerária. Não queria morrer. Só queria que o chão se abrisse e a engolissem com a carruagem. Era pedir muito?

Observando o interior do veículo, percebeu que sua melhor opção era voltar para o chão e esperar que a carruagem parasse. Sairia então pela porta oposta da casa e esperaria, desesperadamente, que ninguém estivesse lá para ver.

Alguma coisa tinha que dar certo aquela noite. Ela teria pouco tempo para fugir antes que os aristocratas descessem.

Ela respirou fundo quando o coche parou. Levantou-se... esticou a mão para a

maçaneta... pronta para pular.

Antes que pudesse sair, no entanto, a porta da carruagem, do lado oposto ao qual se encontrava, se abriu de supetão, deixando-a sem ar. Os olhos dela voaram para o homem enorme de pé ao lado da porta aberta do coche.

Ah, não.

As luzes na frente da Casa Ralston resplandeciam atrás dele, jogando seu rosto nas sombras, mas era impossível não perceber o modo como a luz cálida e amarela iluminava sua cabeleira de cachos dourados, transformando-o em um anjo sombrio – expulso do Paraíso, recusando-se a devolver seu halo.

Ela notou uma mudança sutil nele, uma tensão silenciosa e quase imperceptível em seus ombros largos, e entendeu que havia sido descoberta. Juliana sabia que deveria ficar grata por sua descrição quando ele puxou a porta para si, eliminando a possibilidade de que outros a vissem. No entanto, quando o homem subiu na carruagem com facilidade, sem a ajuda nem de um criado nem de um degrau, já não era gratidão que ela sentia.

Pânico era uma emoção mais exata.

Ela engoliu em seco, um único pensamento gritando em sua mente.

Deveria ter se arriscado com Grabeham.

Pois certamente não havia ninguém no mundo que ela gostaria menos de encarar naquele momento do que o insuportável e impassível duque de Leighton.

Não havia dúvida: o universo estava conspirando contra ela.

A porta se fechou atrás dele com um clique baixo. Eles estavam sozinhos.

O desespero a invadiu, fazendo com que se movesse, e ela foi tropicando em direção à porta mais próxima, ansiosa para fugir. Seus dedos tatearam à procura da maçaneta.

– Eu não faria isso, se fosse você.

O tom calmo e frio machucou ao atravessar a escuridão.

Houve um tempo em que ele não era nem um pouco indiferente a ela.

Antes de ela ter jurado nunca mais falar com ele de novo.

Juliana deu um breve suspiro para se estabilizar, recusando-se a dar vantagem a ele.

– Apesar de agradecer a sugestão, Vossa Graça terá que me perdoar se eu não aceitá-la.

Ela agarrou a maçaneta, ignorando a dor na mão causada pela pressão da madeira, e mudou o peso do corpo de lugar para soltar o trinco. Ele se moveu como um raio, inclinando-se através do coche e mantendo a porta fechada sem esforço.

– Não foi uma sugestão.

Firme e sem hesitação, ele bateu duas vezes no teto da carruagem. O veículo se moveu de imediato, como se apenas a vontade dele guiasse seu rumo, e Juliana amaldiçoou todos os cocheiros bem treinados enquanto caía para trás, o pé ficando preso na saia do vestido e rasgando ainda mais o cetim. Ela se retraiu ao ouvir aquele som, alto demais no silêncio pesado, e passou ansiosamente a palma suja pelo tecido adorável.

– Meu vestido está arruinado – disse ela, tendo prazer em insinuar que ele tivera algo

a ver com aquilo.

Ele não precisava saber que o vestido fora arruinado muito antes de ela ter aterrissado dentro de sua carruagem.

– Bem, posso pensar em várias maneiras de você ter evitado uma tragédia como a desta noite – anunciou, e as palavras eram isentas de remorso.

– Eu não tive muita escolha – defendeu-se ela, odiando-se em seguida por fazer tal declaração em voz alta.

Especialmente para ele.

Ele virou a cabeça na direção dela no instante em que uma luminosidade vinda da rua invadiu a carruagem e iluminou seu rosto, tornando-o perturbadoramente nítido. Ela tentou não notá-lo. Tentou não perceber como cada centímetro dele trazia a marca de sua excelente linhagem, de sua história aristocrática – o nariz nobre, longo e reto, o maxilar quadrado e perfeito, as maçãs do rosto altas que deveriam tê-lo deixado feminino, mas que apenas o tornavam ainda mais bonito.

Ela deu uma pequena bufada de indignação.

O homem tinha maçãs do rosto inacreditáveis.

Ela nunca conhecera alguém tão lindo.

– Sim – falou ele de modo meio arrastado –, posso imaginar o que seja tentar viver de acordo com uma reputação como a sua.

A luz desapareceu, substituída pela ferroadada das palavras dele.

Ela também nunca conhecera alguém tão imbecil.

Juliana ficou grata por seu canto escuro do coche enquanto se retraía após a insinuação dele. Estava acostumada aos insultos, à especulação ignorante que lhe era dirigida por ser filha de um mercador italiano e de uma marquesa inglesa desonrada que havia abandonado marido e filhos... e repudiado a elite de Londres.

Esta última era a única das ações de sua mãe pela qual Juliana tinha uma ponta de admiração.

Ela gostaria de poder dizer a todos eles o que fazer com suas regras aristocráticas.

Começando com o duque de Leighton. Que era o pior deles.

Mas ele não tinha sido... no começo.

Ela afastou o pensamento.

– Eu gostaria que você parasse esta carruagem e me deixasse sair.

– Suponho que as coisas não estejam acontecendo da forma que você havia planejado.

– Da forma que eu havia... planejado?

– Ora, vamos, Srta. Fiori. Acha que não sei como o seu joguinho deveria ter se desenrolado? Você sendo descoberta na minha carruagem vazia – o lugar perfeito para um encontro clandestino –, nos degraus da casa ancestral de seu irmão, durante um dos eventos mais bem frequentados das últimas semanas.

Os olhos dela se arregalaram.

– Você acha que eu...

– Não. Eu *sei* que você está tentando me prender pelo casamento. E seu esqueminha estúpido, do qual presumo que seu irmão não tenha conhecimento, poderia ter funcionado com um homem inferior, com um título inferior. Mas lhe asseguro que não vai funcionar comigo. Eu sou um *duque*. Em uma batalha de reputação com você, eu com certeza ganharia. Na verdade, eu teria deixado que você arruinasse a si mesma de forma bastante conveniente na Casa Ralston se, infelizmente, não estivesse em dívida com seu irmão no momento. Por essa pequena farsa, você teria merecido.

A voz dele estava calma e firme, como se tivesse tido essa conversa inúmeras vezes antes e ela não passasse de uma pequena inconveniência – uma mosca em seu creme de lagosta tépido e mal temperado, ou o que quer que os esnobes aristocratas britânicos consumissem com suas colheres de ouro.

Maldito arrogante, presunçoso...

A fúria se acendeu e Juliana rangeu os dentes.

– Se soubesse que este era o *seu* veículo, eu o teria evitado a todo custo.

– Incrível, então, que você de alguma forma não tenha visto o grande brasão ducal do lado de fora da porta.

O homem era irritante.

– É incrível, sem dúvida, pois tenho certeza de que o brasão da sua carruagem compete em tamanho com sua presunção! Eu lhe asseguro, *Vossa Graça* – disse ela cuspiendo o honorífico como se fosse um epíteto –, que, se estivesse atrás de um marido, procuraria um que tivesse mais a recomendá-lo do que um título elegante e um falso senso de importância. – Ela percebeu o tremor na própria voz, mas não conseguiu deter a enxurrada de palavras que jorravam de dentro dela, e concluiu: – Você está tão impressionado com seu título e seu posto que é um milagre que não tenha a palavra “duque” bordada com fio prateado em todas as suas roupas. Do modo como se comporta, parece que realmente fez alguma coisa para merecer o respeito que esses ingleses tolos lhe concedem. Mas, na verdade, você foi gerado inteiramente por acaso, no momento certo e pelo homem certo, que imagino que tenha realizado a tarefa exatamente da mesma maneira que todos os outros homens. Sem requinte.

Ela parou. As batidas de seu coração soavam altas em seus ouvidos enquanto as palavras pairavam entre eles, o eco pesado na escuridão. *Senza finezza*. Foi só então que ela se deu conta de que, em algum ponto de seu discurso, havia passado a falar em italiano.

E ela só podia esperar que ele não tivesse entendido.

Houve um longo período de silêncio, um grande vácuo que ameaçava a sanidade dela. E então a carruagem parou. Eles ficaram sentados ali por um momento interminável, ele rígido como uma pedra, ela imaginando se eles poderiam permanecer no veículo pelo resto dos tempos. Até que ouviu um movimento. Ele abriu bem a porta.

Ela se sobressaltou ao senti-lo tão próximo, e então ouviu uma voz grave e sombria ordenar:

– Saia da carruagem.

Ele falava italiano.

Perfeitamente.

Juliana engoliu em seco. Bem. Não pediria desculpas. Não depois de todas as coisas terríveis que ele havia dito. Se ele queria botá-la para fora da carruagem, tudo certo. Ela andaria até sua casa. Com orgulho.

Talvez alguém pudesse lhe apontar a direção certa.

Ela deslizou pelo chão do coche e saiu; então se virou, esperando ver a porta se fechar atrás de si. Em vez disso, ele a seguiu para fora, ignorando a presença dela enquanto subia os degraus do sobrado mais próximo. A porta se abriu antes que ele chegasse ao último degrau.

Como se as portas, como todo o resto, se curvassem à vontade dele.

Ela o observou entrar num saguão bem iluminado e viu um grande e pesado cão marrom correr animadamente para recebê-lo.

Bem, a teoria de que os animais podem sentir o mal está errada.

Ela deu um sorrisinho diante do pensamento e ele se virou em sua direção quase instantaneamente, como se ela tivesse falado algo em voz alta. Seus cachos dourados foram mais uma vez realçados de modo angelical enquanto ele dizia:

– Dentro ou fora, Srta. Fiori? Está testando minha paciência.

Juliana abriu a boca para falar, mas ele já havia desaparecido de vista. E assim ela escolheu o caminho de menor resistência.

Ou, pelo menos, o caminho menos provável de levá-la à ruína, ou seja, uma calçada londrina no meio da noite.

Ela o seguiu para dentro da casa.

A porta se fechou atrás dela e o laçao se apressou a seguir seu patrão para onde quer que patrões e laçaios costumassem ir. Juliana fez uma pausa na entrada bem iluminada, admirando o largo saguão de mármore e os espelhos dourados nas paredes que só serviam para fazer o espaço amplo parecer ainda maior. Havia meia dúzia de portas levando a um e outro lugar, e um corredor comprido e escuro que se estendia pelo sobrado.

O cachorro se sentou no final da escadaria larga que levava aos andares superiores da casa e, sob seu silencioso escrutínio, Juliana subitamente ficou constrangida ao se dar conta de que estava na casa de um homem.

Desacompanhada.

À exceção de um cachorro.

Que já se revelara um mau juiz de caráter.

Callie não aprovaria. Sua cunhada a havia advertido a evitar situações desse tipo. Ela

temia que os homens se aproveitassem de uma jovem moça italiana com pouca compreensão das regras de etiqueta britânicas.

– Mandei recado para Ralston vir buscá-la. Pode esperar no...

Ela olhou para cima quando ele parou abruptamente de falar e viu em seu olhar algo que, seria possível?, poderia ser chamado de preocupação.

Ela, no entanto, sabia que não podia ser.

– Eu... – começou ela, imaginando por que ele se movia, em um ritmo alarmante, em sua direção.

– Deus do Céu! O que houve com você?



– Alguém a atacou.

Juliana observou Leighton despejar dois dedos de uísque em um copo de cristal e levar a bebida até uma das gigantescas poltronas de couro em que ela se sentara no gabinete. Ele tentou lhe entregar o copo, mas ela balançou a cabeça.

– Não, obrigada.

– Devia aceitar. Vai descobrir que acalma.

Ela ergueu os olhos para ele.

– Não estou precisando me acalmar, Vossa Graça.

Os olhos dele se estreitaram e ela se recusou a desviar o olhar daquela representação viva da nobreza britânica, alto e superior, com sua boa aparência quase insuportável e sua total e absoluta expressão de confiança – como se nunca na vida tivesse sido desafiado.

Nunca mesmo; até agora.

– Nega que alguém a tenha atacado?

Ela encolheu um dos ombros, permanecendo em silêncio. O que podia dizer? O que podia lhe contar que ele não fosse jogar contra ela em seguida? Ele alegaria, naquele tom autoritário e arrogante, que, “se ela tivesse agido como uma dama”, “se tivesse tido mais cuidado com sua reputação”, “se tivesse se comportado mais como uma mulher inglesa e menos como uma italiana”, nada daquilo teria acontecido.

Ele iria tratá-la como todo o resto.

Como fez a partir do momento em que descobriu sua identidade.

– Isso importa? Tenho certeza de que você vai decidir que encenei a noite inteira com o intuito de capturar um marido. Ou algo igualmente ridículo.

Sua intenção era que as palavras o humilhassem. Mas não humilharam.

Em vez disso, ele a examinou com um olhar longo e frio, observando seu rosto e seus braços cobertos de arranhões, seu vestido rasgado e sujo de terra e o sangue de suas palmas raladas.

Um dos cantos de sua boca se contorceu, no que ela imaginou ser algo semelhante a repugnância, e ela não conseguiu resistir a dizer:

– Mais uma vez, provo ser pouco digna de sua presença, não é?

Ela mordeu a língua, desejando não ter falado.

Ele a fitou.

– Eu não disse isso.

– Não precisou dizer.

Ele virou o copo de uísque quando uma batida suave soou na porta entreaberta do aposento. Sem tirar os olhos dela, o duque vociferou:

– O que é?

– Trouxe as coisas que me pediu, Vossa Graça – respondeu o criado, entrando às pressas na sala com uma bacia, ataduras e vários recipientes pequenos. Ele colocou tudo sobre uma mesa baixa.

– É só.

O criado fez uma reverência e pediu licença enquanto Leighton se aproximava da mesa. Ela o observou pegar uma toalha de linho e mergulhar uma ponta na bacia.

– Você não agradeceu a ele.

Ele lançou um olhar surpreso na direção dela.

– A noite não me deixou num estado de espírito de gratidão.

Ela se retesou diante do tom dele, reconhecendo uma acusação.

Bem, ela também podia ser difícil.

– Mesmo assim, ele lhe prestou um serviço. – Juliana fez uma pausa dramática. – Não agradecer a ele o torna grosseiro.

Houve um intervalo antes que o que ela queria dizer ficasse claro.

Ela fez um gesto com uma das mãos.

– Que seja. Um homem diferente teria agradecido a ele.

Ele andou na direção dela.

– Não quer dizer um homem melhor?

Os olhos dela se arregalaram com uma inocência fingida.

– Nunca. Você é um duque, afinal de contas. Certamente não há nenhum homem melhor do que você.

As palavras eram um golpe direto. E, depois das coisas terríveis que ele lhe dissera na carruagem, um golpe merecido.

– Uma mulher diferente perceberia que está totalmente em dívida comigo e tomaria mais cuidado com as palavras.

– Não quer dizer uma mulher melhor?

Ele não respondeu; em vez disso, sentou-se diante dela e estendeu a mão, com a palma para cima.

– Dê-me suas mãos.

Em vez disso ela as segurou perto do peito, desconfiada.

- Por quê?
- Estão feridas e ensanguentadas. Precisam ser limpas.

Ela não queria que ele tocasse nela. Não confiava em si mesma.

- Elas estão bem.

Ele soltou um rosnado baixo, frustrado, o som fazendo um arrepio percorrê-la.

- É verdade o que falam sobre os italianos.

O corpo dela se contraiu ao ouvir aquelas palavras, temendo o insulto.

- Que somos totalmente superiores?
- Que é impossível para vocês admitir uma derrota.
- Um traço que serviu a César muito bem.
- E como o Império Romano está se saindo ultimamente?

Seu tom casual, arrogante, fez com que ela quisesse gritar. Epítetos. Em sua língua materna.

Que homem impossível.

Eles ficaram se olhando por um longo minuto, nenhum dos dois disposto a ceder, até que o duque finalmente falou:

– Seu irmão estará aqui a qualquer momento, Srta. Fiori. E ele já vai ficar chocado o bastante ao encontrá-la desse jeito; não é necessário que veja suas mãos ensanguentadas.

Ela franziu os olhos para a mão dele, larga, longa e irradiando força. Ele tinha razão, é claro. Ela não tinha escolha a não ser ceder.

- Isso vai doer.

Aquelas palavras foram sua única advertência antes de ele passar suavemente o polegar por sua palma, investigando a pele machucada. Ela prendeu a respiração com o toque.

Ele ergueu os olhos para ela.

- Perdão.

Juliana não respondeu; em vez disso, fingiu investigar a outra mão. Ela não deixaria que ele notasse que não fora a dor que a fizera ofegar.

Aquilo já era esperado, é claro; a reação inegável e indesejável que a ameaçava sempre que ela o via. Que surgia sempre que ele se aproximava.

Era repugnância. Ela estava certa disso.

Ela jamais admitiria outra possibilidade.

Tentando fazer uma avaliação clínica da situação, Juliana baixou os olhos para as mãos de ambos, quase entrelaçadas. O aposento ficou imediatamente mais quente. As mãos dele eram enormes e ela ficou hipnotizada por seus dedos longos e bem tratados, salpicados de pelos finos e dourados.

Ele tocou, com delicadeza, o hematoma severo que havia aparecido no pulso dela, fazendo-a erguer os olhos para encontrá-lo fitando a pele arroxeadada.

Ele voltou a insistir.

- Vai me dizer quem fez isso com você.

Havia uma segurança fria nas palavras, como se ela devesse obedecer de imediato ao seu comando para que ele, então, resolvesse a situação. Mas Juliana sabia que não era assim. Aquele homem não era um cavaleiro. Ele era um dragão. O líder deles.

– Diga-me, Vossa Graça, como é acreditar que o seu desejo existe apenas para ser realizado?

Os olhos dele voaram para os dela, escurecendo de irritação.

– Vai me dizer, Srta. Fiori.

– Não, eu não vou.

Ela voltou a atenção para as mãos deles. Não era comum Juliana sentir-se frágil – ela era mais alta do que quase todas as mulheres e a maioria dos homens em Londres –, mas esse homem a fazia sentir-se pequena. O polegar dela era pouco mais largo do que o menor dos dedos dele, o que carregava o anel de sinete de ouro e ônix – a prova de seu título.

Um lembrete de sua importância.

E de quão abaixo dele ele acreditava que ela estivesse.

Ela ergueu o queixo diante do pensamento, a raiva, o orgulho e a mágoa se inflamando dentro do seu corpo, e, naquele exato momento, ele tocou a pele em carne viva da palma de sua mão com o pano de linho molhado. Ela tentou afastar a dor lancinante praguejando em italiano.

Ele não parou o que estava fazendo.

– Esse eu não conhecia – disse ele.

– É falta de educação de sua parte escutar.

Uma sobrancelha dourada se levantou ao ouvir as palavras.

– É um tanto difícil não ouvir se você está a poucos centímetros de mim, gritando seu desconforto.

– Damas não gritam.

– Parece que damas italianas gritam, sim. Especialmente quando estão sendo submetidas a tratamento médico.

Ela resistiu ao ímpeto de sorrir.

Ele não era engraçado.

Ele abaixou a cabeça e se concentrou em sua tarefa, enxaguando o pano de linho na bacia de água limpa. Ela se retraiu quando o tecido frio voltou à sua mão ralada, e ele hesitou brevemente antes de continuar.

A pausa momentânea a intrigou. O duque de Leighton não era conhecido por sua compaixão, mas sim por sua indiferença e arrogância. E ela ficou surpresa por ele se rebaixar a ponto de realizar uma tarefa tão inferior quanto limpar o cascalho e o sangue de suas mãos.

– Por que está fazendo isso? – questionou ela quando o linho tornou a machucar sua pele.

Ele não interrompeu seus movimentos.

– Eu lhe disse. Já vai ser difícil o suficiente lidar com seu irmão quando ele chegar aqui. É melhor, pelo menos, que você não esteja gotejando sangue sobre si mesma. E sobre os meus móveis.

– Não – disse ela, balançando a cabeça. – Eu quis dizer por que *você* está fazendo isso? Não tem um batalhão de criados só aguardando ordens para realizar uma tarefa tão desagradável?

– Tenho.

– E então?

– Criados falam, Srta. Fiori. Prefiro que o menor número possível de pessoas saiba que você está aqui, sozinha, a essa hora.

Ela era um problema para ele. Nada mais.

Após um longo silêncio, ele a fitou.

– Você discorda?

Ela se recuperou rapidamente.

– De forma alguma. Só me espanta que um homem com sua riqueza e proeminência tenha criados que fofuquem. As pessoas imaginariam que você teria descoberto um meio de lhes tirar todo o desejo de socializar.

Um canto da boca de Leighton enrijeceu e ele balançou a cabeça.

– Mesmo quando eu a ajudo, você procura formas de me ferir.

Quando ela respondeu, seu tom era sério, suas palavras verdadeiras.

– Desculpe-me se desconfio de sua boa vontade, Vossa Graça.

Os lábios do duque se apertaram em uma linha fina e reta, e ele se esticou para pegar a outra mão de Juliana, repetindo o procedimento. Os dois ficaram observando enquanto ele limpava o sangue seco e a sujeira de sua mão, revelando uma pele rosada e fina que levaria vários dias para cicatrizar.

Os movimentos dele eram suaves mas firmes, e a dor na pele esfolada foi se tornando mais tolerável conforme ele limpava os ferimentos. Juliana notou quando um cacho dourado caiu sobre a testa do duque. Seu semblante estava, como sempre, duro e impassível, como uma das belas estátuas de mármore na casa de seu irmão.

Ela foi inundada por um desejo familiar, aquele que a tomava sempre que ele estava perto.

O desejo de conhecer o que havia sob aquela fachada.

Por duas vezes ela vislumbrara um pouco do que ali se escondia.

Mas então ele descobriu quem ela era – a meia-irmã italiana de um dos libertinos mais notórios de Londres, a filha quase ilegítima de uma marquesa desonrada e seu marido mercador, criada longe de Londres e de seus modos, tradições e regras.

O oposto de tudo o que ele representava.

A antítese de tudo o que ele queria ter em seu mundo.

– Meu único motivo é fazê-la chegar em casa inteira. E que ninguém além do seu irmão saiba sobre sua aventurazinha desta noite.

Ele jogou o linho na bacia de água agora cor-de-rosa e pegou um dos potinhos que o criado deixara ali. Abriu-o, liberando um aroma de alecrim e limão, e esticou-se para pegar as mãos dela de novo.

Ela as entregou facilmente desta vez.

– Não espera realmente que eu acredite que está preocupado com a minha reputação.

Leighton mergulhou a ponta de um dedo largo dentro do pote, concentrando-se nos ferimentos dela enquanto espalhava o bálsamo por sua pele. O remédio aliviou a ardência, deixando uma trilha fria e bem-vinda onde os dedos dele acariciavam. O resultado foi a ilusão irresistível de que seu toque era o prenúncio de um prazer calmante inundando a pele dela.

Não era.

De forma alguma.

Ela tentou conter um suspiro. Ele o ouviu mesmo assim. A sobrancelha dourada subiu novamente, levando-a a desejar raspá-la.

Ela puxou a mão para longe. Ele não tentou impedi-la.

– Não, Srta. Fiori. Não estou preocupado com a sua reputação.

É claro que não estava.

– Estou preocupado com a minha.

A insinuação de que ser encontrado com ela – ser ligado a ela – poderia prejudicar a reputação dele doeu muito, talvez mais do que suas mãos haviam doído naquela noite.

Ela respirou fundo, preparando-se para a próxima batalha verbal, quando uma voz furiosa soou do vão da porta:

– Se não tirar as mãos da minha irmã neste instante, Leighton, a sua preciosa reputação será o menor dos seus problemas.

DOIS



*Há uma razão para que as saias sejam longas e os cadarços das botas, complexos.
Uma dama refinada não expõe seus pés. Jamais.*

– UM TRATADO SOBRE A MAIS REQUINTADA DAS DAMAS

Parece que libertinos reformados consideram os deveres fraternais um desafio...

– O JORNAL DO ESCÂNDALO, OUTUBRO DE 1823

Era bem possível que o marquês de Ralston o matasse.

Não que Simon tivesse algo a ver com o atual estado da garota.

Não era culpa dele que ela houvesse aterrissado dentro de sua carruagem depois de, aparentemente, travar uma batalha com arbustos de azevinho, paralelepípedos das estrebarias de Ralston e a beirada de seu coche.

E com um homem.

Simon Pearson, o décimo primeiro duque de Leighton, ignorou a raiva que sentiu ao ver o hematoma roxo que circundava o pulso da garota e voltou a atenção para seu irmão irado, que naquele momento espreitava o perímetro do gabinete como um animal enjaulado.

O marquês parou na frente da irmã e finalmente conseguiu falar.

– Pelo amor de Deus, Juliana! O que diabo aconteceu com você?

O linguajar teria feito uma mulher inferior corar. Juliana nem se retraiu.

– Eu caí.

– Você caiu.

– Sim. – Ela fez uma pausa. – Entre outras coisas.

Ralston olhou para o teto como se pedisse paciência. Simon reconheceu o sentimento. Ele também tinha uma irmã, que lhe dera muito aborrecimento.

E a irmã de Ralston era mais irritante do que qualquer outra mulher.

Mais linda também.

Ele enrijeceu com o pensamento.

É claro que ela era linda. Era um fato empírico. Mesmo com o vestido sujo e rasgado, praticamente nenhuma mulher de Londres era páreo para ela. Era uma mistura deslumbrante de inglesa delicada – pele de porcelana, límpidos olhos azuis, nariz perfeito e queixo atrevido – e italiana exótica, dona de volumosos cachos negros, lábios cheios e curvas exuberantes que um homem teria que estar morto para não notar.

Ele não estava morto. Simplesmente não estava interessado.

Uma lembrança veio à sua mente.

Juliana em seus braços, se erguendo nas pontas dos pés, pressionando os lábios nos dele.

Tentou resistir àquela imagem.

Ela também era ousada, impertinente, impulsiva, um ímã para problemas e precisamente o tipo de mulher que ele queria bem longe de si.

Então, é claro, ela havia aterrissado dentro de sua carruagem.

Simon suspirou, endireitando a manga de seu sobretudo e voltando a atenção para o que acontecia em seu gabinete.

– E como seus braços e seu rosto ficaram arranhados? – Ralston continuava a questioná-la. – Parece que você correu por um roseiral!

Ela inclinou a cabeça.

– Posso ter feito isso.

– *Pode* ter feito?

Ralston deu um passo na direção dela e Juliana se levantou para encarar o irmão. Aquela não era uma mocinha recatada.

Ela era alta, excepcionalmente alta para uma mulher. Não era todo dia que Simon encontrava uma mulher com a qual podia conversar sem precisar se abaixar.

O topo da cabeça dela ficava na altura de seu nariz.

– Bem, eu estava um tanto ocupada, Gabriel.

Algo nessas palavras, tão pragmáticas, fez Simon manifestar seu divertimento, chamando a atenção para si.

Ralston virou-se para ele.

– Ah, eu não ria muito se fosse você, Leighton. Estou pensando em interrogá-lo sobre sua parte na farsa desta noite.

O duque se revoltou.

– *Me* interrogar? Eu não fiz nada além de impedir que a garota se arruinasse.

– Então talvez você queira explicar por que vocês dois estavam sozinhos em seu gabinete, as mãos dela amorosamente presas nas suas, quando eu cheguei.

Simon percebeu de imediato o que Ralston estava fazendo. E não gostou.

– O que exatamente está tentando dizer, Ralston?

– Que licenças especiais já foram obtidas por muito menos.

Ele estreitou os olhos para o marquês, um homem que ele mal tolerava em um dia bom. E esse não estava sendo um bom dia.

– Eu não vou me casar com a garota.

– De jeito nenhum eu vou me casar com ele! – gritou ela no mesmo instante.

Bem, pelo menos eles concordavam em alguma coisa.

Espere.

Ela não queria se casar com ele? Ela podia se sair muito pior. Ele era um duque, pelo amor de Deus! E ela era um escândalo ambulante.

A atenção de Ralston havia retornado à irmã.

– Vai se casar com quem quer que eu mande você se casar se continuar com esse comportamento ridículo, irmã.

– Você prometeu... – começou ela.

– Sim, bem, você não estava transformando em hábito ser abordada em jardins quando eu fiz essa promessa. – A impaciência impregnava o tom de Ralston. – Quem fez isso com você?

– Ninguém.

A resposta rápida demais o irritou. Por que ela não revelaria quem a havia machucado? Talvez não tivesse querido discutir o assunto íntimo com Simon, mas por que não com o irmão?

Por que não permitir que o castigo fosse dado?

– Eu não sou idiota, Juliana. – Ralston voltou a andar de um lado para outro. – Por que não me diz?

– Só o que você precisa saber é que eu lidei com ele.

Os dois homens congelaram. Simon não conseguiu resistir.

– Lidou com ele como?

Ela fez uma pausa, segurando o pulso ferido na mão de uma maneira que o fez imaginar se ela poderia tê-lo torcido.

– Eu bati nele.

– Onde? – questionou Ralston.

– Nos jardins.

O marquês olhou para o teto e Simon teve pena dele.

– Creio que seu irmão está perguntando em que lugar do corpo do seu agressor você bateu.

– Ah. No nariz. – Ela fez uma pausa no silêncio aturdido que se seguiu, então disse defensivamente: – Ele mereceu!

– Ele com certeza mereceu – concordou Ralston. – Agora, diga quem foi que vou acabar com ele.

– Não.

– Juliana. O golpe de uma mulher não é punição suficiente por ele tê-la atacado.

Ela franziu os olhos para o irmão.

– Ah, é mesmo? Bem, houve uma grande quantidade de sangue, considerando-se que foi um mero golpe de mulher, Gabriel.

Simon piscou.

– Você tirou sangue do nariz dele?

Um sorriso convencido cruzou o rosto dela.

– Não foi só isso que eu fiz.

É claro que não.

– Eu hesito em perguntar... – instigou Simon.

Ela olhou para ele e em seguida para o irmão. *Ela estava corando?*

– O que você fez?

– Eu... o atingi... em outro lugar.

– Onde?

– Na sua... – Juliana hesitou, a boca se contorcendo enquanto procurava a palavra, aí desistiu. – Na *inguine*.

Se ele não tivesse entendido perfeitamente o italiano, o movimento circular da mão dela, em uma área que em geral acreditava-se ser inadequada para discussão com uma jovem de boa estirpe, teria sido inconfundível.

– Ah, Senhor.

Não ficou claro se as palavras de Ralston tinham intenção de ser uma oração ou uma blasfêmia.

– Ele me chamou de passa! – anunciou ela em sua defesa. Houve uma pausa. – Esperem. Isso não está certo.

– De devassa?

– Sim! É isso! – Ela percebeu os punhos de seu irmão e olhou para Simon. – Vejo que não é um elogio.

Era difícil para ele escutar aquilo. Ele próprio gostaria de dar um soco no homem.

– Não, não é.

Ela pensou por um instante.

– Bem, então ele mereceu o que recebeu, não?

– Leighton – disse Ralston afinal. – Há algum lugar no qual minha irmã possa esperar enquanto eu e você conversamos?

Alarmes soaram, em alto e bom som, em sua mente.

Simon levantou-se, forçando-se a ficar calmo.

– É claro.

– Você vai falar sobre mim – disparou Juliana.

A mulher *nunca* guardava um pensamento para si mesma?

– Sim, vou – anunciou Ralston.

– Eu gostaria de ficar.

– Tenho certeza de que sim.

– Gabriel... – começou ela, em um tom tranquilizador que Simon só ouvira ser usado com cavalos bravios e pacientes de manicômios.

– Não abuse da sorte, irmã.

Ela fez uma pausa e Simon observou, incrédulo, enquanto ela considerava seu novo

rumo de ação. Finalmente ela o encarou, seus olhos azuis brilhantes faiscando de irritação.

– Vossa Graça, onde vai me guardar enquanto o senhor e meu irmão tratam de assuntos de homens?

Incrível. Ela resistia o tempo todo.

Ele andou em direção à porta e acompanhou-a até o corredor. Apontou então para o aposento bem à frente deles.

– A biblioteca. Pode ficar à vontade lá.

– Hum – murmurou ela, de modo seco e descontente.

Simon conteve um sorriso, incapaz de resistir a provocá-la uma última vez.

– E posso dizer que estou feliz em ver que está disposta a admitir a derrota?

Ela se virou e aproximou-se dele, os seios quase tocando seu peito. O ar ficou pesado entre os dois, e ele foi inundado pelo aroma dela – groselha e manjerição. O mesmo aroma que ele sentira meses atrás, antes de descobrir sua verdadeira identidade. *Antes que tudo mudasse.*

Ele resistiu ao impulso de olhar para a pele que se estendia acima do decote verde do vestido e deu um passo para trás.

A garota não tinha a mínima noção de decoro.

– Posso admitir derrota na batalha, Vossa Graça. Mas nunca na guerra.

Ele a observou atravessar o saguão e entrar na biblioteca, fechando a porta atrás de si, e balançou a cabeça.

Juliana Fiori era um desastre ambulante.

Era um milagre terem sobrevivido metade de um ano com ela.

– Ela o derrubou com uma joelhada no... – disse Ralston quando Simon voltou para o gabinete.

– Parece que sim – respondeu ele, fechando a porta firmemente, como se pudesse bloquear a mulher perturbadora do outro lado.

– O que vou fazer com ela?

Simon piscou. Ralston e ele mal se toleravam. Se o gêmeo do marquês não fosse amigo do duque, aqueles dois jamais teriam sequer falado um com o outro. Ralston sempre fora um imbecil. Ele não estava de fato pedindo a opinião de Simon, estava?

– Ah, pelo amor de Deus, Leighton, foi só um desabafo. Sei que não devo pedir conselhos a você. Principalmente sobre irmãs.

O sarcasmo atingiu-o em cheio, e Simon mandou Ralston para um lugar não muito agradável.

O marquês riu.

– Muito melhor assim. Eu estava ficando preocupado com tanta cortesia – comentou ele, dirigindo-se a passos largos até o aparador e despejando três dedos de um líquido âmbar em um copo. Virando-se, perguntou: – Uísque?

Simon retomou seu assento, percebendo que poderia ter pela frente uma longa noite.

– Que oferta generosa – disse ele secamente.

Ralston levou o copo até ele e sentou-se.

– Agora... Vamos falar sobre como você, por acaso, está com a minha irmã na sua casa no meio da noite.

Simon deu um longo gole, apreciando a queimação da bebida em sua garganta.

– Eu já lhe disse. Ela estava dentro da minha carruagem quando saí do seu baile.

– E por que você não me informou sobre a situação imediatamente?

Aquela era uma ótima pergunta. Simon girou o copo de uísque na mão, pensativo. Por que ele não fechara a porta da carruagem e mandara chamar Ralston?

A garota era vulgar e impossível, era tudo o que ele não conseguia suportar em uma mulher.

Mas era fascinante.

Ele ficou encantado por ela desde o primeiro instante em que a viu, na maldita livraria, enquanto escolhia um livro para o irmão. Depois os dois se reencontraram na Exposição Real de Arte e ela deixou que ele acreditasse...

– *Você poderia me dizer seu nome?* – perguntou ele, ansioso para não perdê-la de vista de novo.

As semanas desde a livraria tinham sido intermináveis. Ela franziu os lábios, um bico perfeito, e ele sentiu a vitória.

– *Eu direi primeiro. Meu nome é Simon.*

– *Simon.*

Ele amou ouvi-la dizer seu nome, aquele nome que ele não usava publicamente havia décadas.

– *E o seu, milady?*

– *Ah, eu acho que isso estragaria a diversão.* – *Ela fez uma pausa, seu sorriso brilhante iluminando o aposento.* – *Não concorda, Vossa Graça?*

Ela sabia que ele era um duque. Ele devia ter reconhecido, então, que algo estava errado. Mas, em vez disso, ficou hipnotizado. Balançando a cabeça, ele avançou lentamente na direção dela, fazendo-a recuar para manter distância, e a caça o fascinou.

– *Ora, isso é injusto.*

– *Parece mais do que justo. Apenas sou melhor detetive do que você.*

Ele fez uma pausa, considerando suas palavras.

– *É verdade. Talvez eu devesse simplesmente adivinhar sua identidade.*

Ela deu um sorriso largo.

– *Fique à vontade.*

– *Você é uma princesa italiana e está aqui com seu irmão em alguma visita diplomática ao rei.*

– *Talvez.*

– *Ou a filha de um conde veronês, que ficará aqui durante a primavera e está ansiosa para conhecer a lendária Temporada Londrina.*

Ela riu, e aquele som foi como um raio de sol.

– *Por que acha que meu pai é um simples conde? Por que não um duque, como o senhor?*

Ele sorriu.

– *Um duque, então – disse, acrescentando baixinho: – Isso tornaria as coisas muito mais fáceis.*

Ela o deixara acreditar que era mais do que uma plebeia enfadonha.

O que, é claro, ela não era.

Sim, ele deveria ter mandado chamar Ralston no instante em que viu a pequena tola no chão de sua carruagem, espremida num canto como se pudesse se esconder dele.

– Se eu tivesse mandado chamá-lo, o que acha que teria acontecido?

– Ela estaria dormindo na própria cama neste momento. É isso que teria acontecido.

Ele tentou ignorar a visão dela dormindo, seu cabelo negro e selvagem espalhado sobre o linho branco e fresco dos lençóis, sua pele macia se elevando do decote pronunciado de sua camisola. *Se ela usasse camisola.*

Ele limpou a garganta.

– E se ela pulasse da minha carruagem à vista de todos os foliões da Casa Ralston? O que aconteceria?

Ralston fez uma pausa, considerando.

– Bem, então eu suponho que ela estaria arruinada. E você estaria se preparando para uma vida de felicidade conjugal.

Simon bebeu de novo.

– Então provavelmente foi melhor para todos nós eu ter agido como agi.

Os olhos de Ralston escureceram.

– Não é a primeira vez que você resiste tão categoricamente à ideia de se casar com minha irmã, Leighton. Acho que estou começando a levar para o lado pessoal.

– Sua irmã e eu não combinaríamos, Ralston. E você sabe disso.

– Você não poderia lidar com ela.

Os lábios de Simon se contorceram. Não havia um homem em Londres que pudesse lidar com a moça.

Ralston sabia disso.

– Ninguém a quer. Ela é ousada demais. Impetuosa demais. O oposto das boas moças inglesas. – Ele fez uma pausa e Simon ficou imaginando se o marquês estava esperando que ele discordasse. Ele não tinha a menor intenção de fazer isso. – Ela sempre diz o que quer que lhe venha à cabeça, sem consideração ao modo como os que estão à sua volta podem reagir. Ela tira sangue do nariz de homens incautos! – concluiu, a última frase sendo dita com um riso incrédulo.

– Bem, para ser justo, parece que o homem desta noite fez por merecer.

– Parece, não é? – Ralston parou, pensando por um longo momento. – Não deve ser

tão difícil encontrá-lo. Não deve haver muitos aristocratas andando por aí com o nariz inchado.

– Menos ainda mancando por causa do outro ferimento – falou Simon de forma irônica.

Ralston balançou a cabeça.

– Onde você acha que ela aprendeu essa tática?

Com os lobos por quem ela certamente foi criada.

– Não vou me dignar a adivinhar.

O silêncio caiu entre eles e, após um longo instante, Ralston suspirou e se levantou.

– Não gosto de estar em dívida com você.

Simon deu um sorrisinho diante da confissão.

– Considere que estamos quites.

O marquês assentiu uma vez e se dirigiu para a porta. Ao chegar lá virou-se e disse:

– Sorte, não é, que haja uma sessão especial neste outono? Para manter todos nós fora de nossas propriedades?

Simon olhou nos olhos astutos de Ralston. O marquês não disse o que ambos sabiam – que Leighton emprestara seu poder considerável a uma lei emergencial que podia facilmente ter esperado até a sessão parlamentar da primavera começar.

– A prontidão militar é uma questão séria – disse Simon com uma calma deliberada.

– Sem dúvida. – Ralston cruzou os braços e apoiou as costas na porta. – E o Parlamento é uma distração bem-vinda das irmãs, não é?

Os olhos de Simon se franziram.

– Você nunca me poupou antes, Ralston. Não há necessidade de começar agora.

– Não suponho que possa pedir sua ajuda com Juliana.

Simon congelou, o pedido pairando entre eles.

Simplesmente diga a ele que não.

– Que tipo de ajuda?

Não é exatamente “não”, Leighton.

Ralston ergueu uma sobrancelha.

– Não estou pedindo que se case com ela, Leighton. Relaxe. Só pensei que eu podia ter mais um par de olhos sobre ela. Quer dizer, ela não consegue ficar nos jardins de nossa própria casa sem ser atacada por homens não identificados.

Simon encarou Ralston com um olhar frio.

– Parece que o universo o está punindo com uma irmã que causa tantos problemas quanto você causava.

– Temo que você esteja certo. – Seguiu-se um silêncio pesado. – Você sabe o que pode acontecer a ela, Leighton.

Você viveu essa situação.

As palavras permaneceram não ditas, mas Simon as ouviu mesmo assim.

De qualquer modo, a resposta é não.

– Perdoe-me se não estou tão interessado em lhe fazer um favor, Ralston.

Isso.

– Seria um favor para St. John também – acrescentou Ralston, invocando o nome de seu irmão gêmeo, o gêmeo bom. – Devo lembrá-lo de que a minha família gastou bastante energia tomando conta da *sua* irmã, Leighton.

Lá estava.

O grande peso do escândalo, poderoso o suficiente para mover montanhas.

Ele não gostava de ter uma fraqueza tão óbvia.

E só ia ficar pior.

Por um longo momento, Simon não conseguiu falar. Mas, finalmente, ele concordou.

– É justo.

– Pode imaginar como abomino a ideia de pedir a sua ajuda, duque? Pense em como vai gostar de jogar isso na minha cara pelo resto dos seus dias.

– Confesso que esperava não ter que aturá-lo por tanto tempo.

Ralston riu.

– Você é um idiota insensível – declarou ele. E, aproximando-se de Simon, perguntou: – Está pronto, então? Para quando a notícia for divulgada?

Simon não fingiu não entender. Ralston e St. John eram os dois únicos homens que conheciam o segredo mais obscuro de Simon. Aquele que iria destruir sua família e sua reputação se fosse revelado.

Algum dia ele estaria pronto?

– Ainda não. Mas logo.

Ralston observou-o com um olhar azul frio que fez Simon se lembrar de Juliana.

– Sabe que vamos ficar do seu lado.

Simon riu com certo desdém.

– Perdoe-me se não dou muito valor ao apoio da Casa Ralston.

Um canto da boca de Ralston se levantou em um sorriso.

– Somos um bando heterogêneo. Mas compensamos isso com tenacidade.

Simon considerou a mulher em sua biblioteca.

– Disso não duvido.

– Eu soube que você planeja se casar.

Simon fez uma pausa no ato de erguer seu copo até os lábios.

– Como ficou sabendo disso?

O sorriso astuto ficou mais largo.

– Quase todos os problemas podem ser resolvidos com uma ida ao vigário. Especialmente o seu. Quem é a garota de sorte?

Simon pensou em mentir. Pensou em fingir que não a havia selecionado. Mas, como logo, logo todos iam saber, ele adiantou:

– Lady Penélope Marbury.

Ralston deu um assobio baixo e longo.

– Filha de um duplo marquês. Reputação impecável. Gerações de pedigree. A Santíssima Trindade de um casamento desejável. Excelente escolha.

Não era nada que o próprio Simon não tivesse pensado, é claro, mas, de qualquer modo, doía quando dito em voz alta.

– Não gosto de ouvi-lo discutir os méritos de minha futura duquesa como se ela fosse gado premiado.

Ralston sentou-se e recostou-se na poltrona.

– Minhas desculpas. Tive a impressão de que você havia selecionado a sua futura duquesa como se ela fosse gado premiado.

A conversa toda o estava deixando desconfortável. Era verdade. Ele se casaria com lady Penélope por conta, exclusivamente, do seu currículo impecável.

– Afinal de contas, ninguém acreditaria que o grande duque de Leighton se casaria por amor.

Ele não gostou do tom de sarcasmo de Ralston. É claro, o marquês sempre soubera como irritá-lo. Desde que eles eram crianças. Simon levantou-se, ansioso por se movimentar.

– Acho que vou buscar sua irmã, Ralston. Está na hora de você levá-la para casa. E eu agradeceria se, no futuro, você mantivesse os dramas da sua família longe da minha porta.

As palavras soaram autoritárias mesmo para seus ouvidos.

Ralston se aprumou, demorando propositalmente a ficar ereto, quase da altura de Leighton.

– Tentarei manter. Afinal, você já tem bastante drama da sua própria família prestes a desabar à sua porta, não é?

Não havia nada em Ralston de que Simon gostasse.

Seria bom lembrar-se disso.

Ele saiu do gabinete e se dirigiu à biblioteca, abrindo a porta com mais força do que o necessário e parando bem na entrada do aposento.

Ela estava dormindo na poltrona dele.

Com o seu cachorro.

A poltrona que ela havia escolhido era justamente aquela na qual ele tanto trabalhara para deixar no nível perfeito de conforto. Seu mordomo havia sugerido inúmeras vezes estofá-la. A sugestão, Simon imaginava, se devia ao tecido puído mas macio que ele considerava um dos melhores atributos da poltrona. Ele observou a silhueta adormecida de Juliana, sua face arranhada apoiada nos suaves fios dourados do tecido gasto.

Ela havia tirado os sapatos e enroscado os pés debaixo de si, e Simon balançou a cabeça diante de tal comportamento. Damas por toda a Londres não ousariam andar descalças na privacidade de seus próprios lares, mas lá estava ela, à vontade, tirando um cochilo na biblioteca de um duque.

Ele ficou um momento a observá-la, apreciando o modo como ela se encaixava com

perfeição naquela poltrona. Era maior do que as poltronas comuns, fora feita especialmente para ele quinze anos antes, quando, cansado de se dobrar dentro das poltronas minúsculas que sua mãe havia declarado “o auge da moda”, ele havia decidido que, como duque, tinha o direito de gastar uma fortuna em uma poltrona em que coubesse seu corpo. Ela era larga o bastante para acomodá-lo com conforto, com espaço extra suficiente para uma pilha de papéis que necessitasse de sua atenção ou, como era o caso no momento, para um cachorro em busca de um corpo quente.

O cachorro, um vira-lata marrom que encontrara o caminho para o quarto de sua irmã em um dia de inverno, agora andava com Simon e considerava sua casa qualquer lugar onde o duque estivesse. O cão gostava em especial da biblioteca da casa da cidade, com suas três lareiras e móveis confortáveis, e havia sem dúvida feito uma amiga. Leopold agora estava todo enroscado como uma bolinha e tinha a cabeça em uma das longas coxas de Juliana.

Coxas que Simon não deveria estar notando.

Que seu cachorro fosse um traidor era uma preocupação com a qual Simon lidaria depois.

Ele precisava, naquele instante, lidar com a dama.

– Leopold.

Simon chamou o perdigueiro, batendo com uma das mãos na coxa e fazendo o cachorro acordar e obedecer em segundos.

Se pudesse fazer o mesmo com a garota...

Não, ele não a acordaria dessa forma. Em vez disso, a despertaria lentamente, com afagos longos e leves nas pernas gloriosas. Ele se agacharia ao seu lado e enterraria o rosto naquela nuvem de cabelo cor de ébano, bebendo o aroma dela; em seguida passaria os lábios pelo ângulo adorável de seu maxilar até chegar à curva da orelha macia. Ele sussurraria seu nome, acordando-a com a própria respiração.

E então ele terminaria o que havia começado tantos meses antes.

E a faria obedecer de uma maneira inteiramente diferente.

Ele fechou os punhos ao lado do corpo para não agir como ditava sua imaginação. Nada podia ser mais danoso do que alimentar o desejo inoportuno que sentia por essa mulher impossível.

Ele simplesmente tinha que se lembrar de que estava em busca de uma duquesa perfeita.

E a Srta. Juliana Fiori nunca seria isso.

Não importava quão perfeitamente ela se encaixasse em sua poltrona favorita.

Estava na hora de acordar a garota.

E mandá-la para casa.

TRÊS



Salões de mulheres são criadouros de imperfeições.

Damas requintadas não se demoram lá dentro.

– UM TRATADO SOBRE A MAIS REQUINTADA DAS DAMAS

Certamente não há lugar mais interessante em toda Londres do que a sacada atrás de um salão de baile...

– O JORNAL DO ESCÂNDALO, OUTUBRO DE 1823

– **A**chei que sua temporada tinha acabado e que os bailes haviam terminado!

Juliana desabou num sofá em uma pequena antessala do salão de mulheres da Casa Weston e soltou um longo suspiro, curvando-se para massagear o pé.

– Deviam ter terminado – disse sua melhor amiga Mariana, a recém-sagrada duquesa de Rivington, erguendo a beirada de seu elaborado vestido azul e inspecionando o pedaço de bainha que se desfizera. – Mas, enquanto o Parlamento permanecer em sessão, os bailes da temporada serão o auge da moda. Toda anfitriã quer que sua festividade outonal seja mais impressionante do que a última. Você só pode culpar a si mesma – concluiu Mariana ironicamente.

– Como eu ia saber que Callie ia começar uma revolução no entretenimento por minha causa?

Calpúrnia, irmã de Mariana e cunhada de Juliana, mais conhecida como Callie, fora encarregada de suavizar a apresentação de Juliana à sociedade londrina quando ela chegara naquela primavera. Por ocasião do verão, a marquesa se comprometeu novamente com aquele objetivo. Uma onda de bailes de verão conservou Juliana sob os olhares do público e manteve as outras anfitriãs na cidade muito tempo após o término da estação.

O objetivo de Callie era um casamento de conveniência.

O que fazia com que o objetivo de Juliana fosse a sobrevivência.

Acenando para uma jovem criada, Mariana puxou dedal e linha de sua bolsinha e os

entregou à garota, que já se agachava para consertar o estrago. Vendo o olhar de Juliana pelo espelho, ela falou:

– Você teve muita sorte em ter podido faltar à Extravagância Laranja de Lady Davis na semana passada.

– Ela não a chamou realmente assim.

– Chamou! Você devia ter visto o lugar, Juliana. Era uma explosão de cor, e não no bom sentido. Tudo era laranja: as roupas, os arranjos florais, as librés novas dos criados, pelo amor de Deus... a comida...

– E a comida? – questionou Juliana, franzindo o nariz.

Mariana assentiu.

– Foi horrível. Tudo tinha cor de cenoura. Um banquete digno de coelhos. Sinta-se grata por não ter passado bem.

Juliana ficou imaginando o que lady Davis – uma decana particularmente teimosa da aristocracia – teria pensado se ela houvesse comparecido, coberta de arranhões por causa de sua aventura com Grabeham na semana anterior.

Ela deu um sorrisinho diante do pensamento e cuidou de recolocar meia dúzia de cachos soltos em seus devidos lugares.

– Pensei que, agora que você é uma duquesa, não teria que aturar esses eventos.

– Eu também achei. Mas Rivington diz que não. Na verdade, a duquesa-mãe diz que não. – Ela suspirou. – Não quero saber de banquetes tão cedo.

Juliana riu.

– Sim, deve ser muito difícil ser uma das convidadas mais cobiçadas do ano, Mariana. Ainda mais estando loucamente apaixonada pelo seu duque lindo e jovem e tendo toda Londres a seus pés.

Os olhos de sua amiga cintilaram.

– Ah, é uma provação cruel. Espere só. Algum dia você vai descobrir por si mesma.

Juliana duvidava.

Apelidada de Anjo de Allendale, Mariana fora rápida em conhecer o duque de Rivington, e se casar com ele, em sua primeira temporada. Fora o assunto do ano, um amor quase instantâneo que resultara em um casamento suntuoso e um redemoinho de compromissos sociais para o jovem casal.

Mariana era o tipo de mulher que as pessoas adoravam. Todos queriam estar perto dela, e nunca lhe faltava companhia. Fora a primeira amiga de Juliana em Londres, e ela e o duque transformaram em prioridade mostrar aos aristocratas que eles aceitavam Juliana – não importava qual fosse seu pedigree.

No primeiro baile de Juliana, fora Rivington quem lhe pedira a primeira dança, carimbando-a instantaneamente com a aprovação de seu venerável ducado.

Bem diferente do outro duque que comparecera ao baile naquela noite.

Leighton não demonstrara qualquer emoção quando ela fitara seus frios olhos cor de

mel, quando passara a seu lado a caminho da mesa de refrescos nem quando ficaram cara a cara numa sala próxima ao salão de baile.

Isso não era exatamente verdade. Ele mostrara emoção, sim. Só não do tipo que ela desejara.

Ele ficara furioso.

– *Por que você não me disse quem era?*

– *Isso importa?*

– *Sim.*

– *Que parte? A que minha mãe é a desonrada marquesa de Ralston? A que meu pai era um mercador que trabalhava duro? Ou o fato de eu não ter um título?*

– *Tudo isso importa.*

Ela fora advertida sobre ele – o Duque do Desdém, profundamente consciente de sua posição na sociedade, sem interesse algum naqueles que considerava inferiores. Ele era conhecido por sua presença indiferente, por seu desprezo frio. Ela ouvira dizer que ele selecionava seus criados pela discricção, suas amantes pela ausência de emoção e seus amigos... bem, não havia indicação de que ele fosse se rebaixar a algo tão comum quanto a amizade.

Mas até aquele momento, quando ele descobriu sua identidade, ela não havia acreditado nas fofocas. Não até sentir a pontada de seu abominável desdém.

Doera. Muito mais do que a opinião de todos os outros.

E então ela o beijara. Como uma louca. E foi incrível. Até ele se afastar com uma violência que a paralisara de tanta vergonha.

– *Você é um perigo para si mesma e para os outros. Devia voltar para a Itália. Se ficar, seus instintos vão arruiná-la. Com uma velocidade extraordinária.*

– *Você gostou – disse Juliana, a acusação no tom de sua voz mantendo a dor a distância.*

Ele a encarou com um olhar frio e deliberado.

– *É claro que sim. Mas, a menos que esteja querendo fisgar uma posição como minha amante, o que de fato seria ótimo – declarou ele, chocando-a e concluindo seu argumento de forma cruel –, seria bom se você se lembrasse do seu lugar.*

E fora naquele momento que ela decidira permanecer em Londres. Para provar ao duque e a todos os outros que a julgavam por trás de seus leques esvoaçantes de renda com seu frio olhar inglês, que ela era mais do que eles viam.

Ela passou a ponta do dedo sobre a imperceptível marca cor-de-rosa em sua têmpora – o último vestígio da noite em que aterrissara na carruagem de Leighton. Isso trouxe de volta todas as memórias dolorosas daquelas primeiras semanas em Londres, quando ela era jovem e sozinha e ainda tinha esperanças de se tornar um deles – os aristocratas.

Devia ter entendido que não seria assim.

Eles nunca a aceitariam.

A criada terminou a bainha de Mariana, e Juliana observou a amiga sacudir as saias

antes de rodopiar na direção dela.

– Vamos?

Juliana afundou dramaticamente no sofá.

– Temos que ir?

A duquesa riu, e elas começaram a retornar ao aposento principal do salão.

– Ouvi dizer que ela foi vista em um enlace tórrido nos jardins na noite do baile de outono de Ralston.

Juliana congelou, identificando imediatamente o tom agudo e nasal de lady Sparrow, conhecida como uma das piores fofoqueiras.

– Nos jardins do irmão? – entreouveu Juliana, entendendo sem sombra de dúvida que ela era o tema da conversa.

Seu olhar voou para uma Mariana obviamente furiosa, que pareceu pronta a invadir o lugar e partir para cima das habituais fofoqueiras. Mas Juliana não podia permitir que ela o fizesse. Colocou então a mão no braço da amiga, impedindo que se movimentasse, e esperou, ouvindo o que diziam.

– Ela é só uma *meia*-irmã.

– E nós todos sabemos como *aquela* metade é.

Um coro de risadas ecoou após a estocada, que a machucou com dolorosa precisão.

– É incrível que tantos a convidem para eventos – falou uma delas. – Esta noite, por exemplo... Eu achava que lady Weston era melhor juíza de caráter.

Juliana também achava.

– É um tanto difícil convidar lorde e lady Ralston sem estender o convite à Srta. Fiori – observou uma nova voz.

Uma fungada de escárnio se seguiu.

– Não que eles sejam muito melhores. O marquês tem aquele passado escandaloso e a marquesa é tão desinteressante... Ainda fico imaginando o que ela fez para conquistá-lo.

– E nem vamos falar sobre o fato de lorde Nicholas ter se casado com uma caipira... Quem imaginaria?

– Nunca duvidem do que uma estirpe ruim pode fazer com bom sangue inglês. Está claro que a mãe... deixou sua marca.

Após a última observação, a fúria de Juliana começou a crescer. Uma coisa era as bruxas cruéis a insultarem, mas algo completamente diferente era falarem de sua família. Daqueles que ela amava.

– Não entendo por que Ralston simplesmente não dá uma indenização à irmã e a manda de volta para a Itália.

Juliana também não.

Ela tinha esperado que isso acontecesse várias vezes desde que havia chegado, sem ser convidada, aos degraus da Casa Ralston. Seu irmão não sugerira isso nem uma única vez.

Mas ela ainda tinha dificuldade para acreditar que ele não queria que ela fosse embora.

– Não dê ouvidos a elas – sussurrou Mariana. – São mulheres horríveis, detestáveis, que vivem para odiar.

– Basta que uma pessoa realmente importante a encontre fazendo algo vil para que ela seja exilada da alta sociedade para sempre.

– Isso não deve demorar. Todo mundo sabe que os italianos têm moral frouxa.

Juliana estava farta.

Ela passou por Mariana e entrou no salão das damas, onde o trio retocava a maquiagem no grande espelho do aposento. Lançando um sorriso largo na direção das mulheres, ela sentiu um prazer perverso com sua imobilidade – uma combinação de choque e mortificação.

Ainda rindo da própria piada estava a friamente bela e absolutamente maliciosa lady Sparrow, que havia se casado com um visconde milionário e com o dobro da idade dela três meses antes de o homem morrer, deixando-lhe uma fortuna que lhe permitia fazer o que desejasse. A viscondessa estava acompanhada de lady Davis, que aparentemente não tivera sua cota da lendária extravagância laranja, já que usava um vestido horroroso, que transformava a mulher em uma perfeita abóbora e ainda espremia sua cintura até quase esmagá-la.

Havia com elas uma jovem que Juliana não conhecia. Miúda e loura, com um rosto redondo sem graça e olhos arregalados e surpresos, Juliana imaginou como aquela coisinha tinha acabado na companhia das víboras. A pobrezinha ou seria morta ou seria transformada.

Não que isso importasse para Juliana.

– Miladies – disse ela, mantendo a voz leve –, um grupo de mulheres mais inteligentes poderia ter se assegurado de que estava sozinho antes de se permitir uma conversa que eviscera tantas pessoas.

A boca de lady Davis se abriu e se fechou, como uma truta, antes de ela desviar o olhar. A mulher sem graça corou, segurando as mãos apertadas na frente de si em um gesto facilmente identificável como arrependimento.

Lady Sparrow nem tanto.

– Talvez estivéssemos perfeitamente cientes da sua presença – escarneceu ela. – Simplesmente não tivemos medo de ofendê-la.

Com timing perfeito, Mariana saiu da antessala e aconteceu um arfar coletivo conforme as outras senhoras registravam a presença da duquesa de Rivington.

– Ora, isso é uma pena – falou ela, seu tom claro e autoritário, inteiramente condizente com seu título. – Já que me sinto muito ofendida.

Mariana saiu rapidamente do aposento e Juliana engoliu um sorriso diante da performance impecável de sua amiga, repleto de legitimidade. Voltando sua atenção para o grupo de mulheres, ela chegou mais perto, divertindo-se com a forma com que mudavam de posição em seu desconforto. Quando estava perto o bastante para sentir o cheiro de seus perfumes enjoativos, ela disse:

– Não se preocupem, senhoras. Ao contrário da minha cunhada, eu não me sinto ofendida.

Ela fez uma pausa, inclinando a cabeça para os dois lados, ajeitando o penteado. Quando teve certeza de que tinha a atenção coletiva, falou:

– Vocês lançaram seu desafio. Eu o enfrentarei com prazer.

Ela não respirou até sair do salão das damas; sentia-se atordoada, tomada por raiva, frustração e mágoa.

Não deveria ter se surpreendido ao ouvir falarem mal dela. Haviam fofocado sobre ela desde o dia em que chegara a Londres.

Só imaginou que, a esta altura, já teriam parado.

Mas não pararam. Não iam parar.

Esta era a vida dela.

Juliana trazia em si a marca de sua mãe, que continuava a ser um escândalo mesmo agora, 25 anos depois de deixar seu marido, o marquês de Ralston, e seus filhos gêmeos, e fugir daquela vida cintilante e aristocrática rumo ao continente. Ela aterrissara na Itália, onde enfeitiçara o pai de Juliana, um comerciante trabalhador que jamais quisera tanto algo na vida quanto aquela inglesa de cabelos negros, olhos luminosos e sorriso brilhante.

E ela se casara com ele; uma decisão que Juliana passara a identificar como o tipo de comportamento inconsequente e impulsivo pelo qual sua mãe era conhecida.

Comportamento que ameaçava surgir nela.

Juliana fez uma careta diante de tal pensamento.

Quando ela se comportava impulsivamente, era para se proteger. Sua mãe fora uma aristocrata de direito com uma queda infantil para o drama. Nem mesmo com a idade conseguiu amadurecer.

Juliana achava que deveria ser grata à marquesa por tê-los deixado, ou as cicatrizes que eles todos carregariam seriam inimagináveis.

O pai de Juliana fez o melhor que pôde para criar a filha. Ele lhe ensinou a dar um nó excelente, a detectar um mau carregamento de mercadorias e a pechinchar com os melhores e piores mercadores... mas nunca partilhou seu mais importante conhecimento.

Ele nunca lhe disse que ela tinha uma família.

Ela só soube de seus meios-irmãos, nascidos da mãe que ela mal havia conhecido, depois que o pai morreu – quando descobriu que seus rendimentos haviam sido colocados em um fundo fiduciário e que um marquês inglês desconhecido deveria ser seu tutor.

Em semanas, tudo havia mudado.

Ela foi largada, sumariamente, nos degraus da Casa Ralston com três baús enormes e sua criada.

Tudo graças a uma progenitora sem um pinga de instinto materno.

Era surpresa que as pessoas questionassem o caráter de sua filha?

Que a filha também o questionasse?

Não.

Ela não era nada parecida com a mãe.

Ela nunca lhes dera um motivo para acharem que era.

Não de propósito, pelo menos.

Mas não parecia importar. Aqueles aristocratas se fortaleciam insultando-a, olhando-a por cima de seus narizes empinados sem nada ver além do rosto de sua mãe, do escândalo de sua mãe, da reputação de sua mãe.

Eles não se importavam com quem ela era.

Só se importavam com o fato de ela não ser igual a eles.

E como ela estava tentada a lhes mostrar quão diferente deles ela realmente era... quão diferente daquelas criaturas tediosas, desinteressantes, impassíveis.

Juliana respirou fundo para se acalmar, olhando por cima do salão de baile para as portas distantes que davam para os jardins do outro lado. E, enquanto se dirigia para lá, sabia que não deveria fazê-lo.

Mas, com todas as emoções que a invadiam, ela não conseguia encontrar espaço para se importar com o que não devia fazer.

Mariana apareceu do nada, colocando a mão delicada e enluvada no cotovelo de Juliana.

– Você está bem?

– Estou ótima. – Ela não olhou para a amiga. Não podia encará-la.

– Elas são horríveis.

– Elas também estão certas.

Mariana parou abruptamente ao ouvir as palavras, mas Juliana continuou andando, concentrada somente nas portas francesas abertas... na salvação que prometiam. A jovem duquesa a alcançou logo.

– Elas não estão certas.

– Não? – Juliana fitou-a, registrando os grandes olhos azuis que faziam dela um espécime tão perfeito da feminilidade inglesa. – É claro que estão. Eu não sou uma de vocês. Nunca serei.

– E louvado seja Deus por isso – disse Mariana. – Há mais do que o suficiente de nós no mundo. Eu, por exemplo, fico muito feliz em ter alguém único na minha vida. Finalmente.

Juliana fez uma pausa na beira da pista de dança, virando-se para encarar a amiga.

– Obrigada.

Mesmo não sendo verdade.

Mariana sorriu como se tudo tivesse sido consertado.

– De nada.

– Agora, por que não vai procurar seu lindo marido para dançar com ele? Você não gostaria que as más línguas comessem a falar do seu casamento.

– Deixe que falem.

Os lábios de Juliana se contorceram em um sorriso enviesado.

– Falou como uma duquesa.

– A posição tem algumas vantagens.

Juliana forçou uma risada.

– Vá.

As sobrancelhas de Mariana se franziram de preocupação.

– Tem certeza de que está bem?

– Absoluta. Só vou tomar um pouco de ar fresco. Você sabe que não suporto o calor nesses aposentos.

– Tome cuidado – falou Mariana com um olhar nervoso na direção das portas. – Não se perca.

– Devo deixar uma trilha de *petits fours*?

– Pode não ser uma má ideia.

– Até logo, Mari.

Mariana então se retirou, seu vestido azul cintilante engolido pela multidão quase instantaneamente, como se mal pudessem esperar que ela se juntasse às massas.

Não acolheriam Juliana da mesma maneira. Ela imaginou a multidão expulsando-a dali, como um caroço de azeitona cuspidor da Ponte Pietra.

Embora fosse mais simples cair de uma ponte.

E mais seguro também.

Juliana ficou algum tempo observando as pessoas que dançavam, dúzias de casais rodopiando em uma quadrilha rápida. Não conseguiu resistir a se comparar às mulheres girando à sua frente, todas em seus lindos vestidos de cores pastel, com seus corpos perfeitamente posicionados e suas personalidades tépidas. Eram o resultado da criação inglesa perfeita – criadas e cultivadas como parreiras para assegurar frutos idênticos e vinho inofensivo e desinteressante.

Notou uma garota tomando seu lugar em um dos lados da longa fila de dançarinos, o rubor em suas bochechas deixando-a mais viva do que antes. Os cantos de sua boca estavam virados para cima, no que Juliana só podia presumir ser um sorriso muito treinado – não alegre demais para não parecer atrevido, não apagado demais a ponto de indicar desinteresse. Ela tinha o aspecto de uma uva gorda, pronta para ser colhida. Madura demais para fazer parte dessa safra inglesa simples.

Após certo tempo a uva chegou ao fim da fila, e ela e seu parceiro se encontraram.

Seu parceiro era o duque de Leighton.

Os dois estavam se entrelaçando e girando bem na direção dela, pela longa fila de foliões, e só havia um pensamento na cabeça de Juliana.

Eles não combinam.

Não era apenas a aparência. Tudo parecia inadequado. Ela era um tanto sem graça – seu rosto um pouquinho redondo demais, seus olhos azuis um pouco claros demais, seus

lábios ligeiramente menos do que um perfeito arco cor-de-rosa – e ele era... Bem, ele era *Leighton*. A diferença de altura entre os dois era imensa – ele tinha bem mais de um metro e oitenta e ela era pequena e delicada, mal chegando ao peito dele.

Juliana revirou os olhos diante da visão de ambos. Ele provavelmente gostava da ideia de uma mulher tão pequena, algo que ele podia botar em movimento com um peteleco.

Mas eles também não combinavam de outras maneiras. A uva gostava da dança, era óbvio pelo brilho em seus olhos ao fitar as outras mulheres na fila. Já ele não sorria enquanto dançava, apesar de estar claro que sabia todos os passos. Ele não se divertiu. Na verdade, aquele não era um homem que sentiria prazer em dançar quadrilha. Aquele era um homem que não sentiria prazer em lugar algum.

Era surpreendente que ele estivesse disposto a se rebaixar a uma atividade tão comum quanto dançar, para começo de conversa.

Os dois estavam a apenas alguns passos de Juliana quando Leighton olhou nos olhos dela. Foi breve, um segundo ou dois no máximo, mas fitar os olhos cor de mel dele fez seu estômago se contrair. Era uma sensação à qual, àquela altura, ela já deveria estar acostumada, mas que, na realidade, sempre a surpreendia.

Ela trazia no peito a esperança de que a presença dele não a afetasse. Torcia para que, algum dia, aqueles poucos momentos fugazes do passado fossem apenas isso – passado.

Em vez de um lembrete de como ela estava deslocada naquele mundo.

Ela se virou de costas para a dança, dirigindo-se para a larga porta de vidro e a noite escura com uma urgência recém-descoberta. Sem hesitação, passou para a sacada de pedra. Enquanto saía da sala, tinha consciência de que aquela atitude não era uma boa ideia. Sabia que seu irmão e o restante de Londres a julgariam por seu ato. As sacadas eram, na visão deles, recintos do pecado.

O que era ridículo, claro. Certamente nada de ruim poderia resultar de um momento roubado na sacada. Eram os *jardins* que ela deveria evitar.

Estava frio do lado de fora, o ar cortante e bem-vindo. Ela admirou o céu claro de outubro, atraída pelas estrelas.

Pelo menos alguma coisa continuava igual.

– Você não devia estar aqui fora.

Ela não se virou ao ouvir aquelas palavras. O duque havia se juntado a ela. Juliana não estava inteiramente surpresa.

– Por que não?

– Qualquer coisa poderia acontecer com você.

Ela ergueu um dos ombros.

– Meu pai costumava dizer que as mulheres têm doze vidas. Como os gatos.

– Gatos só têm sete vidas aqui.

Ela sorriu.

– E as mulheres?

– Muito menos. Não é inteligente você ficar aqui sozinha.

- Foi perfeitamente inteligente até você chegar.
- É por isso que você está sempre... – Ele deixou as palavras sumirem.
- É por isso que estou sempre em apuros.
- Sim.

– Então por que está aqui, Vossa Graça? Não acha que está arriscando a própria reputação estando tão perto de mim? – Ela se virou, viu que ele estava a vários metros de distância e então deu uma risada curta. – Bem, suponho que não haja possibilidade de ficar arruinado a uma distância dessas. Está a salvo.

- Prometi a seu irmão que a protegeria de escândalos.

Ela estava tão cansada de todo mundo pensar que ela estava a um passo do escândalo.
Juliana franziu as sobrancelhas.

– Há uma ironia nisso, não acha? Houve um tempo em que você era a maior ameaça à minha reputação. Ou não se lembra?

As palavras saíram de sua boca antes que pudesse detê-las e o semblante dele ficou pétreo nas sombras.

- Este não é o lugar nem o momento para discutir tais coisas.
- Nunca é.

Ele mudou de assunto.

- Tem sorte por ter sido eu quem a encontrou.
- Sorte? É como enxerga essa situação?

Juliana olhou nos olhos dele, procurando o calor que uma vez vira ali. Não encontrou nada além de um olhar forte, aristocrático e resoluto.

Como ele podia ser tão diferente agora?

Ela voltou a admirar o céu, a ira se acendendo.

- Acho que é melhor você ir embora.
- Acho que é melhor você voltar para o baile.
- Por quê? Acha que, se eu dançar uma quadrilha, eles vão abrir seus braços e me aceitar no grupo?

- Acho que eles nunca irão aceitá-la se você não tentar.

Ela virou a cabeça e o encarou.

- Você acha que eu quero que eles me aceitem.

Ele a fitou por um longo momento.

- Acho que você devia querer que nós a aceitemos.

Nós.

Ela aprumou os ombros.

– Por que eu deveria? Vocês são um grupo rígido e frio, mais preocupados com a distância adequada entre parceiros de dança do que com o mundo em que vivem. Aham que suas tradições, seus modos e suas regras tolas tornam suas vidas desejáveis. Não tornam. Tornam vocês esnobes.

- Você é uma criança que não conhece o jogo que está jogando.

As palavras machucaram. Mas ela não demonstraria isso a ele.

Deu um passo mais para perto, testando a disposição dele de permanecer firme. Ele não se moveu.

– Você acha que considero isso um jogo?

– Acho que é impossível que considere outra coisa. Note bem. Todos estão a poucos metros de distância e aqui está você, a um milímetro da ruína.

As palavras dele eram de aço; os ângulos de seu rosto sombreados e lindos à luz da lua.

– Eu já lhe disse. Não me importo com o que pensam.

– É claro que se importa. Ou não estaria aqui ainda. Teria voltado para a Itália e nos deixado para lá.

Houve uma longa pausa.

Leighton estava errado.

Ela não se importava com o que eles pensavam.

Ela se importava com o que ele pensava.

E isso só servia para frustrá-la ainda mais.

Ela lhe deu as costas e ficou de frente para os jardins, agarrando a larga balaustrada de pedra da sacada e imaginando o que aconteceria se corresse para a escuridão.

Ela seria encontrada.

– Creio que suas mãos já sararam.

Estavam de volta a se mostrarem polidos um com o outro. Insensíveis.

– Sim. Obrigada – disse ela, respirando fundo. – Você pareceu gostar da dança.

Houve um silêncio enquanto ele considerava a declaração.

– Foi tolerável.

Ela riu.

– Que elogio, Vossa Graça. – Fez uma pausa. – Sua parceira pareceu gostar da sua companhia.

– Lady Penélope é uma excelente dançarina.

A uva tinha nome.

– É. Bem, tive a sorte de conhecê-la mais cedo esta noite. Posso lhe dizer que ela não tem um gosto muito bom para amigos.

– Não vou admitir que você a insulte.

– Não vai *admitir*? O que o faz crer que está em posição de falar assim comigo?

– Estou falando muito sério. Lady Penélope será minha noiva. Vai tratá-la com o respeito que ela merece.

Ele vai se casar com a criatura banal.

O queixo dela quase caiu de surpresa.

– Você está noivo?

– Ainda não. Mas é uma mera questão de formalidade.

Visto isso, fazia muito sentido que ele se casasse com uma noiva inglesa tão perfeita.

Mas era tão *errado*.

– Confesso que nunca ouvi alguém falar com tão pouco entusiasmo sobre casamento.

Ele cruzou os braços para se proteger do frio, a lã de seu casaco preto formal se repuxando, enfatizando seus ombros largos.

– O que há para dizer? Nós combinamos bem o suficiente.

Ela piscou.

– Bem o suficiente.

Ele assentiu.

– Exato.

– Que paixão.

Ele não reagiu ao sarcasmo dela.

– É uma questão de negócios. Não há lugar para a paixão em bons casamentos ingleses.

Era uma piada. Tinha que ser.

– Como espera viver sua vida sem paixão?

Ele fungou e ela ficou imaginando se ele podia sentir o cheiro de sua pretensão.

– A emoção é supervalorizada.

Ela deu uma risadinha.

– Bem, isso é possivelmente a coisa mais britânica que já ouvi alguém dizer.

– É algo ruim ser inglês?

Ela sorriu devagar.

– Suas palavras, não minhas – continuou ela, sabendo que o irritava. – Todos nós precisamos de paixão. Você precisa de uma grande dose de paixão em todas as áreas de sua vida.

Ele ergueu uma sobrancelha.

– Devo aceitar esse conselho de você? Você acha que minha vida precisa de paixão, uma emoção que impele a pessoa a jardins escuros e carruagens de estranhos, forçando-a a arriscar sua reputação com uma frequência alarmante?

Ela ergueu o queixo.

– Acho.

– Isso pode funcionar para você, *Srta. Fiori*, mas eu sou diferente. Tenho um título, uma família e uma reputação para proteger. Sem falar no fato de que estou muito acima de desejos tão... básicos e vulgares.

A arrogância que ele irradiava era sufocante.

– Você é um duque – falou ela, com sarcasmo.

Ele ignorou.

– Exatamente. E você é...

– Sou muito menos do que isso.

Ele levantou uma sobrancelha dourada.

– Suas palavras, não minhas.

Juliana sentiu como se tivesse levado um soco.

Ele precisava receber um golpe forte, cruel. Um golpe que acabaria de vez com um homem. Um golpe que só uma mulher poderia dar.

Um golpe que ela queria desesperadamente dar a ele.

– Seu... *asino*. – Os lábios dele se apertaram em uma linha fina diante do insulto e ela se curvou em uma reverência profunda e zombeteira. – Peço desculpas, Vossa Graça, pelo uso de uma linguagem tão vulgar – disse ela, olhando-o através dos cílios escuros. – Permita-me repetir no seu inglês superior. Você é um *asno*.

Ele respondeu entre os dentes.

– Venha.

Ela obedeceu, engolindo a raiva enquanto ele lhe estendia a mão, seus dedos fortes enterrando-se no cotovelo dela e virando-a para o salão de baile. Quando ele voltou a falar, sua voz estava baixa e áspera no ouvido dela.

– Acha que sua preciosa paixão mostra que você é melhor do que nós, quando só o que ela mostra é o seu egoísmo. Sua família está se esforçando para conquistar para você a aceitação da sociedade, e ainda assim nada lhe importa além da sua própria diversão.

Ela sentiu ódio dele.

– Não é verdade. Eu me importo muito com eles. Nunca faria nada para... – Ela parou no meio da frase.

Eu nunca faria nada para prejudicá-los.

As palavras não exprimiam a verdade. Ali estava ela, afinal de contas, em um terraço escuro com *ele*.

Ele pareceu entender seus pensamentos.

– Sua inconstância vai arruiná-la... e talvez a eles também. Se você se importasse pelo menos um pouco, tentaria se comportar como uma dama e não como uma...

Ele parou antes de o insulto ser dito.

Ela o ouviu mesmo assim.

Uma calma se instalou dentro dela.

Ela queria aquele homem perfeito e arrogante de joelhos.

Se ele imaginava que ela era inconstante, era isso que ela seria.

Lentamente, Juliana soltou o braço da mão dele.

– Você acha que está acima da paixão? Acha que seu mundo perfeito não precisa de nada além de regras rígidas e experiência sem emoção?

Ele deu um passo para trás diante do desafio nas palavras suaves dela.

– Eu não acho. Eu sei.

Ela assentiu uma vez.

– Prove – desafiou. As sobrancelhas dele se juntaram, mas ele não disse nada. Juliana continuou: – Deixe que eu lhe mostre que nem mesmo um duque frio pode viver sem emoção.

Ele não se moveu.

- Não.
- Está com medo?
- Desinteressado.
- Duvido.
- Você realmente não pensa em reputação, não é?
- Se está preocupado com a sua reputação, Vossa Graça, por favor, traga um acompanhante.

- E se eu resistir à sua vida turbulenta?
- Aí você se casa com a uva e está tudo bem.

Ele piscou.

- A uva?

– Lady Penélope. – Ela fez uma longa pausa. – Mas... se não conseguir resistir... – Juliana deu um passo para perto, o calor dele uma tentação no ar frio de outubro.

- O que acontece? – indagou o duque, a voz grave e sombria.

Ela o tinha agora. Ia destruí-lo.

E, junto com ele, seu mundo perfeito.

Juliana sorriu.

- Aí sua reputação estará em sério risco.

Ele ficou em silêncio; seu único movimento foi uma contorção lenta de um músculo no maxilar. Passados alguns instantes, ela imaginou que ele a deixaria ali, com sua ameaça pairando no ar frio.

E então ele falou.

– Eu lhe darei duas semanas. – Ela nem teve tempo de se deleitar com sua vitória quando ele emendou: – Mas será você quem vai aprender uma lição, Srta. Fiori.

- Que lição?

- A reputação sempre triunfa.

QUATRO



O caminhar ou o trote bastam.

Damas delicadas nunca galopam.

– UM TRATADO SOBRE A MAIS REQUINTADA DAS DAMAS

A Hora Elegante chega cada vez mais cedo...

– O JORNAL DO ESCÂNDALO, OUTUBRO DE 1823

Na manhã seguinte, o duque de Leighton levantou-se com o sol.

Ele se lavou, vestiu-se de linho engomado e pelica macia, calçou as botas de montaria, amarrou a gravata e mandou trazerem seu cavalo.

Em menos de um quarto de hora, atravessou o grande saguão de seu sobrado, aceitando um par de luvas de montaria e um chicote de Boggs, seu mordomo sempre a postos, e saiu da casa.

Inalando o ar da manhã, fresco com o aroma do outono, o duque subiu na sela, exatamente como fazia todas as manhãs desde o dia em que assumira o ducado, quinze anos antes.

Na cidade ou no campo, chuva ou sol, frio ou quente, o ritual era sacrossanto.

Hyde Park estava praticamente vazio ao alvorecer – poucos estavam interessados em cavalgar sem a chance de serem vistos ou de deixarem suas casas tão cedo. E era por isso que Leighton gostava tanto de suas cavalgadas matinais – o silêncio pontuado apenas pelo barulho dos cascos e pela respiração de seu cavalo misturado à sua própria respiração, através dos caminhos longos e desertos que apenas poucas horas depois estariam repletos daqueles que ainda estavam na cidade, ansiosos para alimentar a fofoca mais recente.

A aristocracia comercializava informação, e o Hyde Park em um dia bonito era o lugar ideal para a troca de tal mercadoria.

Era só uma questão de tempo até sua família se tornar a mercadoria do dia.

Leighton inclinou-se para a frente, tocando seu cavalo adiante, mais rápido, como se

pudesse ultrapassar os mexericos.

Quando ficassem sabendo sobre sua irmã, as fofocas seriam abundantes e sua família teria pouca possibilidade de defender seu nome e sua reputação. Os duques de Leighton contavam onze gerações. Haviam lutado ao lado de Guilherme, o Conquistador. E aqueles que carregavam o título e a venerável posição tão acima do resto da sociedade eram criados com uma regra incontestável: *Não deixe que nada manche esse nome.*

Por onze gerações, a regra não fora contestada.

Até agora.

Durante os últimos meses, Leighton fizera tudo o que podia para que seu caráter fosse imaculado. Ele dispensara a amante, se jogara em seu trabalho no Parlamento e comparecera a dezenas de eventos oferecidos por aqueles que tinham influência sobre a percepção de caráter dos aristocratas. Ele dançara quadrilhas. Tomara chá. Comparecera ao Almack's. Apelara às famílias mais respeitáveis da aristocracia.

Espalhara um rumor razoável e aceito de que sua irmã estava no campo para passar o verão. E, então, para passar o outono. E, logo, para passar o inverno.

Mas não era o suficiente. Nada seria.

E aquela noção – a profunda compreensão de que ele nunca poderia proteger completamente sua família do curso natural dos acontecimentos – ameaçava sua serenidade.

Só restava uma coisa.

Uma esposa adequada, incontestável. Uma futura queridinha dos seus pares.

Ele havia marcado um encontro com o pai de lady Penélope naquele dia. O marquês de Needham e Dolby abordara Leighton na noite anterior e sugerira que se encontrassem “para discutir o futuro”. Leighton não vira razão para esperar, já que, quanto mais rápido tivesse a concordância do marquês de que um casamento seria apropriado, mais rápido estaria preparado para enfrentar as línguas que poderiam, a qualquer momento, começar a falar.

Um meio sorriso brincou em seus lábios. O encontro era mera formalidade. O marquês quase pedira Leighton em casamento ele próprio.

Não teria sido a primeira proposta que ele recebera naquela noite.

Nem a mais tentadora.

Ele sentou-se ereto em sua sela, dominando o cavalo, recuperando mais uma vez o controle. Uma visão surgiu diante dele: Juliana encarando-o como uma guerreira na sacada da Casa Weston, lançando seu desafio como se tudo não passasse de um jogo. *Deixe que eu lhe mostre que nem mesmo um duque frio pode viver sem emoção.*

As palavras ecoaram à sua volta, naquele forte sotaque italiano, como se ela estivesse ali, sussurrando em seu ouvido de novo. *Emoção.*

Ele fechou os olhos, lutando contra o pensamento, e deu rédeas ao cavalo novamente, como se o frio cortante em suas bochechas fosse combater as palavras e seu efeito.

Ela o fisgara. Ele ficou tão irado com a arrogância em seu tom – em sua certeza de que todos os princípios em cima dos quais a vida dele era construída eram risíveis – que não quis, naquele momento, nada além do que provar que ela estava errada. Quis provar que sua insistência de que o mundo dele não continha nada de valor era tão ridícula quanto sua aposta tola.

Então ele lhe deu duas semanas.

Não foi um espaço de tempo arbitrário. Ele lhe deu duas semanas para que ela desse o melhor de si em relação a ele e, ao final desse tempo, ele lhe mostraria que a reputação governava tudo. Ele enviaria o anúncio de suas núpcias vindouras ao *Times* e Juliana aprenderia que a paixão era um caminho tentador... e, em última análise, insatisfatório.

Se ele não tivesse aceitado seu desafio ridículo, ela sem dúvida teria encontrado outra pessoa para envolver em seus planos – alguém com uma dívida menor para com Ralston e com menos interesse em mantê-la longe da ruína.

Ele lhe fizera um favor, na verdade.

Que ela fizesse o seu pior.

Por favor.

A palavra maliciosa surgiu e com ela uma visão de Juliana como sedutora. Seus membros longos e nus se entrelaçando com os lençóis de linho dele, seu cabelo se espalhando como cetim sobre seu travesseiro, seus olhos, da cor de safiras do Ceilão, prometendo a ele o mundo e seus lábios carnudos se curvando enquanto ela, se entregando, sussurra o nome dele.

Por um instante ele se permitiu a fantasia – jamais passaria disso –, imaginando como seria botá-la na cama, deitar-se sobre seu corpo comprido e exuberante e se enterrar em seu cabelo, em sua pele, em seu âmago quente e bem-vindo e entregar-se à paixão pela qual ela tinha tanto apreço.

Seria o paraíso.

Ele a quisera desde o primeiro momento em que a vira, jovem e fresca e tão diferente das bonecas de porcelana que eram exibidas diante dele por mães desesperadas.

E, por um momento fugaz, ele pensou que poderia tê-la. Pensou que ela era uma joia exótica e estrangeira, exatamente o tipo de esposa que combinaria muito bem com o duque de Leighton.

Até conhecer sua verdadeira identidade e perceber que faltava a ela o pedigree exigido para ser sua duquesa.

Mesmo então ele considerara fazê-la sua. Mas não achava que Ralston aceitaria que sua irmã se tornasse amante de qualquer duque, muito menos daquele de quem ele sentia um prazer especial em desgostar.

O rumo de seu pensamento foi interrompido – abençoadamente – pelo trovejar de outro conjunto de cascos. Leighton se inclinou para trás em sua sela e diminuiu a velocidade mais uma vez para observar cavalo e cavaleiro que vinham em sua direção, pela campina, a pleno galope – um ritmo temerário, mesmo para um cavaleiro com tão

óbvia habilidade. Ficou impressionado com os movimentos sincronizados entre o mestre e o animal. Seus olhos percorreram as pernas longas e os músculos saltados do alazão e então se voltaram para a silhueta do montador, curvado sobre o pescoço do cavalo, sussurrando encorajamentos.

Simon dirigiu-se ao cavaleiro, para sinalizar sua admiração com um aceno de cabeça. E congelou.

Os olhos que ele encontrou eram de um azul brilhante, cintilando com uma mistura de desafio e satisfação.

Só podia ser uma miragem. Pois não havia a menor possibilidade de Juliana Fiori estar ali em Hyde Park, ao amanhecer, vestida com roupas de homem e cavalgando em velocidade vertiginosa, como se estivesse em Ascot.

Ele fez sua montaria parar, incapaz de fazer qualquer coisa além de olhar enquanto ela se aproximava. As emoções dentro dele eram perturbadoras.

O modo como Juliana parou ao seu lado tão rapidamente fez com que ele entendesse que aquela não era a primeira vez que ela cavalgava tão bem e com tanto ímpeto. Ele ficou observando, mudo, enquanto ela tirava a luva preta e acariciava a longa coluna do pescoço do cavalo, sussurrando palavras de estímulo em um italiano baixo e ofegante conforme o gigantesco animal se inclinava ao seu toque. Ela mergulhou os dedos compridos no pelo do bicho, recompensando-o com um longo afago.

E foi só depois de dedicar carícias e elogios ao animal que ela se voltou para o duque, como se aquele fosse um encontro perfeitamente normal e apropriado.

– Vossa Graça. Bom dia.

– Você é louca? – As palavras eram duras e roucas, soando estranhas até mesmo para os ouvidos dele.

– Decidi que se Londres... e você... estão tão convencidos do meu caráter duvidoso, não há razão para me preocupar tanto com ele, certo? Lucrezia não fazia uma corrida assim desde que chegamos. E ela adorou. Não é, *carina*? – disse, inclinando-se novamente e conversando com a égua, que se envaideceu com as palavras amorosas de sua dona e fungou de prazer por ser tão elogiada.

Não que ele pudesse culpar o animal.

Leighton afastou o pensamento.

– O que você está fazendo aqui? Faz ideia do que poderia acontecer se fosse pega? O que está vestindo? Por que você...

– Quais dessas perguntas gostaria que eu respondesse primeiro?

– Não me provoque.

Ela não ficou intimidada.

– Já lhe disse. Saímos para cavalgar. Você sabe tão bem quanto eu que há pouco risco de sermos vistos a esta hora. O próprio sol mal despertou. E, quanto a como estou vestida... não acha que é melhor que eu me vista como um cavaleiro? Desta forma, se alguém *me visse*, não pensaria mal a meu respeito. Muito menos do que pensariam se eu

estivesse com um vestido de montaria. Aliás, tenho certeza de que você pode imaginar como é bem menos divertido cavalgar de lado.

Ela deslizou a mão sem luva pela coxa, realçando sua vestimenta, e ele não pôde deixar de seguir o movimento, absorvendo a curva torneada de sua perna, apertada contra o flanco do cavalo. Tentando-o.

– Não pode, Vossa Graça?

Ele ergueu os olhos rapidamente para encontrar os dela, reconhecendo diversão e convencimento ali. E não gostou.

– Não pode o quê?

– Não pode imaginar que é menos divertido cavalgar de lado? Tão adequado. Tão... *tradicional*.

Uma irritação familiar foi despertada e, com ela, a sanidade. Ele verificou se havia outros cavaleiros na grande extensão de pradaria ao redor deles. Estava vazio. Graças a Deus.

– Por que você se arrisca tanto?

Ela sorriu satisfeita.

– Porque a sensação é maravilhosa. Por que mais seria?

As palavras eram um tapa na cara: suaves, sensuais e confiantes.

E inteiramente inesperadas.

– Você não devia dizer essas coisas.

As sobrancelhas dela se uniram.

– Por que não?

– Porque não é apropriado – respondeu ele, sabendo que as palavras eram estúpidas no exato momento em que as dizia.

Ela deu um longo suspiro de sofrimento.

– Já passamos disso, não? – questionou. E, quando ele não respondeu, ela continuou:

– Ora, Vossa Graça não está aqui em seu cavalo, o céu ainda rajado da noite, porque acha cavalgar meramente agradável. Está aqui porque concorda que a sensação é maravilhosa.

O duque apertou os lábios e ela deu uma risadinha astuta que fez um arrepio de consciência percorrê-lo. Ela calçou a luva e ele observou o movimento, hipnotizado pela maneira precisa com que ela ajustava o couro ao espaço delicado entre os dedos.

– Você pode negar, mas eu vi.

Ele não conseguiu resistir.

– Viu o quê?

– Inveja – declarou ela apontando-lhe um dedo comprido; gesto que ele, sem dúvida, consideraria insolente. – Antes de saber que era eu neste cavalo, você queria *ser* eu. Queria soltar as rédeas do seu cavalo e cavalgar... com paixão.

Com um estalar nas rédeas, ela apontou seu animal na direção da extensa e deserta pradaria que parecia aguardá-los.

O duque observou-a atentamente, incapaz de desviar o olhar, percebendo a forma

como ela cintilava em toda a sua energia e força.

Ele sabia o que viria.

E estava pronto.

– Aposto com você uma corrida até o lago Serpentine – disse Juliana, as palavras ditas em italiano pairando no ar, visto que já iniciara sua movimentação.

Em segundos, ela estava a pleno galope.

Sem pensar, ele foi atrás.

A montaria dele era mais veloz, mais forte, mas Simon manteve o animal controlado, observando Juliana. Ela cavalgava como uma mestra, movendo-se com o cavalo, inclinando-se sobre seu pescoço. O duque não conseguia ouvir, mas sabia que ela estava falando com sua égua, dando-lhe palavras suaves de encorajamento e elogios... presenteando-a com a liberdade de correr tão rápido quanto desejasse.

Da posição em que estava, os olhos dele investigaram a espinha longa e reta de Juliana, a curva cheia de seu traseiro, a forma como suas coxas apertavam e soltavam, dando ordens silenciosas e irresistíveis ao cavalo embaixo dela.

O desejo o atingiu com força e intensidade.

E ele o rejeitou quase instantaneamente.

Não era ela. Era a situação.

Então ela olhou por cima do ombro, seus olhos azuis brilhando ao confirmar que ele a seguia. Que estava atrás dela. Ela riu e o som de sua risada viajou pelo vento cortante, debaixo do sol do início da manhã, envolvendo-o por inteiro enquanto ela tornava a voltar sua atenção para a corrida.

Simon deu plena liberdade a seu cavalo, abrindo mão do controle do animal.

Ele a ultrapassou em segundos, começando o arco largo que seguia por uma área densamente arborizada do parque, levando por um prado até a curva do lago Serpentine. Ele se entregou ao movimento – à forma como o mundo se inclinava e deslizava para longe, restando apenas homem e corcel.

Ela tinha razão.

A sensação era maravilhosa.

O duque olhou por cima do ombro, incapaz de resistir a procurar por ela. Juliana se encontrava vários metros atrás e, quase sem diminuir a velocidade, tomou um caminho diferente do que ele escolhera e desapareceu dentro de um bosque fechado.

Aonde diabo ela estava indo?

Ele puxou as rédeas e seu cavalo ergueu as patas da frente para obedecer ao comando. E logo ele a estava perseguindo, disparando bosque adentro, segundos atrás dela.

O sol da manhã ainda não havia alcançado o outro lado das árvores, mas a falta de luz não impediu Simon de cavalgar com impetuosidade pelo caminho pouco iluminado. A emoção subiu em sua garganta, parte fúria, parte medo, conforme a trilha se contorcia, provocando-o com vislumbres de Juliana à sua frente.

Simon fez uma curva fechada e parou no começo de uma reta longa e sombreada, de

onde viu que ela estimulava seu cavalo a ir em frente, na direção de uma enorme árvore caída que bloqueava o caminho.

Com uma clareza aterrorizante, ele entendeu sua intenção. Ela ia pular.

O duque gritou seu nome num tom ríspido, mas ela não diminuiu a velocidade nem olhou para trás.

É claro que não.

O coração dele quase parou enquanto cavalo e amazona se elevavam no ar em uma forma perfeita, ultrapassando a barreira com metros de sobra. Eles aterrissaram e dispararam na direção de uma curva. Simon praguejou furiosamente e inclinou-se para a frente em sua montaria, desesperado para chegar até ela.

Alguém precisava controlar a garota.

Ele saltou sobre o tronco de árvore sem dificuldade, imaginando, cada vez mais irado, quanto tempo ela o manteria nessa caçada.

Ao fazer a curva, ele puxou as rédeas com força.

Ali, no meio do caminho, estava a égua de Juliana, calma e tranquila.

E sem cavaleiro.

Ele pulou de seu cavalo antes que o animal parasse completamente, gritando o nome dela, e então a viu, apoiada em uma árvore ao lado da trilha, as mãos nos joelhos enquanto recuperava o fôlego, as bochechas vermelhas por causa do esforço e do frio, os olhos brilhando de entusiasmo e algo mais que ele não tinha paciência para identificar.

Ele partiu como um furacão na direção dela.

– Sua inconsequente! – trovejou. – Você podia ter morrido!

Juliana não se encolheu diante da raiva dele. Em vez disso, ela sorriu.

– Bobagem. Lucrezia já pulou obstáculos muito mais altos, muito mais traiçoeiros.

Simon parou a apenas alguns metros dela, os punhos cerrados.

– Não me interessa se ela é o corcel do próprio diabo. Você estava pedindo para se machucar.

Descruzando os braços e abrindo-os bem, ela disse:

– Mas eu estou aqui, ilesa.

Aquelas palavras não serviram para apaziguá-lo. Só o deixaram ainda mais aborrecido.

– Posso ver isso.

Um canto dos lábios de Juliana se elevou, numa expressão que muitos teriam considerado cativante. Ele considerou irritante.

– Saí mais do que ilesa. Estou exultante. Não lhe disse que temos doze vidas?

– Mas não pode sobreviver a doze escândalos, e você está a caminho disso. Alguém poderia tê-la visto.

Ele podia ouvir a impertinência em seu tom. Odiou-se por isso.

Ela riu, um som limpo e claro no bosque sombreado.

– Foram dois minutos.

– Se eu não a tivesse seguido, você poderia ter sido atacada por ladrões.

– Tão cedo?

– Pode ser tarde para eles.

Juliana balançou a cabeça devagar, dando um passo na direção dele.

– Mas você me seguiu.

– Mas você não *sabia* que eu a seguiria – respondeu ele, sem saber por que aquilo importava. Mas importava.

Com muita cautela, ela deu mais um passo em sua direção, como se ele fosse um animal selvagem.

Ele se sentia como um animal. Fora de controle.

Simon respirou fundo e foi inundado pelo aroma que ela exalava.

– É claro que você ia me seguir.

– Por que você pensaria isso?

Ela deu de ombros elegantemente.

– Porque você queria.

Ela estava perto o suficiente para ser tocada. E os dedos dele se flexionaram ao lado do corpo, ávidos por puxá-la para si e provar que ela estava certa.

– Está enganada. Eu a segui para impedi-la de se encrencar ainda mais.

Juliana olhava para ele com seus olhos brilhantes e seus lábios carnudos curvados em um sorrisinho que prometia segredos infinitos.

– Eu a segui porque a sua impulsividade é um perigo para você e para os outros.

– Tem certeza?

A conversa inteira estava fugindo do controle dele.

– É claro que tenho – falou ele, procurando por provas. – Não tenho tempo para os seus joguinhos, Srta. Fiori. Vou me encontrar com o pai de lady Penélope hoje.

O olhar dela voou para longe pelo mais breve dos instantes antes de voltar para o dele.

– É melhor você ir então. Não vai querer faltar a um compromisso tão importante.

Ele leu o desafio nos olhos dela.

Vá.

Ele queria ir.

Ele ia.

Uma grande mecha de cabelo negro se soltou do boné de Juliana e ele esticou instintivamente a mão para segurá-la. Devia apenas tê-la afastado do rosto dela – bem, na verdade, nem deveria tê-la tocado –, mas não conseguiu se conter e brincou com ela, enrolando-a uma vez, duas vezes em volta de seu punho, observando-a formar uma faixa no couro macio de sua luva de montaria, desejando poder sentir a mecha sedosa contra sua pele.

A respiração dela ficou mais rápida, e o olhar dele foi atraído pelo subir e descer de seu peito sob o casaco. A vestimenta masculina deveria ter renovado sua fúria, mas, em

vez disso, despertou-lhe um violento desejo. Um mero punhado de botões a mantinham longe dele – botões que podiam ser facilmente despachados, deixando-a com nada além do linho da camisa, que podia ser solta das calças, fornecendo acesso à pele feminina macia.

O olhar dele voltou para o rosto dela e foi aí que ele notou. O desafio, a ousadia e a satisfação presunçosa haviam sumido, substituídos por algo bruto e poderoso, imediatamente identificável.

Desejo.

De repente, ele viu como podia recuperar o controle. E de si mesmo.

– Acho que você queria que eu a seguisse.

– Eu... – Sua voz falhou e ela parou. Ele sentiu o triunfo inebriante de um caçador que espiava sua primeira presa. – Eu não me preocupei com isso.

– Mentirosa – disse ele.

A palavra foi sussurrada, baixa e sombria, no ar pesado da manhã. Ele puxou a mecha de cabelo, puxando também Juliana para si, até ficarem a meros centímetros um do outro.

Juliana entreabriu a boca em uma rápida inalação de ar, roubando a atenção dele.

E, quando ele viu aqueles lábios exuberantes e largos ligeiramente abertos, implorando por ele, não conseguiu resistir. E nem tentou.

Ela tinha gosto de primavera.

O pensamento explodiu em sua mente conforme ele colava seus lábios nos dela, erguendo as mãos para segurar seu rosto, virando-a na direção dele. Ele podia jurar que ela havia arfado seu nome... Um som suave, ofegante e totalmente inebriante. Ele a puxou, trazendo-a mais para perto de si. Ela veio de boa vontade, movendo-se contra ele como se soubesse o que ele queria antes mesmo dele.

E talvez ela soubesse.

Simon passou a língua por seu lábio inferior carnudo e, quando ela arfou, ele não esperou para tomar sua boca de novo, afagando-a, sem pensar em nada além dela. E então Juliana o beijou de volta, copiando seus movimentos, e ele se perdeu nas sensações que ela lhe trazia – suas mãos movendo-se com lentidão tortuosa pelos braços dele até finalmente alcançarem seu pescoço, os dedos massageando seu cabelo, a maciez dos lábios dela e os sonzinhos enlouquecedores e magníficos que ela fazia conforme ele a tomava. E ele a tomou de forma primitiva e maliciosa.

Ela pressionou o corpo contra o dele, seus seios comprimindo seu tórax, e o prazer se acendeu. Ele aprofundou o beijo, passando as mãos pelas costas dela e puxando-a para tê-la ainda mais colada a si. As calças davam a ela uma liberdade de movimento que nenhuma saia jamais poderia ter dado, e ele acariciou uma coxa longa e adorável, subindo por sua perna até ela aninhar o comprimento latejante dele em seu âmago quente.

Ele interrompeu o beijo com um grunhido baixo conforme ela se balançava contra

ele em um ritmo que o deixava em chamas.

– Você é uma feiticeira.

Naquele momento, ele era um rapazola inocente correndo atrás de seu primeiro rabo de saia; desejo, excitação e algo muito mais básico colidindo dentro dele em um tumulto de sensações.

Ele a queria nua bem ali, na trilha de terra no meio de Hyde Park, e não se importava com quem os visse.

O duque tomou o lóbulo macio da orelha dela entre os dentes, roçando a carne ali até ela gritar alto e claro:

– Simon!

O som de seu nome de batismo pontuando o amanhecer silencioso trouxe-o de volta à realidade. Ele soltou a perna dela como se o queimasse. Afastou-se, respirando pesadamente e observando conforme a confusão expulsava o desejo do semblante dela.

Juliana cambaleou diante do distanciamento abrupto, incapaz de suportar seu próprio peso com tão pouca advertência. Ele esticou os braços para pegá-la, para equilibrá-la.

No momento em que recuperou o equilíbrio, ela puxou o braço e deu um longo passo para trás. Seu olhar se fechou, a emoção esfriando, e ele quis beijá-la de novo, trazer o desejo de volta.

Juliana lhe deu as costas antes que ele pudesse agir, dirigindo-se para sua montaria que ainda se encontrava no meio da trilha. Ele observou, imóvel, enquanto ela subia na sela com facilidade. Ela olhou-o de cima, com toda a graça de uma rainha.

Ele lhe devia desculpas.

Ele a atacara no meio de Hyde Park. Se alguém os tivesse visto...

Ela deteve o pensamento com suas palavras.

– Parece que não é tão imune à paixão quanto pensa, Vossa Graça.

E com uma estalada fria de seu pulso ela partiu como um raio, seu cavalo trovejando pela trilha pela qual eles tinham vindo.

Simon ficou olhando enquanto ela desaparecia, notando a interrupção do barulho dos cascos conforme ela pulava a árvore caída mais uma vez...

Esperando que o silêncio afogasse o eco de seu título nos lábios dela.

CINCO



Nunca se sabe onde rufiões podem espreitar.

Damas elegantes não saem de casa sozinhas.

– UM TRATADO SOBRE A MAIS REQUINTADA DAS DAMAS

Notável, não é, as decisões que podem ser tomadas com um rifle ainda fumegante?

– O JORNAL DO ESCÂNDALO, OUTUBRO DE 1823

O marquês de Needham e Dolby mirou cuidadosamente em uma galinha vermelha e apertou o gatilho de seu rifle. O tiro soou alto e zangado no ar da tarde.

– Maldição. Errei.

Simon conteve-se e não comentou o fato de que o marquês havia errado todas as cinco criaturas nas quais havia mirado desde que sugerira que conversassem do lado de fora, “como homens”.

O aristocrata corpulento mirou e disparou mais uma vez, o som fazendo um arrepio de irritação percorrer Simon. Ninguém caçava à tarde. Certamente um atirador tão ruim não deveria estar tão interessado em caçar à tarde.

– Desgraça!

Outro tiro errado. Simon começara a temer por seu próprio bem-estar. Se o homem desejava atirar nos jardins de sua enorme propriedade às margens do Tâmis, Simon não tentaria dissuadi-lo da atividade, mas não podia deixar de lamentar tamanha inaptidão.

Mas o marquês atingira seu limite. Praguejando baixinho, ele passou o rifle para um laçao próximo e, com as mãos juntas atrás das costas, começou a descer por um caminho longo e sinuoso para longe da casa.

– Muito bem, Leighton, podemos muito bem ir direto ao assunto. Você quer se casar com a minha primogênita.

Mal atirador ou não, o marquês não era tolo.

– Acredito que um casamento assim beneficiaria nossas duas famílias – disse ele, acompanhando os passos do homem mais velho.

– Sem dúvida, sem dúvida. – Eles andaram em silêncio por alguns momentos antes de o marquês continuar: – Penélope dará uma ótima duquesa. Ela sabe seu lugar. Não fará exigências descabidas.

Eram as palavras que Simon queria ouvir. Elas sublinhavam sua seleção da dama para o papel de sua futura esposa.

Então por que o perturbavam tanto?

O marquês continuou.

– Uma bela garota sensível, pronta para cumprir seu dever. Boa linhagem inglesa. Não deve ter problemas para procriar. Não tem qualquer ilusão a respeito do casamento ou das outras coisas fantasiosas que algumas garotas acham que merecem.

Como paixão.

Uma visão surgiu, despercebida e indesejável: Juliana Fiori, sorrindo de modo afetado acerca de suas palavras. *Nem mesmo um duque frio pode viver sem emoção.*

Bobagem.

Ele mantinha sua declaração da noite anterior – a paixão não tinha lugar em um bom casamento inglês. E lady Penélope parecia concordar com isso.

O que fazia dela a candidata ideal para ser sua futura noiva.

Ela era de fato adequada.

Exatamente aquilo de que ele precisava.

Nós todos precisamos de paixão.

As palavras eram um sussurro no fundo da mente dele, o tom zombeteiro, cadenciado com um sotaque italiano.

Ele rangeu os dentes. Ela não fazia ideia do que ele precisava.

Com um leve aceno de cabeça, Simon disse:

– Fico feliz em ouvir que aprova a união.

– É claro que aprovo. É um ótimo casamento. Duas linhas britânicas de aristocracia superiores. Iguais em reputação e em linhagem – falou o marquês, removendo a luva de sua mão direita e estendendo-a para Simon.

Enquanto apertava a mão de seu futuro sogro, Simon ficou imaginando se o marquês pensaria diferente uma vez que os segredos da Casa Leighton viessem à tona.

A linhagem dos Leightons não carregava uma reputação assim tão ilibada.

Simon só esperava que o casamento conferisse importância suficiente para que todos sobrevivessem ao escândalo.

Eles se encaminharam de volta para a Casa Dolby, e Simon soltou o ar lentamente.

Um passo mais perto. Só o que ele tinha que fazer era pedir a mão da dama e estaria tudo perfeitamente acertado.

O marquês olhou para ele de esguelha.

– Penélope está em casa; pode falar com ela agora.

Simon entendeu o significado por trás das palavras. O marquês queria a união anunciada e firmada. Não era todo dia que um duque saía à procura de uma esposa.

Ele considerou a possibilidade. Não havia, afinal de contas, nenhum motivo para adiar o inevitável.

Duas semanas.

Ele dera a ela duas semanas.

Fora uma ideia ridícula. Ele poderia usar aquelas duas semanas para planejar um casamento. Poderia estar casado antes do fim de duas semanas.

E, em vez disso, ele as oferecera para o jogo bobo de Juliana.

Como se ele tivesse tempo para seus jogos e seu comportamento inconsequente e suas vestimentas inapropriadas e...

Enlaces irresistíveis.

Não. Esta manhã fora um erro. Que não se repetiria.

Não importava quanto ele quisesse repetir.

Ele balançou a cabeça.

– O senhor discorda?

As palavras do marquês tiraram Simon de seu devaneio. Ele limpou a garganta.

– Eu gostaria de cortejá-la de modo adequado, se o senhor permitir.

– Não há necessidade disso. Não é como se fosse uma união por amor.

Imensamente divertido com o pensamento, o marquês riu com vontade, do fundo de sua barriga pendente. Simon fez o melhor que pôde para não demonstrar sua irritação. Quando a risada morreu, seu futuro sogro disse:

– Só estou dizendo que todos sabem que o senhor não é de emoções tolas. Penélope não vai esperar a corte.

Simon inclinou a cabeça.

– Mesmo assim.

– Para mim, não faz a menor diferença, Leighton – declarou o homem mais velho, passando as mãos largas sobre sua circunferência mais larga ainda. – Meu único conselho é que comece da forma como pretende continuar com ela. Esposas são muito mais fáceis de lidar quando sabem o que esperar de um casamento.

A marquesa de Needham e Dolby era sem dúvida uma mulher de sorte, pensou Simon ironicamente.

– Levarei isso em consideração.

O marquês assentiu uma vez.

– Que tal bebermos um conhaque? Temos que brindar a essa excelente união!

Havia pouca coisa que Simon queria menos do que dispensar mais tempo com seu futuro sogro. Mas ele sabia que não devia recusar o pedido. Não podia mais se dar ao luxo de evitar situações como esta.

Ele nunca mais poderia fazer isso.

Após uma pausa, ele disse:

– Eu apreciaria muito.



Duas horas depois, Simon estava de volta ao seu sobrado, em sua poltrona favorita, o cachorro aos seus pés, sentindo-se bem menos triunfante do que esperara. O acerto não poderia ter sido melhor. Ele seria aliado de uma família de alta consideração e de reputação impecável. Não vira lady Penélope – não quisera vê-la, na verdade –, mas estava tudo bem, e ele imaginava ser apenas uma questão de garantir a concordância da dama antes de estarem oficialmente noivos.

– Presumo que o resultado da sua visita tenha sido satisfatório.

Ele enrijeceu diante daquelas palavras, virando-se para olhar nos frios olhos cinza de sua mãe. Não a ouvira entrar. Ele ficou de pé.

– Foi.

Ela não se moveu.

– O marquês lhe deu seu consentimento.

Simon andou até o aparador.

– Deu.

– É cedo para beber, Leighton.

Ele se virou, um copo de uísque na mão.

– Considere como uma comemoração.

A mãe fitou-o sem dizer nada. Ele ficou imaginando o que ela estava pensando. Não que algum dia tivesse entendido o que espreitava por debaixo do exterior gélido daquela mulher que lhe dera a vida.

– Logo você será uma sogra. – Ele fez uma pausa. – E uma duquesa-viúva.

Ela não mordeu a isca. Nunca mordera.

Em vez disso, ela assentiu secamente uma vez, como se tudo estivesse decidido. Como se tudo fosse *simples*.

– Quando planeja pedir uma licença especial?

Em duas semanas.

Ele fechou os olhos contra o pensamento, dando um gole para disfarçar sua hesitação.

– Não acha que eu deveria falar com lady Penélope primeiro?

A duquesa fungou uma vez, como se a pergunta insultasse vários de seus sentidos.

– Não é como se duques em idade de se casar sejam uma ocorrência comum, Leighton. Ela está prestes a fazer a melhor união em anos. Resolva isso logo.

E ali estava, no tom frio e insensível das palavras de sua mãe, a ordem. *Resolva isso logo*. A ordem... a expectativa de que um homem como Simon fosse fazer o necessário para garantir a segurança e a honra de seu nome.

Ele voltou para sua poltrona e relaxou nela – uma proeza, considerando-se sua

frustração –, obtendo uma quantidade minúscula de prazer no enrijecimento de sua mãe diante de sua tranquilidade aparente.

– Não preciso agir como um animal, mamãe. Vou cortejar a garota. Ela merece um pouco de emoção, não acha?

A mãe não se moveu, seu olhar frio não revelava seus pensamentos, e Simon percebeu que ele jamais fora alvo dos elogios de sua mãe. Ficou imaginando se ela era capaz de elogiar. Provavelmente não. Havia pouca necessidade de emoção na aristocracia. Menos ainda no que dizia respeito à sua prole.

Emoção era para as massas.

Ele nunca a vira em um estado de emoção. Nunca feliz, nunca triste, nunca zangada, nunca se divertindo. Certa vez ele a ouvira dizer que diversões eram para aqueles com menos pedigree. Quando Georgiana era criança, toda risos e boa índole, a duquesa mal fora capaz de suportá-la. “Tente não parecer tão comum, criança”, repreendia ela, o lábio apenas ligeiramente curvado, indicando algo próximo ao desgosto, que ele certamente jamais a vira demonstrar. “Seu pai é o duque de Leighton.”

Georgiana então ficava séria, uma nesga de sua exuberância desaparecida para sempre.

Ele enrijeceu com a lembrança, havia muito enterrada. Quisera sua irmã tivesse fugido quando descobrira sua situação. A mãe deles não demonstrava sinais de amor materno nem mesmo no melhor dos dias.

Ele não fora muito melhor.

– *Você é a irmã do duque de Leighton!*

– *Simon... foi um erro.*

Ele mal registrara o sussurro dela.

– *Nós não cometemos erros!*

E ele a deixara lá, nas florestas de Yorkshire.

Sozinha.

Quando contara à mãe sobre o escândalo que se avizinhava, ela não se movera; sua respiração não mudara. Em vez disso, ela o encarara com aqueles olhos frios e oniscientes e dissera:

– Você tem que se casar.

E eles nunca mais falaram de Georgiana.

O remorso surgiu.

Ele o ignorou.

– Em breve, Leighton – falou a duquesa. – Antes.

Alguém que não conhecesse a duquesa acharia que ela havia deixado de completar o pensamento. Simon sabia que não. Sua mãe não usava palavras irrelevantes. E ele entendera perfeitamente o que ela queria dizer.

A duquesa não esperou pela resposta do filho, sabendo intuitivamente que sua ordem

seria cumprida. Em vez disso, se retirou da sala, o assunto já esquecido antes de a porta da biblioteca se fechar atrás dela.

Confiando que Leighton faria o que era preciso fazer.

Antes.

Antes que seus segredos fossem descobertos.

Antes que seu nome fosse arrastado pela lama.

Antes de sua reputação estar arruinada.

Se alguém lhe tivesse dito, quatro meses atrás, que ele estaria agora em busca de casamento para proteger a reputação da família, ele teria rido, longa e soberbamente, e mandado a pessoa embora.

É claro que, quatro meses atrás, as coisas eram diferentes.

Quatro meses atrás, Simon era o solteiro mais cobiçado da Grã-Bretanha, e não havia qualquer perspectiva de mudança nesta condição.

Quatro meses atrás, nada poderia atingi-lo.

Ele praguejou baixinho e descansou a cabeça no encosto da poltrona enquanto a porta da biblioteca era aberta mais uma vez. Ele manteve os olhos fechados.

Não queria encará-la de novo. Nem ela nem o que ela representava.

Alguém limpou a garganta delicadamente.

– Vossa Graça?

Simon aprumou-se de imediato.

– Sim, Boggs?

O mordomo atravessou o aposento, estendendo a bandeja de prata em sua mão na direção de Simon.

– Perdoe-me a intrusão. Mas uma mensagem urgente chegou para o senhor.

Simon pegou o grande envelope pardo. Virou-o e viu no verso o sinete de Ralston.

Uma onda de tensão o invadiu.

Só havia um motivo para Ralston lhe mandar um recado urgente.

Georgiana.

Talvez não houvesse mais tempo para antes.

– Deixe-me.

Ele esperou que Boggs saísse da sala, até ouvir o som suave e agourento da porta contra o batente.

Só então deslizou um dedo longo por baixo do lacre, sentindo o peso do momento em suas entranhas. Retirou a única folha de papel e desdobrou-a com resignação.

Leu as duas linhas de texto ali escritas.

E soltou o ar que não percebera que estava prendendo, em uma explosão curta e zangada, ao mesmo tempo que esmagava a folha que tinha nas mãos.

Serpentine às cinco horas.

Eu me vestirei adequadamente desta vez.

– *Exspecto, Exspectas, Exspectat...*

Ela sussurrou as palavras em latim enquanto jogava pedras na superfície do lago Serpentine, tentando ignorar o sol que afundava no horizonte.

Ela não devia ter mandado o bilhete.

– *Exspectamus, Exspectatis, Exspectant...*

Já passava muito das cinco. Se ele planejasse vir, já teria chegado.

Sua acompanhante e criada, Carla, fez um som indelicado demonstrando desconforto, envolta em um cobertor de lã a vários metros de distância.

– Eu espero, tu esperas, ela espera...

Se ele contasse para Ralston... ela nunca mais poderia sair de casa. Não sem um batalhão de criados e acompanhantes e, muito provavelmente, do próprio Ralston.

– Nós esperamos, vós esperais, eles esperam.

Ela jogou outra pedra e errou o alvo, retraindo-se com o som seco do seixo afundando no lago.

– Ele não vem.

Ela se virou ao ouvir as palavras em italiano, desinteressadas e cheias de verdade, e fitou os olhos castanho-escuros de Carla. Ela segurava um xale de lã junto ao peito, protegendo-se do frio outonal.

– Você só diz isso porque quer voltar para casa.

Carla ergueu um ombro e franziu as sobrancelhas com indiferença.

– Isso não torna minhas palavras menos verdadeiras.

Juliana fechou a cara.

– Você não precisa ficar.

– Eu preciso fazer exatamente isso, na verdade. – Ela se sentou debaixo de uma grande árvore. – E não me incomodaria se este país não fosse tão insuportavelmente frio. Não admira seu duque estar precisando tanto de calor.

Como se para pontuar as palavras, o vento começou a soprar de novo, ameaçando levar a touca da cabeça de Juliana. Ela a segurou, encolhendo-se conforme as fitas e os adornos de renda chicoteavam seu rosto. Era incrível que um adereço de cabeça pudesse ser tão problemático e tão inútil ao mesmo tempo.

O vento diminuiu e Juliana sentiu-se segura para soltar a touca.

– Ele não é o meu duque.

– Ah, não? Então por que estamos aqui no vento gelado esperando por ele?

Os olhos de Juliana se franziram para a jovem.

– Sabe, me disseram que as criadas das damas inglesas são muito mais submissas. Estou pensando em fazer uma troca.

– Eu recomendo. Aí poderei voltar para a civilização. A civilização *quente*.

Juliana inclinou-se e pegou outra pedra.

– Mais cinco minutos.

Carla suspirou, longa e dramaticamente, e Juliana sentiu um sorriso repuxar seus lábios. Por mais rebelde e insensível que ela fosse, Juliana sentia-se reconfortada por sua presença. Ela era um pedaço de sua casa neste estranho mundo novo.

Um mundo cheio de irmãos e irmãs e regras e regulamentos e bailes e toucas e homens inacreditáveis e irritantes.

Homens para os quais não se mandavam bilhetes provocantes e convidativos no meio do dia, no papel de carta do irmão.

Ela fechou os olhos enquanto uma onda de vergonha a invadia.

Fora uma ideia ruim, do tipo que surgia num momento de triunfo, transformando todos os pensamentos em um golpe de gênio. Ela retornara ao seu quarto naquela manhã antes que o resto da Casa Ralston tivesse se levantado, bêbada de entusiasmo e poder por seu encontro com Leighton, felicíssima por ter abalado aquele homem enorme e impassível.

Ele a havia beijado.

E não fora nada parecido com os beijos brandos e afetados dos garotos que ela conhecera na Itália, roubados enquanto eles a levantavam provocantemente do navio mercante de seu pai para colocá-la no desembarcadouro de paralelepípedo. Não... aquele tinha sido o beijo de um homem.

O beijo de um homem que sabia o que queria.

Um homem que nunca tivera que pedir o que queria.

Ele tinha o mesmo gosto que tivera todos aqueles meses antes – de força e de poder, de algo tão insuportável quanto irresistível.

Paixão.

Ela o desafiara a descobrir a emoção, mas não estava, ela própria, preparada para descobri-la.

Fora preciso buscar toda a sua energia para montar em seu cavalo e deixá-lo ali, sozinho, na luz do começo da manhã.

Ela queria mais.

Como sempre queria quando se tratava dele.

E, ao voltar para casa, inebriada com o sucesso de sua primeira interação e com plena noção de tê-lo abalado em seu âmago, exatamente como havia prometido, ela não fora capaz de resistir a ostentar seu sucesso. Antes de Ralston acordar, ela se esgueirara para dentro de seu gabinete e escrevera um bilhete para Leighton; mais desafio do que convite.

Um vento vigoroso soprou pelo prado, fazendo marolas de crista branca atravessarem a superfície do lago. Carla protestou de modo pitoresco enquanto Juliana dava as costas à força brusca do vento, agarrando seu manto bem perto do corpo.

Não devia ter mandado o bilhete.

Juliana fez uma pedra quicar na água.

Fora uma ideia terrível.

E outra.

O que a levava a pensar que ele viria? Ele não era tolo.

E outra.

Por que ele não viera?

– Já chega, sua idiota. Ele não vem porque tem um cérebro dentro da cabeça. Diferente de você – resmungou em voz alta para si mesma.

Estava cansada de esperar por ele. O ar estava gelado e ela ia para casa. Imediatamente.

No dia seguinte ela pensaria em seu próximo plano de ação – de jeito nenhum ia desistir. E tinha uma semana e cinco dias para fazer tudo o que podia para derrotar aquele homem arrogante.

O fato de ele haver ignorado sua convocação só servira para estimulá-la ainda mais.

Com seu compromisso renovado, Juliana caminhou na direção da árvore onde sua acompanhante estava sentada.

– *Andiamo*. Vamos para casa.

– Ah, *finalmente* – disse a criada numa breve explosão de felicidade enquanto ficava de pé. – Achei que você nunca ia desistir.

Desistir.

A palavra a irritou. Ela não estava desistindo. Estava simplesmente se assegurando de que tinha todos os dedos das mãos e dos pés prontos para a próxima batalha.

Como se os elementos à sua volta tivessem sentido sua convicção, o vento soprou de novo, duro e zangado, e Juliana esticou a mão para segurar a touca no instante em que a coisa tola voou de sua cabeça. Com um gritinho, ela se virou para vê-la voar na direção do lago, dando cambalhotas pela água como uma das pedras que jogara antes. Ela aterrissou, inacreditavelmente, num ponto bem distante, ao lado de uma tora de madeira, as fitas compridas flutuando no lago frio e escuro, provocando-a.

Carla riu baixinho e Juliana fitou os olhos castanhos e cintilantes da criada.

– Você tem sorte de eu não mandá-la buscar.

Uma das sobancelhas escuras de Carla se ergueu.

– Acho divertida a sugestão de que eu faria tal coisa.

Juliana ignorou a observação impertinente e voltou sua atenção para a touca. Ela não permitiria que um artigo de chapelaria levasse a melhor sobre ela. *Alguma coisa* ia dar certo esta tarde.

Nem que ela tivesse que marchar para o meio do lago Serpentine para isso.

Retirando seu manto, Juliana dirigiu-se para a tora de madeira, subindo nela e abrindo bem os braços para se equilibrar e chegar até o adereço de cabeça malcomportado.

– *State attenta* – gritou Carla.

Juliana ignorou o pedido de cuidado, concentrada unicamente na touca. O vento começou a aumentar e ela ficou imóvel, esperando para ver se o chapéu seria soprado para longe.

O vento diminuiu.

A touca ficou.

Bom. Como sua cunhada Isabel diria, agora a coisa começa.

Juliana continuou em seu esforço para impedir que a touca fosse sacrificada aos deuses do Serpentine.

Só mais alguns metros.

Logo ela resgataria a touca e poderia ir para casa.

Quase lá.

Agachou-se devagar, mudando o equilíbrio do corpo e esticando a mão. As pontas de seus dedos tocaram uma ponta do cetim azul.

De repente, a touca foi soprada para longe da tora e, em um momento de frustração, Juliana esqueceu-se de sua posição precária e investiu.

As águas do Serpentine eram mais frias do que aparentavam.

E mais fundas.

Ela subiu cusbindo e praguejando como um estivador veronês, para a gargalhada estridente de Carla. De modo instintivo, ela rolou o corpo para ficar de frente para a margem, dando-se conta de que as saias estavam emaranhadas em suas pernas e puxavam-na para baixo.

Na confusão, ela chutou o pano e conseguiu por um breve instante vir à tona de novo, tentando respirar e sem entender direito o que estava acontecendo.

Algo estava errado.

Ela era uma exímia nadadora, por que não conseguia se manter na superfície?

Ela chutou mais uma vez, as pernas presas em uma massa de musselina e sarja, e percebeu que as saias pesadas a arrastavam, de fato, para baixo.

O pânico se instalou.

Ela esticou os braços mais uma vez, chutando loucamente em uma última e desesperada tentativa de respirar.

Em vão.

Seus pulmões estavam em chamas. Ela se esforçava para segurar o resto de seu ar precioso... ar que ela sabia que estava prestes a...

Ela exalou, o som das bolhas de ar subindo à superfície do lago, pontuando seu destino.

Vou me afogar.

As palavras flutuaram por sua cabeça, deixando-a estranhamente calma.

E então algo forte e quente agarrou sua mão, puxando-a... até ela poder...

Graças a Deus.

Ela podia respirar.

Ofegando, tossindo, cuspingo e tendo ânsias, Juliana concentrou-se apenas em respirar, enquanto era içada até seus pés tocarem o chão firme e abençoado.

Mas suas pernas não conseguiram mantê-la de pé.

Ela desabou sobre seu salvador, passando os braços em volta de um pescoço quente e sólido – uma rocha em um mar de incerteza.

Juliana levou alguns instantes para voltar à realidade: ouviu Carla se lamentando como uma avó siciliana da margem do lago, sentiu a mordida fria do vento no rosto e nos ombros, registrou o movimento de seu salvador segurando-a enquanto ela tremia de frio e de medo.

As mãos dele acariciaram as costas dela, sussurrando palavras suaves e calmas. Em italiano.

– Só respire... Eu a peguei... Você está em segurança agora... Está tudo bem.

E, de alguma forma, as palavras a convenceram. Ele a *pegara*. Ela *estava* em segurança. Tudo *ficaria* bem.

Ela sentiu o peito dele subir e descer junto ao dela, enquanto ele respirava fundo para se acalmar.

– Você está em segurança – repetiu ele. – Sua tolinha... – sussurrou num tom tranquilizador – ...eu a peguei. – As mãos dele acariciaram seus braços e costas. – O que diabo você estava fazendo dentro do lago? E se eu não estivesse aqui? Shh... Eu a peguei. *Sei al sicuro*. Você está em segurança.

Juliana levou um momento para reconhecer aquela voz e, quando reconheceu, voltou imediatamente sua atenção para ele, olhando-o com olhos límpidos pela primeira vez.

Sua respiração ficou presa na garganta.

Simon.

Desgrenhado e ensopado, o cabelo louro gotejando sem parar, ele parecia o oposto do duque composto e perfeito com o qual ela já se acostumara. Simon parecia encharcado, despenteado, ofegante...

E maravilhoso.

Ela disse a primeira coisa que lhe veio à cabeça.

– Você veio.

E me salvou.

– E parece que cheguei bem a tempo – replicou ele em italiano, entendendo que ela não estava pronta para o inglês.

Juliana foi tomada por um ataque de tosse e precisou agarrar-se a ele por alguns minutos. Quando conseguiu respirar de novo, fitou seus olhos cor de mel e sentiu seu olhar firme sobre ela.

Ele me salvou.

O pensamento fez um arrepio e um tremor percorrerem seu corpo, e isso o levou à ação.

– Você está com frio.

Ele a ergueu nos braços e carregou-a para fora da água até a beira do lago, onde Carla estava quase histérica.

A criada soltou uma enxurrada de palavras em italiano.

– *Madonna!* Achei que você tinha morrido! Que tinha se afogado! Gritei e gritei! Estava desesperada por ajuda! – berrou ela, virando-se para Simon e completando, ainda em italiano: – Eu amaldiçoo o fato de não saber nadar! Se pelo menos pudesse voltar à juventude e aprender! – E, olhando para Juliana, segurou-a junto ao peito e disse: – *Mia cara!* Se eu soubesse... nunca a teria deixado subir naquele tronco! Ora, aquilo é obviamente o carvalho do diabo! – Aí, voltando-se para Simon, falou: – Ah! Graças aos céus que o senhor estava aqui! – O fluxo de palavras parou abruptamente. – *Atrasado.*

Se Juliana não estivesse com tanto frio, teria rido do desdém com que a criada encerrara seu desabafo. Verdade, ele estava atrasado. Mas tinha vindo. E, se não tivesse...

Mas ele tinha.

Ela olhou-o de esguelha. Ele entendera a insinuação de Carla de que, se tivesse chegado na hora, tudo aquilo poderia ter sido evitado. Simon ficou imóvel, o rosto firme e sem emoção, como o de uma estátua romana.

Suas roupas estavam coladas no corpo – não havia tirado o casaco antes de entrar no lago, e as várias camadas que estava usando pareciam se misturar. De alguma forma, as vestes encharcadas o faziam parecer maior, mais perigoso, impassível. Ela observou uma gotinha d'água deslizar pela testa dele e desejou ardentemente removê-la.

Com os lábios.

Ela ignorou o pensamento, certa de que era o produto de seu encontro próximo com a morte e nada mais, e redirecionou seu olhar para a boca de Simon, uma linha firme e reta.

E imediatamente desejou beijá-la.

Um músculo se contorceu no canto dos lábios dele, um sinal de sua irritação.

Mais do que irritação.

Raiva.

Talvez fúria.

Juliana estremeceu e disse a si mesma que era por causa do vento e da água e não do homem que ali estava. Ela passou os braços em volta de si para afastar o frio e agradeceu baixinho a Carla quando a criada correu para pegar o manto que ela abandonara antes de sua aventura e o colocou sobre seus ombros. A peça de roupa não ajudou a combater o ar gélido nem o olhar frio com que Leighton a encarava, e ela estremeceu de novo, encolhendo-se dentro da sarja fina.

De todos os homens em toda a Londres, por que tivera que ser *ele* a salvá-la?

Ao voltar sua atenção para uma elevação próxima, ela viu um punhado de pessoas

amontoadas, olhando para eles. Juliana não conseguia discernir seus rostos, mas tinha certeza de que sabiam exatamente quem ela era.

Logo, logo, a cidade inteira saberia da história.

Ela foi inundada de emoções... De exaustão e medo e gratidão e vergonha e algo mais que se retorcia dentro dela e a fazia sentir como se pudesse vomitar em cima das botas anteriormente perfeitas, e agora destruídas, dele.

A única coisa que queria era ficar sozinha.

Fazendo um esforço mental para seu tremor diminuir, ela olhou nos olhos dele mais uma vez.

– O-obrigada, Vossa G-graça.

Estava bastante impressionada por conseguir, mesmo depois de quase ter morrido afogada, ser tão polida. E em inglês, ainda por cima. Levantou-se com a ajuda de Carla e disse as palavras que, desesperadamente, não queria dizer:

– Estou em dívida com o senhor.

Ela se virou e, pensando apenas em um banho quente e uma cama mais quente ainda, encaminhou-se para a entrada do parque.

As palavras dele, ditas num italiano perfeito, a fizeram parar abruptamente.

– Não me agradeça. Nunca na minha vida fiquei tão furioso.

SEIS



A água é para ferver e limpar, nunca para se divertir.

Damas refinadas tomam cuidado para não respingar durante o banho.

– UM TRATADO SOBRE A MAIS REQUINTADA DAS DAMAS

Ouvimos falar de descobertas emocionantes no nosso Serpentine...

– O JORNAL DO ESCÂNDALO, OUTUBRO DE 1823

Simon ignorou a rouquidão em seu tom, a raiva que ele mal conseguia conter.

A garota quase havia se matado e achava que isso havia *acabado*?

Ela muito provavelmente estava com frio, exausta e em alguma espécie de choque; mas estava mais confusa do que ele imaginava se acreditava que ele a deixaria correr para casa sem dar uma única explicação sobre seu comportamento descabido, irracional e ameaçador. Ele viu a combinação de medo e desespero no olhar dela. Ótimo. Talvez ela pensasse duas vezes antes de repetir os atos de hoje.

– Você não vai contar a Ralston, vai?

– É claro que vou contar a Ralston.

Ela deu um passo na direção dele, passando a falar em inglês. Era habilidosa em suplicar em seu segundo idioma.

– Mas por quê? Isso só vai chateá-lo. Sem necessidade.

Ele não acreditou no que ouviu.

– *Sem necessidade?* Pelo contrário, Srta. Fiori. O seu irmão *precisa* saber que você necessita de um acompanhante que a previna de agir de modo temerário.

Ela jogou as mãos para o alto.

– Eu não estava agindo de modo temerário!

Ela era louca.

– Ah, não? Como você descreveria isso?

Um silêncio caiu sobre os dois e Juliana considerou a pergunta. Ela mordiscou o canto do lábio inferior enquanto pensava. E, contra sua vontade, ele ficou atraído pelo

movimento. Observou a forma como seus lábios formavam um biquinho, notou a linha dos dentes branquíssimos enquanto ela mordia a carne cor-de-rosa macia. O desejo se manifestou forte e rápido, fazendo seu corpo se enrijecer com a emoção. Ele não a queria. Ela era uma louca.

Uma louca deslumbrante como uma deusa.

Ele limpou a garganta.

Mesmo assim.

– Foi um comportamento sensato.

O duque piscou.

– Você subiu em um tronco de árvore – disse ele, a irritação se acendendo de novo com as palavras.

Ela foi incapaz de desviar os olhos do tronco em questão.

– Ele parecia bem sólido.

– Você caiu dentro de um *lago* – acrescentou ele, ouvindo a fúria na própria voz.

– Eu não esperava que fosse tão fundo!

– Não, imagino que não.

Ela se agarrou à sua defesa.

– Quer dizer, ele pareceu diferente de qualquer outro lago que eu já tenha conhecido.

– Porque ele é diferente de qualquer outro lago que você já tenha conhecido.

Ela o fitou.

– É?

– Sim – explicou ele, quase incapaz de conter a irritação. – Não é um lago de verdade. É artificial.

Os olhos dela se arregalaram.

– Por quê?

Isso tinha importância?

– Como eu não havia nascido à época de sua formação, não posso arriscar um palpite.

– Pode contar com os *ingleses* para fabricarem um lago – comentou ela, olhando por cima do ombro para Carla, que riu em silêncio.

– E pode contar com os *italianos* para caírem dentro dele!

– Eu estava pegando a minha touca!

– Ah... isso torna tudo muito mais lógico. Você pelo menos sabe nadar?

– Se eu sei *nadar*? – perguntou ela; e ele sentiu certo prazer em ouvir seu tom ofendido. – Fui criada às margens do Ádige! Que por acaso é um rio de verdade.

– Impressionante – falou ele, nem um pouco impressionado. – E, diga-me, você alguma vez *nadou* nesse rio?

– É claro! Mas não estava usando – ela fez um gesto com a mão para indicar o vestido – dezesseis camadas de tecido!

- Por que não?
- Porque não se nada com dezesseis camadas de tecido!
- Não?
- Não!
- Por que não?

Ele a pegara.

- Porque você vai se afogar!

– Ah – disse ele, balançando-se para trás nos calcanhares. – Bem, pelo menos aprendemos alguma coisa hoje.

Os olhos de Juliana se estreitaram e ele teve a nítida impressão de que ela queria chutá-lo. Ótimo. Saber que ela estava furiosa fez com que ele se sentisse ligeiramente mais estável.

Meu Deus, ela quase se afogara.

Ele nunca ficara tão aterrorizado em toda a sua vida como quando – repreendendo-se por permitir que aquela italiana ardente e emotiva dirigisse sua tarde, sabendo que deveria estar em casa, vivendo sua vida ordeira – viu lá de cima o quadro horripilante que se descortinava abaixo: a criada gritando por socorro, as marolas inconfundíveis na superfície do lago e as ondulações de tecido cor de safira marcando o local onde Juliana estava afundando.

Ele tivera a certeza de que chegara tarde demais.

– Já disse – as palavras dela interromperam os pensamentos dele –, eu tinha bons motivos para ir até lá. Se não fosse pelo vento e por essas roupas pesadas, eu teria ficado bem.

E, como se para sublinhar seu argumento, o vento aumentou e os dentes dela começaram a bater. Ela passou os braços em torno do corpo e de repente pareceu tão... *pequena*. E frágil. O oposto do que ele costumava pensar sobre ela: uma pessoa brilhante e ousada e indestrutível. E, naquele momento, a raiva dele foi inteiramente dominada por um ímpeto básico e primitivo de envolvê-la em seus braços até que estivesse aquecida de novo.

O que, é claro, ele não podia fazer.

Eles tinham uma plateia – e a fofoca já seria grande o suficiente; ele não precisava botar mais lenha na fogueira.

O duque praguejou baixinho e o som se perdeu no vento enquanto ele andava na direção dela, incapaz de esperar para diminuir a distância entre eles. Tratou de protegê-la das rajadas frias.

Se pelo menos pudesse se proteger dela.

Quando ele falou, sabia que as palavras eram duras demais e que doeriam.

- Por que você tem que me testar constantemente?
- Eu me importo, sabe? Eu me importo com o que você pensa.
- Então por quê?

– Porque você espera que eu fracasse. Espera que eu erre. Que seja inconsequente. Que me arruíne.

– Por que não se esforçar para provar que estou errado?

– Mas você não vê? Eu *estou* provando que você está errado. Se eu *escolho* a inconsequência, onde está o fracasso? Se eu mesma escolho, você não pode botar a culpa em mim.

Houve uma longa pausa.

– Perversamente, isso faz sentido.

Ela deu um sorriso, pequeno e triste.

– Se ao menos eu quisesse que fosse assim.

As palavras se assentaram, e mil perguntas passaram pela cabeça dele antes que ela estremecesse em seus braços.

– Você está congelando.

Juliana o fitou e ele prendeu a respiração diante do brilho daqueles olhos azuis.

– C-como você não e-está?

Ele não estava com frio. Estava pegando fogo. As roupas dela estavam encharcadas e arruinadas, seu cabelo havia se soltado das presilhas e ela deveria estar parecendo uma criança desgrenhada. Mas, em vez disso, estava maravilhosa. As roupas haviam se moldado à sua silhueta, revelando as curvas exuberantes, a água apenas enfatizando seus traços deslumbrantes – maçãs do rosto salientes, cílios longos e espetados emoldurando enormes olhos azuis, pele de porcelana. Ele acompanhou uma gota d'água descendo pela curva do seu pescoço até a clavícula e sentiu um desejo intenso de sentir o gosto em sua língua.

Ela estava viva.

E ele a queria.

Felizmente ela estremeceu de novo antes que ele pudesse realizar o desejo inaceitável. Ele precisava levá-la para casa antes que ela pegasse uma pneumonia.

Ou antes que ele ficasse louco.

Ele se virou para a criada e perguntou em italiano:

– Vocês vieram de carruagem?

– Não, Vossa Graça.

– Será mais rápido se eu levar sua patroa para casa no meu cabriolé. Encontre-nos na Casa Ralston – ordenou ele, agarrando o cotovelo de Juliana e levando-a na direção de uma elevação próxima.

– Você s-simplesmente presume que ela seguirá suas ordens? – indagou Juliana, seu tom sugerindo que a ideia era ridícula.

Ele a ignorou e olhou direto nos olhos da criada.

– Sim, Vossa Graça – assentiu ela, fazendo uma reverência rápida e saindo apressada.

O duque voltou sua atenção para Juliana, que fechou a cara.

A irritação dela fez voltar um pouco da sensatez dele. E um pouco de sua raiva. Na

noite anterior e nesta manhã, o comportamento impulsivo dela havia arriscado sua reputação. Esta tarde, havia arriscado sua vida.

E ele não ia aceitar isso.

Andaram vários metros em silêncio antes de ele voltar a falar.

– Você poderia ter morrido.

Diante de sua breve hesitação, o duque achou que ela talvez fosse se desculpar. *Isso não seria inteiramente injustificado.*

Ele sentiu a tensão nos ombros dela, o aprumar de sua espinha.

– Mas não morri – declarou ela, tentando sorrir. Fracassou. – Doze vidas, lembra-se?

As palavras eram repletas de desafio – a ele, à natureza, ao destino em si. E, se não o tivessem deixado tão irado, ele poderia ter encontrado espaço para admirar sua força de espírito.

Em vez disso, ele queria sacudi-la.

E resistiu ao impulso. Por pouco.

Os dois chegaram ao cabriolé. Ele ergueu seu corpo trêmulo, colocou-a dentro do veículo e subiu ao lado dela.

– Vou estragar o seu assento.

Aquelas palavras, tão ridículas à luz de tudo que havia acontecido nos últimos minutos, o irritaram. Ao erguer as rédeas, ele parou e lhe dirigiu um olhar incrédulo.

– É espantoso que você seja capaz de se preocupar tanto com o meu estofamento e tão pouco com coisas de importância muito maior.

As sobancelhas escuras dela se arquearam de modo perfeito.

– Tais como?

– Tais como a sua pessoa.

Ela espirrou e ele praguejou.

– E agora você vai ficar doente se não se aquecer, sua maluca.

Ele esticou a mão para alcançar uma manta que estava atrás deles e a empurrou para ela.

Juliana pegou-a e se cobriu.

– Obrigada – disse antes de desviar os olhos e olhar para a frente.

O duque pôs o cabriolé em movimento após um longo instante, desejando ter sido menos enérgico. Mais cortês.

Mas não se sentia nem um pouco cortês. Não se sentia capaz de exibir cortesia.

Assim que deixaram Hyde Park, ela falou algo e ele mal pôde ouvi-la acima do som dos cascos contra os paralelepípedos.

– Não precisa falar comigo como se eu fosse incensada.

Ele não conseguiu resistir.

– Creio que quis dizer *insensata*.

Ela virou para o outro lado e ele ouviu, em meio ao vento, um xingamento em italiano. Após uma longa pausa, ela falou:

– Eu não *planejava* me afogar.

Havia irritação em sua voz e ele sentiu uma ligeira pontada de simpatia por ela. Talvez não devesse ser tão duro. Mas, que diabo, ele não conseguia parar.

– Com plano ou sem plano, se eu não tivesse aparecido, você teria se afogado.

– Você veio – disse ela simplesmente.

O duque se lembrou de que, enquanto cuspiam água e tremia de alívio nos momentos seguintes ao salvamento, ela havia sussurrado as mesmas palavras. *Você veio*.

Tentara não ir. Jogara fora seu bilhete inconsequente – a missiva inteligentemente disfarçada, que havia enganado a todos, fazendo-os pensar que o marquês de Ralston enviara a correspondência –, descartando-o em uma lata de lixo de seu gabinete.

Fingira que ele não estava ali enquanto lia o restante de sua correspondência.

E enquanto discutia uma série de assuntos com seu administrador.

E ainda enquanto abria o pacote enviado por sua mãe menos de uma hora depois de ela ter se retirado – o pacote que continha a safira dos Leightons, o anel de noivado usado por gerações de duquesas de Leighton.

Mesmo então, ao colocar o anel em cima da mesa, em plena vista, aquela folha de papel amassada o provocava, espalhando Juliana por toda a sua casa ordeira e disciplinada. Para todo lugar que olhava, via sua missiva, e ficara imaginando o que ela faria se ele não respondesse.

Supôs que ela não pensaria duas vezes em tomar uma atitude mais escandalosa – e, nesse momento, seus garranchos pretos e ousados foram substituídos por seus cachos negros e ousados e seus olhos azuis brilhantes. E eles haviam estado no quarto dele...

Ele mandara trazer sua carruagem e dirigira rápido demais para um homem que estava determinado a evitá-la.

E quase chegara tarde demais.

As mãos do duque forçaram as rédeas e os cavalos se mexeram inquietos. Ele se obrigou a relaxar.

– E você tem sorte por eu ter vindo. Quase não vim. Mandar um bilhete como aquele foi ao mesmo tempo insolente e infantil. – Ele não lhe deu tempo de responder, as palavras seguintes explodindo em uma onda de irritação: – O que deu em você para mergulhar em um lago gelado?

– Eu não *mergulhei* – observou ela. – Eu caí. Foi um erro. Suspeito que você nunca tenha cometido algum.

– Que trouxesse riscos à vida, não.

– Bem, não podemos ser todos tão perfeitos quanto você.

Ela tentava mudar de assunto, mas ele não estava disposto a permitir.

– Você não respondeu à pergunta.

– Havia uma investigação sob toda essa crítica? Não percebi.

O duque se viu reconfortado pelo ardor dela. Olhou-a de esguelha.

– O lago. Por que você estava lá, para começo de conversa?
– Já lhe disse. Segui a minha touca.
– A sua touca.
– Eu gosto da touca. Não queria perdê-la.
– Seu irmão lhe teria comprado uma nova. Eu lhe teria comprado *uma dúzia* se isso pudesse ter me impedido de...

Ele parou.

Quase vê-la morrer.

– Eu queria aquela – disse ela baixinho. – E sinto muito que tenha precisado me salvar... ou que tenha que substituir este estofado... ou comprar botas novas... ou qualquer outro problema que a minha situação lhe tenha causado.

– Eu não falei...

– Não, porque você é educado demais para terminar a frase. Mas era exatamente o que você *ia* dizer, certo? Que me compraria uma dúzia de toucas se isso pudesse ter impedido você de me ver metida em confusão. De novo.

Ela espirrou novamente.

E o som quase o matou.

Ele quase parou a carruagem, puxou-a para si e lhe deu a lição que ela merecia por provocá-lo... e então aterrorizá-lo.

Mas não o fez.

Em vez disso, parou a carruagem na frente da Casa Ralston com todo o decoro, apesar da raiva e da frustração que sentia.

– Agora chegamos – disse ela de modo impertinente –, e sua cansativa posição de salvador pode ser passada para outro.

Ele largou as rédeas e desceu da carruagem, mordendo a língua, recusando-se a corrigir a visão que ela tinha da situação; recusando-se a se permitir ser puxado ainda mais para dentro do turbilhão de emoções que esta mulher parecia gerar toda vez que se aproximava.

Na noite anterior, ela o rotulara de insensível.

A ideia parecia absolutamente risível hoje.

Quando ele foi retirá-la da carruagem, ela já havia descido sozinha e se dirigia para a porta. *Mulher obstinada.*

O duque cerrou os dentes quando ela se virou no último degrau e olhou para ele com a autoconfiança de uma rainha, apesar das roupas encharcadas e dos cabelos desgrehados.

– Sinto muito tê-lo *incomodado* tanto no seu dia perfeitamente planejado. Farei o possível para evitar fazer isso no futuro.

Ela achava que ele fora incomodado?

Ele sentiu muitas coisas naquela tarde, mas *incômodo* não era uma delas. A palavra

tépida não chegava nem perto do que ele sentira.

Irado, aterrorizado e completamente desequilibrado, sim. Mas nem de longe incomodado.

A tarde inteira sentiu vontade de bater em alguma coisa. Com força.

E ele imaginou que a conversa que estava prestes a ter com o irmão dela faria pouca coisa para combater tal impulso.

Mas estaria perdido se ela notasse isso.

– Faça isso – disse ele em tom autoritário enquanto começava a subir a escada atrás dela, rejeitando a ideia de deixá-la ali sozinha nos degraus da porta da frente e ir embora. Ele a acompanharia até ela entrar em casa. E só então se distanciaria dela o máximo possível. – Como eu lhe disse ontem, não tenho tempo para os seus jogos.



Simon estava ali. Na casa. Com seu irmão.

Já estava lá havia quase três quartos de hora.

E eles não a haviam chamado.

Juliana ficou andando de um lado para outro na biblioteca da Casa Ralston, as anáguas de suas saias cor de ametista chicoteando suas pernas.

Ela não podia acreditar que nenhum deles tivesse sequer considerado que ela poderia querer tomar parte na discussão sobre sua aventura da tarde. Com uma bufada de desprazer, foi até a janela da biblioteca, que tinha vista para Park Lane e para a escuridão de Hyde Park, mais além.

É claro que não a haviam chamado. Eram homens autoritários e irritantes, dois dos mais enervantes de toda a Europa.

Uma carruagem enorme estava parada do lado de fora da casa, as lanternas resplandecentes, esperando por seu dono. O brasão dos Leightons gravado na porta do gigantesco transporte preto, ostentando um falcão de aparência cruel, com penas em suas garras – espólios de guerra, sem dúvida.

Juliana traçou o brasão no vidro. Como era adequado que ele fosse representado por um falcão! Era perfeito. Um animal frio, solitário e brilhante.

Calculista e sem paixão.

Ele nem se importara com o fato de ela quase haver morrido, salvando-a com um planejamento frio e trazendo-a para casa sem parar um momento sequer para pensar sobre o que poderia ter sido uma verdadeira tragédia.

Isso não era de fato verdade.

Houve um instante no parque em que ele aparentou preocupação com seu bem-estar. Só um instante.

E então ele simplesmente pareceu querer se livrar dela.

E dos problemas que ela causava.

Depositando-a sem cerimônia no saguão da Casa Ralston e deixando-a para enfrentar seu irmão sozinha, ele dissera com toda a calma:

– Diga a Ralston que voltarei esta noite. Seco.

Ele havia voltado, claro – Leighton era bastante fiel à sua palavra –, e ela apostava que os dois homens estavam rindo à custa dela agora mesmo no gabinete de Ralston, bebendo conhaque ou uísque ou o que quer que homens aristocratas irritantes bebessem. A vontade de Juliana era despejar um tonel daquilo em cima da cabeça deles.

Baixou os olhos com contrariedade para o vestido. Ela o escolhera para *ele*, sabendo que ficava adorável de roxo. Ela queria que ele a visse. Que ele a notasse.

E não por causa da aposta.

Desta vez, queria que ele se arrependesse das coisas que havia dito a ela.

Não tenho tempo para os seus jogos.

Fora um jogo no começo – a carta, o convite descarado –, mas depois que ela caíra no lago e ele a salvara, qualquer brincadeira havia desaparecido junto com sua touca, perdida no fundo do Serpentine.

E quando ele a tomou em seus braços quentes e fortes e sussurrou palavras em italiano para ela... isso foi mais forte do que qualquer coisa que ela já tinha sentido antes.

Mas, então, ele a repreendera, frio e resoluto, como se o episódio inteiro tivesse sido uma colossal perda de tempo e energia.

Como se ela não fosse nada além de problemas.

E ela não sentira mais vontade de fazer joguinhos.

É claro que nunca lhe diria isso. Só serviria para botar um sorrisinho presunçoso no rosto dele e lhe dar a vantagem – como sempre. E ela não podia suportar fazer isso também.

Juliana decidira, portanto, esperar de modo paciente na biblioteca, resistindo ao ímpeto de correr para o gabinete de seu irmão e descobrir quanto do comportamento inconsequente dela Leighton havia relatado – e em que apuros ela se encontrava.

Lá embaixo, o cocheiro se moveu, pulando de seu assento e correndo para abrir a porta da carruagem para seu senhor. Ela sabia que devia se afastar da janela, mas aí Leighton apareceu, seus cachos dourados cintilando por um breve instante sob a luz da lanterna antes de desaparecerem debaixo de seu chapéu.

Ele parou diante da porta aberta e ela não conseguiu desviar o olhar; espiar era uma tentação irresistível. Ele se virou para falar com o cocheiro, aprumando os ombros contra o vento que rodopiava folhas vindas do parque perto de seus pés e chicoteavam seu sobretudo. Um homem inferior teria demonstrado algum tipo de reação a uma rajada tão violenta – um retraimento, uma careta –, mas não o grande duque de Leighton. Nem mesmo a natureza podia afastá-lo de seu curso.

Ela observou o movimento de seus lábios enquanto ele falava e ficou imaginando o

que dizia e aonde estava indo. Ela se inclinou para a frente, sua testa quase tocando o vidro matizado, como se fosse conseguir ouvi-lo se estivesse um pouco mais perto.

O cocheiro assentiu uma vez e abaixou a cabeça, dando um passo para trás para segurar a porta.

Ele estava indo embora.

O duque não precisava de um degrau para ajudá-lo a entrar em sua grande carruagem preta; ele era grande e forte o suficiente para fazê-lo sem necessitar de um. E ela ficou olhando atenta enquanto ele esticava a mão para a alça para se erguer, desejando que, só uma vez, ele errasse o alvo, ou tropeçasse, ou parecesse um pouco menos do que sempre parecia – perfeito.

Ele fez uma pausa e ela prendeu a respiração. Talvez a ação não fosse tão fácil como pensara. Ele virou a cabeça. E olhou direto para ela.

Juliana arfou e se afastou imediatamente da janela, a vergonha tomando-a por ter sido pega, seguida pela irritação por ter se sentido envergonhada.

Era *ele* quem devia estar envergonhado, não ela.

Fora *ele* quem a insultara naquela tarde, fora *ele* quem viera conversar com seu irmão naquela noite e não pedira para vê-la ou falar com ela.

Ela podia ter adoecido. Ele não se preocupava com seu bem-estar?

Aparentemente, não.

Juliana não deixaria que ele a afugentasse. Era a casa dela, afinal de contas. Ela tinha todo o direito de olhar *para fora*. Olhar *para dentro* das janelas é que era uma grosseria.

E, além disso, tinha uma aposta para ganhar.

Respirando fundo, ela voltou para a janela.

Ele ainda estava olhando para ela.

Quando ela fitou seus olhos calorosos cor de âmbar, brilhando sob a luz da casa, ele ergueu uma sobrancelha loura arrogante, como se para reivindicar vitória em sua batalha silenciosa.

A resistência incendiou-a, quente e poderosa. *Ela não permitiria que ele ganhasse.*

Ela cruzou os braços sobre o peito, de um modo bastante impróprio para uma dama, e ergueu a própria sobrancelha, esperando surpreendê-lo, preparada para ficar ali a noite toda, até ele ceder.

Não foi surpresa o que ela encontrou quando baixou os olhos para ele, no entanto. Algo se iluminou nas linhas firmes e angulosas do rosto do duque ao encará-la – algo vagamente parecido com humor –, antes de se virar e, com precisão perfeita, içar-se para dentro de sua carruagem.

Ela não vacilou enquanto o cocheiro fechava a porta, escondendo o duque de sua visão. Esperava secretamente que ele a estivesse observando de detrás das janelas escuras do transporte enquanto ela soltava uma longa gargalhada.

Quer ele tivesse permitido ou não, ela ganhara.

E a sensação era maravilhosa.

– Juliana? Posso entrar?

Sua gargalhada foi interrompida de forma abrupta quando sua cunhada entrou, a cabeça surgindo pelo vão antes da porta se abrir por completo. Juliana se voltou para sua visita, relaxando os braços e sentando-se no banco abaixo da janela.

– É claro. Eu estava... – explicou ela, fazendo um gesto com a mão no ar. – Não tem importância. O que foi?

Callie se aproximou, um meio sorriso no rosto, para se juntar à Juliana.

– Vim para confirmar se está se sentindo bem, e parece que você está recuperada de sua aventura. Estou tão feliz que esteja a salvo – disse ela, pegando na mão de Juliana. – Nunca pensei que fosse dizer isso, mas graças a Deus pelo duque de Leighton.

Juliana não deixou de perceber a secura no tom de sua cunhada.

– Você não gosta dele.

– Do duque? – Callie sentou-se ao lado da cunhada, os olhos se fechando. – Eu não o conheço. Não de verdade.

Juliana reconheceu a evasiva.

– Mas...?

Callie considerou suas palavras por um longo instante antes de falar.

– Eu diria que ele, assim como a mãe, sempre pareceu arrogante, autoritário e impassível de uma forma que o faz parecer indiferente. Pelo que sei, ele só tem interesse em uma coisa: a própria reputação. Nunca gostei de pessoas com opiniões tão rígidas. – Ela fez uma pausa e então confessou: – Não. Eu não gostava dele, até hoje. Agora que a salvou, acho que vou ter que reavaliar minha opinião sobre o duque.

O coração de Juliana bateu forte conforme ela considerava as palavras de sua cunhada.

Ele só tem interesse em uma coisa: a própria reputação.

– Acho que vou dar um jantar. – O pronunciamento foi recebido com silêncio, até Callie instigar: – Gostaria de saber *por que* vou dar um jantar?

Juliana foi puxada de seus pensamentos.

– Você precisa de um motivo, além de estarmos em Londres e de termos uma sala de jantar que você deseja encher de convidados?

– Vai me pagar por essas palavras. – Callie riu, fitando a cunhada. – Acho que devemos agradecer ao duque por tê-la salvo. E, se expandirmos a lista de convidados para incluir um punhado de cavalheiros disponíveis...

Juliana gemeu, vendo os planos de sua cunhada.

– Ah, Callie, por favor... será constrangedor.

Callie fez um gesto com a mão.

– Bobagem. A história deve estar correndo por toda a Londres neste exato momento. Se temos que suavizar quaisquer exageros, precisamos tomar posse da verdade. Além do mais, acho importante mostrarmos um pouquinho de gratidão por sua vida, não acha?

– Temos que fazer isso na frente de metade de Londres?

Callie riu.

– “Metade de Londres”; francamente, Juliana. Não mais do que doze convidados.

Juliana conhecia a cunhada bem o bastante para entender que não havia sentido em discutir.

– Como benefício adicional, não fará mal ter o duque de Leighton do nosso lado, sabe? Sua amizade só pode nos tornar mais atraentes para outros homens como ele.

– E se eu não quiser atrair outros homens?

Callie sorriu.

– Está dizendo que quer atrair o duque?

Era uma falta de compreensão deliberada, Juliana sabia. Mas ela se sentiu corar mesmo assim. Esperando escapar da percepção da cunhada, ela lhe deu um olhar resignado.

– Não.

Callie respirou fundo.

– Juliana, não é como se estivéssemos planejando forçá-la ao casamento, mas não faria mal você conhecer um ou dois homens. Que você goste. Cujas companhias aprecie.

Juliana ainda tentou fazer a cunhada desistir da ideia.

– Você vem tentando isso há meses. Em vão.

– Em algum momento, você vai conhecer alguém por quem se sinta atraída.

– Talvez. Mas ele provavelmente não se sentirá atraído por mim.

Ele provavelmente vai me achar problemática.

– É claro que ele vai se sentir atraído. Você é linda e divertida e maravilhosa. Vou convidar Benedick também.

O conde de Allendale era o irmão mais velho de Callie. Juliana demonstrou sua surpresa.

– Por que diz isso dessa maneira?

O jeito de Callie era alegre demais.

– Nenhum motivo. Você não gosta dele?

– Gosto... – Os olhos de Juliana se estreitaram. – Callie, por favor, não banque a casamenteira. Não sirvo para homens como Benedick. E para nenhum dos outros também.

– Não estou bancando a casamenteira! – O protesto soou alto. E falso. – Só achei que você gostaria de um rosto familiar. Ou dois.

– Suponho que isso não seria tão ruim.

Callie ficou preocupada.

– Juliana, alguém foi rude?

Ela balançou a cabeça.

– Não. Todos são muito educados. E amáveis. Impecavelmente britânicos. Mas eles também deixam bem claro que eu não sou... o que procuram. Em uma companheira.

– Em uma *esposa* – corrigiu Callie de forma rápida. – Uma companheira é algo bem diferente.

Companheira talvez fosse o exato papel que toda a Londres – à exceção de sua família – esperava que ela assumisse. Eles a consideravam um escândalo grande demais para ser uma esposa. E Juliana não gostava da palavra, de qualquer modo. Ela balançou a cabeça.

– Callie, eu disse desde o começo... desde o dia em que cheguei à Inglaterra... casamento não é para mim.

E não era.

– Bobagem – falou Callie, rejeitando a ideia. – Por que você pensaria algo assim?

Porque a filha da marquesa de Ralston não é, na verdade, a esposa com a qual todo homem sonha.

É claro que não podia dizer aquilo.

Foi salva de ter que responder pela porta da biblioteca, que se abriu.

Ralston entrou, seus olhos encontrando-as no banco sob a janela, e Juliana observou-o fitar a esposa, seus traços se suavizando, seu amor óbvio.

Ela não negava que seria maravilhoso ter algo assim.

Mas não perdia tempo esperando por isso.

Ralston se aproximou, pegando a mão de Callie na sua, erguendo os dedos até seus lábios para um beijo breve.

– Eu estava procurando por você – e virando-se para Juliana: – Por vocês duas.

Callie olhou para Ralston.

– Diga à sua irmã que ela é linda.

Ele pareceu surpreso.

– É claro que ela é linda. Se fosse um pouquinho mais alta, seria perfeita.

Juliana riu da piada boba. Ela era mais alta do que metade dos homens de Londres.

– Uma reclamação comum.

– Gabriel, estou falando sério. – Callie não ia deixar nenhum dos dois irmãos escapar.

– Ela acha que não pode arrumar um marido.

As sobrancelhas do irmão se entrelaçaram.

– Por que não? – perguntou ele à esposa.

– Eu não sei! Porque a teimosia corre no sangue de vocês?

Ele fingiu considerar a declaração.

– É possível. Também não tenho certeza de que eu poderia arrumar um marido.

Juliana deu um sorriso largo.

– É porque você é alto demais.

Ralston disfarçou um sorriso.

– Muito provavelmente.

Callie soltou um sonzinho exasperado.

– Vocês são impossíveis! Tenho um jantar para supervisionar. Você – disse ela

apontando o dedo para o marido e depois para Juliana –, ponha algum bom senso na cabeça dela.

Quando a porta se fechou atrás de Callie, Ralston voltou-se para Juliana.

– Por favor, não me faça discutir isso.

Ele balançou a cabeça.

– Saiba que ela vai ser inflexível a respeito dessa questão. Você vai ter que arrumar um motivo excelente para não querer se casar, ou vai ter essa conversa pelo resto da sua vida.

– Eu tenho um bom motivo.

– Sem dúvida você acha que tem.

Ela fechou a cara diante da insinuação de que não tinha *realmente* um bom motivo para não se casar.

– Vai ficar feliz em saber que eu decidi não trancá-la no sótão pelo resto dos seus dias para impedi-la de ter mais aventuras – disse ele, mudando de assunto. – Mas você não está longe de tal destino. Tenha cuidado, Juliana. – A covinha dele apareceu. – Descobri que gosto bastante de ter uma irmã.

As palavras dele a reconfortaram. Ela gostava bastante de ter um irmão.

– Eu não tenho a intenção de causar problemas.

Ele ergueu uma sobrancelha.

– Não o tempo *todo*. Não esta tarde – declarou ela.

Bem, ela pretendia criar problema. Mas não algo grave, sobre o qual ele devesse tomar conhecimento.

– Não do tipo que termina no fundo de um lago – concluiu ela.

Ele andou até um aparador, serviu-se de uísque e sentou-se perto da lareira, indicando que ela devia se juntar a ele.

Quando ela se sentou na poltrona diante do irmão, ele disse:

– Não, você pretende causar o tipo de problema que termina perturbando metade da sociedade londrina.

Ela abriu a boca para contestar o argumento, mas o marquês continuou mesmo assim.

– Não adianta dizer que não, Juliana. Você acha que são apenas o cabelo escuro e os olhos azuis que nos tornam irmãos? Acha que não sei como é tê-los observando cada passo que dá? Tê-los esperando que você prove ser exatamente quem eles esperam que você seja?

Houve uma longa pausa.

– É diferente.

– Não é, não.

– Eles não achavam que você seria como ela.

Ele não se fez de desentendido.

– Você não é nada parecida com ela.

Como ele podia saber disso?

Ele se curvou para a frente, os cotovelos nos joelhos, os olhos azuis resolutos.

– Eu sei do que estou falando. Sei como ela era. Indiferente. Desinteressada. Ela fez do marido um corno. Ela abandonou os filhos... duas vezes. Isso não é você.

Juliana queria acreditar nele.

– Ela também era um escândalo.

Ele deu um risinho.

– Não é a mesma coisa. Você é impulsiva e emocionante e adorável. Sim. Você é voluntariosa e irritante como o diabo quando quer, mas não é um escândalo.

Ela estivera em Hyde Park naquela manhã. Estivera na sacada na noite anterior. Se Ralston soubesse que ela havia apostado duas semanas de paixão com o duque, ele teria uma síncope.

Sim, ela era um escândalo.

Seu irmão simplesmente não sabia.

– Eu caí dentro do Serpentine hoje.

– É, isso não costuma acontecer às mulheres em Londres. Mas não é tanto um escândalo quanto um desafio. E se você parasse de quase morrer... – ele deixou a frase sumir, e o silêncio se estendeu entre eles. – Ela era um verdadeiro escândalo, minha irmã. Do tipo do qual as famílias não se recuperam. Você não é como ela. Nem um pouco.

– Leighton acha que sou.

Os olhos de Ralston escureceram.

– Leighton a comparou à nossa mãe?

Ela balançou a cabeça.

– Não com essas palavras. Mas ele acha que sou um perigo para as reputações à minha volta.

Ralston fez um gesto com a mão, rejeitando a ideia.

– Primeiro, Leighton é um imbecil; sempre foi, desde que usávamos calças curtas. – Juliana não pôde conter uma risadinha e Ralston gostou de ouvir aquele som. – Segundo, ele é, e sempre foi, conservador demais. Terceiro – ele deu um sorriso enviesado –, já sofri inumeráveis golpes à minha reputação e mesmo assim ainda somos convidados para as festas, não somos?

– Talvez todos só estejam esperando que causemos uma cena.

Ele se recostou em sua poltrona.

– É possível.

– Por que ele é tão cauteloso?

Ela falou sem pensar e se arrependeu imediatamente da pergunta. Não queria que Ralston percebesse seu interesse pelo duque.

Não que fosse mais do que um interesse passageiro.

Nem um pouco.

Ralston pareceu não perceber.

– Quando éramos garotos ele já se comportava assim. Na escola, não conseguia dizer uma frase sem mencionar que era herdeiro de um ducado. Rígido e dedicado ao título. Sempre achei seu comportamento ridículo. Para que assumir as responsabilidades de um título se não está disposto a usufruir dos benefícios?

Ele olhou nos olhos dela, honestamente desconcertado com a ideia de se sentir responsável por um título, e Juliana não pôde deixar de dar um sorriso largo. Seu irmão tinha um libertino dentro de si. Um libertino domado, agora que era casado, mas mesmo assim um libertino.

Um silêncio caiu sobre eles e Juliana teve que morder a língua para não pressionar o irmão a falar mais.

– Callie quer convidá-lo para jantar. Para agradecer a ele. Publicamente.

Ele pensou por um momento.

– Isso parece bem lógico.

– Junto com meia dúzia de outros solteiros disponíveis.

Ele lhe deu um olhar solidário.

– Você não acredita que possa demovê-la dessa ideia, não é?

– Não, suponho que não. – Juliana fez uma pausa. – Ela acha que a proximidade com o duque vai ajudar a minha reputação.

– Ela provavelmente está certa. Não posso dizer que gosto do homem, mas ele tem certa influência sobre a sociedade – um dos cantos da boca de Ralston se elevou em um meio sorriso. – Um traço que nunca fui capaz de reivindicar.

Por um momento os dois ficaram em silêncio, perdidos em seus pensamentos. Finalmente, Ralston falou:

– Não vou fingir que a opinião deles não é importante, Juliana. Eu queria muito que não importasse, mas, na verdade, importa. No entanto, eu lhe juro: você não é nada como ela.

Ela fechou os olhos ao ouvir suas palavras.

– Eu quero acreditar em você.

– Mas se pega acreditando neles.

Os olhos dela se arregalaram. Como é que ele sabia disso?

Um sorriso enviesado cruzou o rosto de Ralston.

– Você se esquece, irmã, de que já estive na sua posição. Eu quis mostrar que estava acima deles, mas o tempo todo temia ser exatamente o que eles pensavam que eu era.

Era isso. Era assim que ela se sentia.

– É diferente para você – disse Juliana, e ela odiou o desagrado em sua voz.

Ele deu um gole na bebida.

– É. Agora.

Porque ele era o marquês.

Porque ele era inglês.

Porque ele era homem.

– Porque você é um deles.

– Morda a sua língua! – falou ele. – Que insulto!

Ela não achou engraçado. Achou irritante.

– Ah, Juliana. É diferente para mim porque agora sei o que é ter alguém que espera que eu seja mais do que sou. Agora sei o que é *querer* ser mais.

O significado das palavras foi compreendido.

– Callie.

Ele assentiu.

– Não me concentro mais em satisfazer as expectativas deles porque estou concentrado demais em superar as dela.

Ela não pôde deixar de sorrir.

– O malicioso marquês de Ralston, libertino inveterado, derrotado pelo amor.

Ele olhou nos olhos dela, todo sério.

– Não estou dizendo que deva se casar, Juliana. Pelo contrário, se preferir uma vida sem casamento, Deus sabe que você tem dinheiro suficiente para vivê-la. Mas tem que se perguntar como acha que sua vida deve ser.

Juliana abriu a boca para responder ao irmão, apenas para perceber que não tinha uma resposta para dar. Ela nunca pensara muito nisso – não desde que seu pai morrera e tudo mudara. Na Itália, casamento e família não estavam fora de questão, embora ela jamais tivesse considerado de verdade a hipótese. Mas, aqui, na Inglaterra...

Quem iria querê-la?

Sem ter consciência dos pensamentos dela, Ralston se levantou, encerrando a conversa com uma reflexão final.

– Nunca pensei que diria isso, mas o amor não é tão ruim quanto achei que seria. Se acontecer para você, espero que não o rejeite de cara.

Ela balançou a cabeça.

– Espero que não aconteça para mim.

Um sorriso surgiu em seu rosto.

– Já ouvi isso antes, sabe? Eu disse... Nick disse... Mas, considere-se avisada: os St. John não parecem capazes de evitá-lo.

Mas eu não sou uma St. John. Não realmente.

Ela não pronunciou as palavras.

Ela gostava da ilusão.

SETE



O divertimento é expresso em sorrisos delicados.

A risada é grosseira demais para a dama elegante.

– UM TRATADO SOBRE A MAIS REQUINTADA DAS DAMAS

A antiga pergunta foi respondida: na batalha, o mármore supera o ouro.

– O JORNAL DO ESCÂNDALO, OUTUBRO DE 1823

Juliana debruçou-se na amurada do camarote do duque de Rivington no Teatro Royale, observando a multidão de seda e cetim abaixo. Metade da aristocracia parecia ter comparecido a esta apresentação especial de *A dama de Livorno*, e a outra metade certamente estava irritada por não ter conseguido um ingresso.

– Minha nossa! – exclamou Mariana, juntando-se a Juliana para avaliar o panorama que se estendia diante delas. – Achei que o outono era para casas de campo e viagens de caça!

– Bem, quem quer que tenha decretado tal coisa aparentemente se esqueceu de contar à sociedade de Londres este ano.

E então Mariana questionou:

– É isso que acontece quando o Parlamento se reúne em sessões especiais. Nós enlouquecemos com o ar de outono. Aquilo no cabelo de lady Davis é *trigo*?

Ela levantou seu binóculo de ópera e inspecionou o penteado infeliz com um balanço de cabeça, examinando o restante dos camarotes antes do espetáculo começar e ela ser forçada a fingir que se importava menos com a plateia do que com a companhia de atores.

– Ah... Densmore está aqui com uma mulher que nunca vi antes. Pode-se presumir que seja uma rameira.

– Mari! – repreendeu Juliana, que, mesmo não estando há muito tempo em Londres, sabia que falar sobre cortesãs não era uma conversa apropriada para o teatro.

Mariana olhou para cima, os olhos cintilando.

– Ora, é verdade!

– O que é verdade? – perguntou o duque de Rivington, abrindo caminho pela multidão de visitantes e acariciando com ternura o braço de sua esposa.

Juliana sentiu uma pontada de inveja do carinho distraído e natural. Mariana virou-se para seu duque com um sorriso radiante e alegre.

– Eu só estava dizendo que Densmore deve estar aqui com uma dama da noite. Eu nunca a vi antes.

Rivington estava acostumado com a ousadia de sua esposa e, em vez de repreendê-la, procurou o camarote de Densmore, dando uma longa olhada na acompanhante do visconde.

– Acho que você pode estar certa, querida.

– Viu? – Mariana quase se pavoneou de satisfação. – Sou uma excelente juíza de caráter.

– Ou isso ou está se tornando uma excelente fofoqueira – falou Juliana com ironia.

Rivington riu alto.

– Venha cumprimentar lady Allen, por favor. Preciso que a entretenha um pouco enquanto discuto um assunto com seu marido.

Mariana olhou por cima do ombro de Rivington para o casal em questão, uma dupla de aparência bastante séria, ambos com lábios franzidos e rostos infelizes. Revirando os olhos, ela entregou seu binóculo de ópera para Juliana.

– Veja o que mais consegue descobrir enquanto não estou aqui. Espero um relatório completo quando voltar.

Ela se foi então, em meio ao mar de gente, para cumprir seu dever como esposa de um dos homens mais venerados do reino. Juliana ficou olhando deslumbrada enquanto a amiga se aproximava da baronesa e travava uma conversa com a mulher. Em instantes, lady Allen sorria para Mariana, obviamente satisfeita com sua companhia.

Por mais que as pessoas falassem do casamento de Mariana como algo raro – uma união por amor –, era inegável que o relacionamento era tanto uma brilhante parceria política quanto um romance. Mariana era a melhor das esposas ducais; o fato de seu duque ser louco por ela era uma coincidência feliz.

Amor duradouro não era algo com que Juliana estivesse familiarizada. Ela era fruto de uma união criada a partir de uma paixão passageira. A história que Juliana conhecia era que sua mãe havia enfeitiçado seu pai e abandonara a ambos quando se cansara da vida doméstica. O pai de Juliana não tornou a se casar, apesar das várias oportunidades que teve para fazer isso – ela sempre achou que ele havia feito a escolha mais sensata. Afinal de contas, por que arriscar o amor de novo quando a experiência mostrava que tal comportamento terminaria em dor, raiva e perda?

Nos últimos meses, ela passara a ver que o amor não era um mito – ela testemunhara, com alegria, seus meios-irmãos o encontrarem. O amor de Gabriel e Callie havia desabrochado quando Juliana chegara à Inglaterra, e ela acompanhou os dois resistirem

– inutilmente. Quando sucumbiram ao sentimento, toda a Londres ficara surpresa e Juliana torcera apenas para que o amor *deles* não terminasse em tristeza. Em meses, Nick encontrara sua Isabel, e era impossível negar quanto eram devotados um ao outro.

Mas todo amor começava desse jeito – ardente, apaixonado e dedicado. O que acontecia quando o fogo diminuía e a devoção se tornava cansativa?

Ela ficou olhando Callie se esticar para sussurrar algo no ouvido de Ralston, do outro lado do camarote. Seu irmão sorriu largo – algo que ele raramente fazia quando Juliana chegara, na primavera –, colocando a mão na curva das costas da esposa e inclinando-se para responder.

Pelo rubor que se espalhou pela face de Callie, Juliana imaginou que as palavras de seu irmão não eram apropriadas para o teatro.

Juliana se sentiu um tanto incomodada... E, se pensasse bem, aquele incômodo poderia ser identificado como inveja.

Mas ela sabia que não devia sentir inveja do amor deles. Era uma emoção vaga e efêmera que, em meses – anos, tendo sorte –, iria acabar sumindo.

E aí?

Não, Juliana não queria amor.

Mas paixão... do tipo que fazia seu irmão dizer coisas maliciosas para a esposa no teatro... isso era uma coisa inteiramente diferente.

Ela não se incomodaria de ter isso.

Ela relembrou a manhã, dois dias antes, em Hyde Park, quando o duque de Leighton pulara de seu cavalo, os olhos faiscando de raiva e frustração, e a beijara. Profundamente.

Com paixão.

E ele a fizera desejar, o maldito.

Ela desejava aquilo de que ele lhe dera uma prova.

Desejo. Luxúria. Sensualidade. Até o conflito era atraente.

Mas não ele.

Ela se recusava a desejá-lo.

Juliana levantou o binóculo e examinou o teatro, procurando algo que servisse para distraí-la. Num camarote distante, o visconde de Densmore olhava de forma lasciva para o corpete amplamente cheio e alarmantemente decotado de sua acompanhante – tudo levava a crer que Mari estava certa a respeito dela. Alguns metros adiante, lady Davis e lady Sparrow pareciam prestes a cair de seu camarote conforme torciam os pescoços na direção de algum ponto específico, antes de se esconderem atrás de seus leques esvoaçantes, segurados na posição universal para conversas escandalosas. Embora Juliana não gostasse das duas mulheres horríveis, tinha que admitir que elas eram excelentes fofoqueiras.

Quando descobriu o motivo de seus sussurros frenéticos, ela jurou nunca mais fazer fofoca.

Ali, em um camarote próximo, estavam o duque de Leighton e a uva, em uma

conversa baixa e particular. Bem à vista de metade de Londres.

A vários metros de distância do casal perfeito e composto, completando o retrato da felicidade aristocrática – e muito provavelmente fazendo o resto do teatro ter convulsões de entusiasmo com o que devia ser um sinal de casamento iminente –, estavam a duquesa de Leighton, uma senhora gorducha e um cavalheiro corpulento que Juliana imaginou serem os pais da uva.

Lady Penélope.

Era melhor começar a pensar nela como lady Penélope.

Por quê? Logo, logo ela vai ser a duquesa de Leighton.

Ela ignorou a onda de desgosto que a inundou com aquele pensamento.

O que lhe importava com quem ele ia se casar?

Ela não se importava.

Por que se importaria de ele ter escolhido alguém que tinha tudo o que Juliana não tinha?

Ela *não* se importava.

Não? Então por que não largava o binóculo?

Juliana podia largar o binóculo no momento que quisesse.

E *pretendia* largar o binóculo.

Ele ergueu os olhos e olhou diretamente para ela.

Se o binóculo estivesse pegando fogo, ela não o teria largado com tanta rapidez.

Ou com menos cuidado.

O binóculo bateu na balaustrada de mármore com um estalido seco e uma parte dele caiu no chão acarpetado.

O camarote ficou terrivelmente silencioso de repente, conforme as pessoas se viravam para verificar a origem daquele som e encontravam Juliana boquiaberta, olhando para o longo cabo de laca que continuava em sua mão.

Uma onda de vergonha se apossou dela, que tomou a primeira rota de fuga, caindo de joelhos no chão do camarote escuro para recuperar o binóculo que... o diabo que o carregue... devia ter ido parar debaixo de uma cadeira, pois não estava em lugar algum onde a vista alcançasse.

Procurando cegamente debaixo das cadeiras, Juliana levou um momento para perceber que, ao se arrastar pelo chão do camarote do duque de Rivington, ela acabara de transformar uma situação ruim em uma *muito* pior. Lady Sparrow e lady Davis muito provavelmente estavam olhando para *ela* agora, esperando para ver como se sairia daquela situação mortificante.

E Juliana não conseguiu deixar de pensar *nele*.

Certamente ele vira tudo. E podia imaginá-lo levantando uma sobrancelha dourada e arrogante na direção dela, como se para dizer *Graças a Deus é Ralston quem tem que lidar com você e não eu*.

Ela praguejou baixinho, certa de que algumas palavras feias em italiano não poderiam piorar as circunstâncias em que se encontrava.

Seus dedos roçaram em algo frio e liso, e ela agarrou o binóculo. Levantou a cabeça e deparou com as canelas do irmão de Callie, o conde de Allendale. Cavalheiro do mais alto calibre, Benedick certamente estava ali para ajudá-la a se levantar.

Ela não estava pronta.

Ele pareceu sentir isso e, então, agachou-se ao lado dela.

– Devo fingir que estou ajudando a procurar, até que você esteja pronta para enfrentá-los? – sussurrou ele, e o divertimento despreocupado em seu tom de voz fez com que a pulsação dela se acalmasse.

Juliana fitou os límpidos olhos castanhos dele, tão parecidos com os de Callie, e também sussurrou:

– Acha que posso ficar aqui, milorde?

– Por quanto tempo?

– Para sempre é tempo demais?

Ele fingiu considerar a pergunta.

– Bem, como cavalheiro, eu teria que permanecer ao seu lado... e eu *esperava* ver o espetáculo – provocou ele. Quando ela sorriu, ele lhe ofereceu a mão e um conselho: – Continue sorrindo. Se virem que está envergonhada, você vai se odiar por isso.

Respirando fundo, ela permitiu que ele a colocasse de pé. Podia sentir centenas de olhos sobre si, mas evitou olhar.

Ela se recusou a verificar se alguns daqueles pares de olhos pertenciam ao duque arrogante. Através de seu sorriso forçado, ela perguntou:

– Eu fiz uma cena, não foi?

Um dos cantos da boca de lorde Allendale se elevou, divertido.

– Sim. Mas é um teatro. Então reconforte-se com o fato de que você não é a primeira a fazer isso aqui.

– A primeira a fazer isso tão longe do palco, no entanto.

Ele se inclinou para perto, como se para lhe contar um segredo.

– Bobagem. Certa vez vi uma viscondessa perder a peruca porque se inclinara demais sobre a amurada – contou ele, fingindo um estremecimento. – Horripilante.

Ela riu, o som em sua voz exibindo partes iguais de divertimento e alívio. Benedick era lindo, charmoso e tão mais gentil do que...

Do que ninguém.

– Primeiro o Serpentine e agora isso.

– Ao que parece, você é uma aventureira – provocou ele. – Pelo menos, neste caso, você não está em perigo.

– É mesmo? Por que parece muito mais apavorante?

Benedick sorriu para ela.

– Gostaria de fazer uma reverência?

Os olhos dela se arregalaram.

– Eu não poderia!

– Não?

– Isso seria...

– Com certeza, tornaria a noite muito mais interessante.

E Leighton odiaria.

O pensamento a fez sorrir. Um sorriso de verdade.

Ela balançou a cabeça.

– Acho que já causei confusão suficiente para uma noite – falou ela para o conde, virando-se para encarar o restante do camarote. Ela ergueu o binóculo de modo triunfante, anunciando: – Encontrei!

Mariana riu, batendo palmas duas vezes em um sinal de que estava achando muito divertido. O sorriso afetado de Ralston indicava que sua irritação com a cena fora superada pelo orgulho de ver que a irmã não se acovardara diante da aristocracia ao redor. Seu irmão nunca ligara muito para a sociedade, e Juliana era muito grata por isso.

Quanto aos outros ocupantes do camarote, pareciam estar tentando se lembrar da etiqueta adequada para o momento em que a irmã de um marquês reaparece depois de passar tempo demais no chão de um camarote de teatro – não que Juliana acreditasse que havia uma quantidade de tempo apropriada para passar no chão de um camarote... As luzes do teatro começaram a diminuir e estava na hora do *verdadeiro* espetáculo começar.

Graças a Deus.

Juliana logo estava sentada na ponta da primeira fileira de assentos, junto de Mariana, que sem dúvida se acomodara ao lado da amiga para protegê-la de mais constrangimentos. As luzes se acenderam no palco, dando início à peça.

Era impossível para Juliana se concentrar na peça. As risadas da plateia indicavam que era uma farsa, e uma boa farsa, mas ela ainda estava lidando com o nervosismo, o impulso de fugir do teatro e um desejo insuportável de olhar para o camarote do duque de Leighton.

Um desejo insuportável que, ao final da primeira cena, provou-se irresistível.

Ela deu uma espiada pelo canto do olho e o viu.

Assistindo à peça com ávido interesse.

Os dedos dela apertaram o delicado binóculo de ouro em suas mãos, lembrando-a de sua existência. *Da facilidade com que ela poderia vê-lo claramente.*

Era importante checar o estado do binóculo após o desastre, refletiu ela. Apesar de o cabo estar quebrado, seria certamente uma tragédia se as lentes também estivessem estragadas.

É claro que ela precisava testar as lentes.

Ela *devia* testar as lentes.

Era totalmente esperado.

Juliana ergueu o binóculo e olhou para o palco; nenhuma lente rachada – podia ver o cetim escarlate brilhante usado pela atriz principal e quase distinguia os fios do bigode usado pelo ator principal.

Em perfeito estado.

Mas era preciso ter certeza de que nada mais afetara o binóculo.

Ela deveria testá-lo mais uma vez para descobrir.

Em nome da amizade.

Ela girou-o o mais casualmente possível, a partir do palco, parando apenas quando encontrou aqueles cachos dourados cintilantes. Algo no palco fez a plateia rir. Ele não riu... nem mesmo sorriu... até a uva virar-se em sua direção, como se para verificar se estava se divertindo. Juliana observou enquanto o duque forçava um sorriso, inclinando-se para falar baixinho no ouvido da uva, o sorriso dela ficou mais largo, mais natural, e de repente já não se parecia tanto com uma uva.

Ela parecia bastante encantadora.

Juliana sentiu-se enjoada.

– Está vendo algo interessante?

Juliana quase deixou cair o binóculo ao ouvir a pergunta sussurrada pela amiga.

Ela se virou para olhar Mariana.

– Eu... eu só estava testando o binóculo. Queria ter certeza de que estavam em perfeito estado.

– Ah – um sorrisinho brincou nos lábios de sua amiga. – Porque eu podia jurar que você olhava para o duque de Leighton.

– Por que eu faria isso? – questionou Juliana, com um fio de voz. Ela colocou o objeto quebrado no colo de Mariana. – Tome. Está funcionando.

Mariana ergueu o binóculo, sem fazer nenhuma tentativa de esconder que *estava* olhando para o duque de Leighton.

– Fico imaginando por que ele está com Penélope Marbury.

– Ele vai se casar com ela – resmungou Juliana.

Mariana olhou com surpresa para Juliana.

– É mesmo? Bem. Ela fisgou o partido de sua vida.

O bacalhau servido no almoço devia estar estragado. Era o único motivo para ela se sentir tão... enjoada.

Mariana voltou à sua inspeção.

– Callie me contou que você esteve com ele várias vezes.

Juliana balançou a cabeça e sussurrou:

– Não sei do que ela está falando. Não estive com ninguém. Houve um incidente a cavalo, mas nem imaginei que Callie soubesse disso... – ela parou de falar quando percebeu que Mariana abaixara o binóculo e a olhava meio que em choque. – Eu acho que entendi errado.

Mariana se recuperou e disse com um sorriso triunfante.

– Sem dúvida entendeu. Como eu adoro que você ainda não tenha dominado as expressões inglesas!

Juliana segurou a mão da amiga.

– Mari! Você não pode repetir isso!

– Ah, não vou repetir. Com uma condição.

Juliana olhou para o teto atrás de salvação.

– Qual?

– Você tem que me contar tudo! Um “incidente a cavalo” parece tão escandaloso!

Juliana não respondeu; em vez disso, virou-se resolutamente para o palco. Ela tentou prestar atenção na cena, mas a história – de dois amantes evitando que descobrissem seu caso clandestino – era um tanto familiar demais. Ela estava no meio de sua própria farsa... binóculo quebrado e encontros escandalosos, e acabara de ser descoberta.

E não estava achando engraçado.

– Ele está olhando para você – sussurrou Mariana.

– Ele não está olhando para mim – disse ela, pelo canto da boca.

Mas não pôde deixar de virar a cabeça.

Ele não estava olhando para ela.

– Ele *estava* olhando para você.

– Bem, eu não estou olhando para *ele*.

E ela não olhou para ele.

Juliana não olhou durante todo o primeiro ato, enquanto os amantes entravam e saíam batendo portas e a plateia uivava de rir, nem quando a cortina caiu com eles agarrados em um enlace apaixonado, bem à vista do marido dela e da irmã dele... que por algum motivo se importava um pouco demais com o rabo de saia que ele estava perseguindo.

Ela não olhou quando as velas foram acesas no teatro, pondo a sociedade londrina de novo à vista, e não olhou quando o fluxo de visitantes no camarote de Rivington recomeçou e ela teve oportunidade de olhar sem escrutínio.

Ela não olhou enquanto o conde de Allendale a entretinha durante o intervalo, nem quando Mariana sugeriu que fossem ao salão das damas para se retocar – um stratagema levemente velado para fazer Juliana falar – nem depois que ela declarou que não tinha motivos para comparecer ao salão, e Mariana foi forçada a ir sozinha.

Ela não olhou até as luzes diminuírem mais uma vez e a plateia se acomodar para o segundo ato.

E então ela desejou não ter olhado.

Porque ele guiava a uva para seu assento, sua mão grande demorando-se no cotovelo dela, deslizando por seu braço conforme ele tomava o lugar ao seu lado.

E ela descobriu que não conseguia desviar o olhar.

A carícia terminou rápido – embora para Juliana tenha parecido demorada – e lady

Penélope, impassível, virou-se para o palco, imediatamente absorva no ato seguinte.

O duque, no entanto, olhou para Juliana. A distância e a luz baixa a faziam ficar em dúvida, mas... sim, ele estava olhando para ela.

Não havia outra explicação para o arrepio que subiu por sua espinha.

Ele sabia que ela tinha visto a carícia.

Quis que ela a visse.

E de repente não havia ar suficiente no camarote.

Juliana se levantou abruptamente, chamando a atenção de Ralston enquanto se dirigia para a saída. Ela se abaixou para falar baixinho no ouvido dele.

– Estou com dor de cabeça. Vou tomar um pouco de ar no corredor.

Os olhos dele se franziram.

– Devo levá-la para casa?

– Não, não... Logo estarei bem. Ficarei na porta do camarote. – Ela sorriu debilmente.

– Voltarei antes que você perceba que eu saí.

Ralston hesitou, avaliando se devia permitir que ela saísse.

– Não vá muito longe. Não quero você perambulando pelo teatro.

Ela balançou a cabeça.

– É claro que não.

Ele a deteve, com a mão segurando firme seu pulso.

– Estou falando sério, irmã. Conheço muito bem os problemas que se pode ter em um teatro durante um espetáculo.

Ela ergueu a sobrancelha escura, um gesto que os irmãos partilhavam.

– Vou aguardar ansiosa para ouvir mais sobre isso.

Os dentes brancos dele brilharam na escuridão.

– Vai ter que perguntar a Callie.

Ela sorriu.

– Pode ter certeza de que perguntarei.

E então ela chegou ao corredor, ocupado apenas por um punhado de lacaios, e conseguiu respirar melhor.

Havia uma brisa fria soprando ali, e ela se dirigiu de modo instintivo para sua fonte, uma grande janela nos fundos do teatro, onde o corredor terminava abruptamente acima do que devia ser o palco. A janela se abria para a noite de outubro, e uma cadeira sob ela parecia esperar a chegada de Juliana. Era provavelmente longe demais do camarote para o gosto de Ralston, mas mesmo assim era um lugar público.

Ela se sentou, apoiando-se no beiral e olhando para os telhados de Londres. A luz das velas tremeluzia nas janelas dos edifícios e ela podia distinguir uma moça costurando vários andares abaixo. Juliana ficou imaginando se a garota já viera ao teatro... se algum dia ela chegara a *sonhar* com o teatro.

Juliana certamente não sonhava com isso... não assim, com uma família de

aristocratas que ela nunca soubera que existia. Não com joias e sedas e cetins e marqueses e condes e... duques.

Duques que a enfureciam, consumiam seus pensamentos e a beijavam como se ela fosse a última mulher na Terra.

Suspirando, ela observou a luz da lua refletir-se nos telhados ainda molhados da chuva breve daquela tarde.

Ela havia começado algo que não podia terminar.

Desejara tentá-lo com a paixão – punir sua arrogância deixando-o de joelhos –, mas depois do episódio constrangedor no lago, quando ele praticamente lhe dissera que ela era a última coisa que ele consideraria tentadora...

Ainda restavam dez dias para o término do acordo que haviam feito e ele estava cortejando lady Penélope, planejando um casamento adequado e perfeito com uma mulher que fora criada para ser uma duquesa.

A aposta deveria terminar com a humilhação de Leighton, então por que tudo levava a crer que seria Juliana a perdedora?

– Por que você não está em seu lugar?

Ela se sobressaltou um pouco com as palavras, ditas com irritação.

Ele a havia seguido.

Juliana não devia ter gostado de vê-lo ali.

Mas é claro que gostou.

Ela se virou, tentando parecer calma.

– Por que *você* não está no *seu* lugar?

Ele fechou a cara ao ouvir isso.

– Eu a vi sair do camarote sem acompanhante.

– Meu irmão sabe onde estou.

– Seu irmão jamais teve um grama de responsabilidade na vida. – Ele chegou mais perto. – Qualquer coisa pode acontecer com você aqui.

Juliana simulou uma expressão de medo ao olhar para o corredor comprido e silencioso.

– Sim. É muito ameaçador.

– Alguém devia estar cuidando da sua reputação. Você podia ser atacada.

– Por quem?

Ele fez uma pausa.

– Por qualquer um! Por um ator! Ou um laçao!

– Ou um duque?

As sobrancelhas dele se entrelaçaram.

– Suponho que eu mereça isso.

Ele não merecia. Não mesmo. Ela se virou para a janela.

– Eu não pedi para você vir atrás de mim.

Houve um longo momento de silêncio e, quando ela achou que o duque iria embora,

ele falou baixinho:

– Não. Você não pediu.

Ela se virou diante da admissão.

– Então por que está aqui?

Ele passou uma das mãos por seus cachos dourados e os olhos de Juliana se arregalaram diante do movimento, tão descontrolado e atípico, uma marca de sua inquietação.

– Foi um erro.

A decepção se instalou dentro dela, que fez o melhor que podia para escondê-la, apontando, com um gesto largo, para o corredor.

– Um erro que pode ser facilmente corrigido, Vossa Graça. Creio que o seu camarote fica do lado oposto do teatro. Devo pedir que um lacaio o acompanhe de volta? Ou tem medo de ser atacado?

Ele apertou os lábios, a única indicação de que havia registrado o sarcasmo nas palavras dela.

– Eu não quis dizer que foi um erro vir atrás de você; embora Deus saiba que isso provavelmente também foi um erro, mesmo que inevitável – ele parou, considerando suas próximas palavras. – Eu quis dizer tudo, a manhã no Hyde Park...

– A tarde no Hyde Park – acrescentou ela baixinho e o olhar dele voou para ela.

– Eu teria preferido não dar aos fofoqueiros algo para debaterem; mas é claro que não me arrependo de tê-la salvado.

Havia algo diferente em suas palavras, uma certa irritação misturada com uma emoção que Juliana não conseguia identificar direito, mas que sumiu quando ele continuou, friamente:

– O resto, porém, não posso levar adiante. Para começo de conversa, eu nunca deveria ter concordado com isso. Este foi o erro. Você é praticamente incapaz de se comportar com decoro. Eu não devia ter feito a sua vontade.

Feito a vontade dela.

O significado das palavras ecoou enquanto ele sondava o que realmente queria dizer.

Ela não era boa o bastante para ele.

Nunca fora.

E nunca seria boa o suficiente para o mundo no qual ele vivia.

Por mais que Juliana tivesse jurado mudar a visão que ele tinha dela, provar que ele estava errado e fazê-lo implorar por seu perdão... por sua atenção... a resolução no tom dele a fez parar e pensar.

Juliana se recusou a ser magoada por ele; isso lhe daria poder *demais* sobre ela. Havia outros que não a achavam inferior apenas por ela ter nascido na Itália, por ser plebeia ou por ter dificuldades com as regras e restrições desse mundo novo.

Ela não ficaria magoada.

Nem zangada.

A raiva, pelo menos, era uma emoção que ela podia dominar.

E, enquanto estivesse zangada, ele não venceria.

– Feito a minha vontade? – perguntou ela, levantando-se e virando-se de forma a ficarem cara a cara. – Pode estar acostumado aos outros simplesmente aceitarem a sua opinião sobre uma situação, Vossa Graça, mas eu não sou um de seus lacaios devotados.

O maxilar dele enrijeceu diante daquelas palavras, mas ela foi em frente.

– Não pareceu estar apenas fazendo a minha vontade quando concordou com as duas semanas e definitivamente não estava apenas fazendo a minha vontade no Hyde Park algumas manhãs atrás. – O queixo dela se ergueu, leve e firme, com uma mistura de raiva e convicção. – Você me deu duas semanas. Pelas minhas contas, ainda tenho dez dias.

Ela chegou mais perto dele, até quase se tocarem, e ouviu a mudança em sua respiração – a tensão teria sido imperceptível se eles não estivessem tão próximos.

Se ela não estivesse tão zangada.

– Eu pretendo usá-los – sussurrou ela, sabendo que provocava o destino e que, com uma palavra de recusa, ele poderia terminar tudo.

O momento se estendeu por uma eternidade, até ela não conseguir mais olhar nos olhos indecifráveis dele. Ela voltou a atenção para seus lábios – para suas linhas firmes e fortes.

Um erro.

Subitamente, aquela janela aberta já não melhorava em nada o ar abafado do teatro. A lembrança dos beijos dele a sufocava no corredor escuro... o desejo por mais deles dominava todo o resto.

Os olhos dela escorregaram de volta para os dele, o tom cor de mel transformando-se em carvalho escuro.

Ele também me quer.

O pensamento fez um arrepio de fogo percorrê-la.

Ele deu um passo mais para perto. Estavam se tocando agora, apenas de leve, os seios dela roçando o peito largo dele. Ela mal conseguia respirar.

– Você não precisa de mim para os seus escândalos. Tem um conde na palma de sua mão.

Juliana ficou confusa com as palavras e a proximidade dele.

– Um conde?

– Eu a vi com Allendale, rindo e... à vontade. – As últimas palavras saíram como cascalho.

– Allendale? – repetiu ela como uma tola, forçando sua mente a compreender. *Do que ele estava falando?* A compreensão aflorou: – Ah, Benedick.

Algo estranho chamejou nos olhos dele.

– Você não devia se referir a ele com tanta familiaridade.

Um fio de entusiasmo teceu seu caminho dentro dela. Ele parecia zangado. Não... ele parecia lívido. *Ele parecia estar com ciúmes.*

O olhar sumiu antes que ela pudesse saboreá-lo, fechando-se atrás de seus olhos cuidadosos. Mas a coragem cresceu mesmo assim e ela deu um sorrisinho provocante.

– Quer dizer que eu não deveria me referir a ele pelo nome?

– Não por *este* nome.

– Você não seguiu essa regra quando nos conhecemos... Simon. – Ela falou o nome dele em um sussurro, e a respiração ondulou entre eles como tentação.

Ele inalou profundamente.

– Eu devia ter seguido.

– Mas queria que eu pensasse que você é algo que não é.

– Acho que nós dois somos culpados de esconder nossas verdadeiras identidades.

A tristeza se acendeu, misturada à raiva.

– Eu não escondi.

– Não? Então por que acreditei que você era...

Mais. Ela ouviu a palavra. Detestou-a.

– Você pareceu achar que eu era suficiente então – disse ela, levantando o queixo, seus lábios a um milímetro de distância dos dele.

O desejo vinha dele em ondas. Ele podia não *querer* querê-la – mas queria. Ela podia sentir.

Ele se inclinou e ela prendeu a respiração, esperando pela sensação daqueles lábios implacáveis – querendo-os com um desespero que ela jamais admitiria.

O mundo se apagou e não havia nada além deste momento, os dois em uma escuridão silenciosa, os olhos dourados dele nos dela, seu calor consumindo-a. A boca de Leighton pairava acima da dela; ela podia sentir sua respiração suave na pele e queria gritar com a antecipação.

– Você é um escândalo esperando para acontecer.

As palavras eram um beijo de ar, a sensação delas contrariando sua mensagem. E então ele deu um passo para trás, para longe dela – deixando-a insatisfeita e absolutamente desejosa.

– Um escândalo do qual não posso me dar ao luxo de participar – acrescentou ele.

– Você me quer. – Ela se retraiu com o desespero da acusação, desejando instantaneamente poder retirá-la.

Ele foi duro como pedra.

– É claro que eu a quero. Eu teria que estar morto para não querê-la. Você é brilhante e linda e reage a mim de uma forma que me faz querer jogá-la no chão e submetê-la à minha vontade – ele parou, olhando nos olhos arregalados dela. – Mas atos têm consequências, Srta. Fiori. Um fato que faria bem em lembrar antes de se jogar de cabeça em seus jogos infantis.

Ela franziu os olhos.

– Eu não sou uma criança.

– Não? Você não faz a menor ideia do que está fazendo. E se fosse me ensinar sobre

sua preciosa paixão, Juliana? E aí? O que viria a seguir?

A pergunta lhe doeu como uma chicotada. Ela não tinha resposta.

– Nunca em sua vida você levou o futuro em consideração, não é? Nunca imaginou o que viria a seguir, depois do que quer que estivesse vivenciando no aqui e agora. – Ele fez uma pausa, aí cortou mais fundo. – Se isso não demonstra a sua infantilidade, nada mais demonstra.

Ela o odiou então. Odiou a forma como ele a expunha. A forma como ele conhecia seus defeitos antes que ela mesma os conhecesse.

O duque continuou:

– Estou me retirando da sua aposta. Jamais deveria ter concordado com ela. Você é um perigo para si mesma. E para mim. E não posso me dar ao luxo de lhe ensinar a lição que você tanto merece.

Ela sabia que devia aquiescer. Sabia que devia liberá-lo – liberar ambos – do acordo idiota e prejudicial que ameaçava suas reputações, seus sentimentos, sua sensatez.

Mas ele a deixara tão irada que ela não podia permitir que ele vencesse.

– Você diz retirando. Eu digo *renegando* – a palavra era uma provocação.

Um músculo no maxilar dele se contraiu.

– Eu devia contar tudo ao Ralston.

Ela ergueu uma sobrancelha.

– E você acha que isso vai *ajudar* a sua causa?

Eles se encararam no corredor parcamente iluminado e Juliana sentiu a fúria transbordando dele. E se deleitou com isso – era tão raro ver emoção nele. Ela não conseguiu resistir à tentação de cutucá-lo ainda mais:

– Coragem. Não vou precisar de tanto tempo para botá-lo de joelhos.

Os olhos dele ficaram instantaneamente escuros e ela soube que tinha ido longe demais. Por um momento achou que ele iria sacudi-la; reconheceu, em seus músculos rígidos, a raiva contida a duras penas.

– Já superei ameaças muito piores à minha reputação do que você, Srta. Fiori. Não pense nem por um instante que vai levar vantagem. A tentação não é páreo para a reputação. – Ele fez uma pausa. – Quer os seus dez dias? Fique com eles. Dê o seu melhor.

– Pretendo dar.

– Não espere que eu torne fácil para você.

Ela deveria ter sentido prazer com a maneira como ele se virou e partiu – com a maneira com que ela havia destruído sua fachada fria.

Mas, enquanto ela o observava voltar para seu camarote – e para a noiva inglesa perfeita que ele havia selecionado –, não foi o triunfo que resplandeceu.

Foi algo suspeitamente parecido com saudade.

OITO



A grosseria é o teste definitivo da perfeição.

A dama delicada segura sua língua.

– UM TRATADO SOBRE A MAIS REQUINTADA DAS DAMAS

As descobertas mais emocionantes na modiste não são punhados de seda, mas sussurros escandalosos...

– O JORNAL DO ESCÂNDALO, OUTUBRO DE 1823

– **A**s inglesas passam mais tempo comprando roupas do que qualquer um em toda a Europa.

Juliana recostou-se no divã da sala de provas da costureira. Havia passado mais horas do que gostaria de admitir naquele móvel, estofado com um belo brocado escarlate, que era caro o bastante e ousado o suficiente para refletir a proprietária da loja.

– Você nunca deve ter visto as francesas fazendo compras – disse Madame Hebert secamente enquanto alfinetava, com habilidade, a cintura da adorável sarja cor de cranberry que estava ajustando em Callie.

Mariana riu enquanto inspecionava um veludo verde-folha e falou:

– Bem, não podemos deixar que as francesas nos superem em uma atividade tão importante, podemos?

Hebert respondeu com um grunhido mordaz e Mariana apressou-se em tranquilizá-la, acrescentando:

– Afinal de contas, já atraímos sua melhor costureira para o nosso lado do canal.

Juliana deu um sorriso largo enquanto sua amiga evitava, por pouco, um desastre diplomático.

– E, além do mais – continuou Mariana –, Callie passou tempo demais usando roupas horrorosas. Ela tem muito o que compensar. Nós só viemos junto pela emoção...

– Ela fez uma pausa. – Que tal um casaco de inverno neste verde?

– Vossa Graça ficaria linda no veludo. – Hebert não ergueu os olhos de seu trabalho.

– Posso sugerir um novo vestido de shantung para combinar? Vai torná-la a mais bela de um baile de inverno.

Os olhos de Mariana se iluminaram quando Valerie abriu a deslumbrante seda verde – mais pesada do que a maioria, com uma dúzia de tons de verde diferentes cintilando por ela.

– Ah, sim... – murmurou ela. – Você certamente pode fazer esta sugestão.

Juliana riu da reverência no tom da amiga.

– E, com isso, vamos ficar aqui mais uma hora – anunciou ela, enquanto Mariana se dirigia para trás de um biombo próximo para ser medida, cutucada e alfinetada.

– Não quero apertado demais – pediu Callie baixinho à costureira, antes de sorrir para Juliana. – Se o outono continuar tão social quanto tem sido, não posso imaginar como será no inverno. Você também vai precisar de novos vestidos, sabe? Na verdade, não discutimos o que vai usar no seu jantar.

– Meu jantar, não – disse Juliana sorrindo. – E tenho certeza de que tenho algo adequado.

– Callie selecionou uma safra excelente de lordes londrinos, Juliana – cantarolou Mariana atrás do biombo. – Todos eles disponíveis.

– Ouvi dizer.

Callie inspecionou a cintura de seu vestido no espelho.

– E todos, com exceção de Leighton, aceitaram. – Ela olhou para Juliana através do espelho. – Incluindo Benedick.

Juliana ignorou a referência ao conde de Allendale, sabendo que não devia pressionar Callie ainda mais sobre o evento. Mesmo assim, perguntou:

– Leighton não vai?

Callie balançou a cabeça.

– Não está confirmado. Ele simplesmente não respondeu.

Juliana segurou a língua, sabendo que não devia insistir no assunto. Se ele não queria comparecer ao jantar, isso não era da conta dela.

– Estou tentando achar algo bom nele... mas não é fácil. Ah, bem. Teremos momentos adoráveis sem ele.

– Gostaria que eu pedisse a Valerie para lhe mostrar alguns tecidos, Mademoiselle Fiori? – interveio Hebert, uma mulher tão excelente nos negócios quanto na costura.

– Não – Juliana balançou a cabeça. – Tenho vestidos suficientes. Meu irmão não precisa ir à falência hoje.

Callie olhou para Juliana através de um espelho grande.

– Não pense que não sei dos presentinhos secretos entre você e Gabriel. Sabe que ele adora lhe dar roupas ou qualquer outra coisa que você queira. E sei de onde vêm todos os livros novos e as partituras musicais dele.

Juliana sorriu. Quando chegara à Inglaterra, sentindo-se inteiramente desconectada daquele mundo novo e de sua nova família, ela estava convencida de que seus

intimidadores meios-irmãos iriam odiá-la por causa de quem ela representava – a mãe que os havia abandonado quando eles eram crianças. Não interessava se a mesma mãe a tivesse abandonado também.

Mas ela se enganara. Gabriel e Nick a haviam aceitado. Sem restrições. E, enquanto seu relacionamento com os dois continuava a evoluir, Juliana estava aprendendo – mais tarde do que a maioria – o que era ser uma irmã. E, como parte dessa lição imensamente prazerosa, ela e o irmão mais velho haviam começado uma espécie de jogo, trocando presentes com frequência.

Ela sorriu para a cunhada, que fora tão fundamental na construção do relacionamento entre ela e o irmão.

– Nada de presentes hoje. Ainda guardo esperanças de que a temporada termine antes que eu precise de um guarda-roupa formal de inverno.

– Não diga essas coisas! – gritou Mariana atrás do biombo. – Quero um motivo para usar este vestido!

Todas riram; e Juliana ficou olhando enquanto Madame Hebert drapeava, com extrema habilidade, o tecido do vestido de Callie por cima de sua barriga. Callie avaliou as dobras de tecido no espelho antes de dizer:

– Está perfeito.

E era verdade. Callie estava adorável. *Gabriel não conseguiria tirar os olhos dela*, pensou Juliana.

– Não quero apertado demais – falou Callie.

Era a segunda vez que ela murmurava tais palavras.

O significado se revelou.

– Callie! – exclamou Juliana, fitando os olhos culpados da cunhada pelo espelho.

Juliana inclinou a cabeça em uma pergunta silenciosa, e o sorriso largo e adorável de Callie foi a resposta de que ela precisava.

Callie estava esperando um bebê.

Juliana pulou de seu assento, a felicidade fazendo-a explodir.

– *Meraviglioso!* – Ela se aproximou da outra mulher e lhe deu um abraço imenso. – Não admira estarmos comprando mais vestidos!

Suas risadas atraíram a atenção de Mariana.

– O que é *meraviglioso*? – Ela enfiou a cabeça loura em um canto do biombo. – Por que vocês estão rindo? – Mariana franziu os olhos para Juliana. – Por que você está *chorando*? – Ela desapareceu por um segundo e então saiu mancando, segurando um pedaço do tecido de seda verde semialfinetado junto a si, a pobre Valerie seguindo atrás. – O que eu perdi? – Mariana fez um biquinho. – Eu sempre perco tudo!

Callie e Juliana riram de novo da reclamação de Mariana, e então Juliana falou:

– Bem, você vai ter que contar a ela.

– Me contar o quê?

As bochechas de Callie pegavam fogo e ela certamente estava desejando que não estivessem todas no meio de uma sala de provas, com uma das melhores costureiras de Londres a trinta centímetros de distância.

Juliana não conseguiu se conter.

– Parece que meu irmão cumpriu seu dever.

– Juliana! – exclamou Callie, escandalizada.

– Mas é verdade! – disse Juliana, dando ligeiramente de ombros.

Callie sorriu largo.

– Você é igualzinha a ele.

Havia insultos piores, já que aquele vinha de uma mulher que amava loucamente o *ele* em questão.

Mariana ainda estava tentando entender.

– Cumpriu seu... Ah! Ah, meu Deus! Callie! – gritou ela, começando a pular de entusiasmo enquanto a pobre Valerie saía correndo para pegar um lenço que protegesse a seda das lágrimas de Mariana.

Hebert saiu da sala, escapando da possibilidade de ser sufocada por um abraço incontrolável enquanto as duas irmãs se agarravam e riam e choravam e riam e tagarelavam e choravam e riam.

Juliana sorriu diante do quadro formado pelas irmãs Hartwell – agora ambas bem casadas e ainda profundamente ligadas uma à outra –, mesmo percebendo que não havia lugar para ela naquele instante de comemoração. Ela não invejava sua felicidade ou sua conexão.

Simplesmente desejava também ter uma sensação de pertencimento tão desenfreada e incontestável.

Ela saiu de fininho da sala de provas para o aposento da frente da loja, para onde Madame Hebert fugira momentos antes. A francesa estava de pé na entrada de uma pequena antessala, bloqueando a visão de outra cliente. Juliana dirigiu-se para uma parede de aviamentos – botões, fitas, babados e rendas. Ela passou os dedos pelas miudezas, roçando um botão dourado liso aqui, uma renda recortada ali, consumida pelas novidades de Callie.

Haveria dois novos acréscimos à família na primavera: a esposa de Nick, Isabel, também estava esperando bebê.

Seus irmãos haviam superado o passado e o temor de repetir os pecados de seu pai, dando um salto incomensurável na vida – casar-se por amor. Agora tinham famílias. Mães e pais e filhos que iam envelhecer em um bando feliz e carinhoso.

Nunca em sua vida você levou o futuro em consideração, não é? Nunca imaginou o que viria a seguir.

As palavras de Leighton no teatro ecoaram em sua mente.

Juliana sentiu um nó na garganta. Ela não podia mais se dar ao luxo de pensar em seu futuro. Seu pai morrera e sua vida virara de cabeça para baixo; fora mandada para a

Inglaterra e entregue a uma família estranha e a uma cultura ainda mais estranha que nunca a aceitaria. Não havia futuro para ela na Inglaterra. E era mais fácil – menos doloroso – não se enganar imaginando um.

Mas quando viu Callie e Mariana olhando alegremente para seus futuros idílicos, cheios de amor, filhos, família e amigos, foi impossível não invejá-las.

Elas tinham o que ela nunca poderia ter. O que nunca lhe ofereceriam.

Porque este era o lugar delas – este mundo aristocrático onde dinheiro e título e história e ancestralidade importavam mais do que qualquer outra coisa.

Ela pegou, em uma tigela, uma pluma longa que devia ter acabado de ser tingida. Nunca vira tamanha negritude em uma pluma tão grande. Não podia imaginar um pássaro que produzisse algo assim. Mas, enquanto passava os dedos por sua maciez, a pena captou a luz do sol que entrava na loja, e ela soube imediatamente que era natural. Era *deslumbrante*. Na luz clara da tarde, a pena não era nada preta. Era um conjunto cintilante de azuis, roxos e vermelhos tão escuros que só davam a impressão de negritude.

– *Aigrette*.

A palavra da costureira trouxe Juliana de volta de seu devaneio.

– Perdão. Como disse?

Madame Hebert ergueu uma sobancelha.

– Tão educada e britânica – disse ela, continuando quando Juliana lhe deu um meio sorriso. – A pena que está segurando. É de uma garça.

Juliana balançou a cabeça.

– Eu achava que garças eram brancas.

– Não as pretas.

Juliana olhou para a pena.

– As cores são deslumbrantes.

– As coisas mais raras normalmente são assim – respondeu a costureira, erguendo uma grande moldura de madeira cheia de rendas. – Com licença. Tenho aqui uma duquesa que quer inspecionar minhas rendas.

O desgosto no tom dela surpreendeu Juliana. Certamente a francesa não falaria mal de Mariana na frente dela...

– Se os franceses tivessem sido mais rápidos, talvez Napoleão tivesse ganhado a guerra – o desdém ecoou pela sala, e Juliana virou-se rapidamente na direção da voz.

A duquesa de Leighton estava a menos de três metros dela.

Era difícil acreditar que aquela mulher, miúda e pálida, tivesse dado à luz o enorme e dourado Leighton. Juliana lutou para encontrar algo dele em sua mãe. Não estava nem na coloração pálida dela nem em sua pele de pergaminho, tão fina que era quase translúcida, nem em seus olhos, da cor de um mar de inverno.

Mas aqueles olhos pareciam ver tudo. Juliana prendeu a respiração conforme o olhar frio da duquesa a percorria dos pés à cabeça. Ela resistiu ao ímpeto de se mexer sob o

exame silencioso, recusando-se a permitir que o óbvio julgamento da mulher a perturbasse.

É evidente que a perturbou.

E, de repente, ela viu as similaridades com total clareza. O queixo duro, a postura altiva, o exame frio, a habilidade de fazer uma pessoa estremecer até o âmagô.

Ela era a mãe dele – de todas as piores formas.

Mas ela não tinha seu calor.

Não havia nada nela além de um estoicismo inabalável, que demonstrava uma vida inteira de privilégios e de falta de emoção.

O que transforma uma mulher em pedra?

Não admirava ele não acreditar em paixão.

A duquesa estava esperando que Juliana desviasse o olhar. Como seu filho, ela queria provar que seu nome antigo e seu nariz reto a tornavam melhor do que todos os outros. Certamente, acreditava ela, a tornavam melhor do que Juliana.

Ignorando seus nervos em ebulição, Juliana permaneceu firme.

– Vossa Graça – falou Madame Hebert, sem perceber a batalha de determinação se desenrolando em seu salão –, minhas desculpas pela demora. Gostaria de ver as rendas agora?

A duquesa não tirou os olhos de Juliana.

– Não fomos apresentadas – disse ela, as palavras cortantes e planejadas para sobressaltar.

Eram um golpe direto, direcionadas para lembrar Juliana de sua impertinência. *De seu lugar.*

Juliana não respondeu. Não se moveu. Recusou-se a desviar o olhar.

– Vossa Graça? – Madame Hebert olhou de Juliana para a duquesa. Quando continuou, havia incerteza em seu tom. – Posso lhe apresentar a Srta. Fiori?

Houve uma longa pausa, que podia ter sido de segundos ou de horas, e então a duquesa respondeu:

– Não pode.

O ar pareceu deixar o aposento com a declaração arrogante. Ela continuou, sem parar de olhar nos olhos de Juliana.

– Estou um pouco surpresa, Hebert. Houve um tempo em que você atendia a uma clientela muito menos... comum.

Comum.

Se o ruído em seus ouvidos não tivesse sido tão alto, Juliana teria admirado os cálculos da mulher mais velha. Ela escolhera a palavra perfeita – a que lhe daria a humilhação mais rápida e violenta.

Comum.

O pior dos insultos vindo de alguém que vivia a vida no alto.

A palavra ecoou em sua cabeça mas, na repetição, Juliana não ouviu a duquesa de

Leighton.

Ela ouviu seu filho.

E não pôde deixar de responder.

– E eu sempre achei que ela atendia a uma muito mais civilizada – as palavras saíram antes que pudesse detê-las, e ela resistiu ao impulso de tapar a boca para evitar falar qualquer outra coisa.

A coluna da duquesa parecia ter ficado ainda mais ereta – se é que isso era possível – e seu nariz ainda mais levantado. Quando ela falou, as palavras pingavam tédio, como se Juliana estivesse abaixo demais de sua atenção para merecer uma resposta.

– Então é verdade o que dizem. O sangue aparece.

A duquesa de Leighton saiu da loja, levando o ar consigo quando a porta se fechou, o sininho soando alegremente em uma pontuação irônica.

– Essa mulher é uma víbora.

Juliana ergueu os olhos para ver Mariana vindo na direção dela, a expressão preocupada e raivosa. Ela balançou a cabeça.

– Parece que as duquesas podem se comportar como quiserem.

– Não me interessa se ela é a rainha. Ela não tem o direito de falar com você dessa maneira.

– Se ela fosse rainha, aí ela realmente *poderia* falar comigo como bem entendesse – disse Juliana, ignorando o tremor em sua voz.

O que ela estava pensando, provocando a duquesa?

Este era o problema, claro. Ela não pensara na duquesa.

Pensara em olhos cor de mel cintilantes e um halo de cachos dourados e um maxilar quadrado e um semblante insensível que ela queria desesperadamente sensibilizar.

E dissera a primeira coisa que viera à sua cabeça.

– Eu não devia ter falado com ela dessa maneira. Se ficarem sabendo... será um escândalo.

Mariana balançou a cabeça e ia começar a retrucar, quase certamente com palavras reconfortantes, mas Juliana continuou com um sorrisinho:

– É errado eu sentir que ela mereceu?

Mariana deu um enorme sorriso.

– De forma alguma! Ela mereceu, sim! E merecia muito mais! Eu abomino aquela mulher. Dá para entender por que Leighton é tão inflexível. Imagine ser criado por *ela*.

Deve ter sido horrível.

Em vez de considerar-se humilhada, Juliana sentia-se revigorada. A duquesa de Leighton podia achar que estava acima de Juliana e do resto do mundo, mas não estava. E, embora Juliana tivesse pouco interesse em provar isso para a odiosa mulher, ela se viu novamente comprometida a mostrar ao duque o que ele estava perdendo em sua vida de frio desdém.

– Juliana? – Mariana interrompeu seus pensamentos. – Você está bem?

Ela ficaria bem.

Juliana afastou o pensamento, virou-se para a *modiste* em geral imperturbável, que vira a cena se desdobrar com choque e provavelmente horror, e pediu desculpas.

– Sinto muito, Madame Hebert. Parece que a fiz perder uma cliente importante.

Era sincero. Juliana sabia que Hebert não teria opção a não ser tentar reconquistar os favores da duquesa de Leighton. Simplesmente não se ficava parada enquanto uma das mulheres mais poderosas de Londres fazia seus negócios em outro lugar. A repercussão de uma alteração como aquela poderia acabar com a costureira se não fosse tratada de forma adequada.

– Talvez Sua Graça – disse Juliana, indicando Mariana – e a marquesa – completou, apontando na direção da sala de provas onde se encontrava Callie – possam ajudar a reparar o dano que causei.

– Ah! – Mariana ainda estava irada. – Como se eu fosse me rebaixar a falar com aquela... – Ela parou, redescobrando seus modos. – Mas é claro, Madame, ficarei feliz em ajudar.

Então a costureira falou.

– Não há nada que necessite ser reparado. Tenho bastante trabalho e não preciso que a duquesa de Leighton *aprove* a minha clientela. – Juliana piscou e a *modiste* continuou. – Tenho a duquesa de Rivington na minha loja, assim como a esposa *e a irmã* do marquês de Ralston. Posso passar sem a velha dama – disse, baixando a voz em um sussurro conspiratório: – Ela deve morrer logo, logo. O que são um punhado de anos sem seus serviços?

A declaração foi tão impertinente, tão pragmática, que o significado levou alguns instantes para ser compreendido. Mariana abriu um sorriso enorme e Juliana deu uma gargalhada, mal acreditando no que ouvia.

– Já mencionei quanto adoro os franceses?

A modista piscou.

– Nós, estrangeiros, temos que nos unir, *non*?

Juliana sorriu.

– *Oui*.

– *Bon*. – Hebert assentiu uma vez. – E quanto ao duque?

Juliana fingiu não entender.

– O duque?

Mariana lhe deu um olhar resignado.

– Ah, por favor. Você é péssima em bancar a recatada.

– O que salvou a sua vida, *mademoiselle* – falou a costureira, uma cadência provocante em sua voz. – Ele é um desafio, *non*?

Juliana virou a grande pluma em sua mão, observando conforme as cores brilhantes escondidas se revelavam antes de fitar a costureira.

– *Oui*. Mas não da maneira que pensa. Não estou atrás dele. Eu só quero...

Sacudi-lo até o âmago.

Bem, ela certamente não podia dizer isso.

Madame Hebert retirou a pluma da mão de Juliana. Andou até uma estante repleta de tecidos do outro lado da loja e abaixou-se para pegar um deles. Abrindo vários metros da peça extravagante, ela ergueu os olhos para Juliana.

– Acho que devia permitir que seu irmão lhe desse um vestido novo.

A *modiste* botou a pena em cima do cetim glorioso. Era escandaloso e apaixonado e... Mariana riu, baixo e maliciosamente.

– Ah, *é perfeito*.

Juliana olhou nos olhos da costureira.

Isso iria deixá-lo de joelhos.

– Em quanto tempo posso tê-lo?

A modista olhou para ela, intrigada.

– Em quanto tempo precisa dele?

– Ele virá jantar daqui a dois dias.

Mariana balançou a cabeça.

– Mas Callie disse que ele não aceitou o convite.

Juliana olhou para a cunhada, mais convicta do que nunca.

– Ele vai aceitar.



– Não é que eu não queria um bom financiamento para nosso exército, Leighton. Só estou dizendo que este debate poderia ter esperado a próxima sessão. Tenho uma colheita para supervisionar.

Simon jogou uma carta na mesa e deu uma olhada preguiçosa em seu oponente, que mordiscava um charuto entre os dentes, um gesto revelador de alguém que em breve ia perder.

– Imagino que é menos a colheita e mais a caça à raposa que você detestaria perder, Fallon.

– Isso também; não vou negar. Tenho coisa melhor a fazer do que passar o outono inteiro em Londres. – O conde de Fallon acrescentou com certa irritação: – Você não pode estar querendo ficar.

– O que eu quero não está em questão – disse Simon.

Era mentira. O que ele queria estava totalmente em questão. Ele iria sancionar uma sessão especial do Parlamento para discutir as leis que regiam a cartografia se isso impedisse que visitantes aparecessem na porta de sua casa de campo e descobrissem seus segredos.

Ele botou as cartas na mesa, viradas para cima.

– Acho que você devia passar mais tempo jogando cartas do que procurando maneiras de se esquivar de seus deveres como par do reino.

Simon coletou seus ganhos, levantou-se da mesa e ignorou o xingamento do conde conforme deixava a salinha e entrava no corredor atrás dela.

A noite se estendia diante dele, junto com convites para o teatro e para meia dúzia de bailes. Devia voltar para seu sobrado, tomar banho, vestir-se e sair – toda noite em que era visto como o retrato do decoro e do requinte era uma noite que ajudaria a proteger o nome dos Leightons.

O fato de ele estar começando a achar cansativos os rituais da sociedade não importava.

Era assim que se fazia.

– Leighton.

O marquês de Needham e Dolby subia bufando a escadaria do clube, mal conseguindo recuperar o fôlego conforme chegava ao último degrau. Ele parou, uma das mãos no rico corrimão de carvalho, e inclinou a cabeça para trás, empurrando seu torso amplo para a frente para respirar fundo. Os botões do seu colete amarelo se repuxaram sob o fardo de sua circunferência e Simon ficou pensando se o velho precisaria de um médico.

– Exatamente o homem que eu esperava ver! – anunciou o marquês depois de haver se recuperado. – Diga-me, quando vai falar com a minha filha?

Simon ficou imóvel, considerando onde estavam. Era um local completamente inadequado para uma conversa que ele gostaria de manter em particular.

– Talvez queira se juntar a mim em uma sala de estar, Needham.

O marquês não entendeu a dica.

– Bobagem. Não há necessidade de manter a união em segredo!

– Temo não concordar – falou Simon, fazendo força para que os músculos em seu maxilar relaxassem. – Até que a dama concorde...

– Bobagem! – berrou o marquês.

– Eu lhe garanto, Needham, que não há muitos que considerem bobagens as minhas ideias. Eu gostaria que a união fosse mantida em segredo até eu ter tido a chance de falar diretamente com lady Penélope.

Os olhos já pequenos de Needham se estreitaram.

– Então é melhor fazer isso, Leighton.

Os dentes de Simon se cerraram diante daquelas palavras. Ele não gostava de receber ordens. Principalmente de um marquês idiota que também era mau atirador.

E, ainda assim, parecia não ter muita escolha. Ele assentiu secamente.

– Em breve.

– Ótimo. Ótimo. Fallon! – gritou o marquês quando a porta para a sala de carteados se

abriu e o oponente de Simon entrou no corredor. – Você não vai a lugar nenhum, garoto! Eu pretendo deixar seus bolsos mais leves!

A porta se fechou atrás do corpulento marquês e Simon fez uma oração silenciosa para ele ser tão ruim nas cartas quanto era no tiro. Não havia motivo para Needham ter uma boa tarde depois de ter estragado a de Simon tão completamente.

A enorme janela de sacada que marcava o centro da escadaria do White dava vista para a rua, e Simon fez uma pausa sob a luz da tarde para observar as carruagens passando lá embaixo e pensou em sua próxima jogada.

Ele devia ir direto para a Casa Dolby para falar com lady Penélope.

Cada dia que passava só prolongava o inevitável.

Ele tinha que se casar algum dia; era o rumo natural dos acontecimentos. Um meio para um fim. Ele precisava de herdeiros. E de uma anfitriã.

Mas ele se ressentia de ter que se casar agora.

Ele se ressentia do motivo.

Um lampejo de cor do outro lado da rua chamou sua atenção, um escarlate brilhante despontando no meio da multidão de cores suaves que cobriam os outros pedestres na St. James Street. Era tão deslocado que Simon chegou mais perto da janela para confirmar que o tinha visto – um manto escarlate vivo e chapéu combinando, uma dama em um mundo de homens. Em uma rua de homens.

Na rua dele. Na frente de seu clube.

Que mulher usaria escarlate vivo em plena luz do dia na St. James?

A resposta surgiu um instante antes de a multidão se dispersar e ele ver seu rosto.

E, quando ela olhou para cima, na direção da janela – ela não podia vê-lo, não podia saber que Simon estava ali –, ele mal pôde acreditar.

Ele não a havia advertido – na noite anterior, pelo amor de Deus! – a respeito desse comportamento ousado e temerário? Não lhe dera uma lição sobre infantilidade? Sobre consequências?

Ele a advertira, sim. *Logo antes de lhe dizer para fazer o melhor que pudesse para ganhar a aposta.*

Esta era a jogada seguinte dela.

Simon não podia acreditar.

A mulher merecia ser posta sobre os joelhos de alguém e receber uma bela surra. E ele era o homem para fazer isso.

O duque se pôs imediatamente em ação, correndo escada abaixo e ignorando as saudações dos outros membros do clube, forçando-se a esperar por manto, chapéu e luvas antes de sair pela porta para alcançá-la enquanto ela deixava a cena de seu ataque à reputação dele.

Só que ela não estava fugindo.

Ela aguardava, pacientemente, do outro lado da rua, conversando com sua criadinha italiana – que Simon jurou mandar no próximo navio de volta para a Itália – como se a

situação toda fosse muito normal. Como se ela não estivesse infringindo onze regras diferentes de etiqueta ao fazer aquilo.

Ele caminhou na direção dela, sem ter a menor certeza do que faria quando a alcançasse.

Ela se virou no momento em que ele as alcançou.

– Deveria ter mais cuidado ao atravessar a rua, Vossa Graça. Acidentes com carruagens não são incomuns.

As palavras eram calmas e cordiais, ditas como se eles estivessem em uma sala de estar e não na rua que ostentava os melhores clubes masculinos de Londres.

– O que você está fazendo aqui?

O duque esperava que ela mentisse. Disse que estava fazendo compras e pegara o caminho errado, que quisera ver St. James Palace e só estava passando por ali ou que estava apenas procurando um cabriolé.

– Esperando por você, é claro.

A verdade fez com que ele balançasse.

– Por mim.

Ela sorriu e ele ficou imaginando se alguém no clube o havia drogado. Certamente isso não estava acontecendo.

– Precisamente.

– Tem alguma ideia de quão inadequado é você estar aqui? Esperando por mim? Na rua? – Ele não conseguiu disfarçar a incredulidade em seu tom. Odiava que ela mexesse dessa forma com sua emoção.

Ela inclinou a cabeça e ele viu o brilho malicioso em seus olhos.

– Seria mais ou menos inadequado eu bater na porta do clube e pedir uma audiência?

Ela o estava provocando. Tinha que estar. E ainda assim ele achou que devia responder à pergunta. Para garantir.

– Mais. É claro.

O sorriso dela ficou largo.

– Ah, então você prefere isso.

– Não prefiro nenhum dos dois! – explodiu ele. E, percebendo que continuavam em frente ao clube, ele pegou em seu cotovelo e virou-a na direção da casa de seu irmão. – Ande.

– Por quê?

– Porque não podemos continuar parados aqui. Não é correto.

Ela balançou a cabeça.

– Pode contar com os ingleses para proibir *ficar parado* – disse ela começando a andar, seguida pela criada.

Ele resistiu ao impulso de esganá-la e respirou fundo.

– Como sabia que eu estava aqui?

Ela ergueu uma sobrancelha.

– Os aristocratas não têm muito o que fazer, Vossa Graça. E temos algo a discutir.
– Você não pode simplesmente decidir discutir algo comigo e me procurar – declarou, pensando que talvez sua ira se aplacasse ao falar com ela como se ela fosse uma idiota.

– Por que não?

Talvez não se aplacasse.

– Porque não é correto!

Ela lhe deu um sorrisinho.

– Achei que tínhamos decidido que eu me importo pouco com o que é correto.

Ele não respondeu. Não confiava em si mesmo para fazê-lo.

– Além do mais, se decidir que quer falar comigo pode me procurar.

– É claro que eu posso procurá-la.

– Porque você é um duque?

– Não. Porque eu sou homem.

– Ah – disse ela –, uma razão muito melhor.

O tom dela era de sarcasmo?

Ele não se importava.

Só queria levá-la para casa.

– Bem, você não estava planejando vir comigo.

Absolutamente certo.

– Não. Eu não estava.

– Então eu tive que tomar o problema na minha própria mão.

O duque se recusava a achar divertidos os charmosos erros de linguagem dela. Ela era um escândalo ambulante. E, de alguma forma, ele se tornara seu acompanhante. E não precisava disso.

– Mãos – corrigiu ele.

– Precisamente.

Ele a ajudou a atravessar a rua para Park Lane e a Casa Ralston antes de perguntar, rápido e irritado:

– Tenho coisas melhores para fazer hoje do que bancar sua babá, Juliana. O que você quer?

Ela parou, o som de seu nome de batismo pairando entre eles.

– Srta. Fiori. – Ele se corrigiu tarde demais.

Então ela sorriu. Seus olhos azuis se iluminaram com mais sabedoria do que uma mulher de 20 anos deveria ter.

– Não, Vossa Graça. Não pode voltar atrás.

A voz dela era cadenciada e quase inaudível antes de ser levada pelo vento, mas ele a ouviu. As palavras o atingiram em cheio, e o desejo percorreu seu corpo, rápido e intenso. Ele abaixou a aba do chapéu e se virou para o outro lado, caminhando contra o

vento, desejando que as folhas de outono que saltavam em torno deles pudessem soprar o momento para longe.

– O que você quer?

– Que coisas você tem para fazer?

Nada que eu queira fazer.

Ele engoliu o pensamento.

– Não é da sua conta.

– Não, mas estou curiosa. O que um aristocrata pode ter para fazer de tão premente que não possa me acompanhar até em casa?

Ele não gostou da insinuação de que vivia uma vida de ócio.

– Nós temos propósitos, sabe?

– É mesmo?

Ele lhe deu uma olhada. Ela lhe ofereceu um sorriso largo.

– Você está me provocando.

– Talvez.

Ela era linda.

Irritante, mas linda.

– Então? O que você tem para fazer hoje?

Algo nele resistiu a lhe contar que havia planejado visitar lady Penélope. Planejado pedir sua mão. Em vez disso, olhou-a de esguelha e respondeu:

– Nada importante.

Ela riu, o som caloroso e bem-vindo.

Ele não ia ver lady Penélope hoje.

Eles andaram em silêncio por algum tempo antes de chegarem à casa do irmão dela, e Simon finalmente virou-se para encará-la. Ela era vibrante e linda, com as faces rosadas e os olhos brilhantes, seu manto e seu chapéu escarlates transformando-a no exato oposto de uma boa dama inglesa. Ela estivera na rua, marchando ousadamente pelo ar frio de outono em vez de ficar dentro de casa, aquecendo-se diante da lareira, bordando e tomando chá.

Como Penélope provavelmente estava fazendo neste exato momento.

Mas Juliana era diferente de tudo o que ele já conhecera. De tudo o que ele já quisera. De tudo o que ele já fora.

Ela era um perigo para si mesma... Mas era, acima de tudo, um perigo para ele. Um perigo lindo e tentador, que ele considerava cada vez mais irresistível.

– O que você quer? – perguntou ele, as palavras saindo mais suaves do que gostaria.

– Quero ganhar a nossa aposta – respondeu ela, simplesmente.

A única coisa que ele não daria a ela. Que não podia se dar ao luxo de dar a ela.

– Não vai acontecer.

Ela deu de ombros.

– Talvez não. Especialmente se não nos virmos.

- Eu disse que não ia facilitar para você.
- Difícil é uma coisa, Vossa Graça. Mas eu não esperava que se escondesse de mim. Os olhos dele se arregalaram diante das palavras ousadas dela.
- *Me esconder* de você?
- Você foi convidado para um jantar. E foi a única pessoa que ainda não respondeu.

Por quê?

- Certamente não por estar me escondendo de você.
- Então por que não respondeu?

Porque eu não posso arriscar.

- Você faz alguma ideia de quantos convites recebo? Não posso aceitar todos. Ela sorriu de novo.

- Então está recusando?

Não.

- Eu não decidi.
- É depois de amanhã – disse ela, como se falasse com uma criança. – Eu não pensei que você seria tão indiferente com a sua correspondência, considerando-se sua obsessão com a reputação. Tem certeza de que não está se escondendo de mim?

Ele franziu o cenho.

- Não estou me escondendo de você.
- Não tem medo de que eu possa ganhar a nossa aposta?
- Nem um pouco.
- Então você virá?
- É claro.

Não!

Ela deu um sorriso largo.

- Excelente. Vou dizer a lady Ralston para esperá-lo – declarou ela, começando a subir os degraus da casa e deixando-o ali, na luz que diminuía.

Ele a observou afastar-se e ficou na rua até a porta se fechar atrás dela. E foi consumido pela noção de que tinha sido superado por uma irritante sereia italiana.

NOVE



O horário em um convite serve a um propósito.

A dama refinada nunca se atrasa.

– UM TRATADO SOBRE A MAIS REQUINTADA DAS DAMAS

Certamente nenhuma refeição é mais suntuosa do que aquela que é servida tendo o casamento em mente...

– O JORNAL DO ESCÂNDALO, OUTUBRO DE 1823

Ele foi o último a chegar ao jantar. Deliberadamente. Simon pulou de sua carruagem e subiu os degraus da Casa Ralston sabendo que estava quebrando seriamente a etiqueta. Mas ainda tinha a consciência de ter sido manipulado para comparecer ao jantar, então sentiu um prazer perverso em saber que estava vários minutos atrasado. Ele, é claro, pediria desculpas, mas Juliana saberia de imediato que ele não tinha interesse em ser orientado por uma mulher autoritária.

Ele era o duque de Leighton. Que ela não se esquecesse disso.

Simon foi tomado por uma onda de triunfo quando a porta se abriu, revelando a entrada grande e vazia da casa dos Ralstons, provando o que ele já sabia que aconteceria – eles haviam começado o jantar sem ele.

Entrando na casa, entregou o chapéu, o manto e as luvas para um lacaios antes de se dirigir para a larga escadaria central que levava ao segundo andar e à sala de jantar. A conversa vindo do andar de cima ficou mais alta conforme ele se aproximava, finalmente saindo do corredor comprido e bem iluminado e entrando na gigantesca sala de jantar, onde os convidados esperavam que o jantar começasse.

Eles ainda não haviam servido a refeição por causa dele.

O que o fez sentir-se um idiota.

É claro que ninguém demonstrava irritação por ter que aguardá-lo. Sem dúvida, todos pareciam estar desfrutando de momentos agradáveis, em especial o grupo de

cavalheiros disponíveis aglomerado em torno de Juliana, de quem Simon só conseguia ver os brilhantes cachos cor de ébano empilhados no topo de sua cabeça.

Instantaneamente, o motivo para o jantar ficou claro.

Lady Ralston estava bancando a casamenteira.

O pensamento foi pontuado por uma sonora gargalhada; a risada aguda, feminina e adorável dela se destacando das outras – graves e absolutamente masculinas. A coleção de sons deixou Simon nervoso. Ele não esperara aquilo.

E descobriu que não gostava do que via e ouvia.

– Fico tão feliz que tenha decidido se juntar a nós, Leighton.

As palavras sarcásticas de Ralston tiraram Simon de seu devaneio. Ele ignorou o marquês, voltando sua atenção para lady Ralston.

– Eu peço desculpas, milady.

A marquesa foi toda amável.

– Não é necessário, Vossa Graça. Sem dúvida, o tempo extra deu a todos nós a oportunidade de conversar.

O lembrete gentil do grupo de homens sorridentes cercando Juliana fez sua atenção voltar-se para lá. Ele ficou olhando, e escondendo cuidadosamente seus pensamentos, enquanto dois homens se separavam do grupo e se sentavam, deixando apenas o conde de Allendale e, em seu braço, Juliana.

Vestida com o vestido mais magnífico que Simon jamais vira.

Não admirava os outros estarem tão fascinados.

O vestido era um escândalo em si, uma seda da cor da meia-noite que a fazia cintilar à luz das velas, como que envolta pelo céu noturno. Era uma combinação dos vermelhos e azuis e roxos mais escuros, dando a aparência de que ela usava a cor mais rica e, simultaneamente, cor nenhuma. O corpete era cortado baixo demais, mostrando uma grande extensão de sua pele branca macia, pálida e imaculada – tentando-o a chegar mais perto. A tocá-la.

Ela usava o vestido com uma confiança e uma ousadia que nenhuma outra mulher no aposento – ou em Londres – seria capaz de demonstrar.

Juliana sabia que usar preto causaria uma cena. Sabia que a faria parecer uma deusa. Sabia que levaria os homens – e o levaria – a querer tirá-la daquele vestido glorioso e tomá-la para si.

Simon mandou o pensamento inapropriado para longe e foi assaltado pelo ímpeto de retirar seu casaco e protegê-la dos olhares ávidos dos outros homens.

Ralston certamente sabia que aquele vestido era inadequado. E certamente sabia que a irmã estava encorajando o pior tipo de atenção. Simon lançou um olhar frio para o marquês, sentado à cabeceira da mesa, aparentando não saber nada disso.

E então Juliana passou por ele, um sussurro de seda e groselha, acompanhada pelo conde de Allendale, para tomar seu lugar no centro do banquete suntuoso, sorrindo para os ditos cavalheiros, que imediatamente voltaram sua atenção para ela.

O duque queria matar cada um daqueles homens elegantes por seus olhares impróprios. Devia ter recusado o convite. Quanto maior a proximidade com aquela mulher impetuosa e impossível, mais sentia seu controle escapar.

Ele não gostava da sensação.

Tomou seu lugar ao lado da marquesa de Ralston, o lugar de honra que fora guardado para ele como o duque presente que não era da família. Passou os três primeiros pratos conversando educadamente com lady Ralston, Rivington e sua irmã, lady Margaret Talbott. Enquanto comiam, Simon tentou ignorar a atividade no meio da mesa, onde os cavalheiros – que eram em número maior do que as damas no jantar – tentavam obter a atenção de Juliana.

Era impossível ignorar Juliana, que ria e brincava com os convidados em torno da mesa, presenteando-os com seu sorriso largo e seus olhos cintilantes. Enquanto participava um tanto displicente da conversa perto dele, Simon traçava silenciosamente os movimentos dela. Ela se inclinou na direção dos homens sentados do lado oposto da mesa – Longwood, Brearley e West –, todos sem título e bem-sucedidos por seus próprios méritos, cada um esforçando-se mais do que o outro para atrair a atenção dela.

West, o editor da *Gazette*, a entretinha com alguma história idiota sobre um jornalista e um carnaval de rua.

– Devo dizer que pelo menos ele devolveu o chapéu!

– O chapéu do repórter? – perguntou Longwood, como se os dois estivessem em um show itinerante.

– O chapéu do *urso*!

Juliana se dissolveu em uma gargalhada junto com o resto do grupo bobo.

Simon voltou a atenção para seu prato.

Será que eles não podiam encontrar um aristocrata como pretendente? Ela não precisava se rebaixar tanto a ponto de se casar com um plebeu.

Durante o quarto prato, a atenção de Juliana voltou-se quase inteiramente para lorde Stanhope, que daria uma união terrível, já que ele era famoso por sua grande paixão por jogatina e mulheres. Para ser justo, ele sempre ganhava nas cartas, mas certamente Ralston não queria sua irmã casada com um libertino inveterado.

Dando uma olhada de esguelha para o marquês, que parecia estar se divertindo com Stanhope, Simon concluiu que libertinos *gostavam* da companhia de libertinos.

Ele fez o melhor que pôde para se concentrar na vitela do quinto prato, fingindo não perceber a coluna longa e graciosa do pescoço e do maxilar de Juliana. Ignorando sumariamente o desejo de colocar os lábios no ponto onde o pescoço dela encontrava seu ombro – aquele lugar que teria o cheiro dela, quente e macio e implorando pela língua dele.

Simon sabia que não devia olhar, mas tudo nela o atraía. Ela era uma sereia.

Se ele não tomasse cuidado, iria se afogar nela.

Uma gargalhada o trouxe de volta ao presente. A conversa havia passado da temporada de outono para a política, para a arte e para a música, os cavalheiros se agarrando a cada palavra cadenciada de Juliana. O conde de Allendale entretinha a mesa inteira, regalando a todos com histórias sobre o namoro de lorde e lady Ralston.

Juliana escutava com extrema atenção, seu olhar faiscante colado em Allendale, e uma chama de descontentamento se acendeu nas entranhas de Simon. Como seria sentir-se a fonte de tamanho prazer? Ser o homem que suscitava uma reação tão vibrante? Tamanha aprovação?

– Basta dizer que nunca vi duas pessoas tão destinadas uma à outra – disse Allendale com o olhar se demorando um pouco demais em Juliana, de uma maneira que Simon não gostou.

Juliana deu um sorriso largo.

– É uma pena que meu irmão tenha levado tanto tempo para perceber.

O conde retribuiu o sorriso enquanto todos riam. Era a segunda vez que Simon via Allendale conceder atenção especial a Juliana, e não lhe escapou que o tópico era apropriadamente romântico, para qualquer ternura que estivesse desabrochando entre os dois.

Simon se recostou na cadeira.

Allendale era errado para ela. Amável demais. Cordial demais. Ela iria atropelá-lo antes que ele soubesse o que o havia atingido.

Ele não era homem suficiente para ela.

Simon olhou para Ralston, esperando que o marquês tivesse visto a troca questionável entre sua irmã e seu cunhado, mas Ralston só tinha olhos para a esposa. Ele ergueu o copo e fez um brinde a ela.

– Estou me esforçando para compensar isso.

Simon desviou os olhos, desconfortável com a óbvia afeição entre o marquês e a marquesa. Sua atenção se voltou para Juliana, seus olhos azuis ficando mais suaves conforme ela observava aquele momento íntimo.

Este não era o lugar dele.

Não com ela. Não com sua família e a forma como ficavam tão confortáveis – falando livremente, mesmo em um jantar formal, deixando todos os presentes tão à vontade.

Tão diferente de sua própria família.

Tão inspirador.

Não era para ele.

Com um rubor em suas faces, a marquesa ergueu seu copo.

– Já que estamos brindando, acho que é correto brindarmos à Sua Graça por seu papel no salvamento da nossa Juliana, não concorda, milorde?

As palavras, projetadas pela mesa para seu marido, surpreenderam Simon; antes de seu casamento, lady Calpúrnia Hartwell era uma sem graça de primeira categoria, que nunca atraía tanta atenção. Ela havia encontrado sua voz.

Ralston ergueu seu copo.

– Uma ideia genial, minha querida. A Leighton. Com meus agradecimentos.

Em volta da mesa, os cavalheiros ergueram seus copos e beberam a Simon, e ele ficou dividido entre um respeito profundo pela forma como essa família manipulava a sociedade – tornando seu agradecimento inteiramente público e admitindo a aventura de Juliana, eles haviam removido com eficiência a força das fofocas – e uma irritação ardente por ter sido usado.

A duquesa de Rivington inclinou-se para perto dele com um sorriso sagaz, interrompendo seus pensamentos.

– Considere-se amplamente advertido, Vossa Graça. Agora que salvou um de nós, não será capaz de escapar!

Todo mundo riu. Todo mundo menos Simon, que forçou um sorriso educado e deu um gole em sua bebida.

– Eu admito, sinto pena de Sua Graça. – Juliana entrou na conversa, uma leveza em seu tom na qual ele não acreditou inteiramente. – Imagino que ele esperava que seu heroísmo lhe desse mais do que a nossa companhia constante.

Ele abominava essa conversa. Assumindo um olhar de tédio ducal, ele falou:

– Não houve nada de heroico naquilo.

– A sua modéstia está nos constrangendo, Leighton – gritou Stanhope, de modo jovial. – O resto de nós aceitaria com alegria a gratidão de uma dama tão linda.

Um prato foi posto diante dele, que se empenhou em cortar uma fatia de cordeiro, ignorando Stanhope.

– Conte-nos a história! – disse West.

– Eu preferiria que não revivêssemos isso, Sr. West – falou ele, forçando um sorriso. – Especialmente não para um jornalista. Eu mesmo já me cansei da história.

A declaração foi recebida com protestos dos outros convidados, todos pedindo que ele contasse de novo.

Simon permaneceu em silêncio.

– Eu concordo com Sua Graça. – A conversa barulhenta em volta da mesa silenciou por completo diante da declaração em voz baixa, com sotaque italiano, e Simon, surpreso, virou-se para fitar Juliana. – Não há muito mais o que dizer sobre essa história além de que ele salvou a minha vida. E sem ele...

Ele não queria que ela terminasse a frase.

Ela se acanhou com um sorriso.

– Bem... Basta dizer que estou muito grata por ele ter ido ao parque naquela tarde – ela voltou sua atenção para o resto do grupo com um ar despreocupado – e ainda mais grata por ele saber nadar.

Uma risada coletiva sucedeu àquelas palavras, mas ele mal a ouviu. Naquele momento, daria tudo para ficar a sós com ela – uma constatação que o abalou profundamente.

– Um brinde, um brinde – falou Allendale, levantando seu copo. – Ao duque de Leighton.

Em volta da mesa os copos se ergueram, e ele evitou os olhos de Juliana para não revelar demais seus pensamentos.

– Até mesmo eu vou ter que repensar minha opinião sobre você, Leighton – disse Ralston de modo irônico. – Obrigado.

– E agora você foi forçado a aceitar não só nosso convite para jantar, mas também nossa gratidão – falou Juliana do outro lado da mesa.

Todas as pessoas ali reunidas riram para quebrar a seriedade do momento. Todas menos Juliana, que quebrou seu contato visual, baixando os olhos para o prato.

Ele considerou o passado deles, as coisas que haviam dito. Ele ouviu suas palavras, a forma cortante com que falara com ela, a maneira como a havia encurralado em um canto até ela não ter opção a não ser acatar ou atacar.

E ela reagira, orgulhosa e magnífica.

E de repente ele queria lhe dizer isso.

Queria que ela soubesse que não a achava vulgar ou infantil ou problemática.

Ele a achava notável.

E queria recomeçar.

No mínimo, porque ela não merecia as críticas dele.

Mas talvez por mais do que isso.

Se pelo menos fosse tão fácil.

A porta da sala de jantar se abriu e um criado mais velho entrou, andando de forma discreta até Ralston. Ele se curvou, sussurrou algo no ouvido do patrão e Ralston congelou, largando audivelmente o garfo.

A conversa parou.

Qualquer que fosse a notícia que o criado trouxera, não era boa.

O marquês ficou pálido.

Lady Ralston se levantou de imediato, dando a volta na mesa na direção do marido, sem se importar nem um pouco com seus convidados. Sem se importar em fazer uma cena.

Juliana falou, a preocupação em sua voz.

– O que foi? É o Nick?

– Gabriel?

Cabeças se viraram ao mesmo tempo para a porta, para a mulher que dissera o nome de batismo de Ralston.

– *Dio*. – O sussurro de Juliana foi quase inaudível, mas ele o ouviu.

– Quem é ela? – perguntou um dos presentes.

Simon não registrou quem havia feito a pergunta. Ele estava focado demais no rosto de Juliana, no medo, na raiva e na descrença ali estampados.

Focado demais em sua resposta sussurrada em italiano.

– É a nossa mãe.



Ela estava igualzinha.

Alta e elegante e tão intocável quanto da última vez em que Juliana a vira.

Imediatamente, Juliana tinha 10 anos de novo, coberta de chocolate do carregamento desembarcado nas docas, perseguindo seu gato pela cidade velha e para dentro da casa, gritando para seu pai no pátio central, a luz do sol se despejando em volta dela. Uma porta se abriu e sua mãe saiu para a sacada de cima, o retrato do desinteresse.

– Silenzio, *Juliana. Damas não gritam.*

– *Sinto muito, mamma.*

– *Deve sentir mesmo. – Louisa Fiori inclinou-se sobre a balaustrada. – Você está imunda. É como se eu tivesse tido um filho em vez de uma filha – disse ela, acenando com uma das mãos preguiçosamente na direção da porta. – Volte para o rio e lave-se antes de entrar em casa.*

Ela se virou, a bainha de seu vestido rosa pálido desaparecendo através das portas duplas da casa.

Fora a última vez que Juliana vira a mãe.

Até agora.

– Gabriel? – repetiu a mãe deles, entrando na sala com absoluta elegância, como se não fizesse 25 anos desde que ela oferecera seus próprios jantares naquela mesma mesa. Como se não estivesse sendo observada por uma sala cheia de gente.

Não que algo assim a detivesse. Ela sempre adorara atenção. Quanto mais escandaloso, melhor.

E isso seria um escândalo.

Ninguém se lembraria do Serpentine no dia seguinte.

Ela ergueu as mãos.

– Gabriel! – Havia satisfação em seu tom de voz. – Meu Deus, que homem você se tornou. O marquês!

Ela estava atrás de Juliana agora, mas não percebera que a filha também estava no aposento. Havia um zumbido nos ouvidos de Juliana e ela fechou os olhos para não escutá-lo. É claro que sua mãe não havia percebido. Por que ela esperaria algo assim?

Se esperasse, ela teria procurado por Juliana. Teria dito alguma coisa.

Ela teria querido ver sua filha.

Não teria?

– Ah! Parece que interrompi um jantar! Suponho que devesse ter esperado até de manhã, mas simplesmente não consegui aguentar ficar nem mais um momento longe de casa.

Casa.

Juliana se retraiu diante daquelas palavras.

Os homens em volta da mesa se levantaram, seus bons modos demorando a aparecer, mas impecáveis.

– Ah, por favor, não se levantem por mim – disse a voz novamente, inflexível, pingado polidez britânica e uma ponta de algo mais: o som da astúcia feminina. – Vou aguardar em alguma outra sala até Gabriel ter tempo para mim.

A declaração terminou com certo azedume, e Juliana abriu os olhos ao ouvir o som áspero, virando a cabeça apenas ligeiramente para olhar seu irmão e ver o maxilar duro, o gelo em seu olhar azul. À esquerda dele estava Callie, os punhos cerrados, furiosa.

Se Juliana não estivesse se sentindo tão atônita, teria achado graça de sua cunhada – pronta para matar dragões por seu marido.

E a mãe deles certamente era um dragão.

Houve uma pausa enorme, um silêncio gritando no aposento até Callie falar:

– Bennett – disse ela, com uma calma incomparável –, pode acompanhar a *Signora* Fiori até o salão verde? Tenho certeza de que o marquês estará lá em breve.

O mordomo idoso pareceu entender que ele fora o mensageiro do que certamente seria o maior escândalo que Londres já vira desde... bem, desde a última vez que Londres vira Louisa Hathbourne St. John Fiori. Ele quase pulou para obedecer à ordem de sua patroa.

– *Signora* Fiori! – disse a mãe deles com uma risada alegre, exatamente a que Juliana se lembrava como pontuação para uma mentira. – Ninguém me chama assim desde que eu deixei a Itália. Ainda sou a marquesa de Ralston, não sou?

– Não é, não. – A voz de Ralston estava trêmula de raiva.

– Você é casado? Que maravilha! Vou ter simplesmente que me conformar com marquesa-viúva, então!

E após esta frase simples, Juliana mal conseguia respirar. Sua mãe havia acabado de renunciar a uma década de casamento, um marido, uma vida na Itália.

E à sua própria filha.

Na frente de uma dúzia de pessoas que não hesitariam em recontar a história.

Juliana fechou os olhos, forçando-se a permanecer calma.

Concentrando-se em sua respiração, em vez de no fato de que sua legitimidade tinha sido, com algumas palavras de uma mulher há muito esquecida, posta em questão.

Quando reabriu os olhos, foi para ver o único olhar que não desejava ver.

O duque de Leighton não olhava para a mãe dela. Ele observava Juliana. E ela odiou o que viu em seus olhos normalmente frios e indecifráveis.

Pena.

Constrangimento e vergonha tomaram seu corpo, aprumando sua coluna e ruborizando suas faces.

Ela ia vomitar.

Não podia permanecer ali nem mais um instante.

Ela tinha que sair.

Antes que fizesse algo de fato inaceitável.

Ela se levantou, empurrando a cadeira para trás, sem se importar que damas não deixassem a mesa do jantar no meio da refeição, sem se importar que estivesse infringindo todas as regras da etiqueta ridícula daquele país ridículo.

E fugiu.



O jantar foi dissolvido quase imediatamente depois da chegada da marquesa-viúva, *Signora Fiori* ou quem quer que ela fosse. O restante dos presentes se retirou às pressas, para dar à família tempo e espaço para lidar com aquela presença devastadora, ou, mais provavelmente, para ter a esperança sórdida de espalhar seu relato em primeira mão do drama daquela noite.

Simon só conseguia pensar em Juliana: em seu rosto ao ouvir o cacarejo agudo de sua mãe; em seus olhos enormes e emotivos enquanto a mulher perversa fazia a declaração escandalosa de que não era uma Fiori, mas uma St. John; na maneira como ela saía da sala, com ombros aprumados e coluna ereta, com um orgulho assombroso e notável.

Ele ficou olhando os transportes dos outros convidados rolares pela rua, escutando enquanto o duque e a duquesa de Rivington discutiam, discretamente, se deviam ficar ou deixar a família em paz.

Conforme eles subiam em sua carruagem, Simon ouviu a duquesa perguntar baixinho:

– Devemos pelo menos ver como Juliana está?

– Deixe-a por esta noite, amor – respondeu o idiota do Rivington, antes que a porta se fechasse e a carruagem partisse na direção de sua casa.

Simon cerrou os dentes. É claro que eles deviam ter procurado Juliana. Alguém devia se assegurar de que a garota não estava planejando um retorno para a Itália à meia-noite.

Não ele, é claro.

Ele subiu em sua própria carruagem – tomada pela lembrança dela em outra noite escandalosa.

Ela não era problema dele.

Ele não podia se dar ao luxo de um escândalo. Tinha sua própria família com que se preocupar. Juliana estava bem. Iria ficar, pelo menos. A esta altura, a mulher tinha que estar impermeável ao constrangimento.

E se não estivesse?

Praguejando, ele bateu no teto do coche e instruiu o cocheiro a voltar. Ele nem questionou seu destino.

Ela estava no estábulo.

Havia vários cavaleiros vagando do lado de fora, e ficaram imediatamente de prontidão ao verem o duque de Leighton. Ele os dispensou com um gesto e entrou na construção, sem pensar em nada a não ser em encontrá-la.

Não escondeu seus passos enquanto descia a longa fileira de baias até onde ela estava, seguindo os sussurros baixos em italiano e o farfalhar suave de suas roupas.

Ele parou à porta da baia, hipnotizado por Juliana.

Ela estava de costas para ele, escovando seu cavalo com uma escova de cerdas duras, cada passada curta e firme vindo em um pequeno sopro. De vez em quando, a égua mudava de posição e se inclinava na direção de sua dona, virando a cabeça para receber atenção extra. Quando Juliana acariciou o focinho longo e branco do animal, o cavalo foi incapaz de conter seu prazer, encostando o nariz no ombro de Juliana com uma fungada.

Simon não podia culpar o animal por se envaidecer com o afeto.

– Ela nem notou que eu estava ali – sussurrou Juliana em italiano enquanto trabalhava pelas costas largas da égua abaixo. – E, se eu não estivesse, se eu nunca tivesse vindo para cá, ela certamente não teria perdido seu tempo comigo.

Houve uma pausa, o único som era o farfalhar suave de seu ousado vestido de seda, inteiramente contrário ao seu sussurro baixo e triste. O coração dele se solidarizou com ela. Uma coisa era ser abandonada por uma mãe, mas que golpe esmagador deve ter sido ver sua mãe rejeitar a vida que haviam partilhado!

O som da escova ficou mais lento.

– Não que eu me importe que ela me reconheça.

Ele ouviu a mentira nas palavras dela e algo no fundo de seu peito se contraiu, tornando difícil respirar.

– Talvez agora nós possamos voltar para a Itália, Lucrezia – falou ela, apoiando a testa na espádua alta e negra do cavalo. – Talvez agora Gabriel veja que foi uma péssima ideia eu ter ficado.

As palavras sussurradas, tão sinceras, tão cheias de mágoa e arrependimento, quase foram a ruína dele. Desde o momento em que a conhecera, achara que ela gostava do escândalo que a seguia para todo canto. Achara que ela o abraçava, o convidava.

Mas, parado naquele estábulo escuro, observando-a escovar seu cavalo enorme, usando um vestido devastadoramente lindo e desesperada por alguma forma de escapar dos acontecimentos da noite, Simon finalmente percebeu.

O escândalo não era sua escolha.

Era seu fardo.

Suas palavras ousadas e seu rosto corajoso não advinham do prazer, mas da autopreservação.

Ela era tão vítima das circunstâncias quanto ele.

A consciência o atingiu como um soco no estômago.

Mas isso não mudava nada.

– Eu não acredito que seu irmão permita que você vá embora – disse ele em italiano.

Juliana girou em sua direção e ele registrou o medo e o nervosismo em seus olhos azuis arregalados, um instante antes que sumissem, substituídos por irritação.

O ardor dela não sumira.

– Há quanto tempo você está aqui? – perguntou ela em inglês, dando um passo para trás, pressionando o corpo na lateral do cavalo, que deu um passo para o lado e resfolegou agitado.

Ele ficou imóvel, como se aproximar-se dela fosse assustá-la.

– Há tempo suficiente.

O olhar dela disparou pela baia, como se procurasse uma rota de fuga. Como se tivesse medo dele. E então ela pareceu se lembrar de que não morria de medo de nada.

Ela estreitou os olhos, azuis e lindos.

– Ouvir escondido é um hábito horrível.

Ele se apoiou no batente da porta, dando-lhe espaço.

– Pode acrescentar à minha lista de características desagradáveis.

– Não há papel suficiente na Inglaterra para listar todas elas.

Ele ergueu uma sobrancelha.

– Você me magoa.

Ela fechou a cara, virando-se de volta para o cavalo.

– Se isso pelo menos fosse verdade. Você realmente não tem nenhum lugar para ir?

Então era assim que seria. Ela não queria discutir os acontecimentos da noite. Ele ficou olhando enquanto ela retomava as escovadas longas e firmes nos flancos do cavalo.

– Fui convidado para um jantar, mas ele acabou cedo.

– Parece que foi muito tedioso – falou ela, a voz seca como areia. – Você não devia estar no seu clube? Relatando o golpe devastador à nossa reputação para outros aristocratas arrogantes cobertos por uma nuvem de fumaça de charuto enquanto bebem uísque roubado do norte do país?

– O que você sabe sobre fumaça de charuto?

Ela lhe lançou um olhar por cima do ombro.

– Não temos regras tão restritivas na Itália.

Foi a vez de ele ser seco.

– É mesmo? Eu não tinha percebido.

– Estou falando bem sério. Certamente você tem algo melhor para fazer do que ficar no estábulo enquanto eu trato do meu cavalo.

– Em um vestido de noite.

O vestido mais incrível que ele já vira.

Ela deu uma de suas encolhidinhas de ombro.

– Não me diga que também há uma regra para isso?

– Uma regra sobre damas usando vestidos de noite para tratar cavalos?

– Sim.

– Não. Nessas palavras, não.

– Excelente – respondeu ela, sem interromper seus movimentos.

– Tenho que confessar que nunca vi uma dama tão bem-vestida tratando um cavalo.

– Ainda não viu.

Ele fez uma pausa.

– Como disse?

– Você ainda não viu uma dama fazendo isso. Esta noite serviu para deixar bastante claro que eu não sou uma dama, não acha? – Ela se curvou e deu um tapinha na crina, inspecionando um casco. – Eu não tenho o tipo de linhagem necessário para tal honra.

E, com isso, a conversa mudou, e o ar no aposento ficou pesado.

Ela se virou para ele, olhando em seus olhos com total seriedade.

– Por que veio procurar por mim?

Quem disse que ele sabia?

– Achou que, agora que minha mãe voltou, você poderia vir até mim no estábulo e eu me comportaria do modo que ela sempre se comportou?

As palavras ficaram pairando entre eles, impertinentes e desagradáveis, e Simon queria sacudi-la por tê-las dito. Por desvalorizar sua preocupação. Por sugerir que ela não era nem um pouco melhor do que sua mãe fora.

Ela continuou.

– Ou talvez você não tenha conseguido resistir à oportunidade de enumerar mais motivos para eu ser uma mercadoria avariada depois desta noite. Eu lhe garanto, não há nada que você possa dizer que eu mesma já não tenha pensado.

Ele merecia isso, ele supunha, mas não podia deixar de se defender. Será que ela realmente pensava que ele aproveitaria essa oportunidade – esta noite – para humilhá-la?

– Juliana, eu... – Ele deu um passo na direção dela e ela ergueu a mão para deter seu movimento.

– Não me diga que isso mudou tudo, Leighton.

Ela nunca o chamara assim. Sempre usara Vossa Graça, naquele tom zombeteiro que o irritava instantaneamente, ou Simon. Mas agora, com toda a seriedade, ela o chamara por seu título. A mudança o perturbou.

Ela riu, o som frio e quebradiço e totalmente diferente dela.

– É claro que não. Isso só enfatizou tudo o que você já sabia. Tudo o que você soube desde o início. Como é que você diz? Que eu sou um escândalo esperando para acontecer. – Ela inclinou a cabeça, fingindo pensar profundamente. – Talvez eu já tenha acontecido. Mas, se houvesse alguma dúvida, a mulher naquela sala de jantar é mais do que o suficiente, não é? – Houve um longo silêncio antes de ela acrescentar, em italiano, tão baixo que ele quase ficou na dúvida se tinha entendido: – Ela estragou tudo. De novo.

Havia uma tristeza devastadora nas palavras, uma tristeza que ecoou em volta deles até ele não aguentar mais.

– Ela não é você – declarou ele no idioma dela, como se falar em italiano pudesse

fazê-la acreditar.

Ela não ia acreditar, é claro.

Mas ele acreditava.

– *Sciocchezze!* – Os olhos dela cintilavam com lágrimas de raiva enquanto resistia às palavras dele, chamando-as de bobagem conforme se virava, oferecendo-lhe as costas. Ele quase não ouviu o resto da declaração, perdido no sibilar duro da escova. – É dela que eu venho. É nela que vou me transformar. Não é assim que funciona?

As palavras o cortaram, deixando-o absurdamente furioso com ela por pensá-las, e ele esticou a mão em sua direção, incapaz de se conter. Ele a virou para si, vendo seus olhos arregalados.

– Por que você diria isso? – Ele ouviu a aspereza em seu tom. Tentou expulsá-la. Fracassou. – Por que você pensaria isso?

Ela riu, o som áspero e sem humor.

– Eu não sou a única. Não é nisso que você acredita? Não era esse o pensamento de todos os aristocratas ricos como você? Vamos, Vossa Graça. Eu conheci a sua mãe – aí disse em inglês: – O sangue vai aparecer, não vai?

Ele parou. Essas eram palavras que ele tinha ouvido inúmeras vezes – uma das frases favoritas de sua mãe.

– Ela disse isso para você?

– Você não disse isso para mim? – Ela ergueu o queixo, orgulhosa e desafiadora.

– Não.

Um dos cantos da boca de Juliana se elevou.

– Não com essas palavras. Soa verdadeiro para você, não é? Olhando de cima para baixo, para as criaturas inferiores. O sangue vai aparecer: o verdadeiro lema do Duque do Desdém.

O Duque do Desdém.

Ele já ouvira isso antes, é claro, o apelido que era sussurrado quando ele passava. Ele nunca dera muita atenção. Nunca percebera a propriedade do nome. Nunca percebera a verdade nele.

Emoção era para as massas.

Sempre fora mais fácil ser o Duque do Desdém do que deixar que vissem o resto dele. A parte que não era tão desdenhosa.

Ele odiava que Juliana conhecesse o apelido. Odiava que ela pensasse nele desse jeito. Ele olhou nos olhos azuis cintilantes dela e reconheceu a raiva e a atitude defensiva ali. Ele podia lidar com essas reações dela. Mas não com a tristeza.

Ele não podia aguentar a tristeza dela.

Juliana leu os pensamentos dele e seus olhos chamejaram fúria.

– Não. Não ouse sentir pena de mim. Eu não quero – exigiu ela, tentando se livrar dele. – Prefiro ter o seu desinteresse.

As palavras o chocaram e o fizeram largá-la.

– O meu desinteresse?

– O que é, então? Tédio? Apatia?

Ele já havia aguentado o suficiente.

– Você acha que os meus sentimentos por você são *apáticos*? – A voz dele tremeu enquanto avançava na direção dela. – Você acha que me deixa *entediado*?

Ela piscou sob o calor das palavras dele, dando passos para trás.

– Não deixo?

Ele balançou a cabeça lentamente, indo até ela, perseguindo-a no espaço pequeno.

– Não.

Ela abriu a boca e então a fechou, sem saber o que dizer.

– Deus sabe que você é irritante...

O nervosismo chamejou nos olhos dela.

– E impulsiva...

As costas dela tocaram na parede e ela deu um gritinho enquanto ele avançava.

– E totalmente enlouquecedora...

Ele colocou uma das mãos no queixo de Juliana, erguendo cuidadosamente seu rosto para ele, sentindo sua pulsação acelerada sob seus dedos.

– E absolutamente inebriante...

A última afirmação saiu em um rosnado baixo e os lábios dela se abriram, macios e rosados e perfeitos.

Ele se inclinou, seus lábios junto aos dela.

– Não... você não é entediante.

DEZ



Feno e cavalos são uma eau de toilette desagradável.

Os estábulos não são lugar para uma dama requintada.

– UM TRATADO SOBRE A MAIS REQUINTADA DAS DAMAS

Por toda a nossa grande nação, vigários fazem sermões sobre o filho pródigo...

– O JORNAL DO ESCÂNDALO, OUTUBRO DE 1823

Juliana ficou enfeitiçada por Simon enquanto ele atravessava a baia, perseguindo-a até ela não poder ir mais longe, prendendo-a em seus braços longos e tocando-a – dando-lhe aquilo que ela mesma não sabia que ansiava até aquele momento. A voz dele, aquele rugido grave e aveludado com odor de uísque, embaralhou seus pensamentos, fazendo-a esquecer por que estava naquele estábulo escuro.

Ele ficou ali, a um hálito de distância, esperando por ela. Esperando como se pudesse permanecer naquele lugar por horas, por dias, enquanto ela considerava suas opções, enquanto ela decidia o que fazer a seguir.

Mas ela não precisava de dias nem horas.

Ela mal precisava de segundos.

Juliana não sabia o que ia acontecer mais tarde naquela noite ou no dia seguinte ou na outra semana. Não sabia o que queria que acontecesse. Exceto por isso. Ela o queria. E queria este momento, no estábulo escuro. Queria a paixão, manter aquela sensação com ela, sem se importar com o que quer que viesse pela frente.

Ele era enorme. Seus ombros largos bloqueavam a luz fraca da lamparina na parede do estábulo, jogando-o em uma sombra dura e perversa. Ela não conseguia ver seus olhos, mas imaginou suas profundezas cor de âmbar brilhando com uma paixão quase incontida.

Talvez não fosse o caso... mas ela preferia acreditar que fosse assim.

Ela colocou as mãos nele, tateando o caminho por seus braços, deleitando-se com a forma como os músculos ondulavam por baixo da lã de seu casaco, desejando que

houvesse menos tecido entre eles. Os dedos dela seguiram sobre os ombros largos e tensos até o pescoço, onde, finalmente, tocou em pele quente e lisa. Ele abaixou a cabeça enquanto ela enfiava as mãos em seus cachos macios e dourados, ou para lhe dar melhor acesso ou porque não tinha mais forças para resistir.

Ela gostou de imaginar a última opção.

Os lábios dele estavam na orelha dela agora, seu hálito vindo em arroubos entrecortados, e ela se deliciou com aquilo, tão contrário ao semblante frio de sempre dele.

– Você não parece entediado.

Ele deu uma risada áspera e a torturou com um sussurro em seu ouvido.

– Se eu tivesse cem anos para descrever como me sinto agora, entediado não apareceria em momento algum.

Ela virou a cabeça diante de suas palavras, seu olhar colidindo com o dele.

– Tenha cuidado, Simon. Vai me fazer ficar igual a você. E o que acontecerá então?

Ele não respondeu e ela esperou que ele diminuísse a distância entre os dois. Admirou-se com seu controle quando ele não o fez. Seu controle infinito e resoluto.

Juliana não o imitou.

Ela pressionou os lábios nos dele e se entregou ao seu beijo.

No momento em que seus lábios se tocaram, Simon se mexeu. Ele inalou profundamente e passou os braços em volta dela, envolvendo-a no calor, na força e no aroma dele – limão fresco e flor de tabaco.

Ele a puxou para perto, forte e poderoso, suas mãos fazendo-a pegar fogo. Havia algo diferente a respeito desse beijo, diferente do outro naquela manhã em Hyde Park... Aquele fora um beijo de frustração e fúria, medo e raiva.

O beijo de agora era uma exploração.

Ele procurava e achava, perseguia e capturava. Era um beijo que sugeria que eles tinham uma eternidade para aprender um sobre o outro, e quando a língua dele correu áspera e lisa pelo lábio inferior dela, mandando ondas eletrizantes através de seu corpo, ela esperou que eles *tivessem* uma eternidade. Certamente, levaria esse tempo para ela se cansar disso. *Dele*. Ela arfou com a sensação dele, tão poderosa, tão imoral.

Ele levantou a cabeça ao ouvi-la arfar, seus olhos nas sombras procurando os dela.

– Isto é...?

Os dedos dela voltaram aos cachos macios e dourados dele, puxando-o de volta para ela.

– É perfeito.

Ele grunhiu sua satisfação diante da resposta, moveu as mãos para segurar seu rosto, inclinando sua cabeça no ângulo perfeito e tomando sua boca em uma única reivindicação decidida que roubou o fôlego dela. E a atormentou com beijos profundos e voluptuosos que tornavam impossível pensar ou falar ou fazer qualquer coisa que não sentir.

As pernas dela se transformaram em água e ele a pegou, erguendo-a do chão como se ela não pesasse nada. Louca para envolvê-lo, mesmo enquanto suas pernas ficavam emaranhadas em seda e algodão, ela chutou, quase atingindo-o na canela, e ele afastou sua boca, curioso.

– Há tecido demais nesses malditos vestidos – disse ela, frustrada.

Ele a pôs no chão e uma mão forte e quente acariciou seu pescoço e toda a extensão de pele nua.

– Eu acho que há a quantidade correta em certos lugares – falou ele, passando um dedo pela borda do vestido dela, deixando sua pele em chamas. – Este vestido é a coisa mais linda que já vi.

Ela pressionou o corpo contra o dele, incapaz de se conter. Mesmo sabendo que era um comportamento absolutamente lascivo.

– Eu mandei fazer para você. – Ela o beijou de novo, mordiscando o lábio inferior dele antes de acrescentar: – Achei que você gostaria. Achei que não seria capaz de resistir.

– Achou certo. Mas estou começando a entender o que você disse. Realmente tecido demais. – E então ele puxou a beira do vestido para baixo, revelando o bico duro e dolorido de um seio. – Tão lindo. – O sussurro era sombrio e aveludado, e ela observou enquanto ele traçava com um único dedo um círculo ali uma, duas vezes. Aí o dedo se moveu, erguendo o queixo dela para olhar nos olhos escuros dele. – Sim ou não?

Era uma pergunta arrogante, dita como se ele a estivesse presenteando com um momento fugaz para decidir o que queria antes que ele assumisse a liderança mais uma vez e ela caísse de cabeça no mundo do qual ele era senhor.

– Sim – murmurou ela, seus dedos se enfiando nos cabelos dele e puxando-o para si. – Sim, Simon.

Algo brilhou sombrio e desvairado nos olhos dele, que baixou a cabeça, tomando a boca de Juliana em um beijo ardente antes de seus lábios descerem pelo pescoço e chegarem à pele pálida de seu seio. Os dedos dela se flexionaram nos cachos dele.

Sim, Simon.

Ele estava no controle.

Ele a estava arruinando para todos os outros.

E ela não se importava.

A língua dele roçou na pele devastadoramente sensível do bico do seio dela e ela mordeu o lábio, arqueando-se. Aquiescendo.

– Juliana?

Se o estábulo estivesse em chamas, ela não poderia ter ficado mais chocada do que ficou com o som de seu irmão chamando seu nome.

Simon ficou rígido; imediatamente aprumou-se e recolocou a beira do vestido dela no lugar, enquanto Juliana se atropelava para empurrá-lo do caminho, atrapalhando-se com suas saias, girando em um círculo para se orientar enquanto dizia “A-aqui, Gabriel”. Ela enfim pegou a escova de cerdas duras novamente e falou alto:

– E ela gosta em especial quando escovo seus flancos com firmeza.

– Procurei você em todos os cantos. O que está fazendo no estábulo sozinha no meio da... – Ralston entrou na baia e congelou, olhando primeiro para Simon e então para Juliana. Ele não levou muito tempo para entender a situação.

Corretamente.

Quando se moveu, foi como um raio.

Ignorando a arfada de Juliana, ele passou por ela como um furacão e agarrou as lapelas do sobretudo de Simon, jogando-o na porta da baia e na parede oposta, fazendo com que os cavalos abrigados ao longo do corredor caíssem em um coro de lamentos nervosos.

– Gabriel! – gritou ela, seguindo-os para o corredor a tempo de ver seu irmão agarrar a gravata de Simon com uma das mãos e desferir um soco poderoso em seu maxilar com a outra.

– Eu quero fazer isso há vinte anos, seu cretino arrogante – rosnou Ralston.

Por que Simon não estava lutando também?

– Gabriel, pare!

Seu irmão não deu ouvidos.

– De pé.

Simon se levantou, esfregando o maxilar que já estava ficando roxo.

– Você ganhou o primeiro round de graça, Ralston.

Os ombros de Ralston estavam tensionados, os punhos erguidos e prontos para a luta. Se ele se sentia da mesma forma que Juliana quando ela saía de casa, ele não iria parar até um deles ou ambos estarem inconscientes. Considerando-se os olhos faiscantes e os músculos tensos de Simon, Juliana imaginou que seriam os dois.

– Pagarei o preço pelo resto com prazer – disse Ralston.

E partiu como um furacão para cima do duque novamente, dando um soco rápido antes que Leighton bloqueasse o próximo golpe e mandasse a cabeça de Ralston para trás com um gancho cruel.

Juliana se retraiu ao ouvir o som de um corpo contra o outro e, sem pensar, interveio.

– Não! Ninguém vai pagar preço nenhum! Nem agora, nem nunca! – gritou ela, entrando no meio deles, as duas mãos levantadas, uma juíza em uma perversa luta de boxe.

– Juliana, saia do caminho. – As palavras de Leighton eram baixas e sombrias.

– Fale com ela com tanta familiaridade de novo e eu o verei ao amanhecer – ameaçou Ralston, furioso. – Na verdade, me dê um motivo para não desafiá-lo agora mesmo.

– Porque nós já tivemos escândalos suficientes para uma noite, Gabriel – respondeu Juliana. – Até eu posso ver isso.

E, de repente, ele perdeu a vontade de lutar.

Ela não abaixou as mãos até ele abaixar as dele. E quando ele o fez, ela disse:

– Nada aconteceu.

Ele deu um risinho de desdém, olhando nos olhos de Leighton por cima da cabeça da irmã. Ela viu o brilho assassino nos olhos dele.

– Você se esquece de que eu nem sempre fui um velho homem casado, irmã. Eu sei quando nada aconteceu. Damas não ficam com a aparência que você está quando nada aconteceu. Homens como Leighton não recebem socos alegremente quando *nada* aconteceu.

Ela sentiu o rubor se espalhando por suas faces, mas fez pé firme.

– Você está errado. *Nada aconteceu.*

Exceto que algo aconteceu, sussurrou uma vozinha provocativa em um canto escuro de sua mente. *Algo maravilhoso.*

Ela a ignorou.

– Diga a ele, Vossa Graça.

Simon nada falou e ela olhou-o por cima do ombro.

– Diga a ele – repetiu ela.

Era como se ela não estivesse ali. Ele encarava Ralston.

– E se fosse a sua irmã, Leighton? – disse Ralston baixinho de detrás dela. – Seria nada?

Algo cintilou nos olhos de Simon. Raiva. *Não*. Frustração. Não, outra coisa. Algo mais complicado.

E ela viu o que ele estava prestes a fazer um momento antes que o fizesse.

Ela tinha que impedi-lo.

– Não! Não...

Era tarde demais.

– Eu me caso com ela.

Ela viu as palavras mais do que as ouviu – observou-o conforme seus lábios perfeitos formavam as sílabas mesmo enquanto o som era abafado por um rugido em seus ouvidos.

Ela se virou imediatamente para o irmão.

– Não. Ele não vai se casar comigo.

O silêncio se estendeu longo e tenso, enchendo o estábulo até as vigas. A incerteza se acendeu e ela olhou para Simon novamente. Seu rosto estava frio e insensível, os olhos fixos em Ralston como se ele estivesse esperando uma sentença de morte.

E estava.

Ele não queria se casar com ela. Ela não era sua bela noiva inglesa, que provavelmente estava dormindo pesado e longe de escândalos. Porque ele era o tipo de homem que fazia o que era esperado sem discussão. Sem briga.

Ele se casaria com ela não porque a queria... mas porque devia.

Não que ela quisesse que ele a quisesse.

Mentirosa.

De jeito nenhum ela iria sofrer pela nobreza equivocada dele.

Ralston não olhou nos olhos dela, não desviou sua atenção do duque.

Ela olhou para Leighton, os olhos cor de âmbar cautelosos. Ele assentiu uma vez.

Ah, pelo...

Ela se virou para Gabriel.

– Ouça-me, irmão. Eu não vou me casar com ele. *Nada aconteceu.*

– Não, você não vai se casar com ele.

O choque atravessou-a.

– Não vou?

– Não. O duque parece ter se esquecido que ele já está comprometido.

O queixo dela caiu. *Não podia ser verdade.*

– *O quê?*

– Vamos lá, Leighton. Diga a ela que é verdade – exigiu Ralston, com fúria em suas palavras. – Diga-lhe que você não é tão perfeito afinal de contas.

A raiva chamejou nos olhos de Simon.

– Eu não perguntei à dama.

– Só ao pai dela – falou Ralston, todo convencido.

Ela queria que Simon contestasse a alegação, mas viu a verdade em seus olhos.

Ele estava noivo.

Ele estava noivo e a estivera beijando. No estábulo. Como se ela não valesse nada mais do que uma confusão.

Como se ela fosse sua mãe.

Mesmo ele lhe tendo dito que ela não era como a mãe.

Ela se virou para ele, sem esconder a acusação em seus olhos e, para crédito dele, ele tentou falar.

– Juliana...

Ela simplesmente não queria ouvi-lo.

– Não. Não há nada a dizer.

Ela observou a longa coluna do pescoço dele tremer, pensando que talvez ele estivesse procurando a coisa certa para dizer, antes de se lembrar de que este era *Leighton*, que sempre tinha a coisa certa a dizer.

Exceto quando claramente não havia coisa certa.

Ralston se intrometeu então, encerrando o momento.

– Se chegar a um metro da minha irmã de novo, Leighton, é melhor ter escolhido seus assistentes.

Houve uma pausa longa e tensa antes de Leighton retrucar:

– Não será problema ficar longe dela. Não teria sido se tivesse rédea mais curta naqueles sob seus cuidados.

E, com essas palavras frias e insensíveis, o Duque do Desdém deixou o estábulo.



Sua mãe havia voltado.

– *Redeo, Redis, Redit...*

Sua mãe havia voltado. *Sabe lá Deus por que motivo.*

– *Redimus, Reditis, Redeunt...*

Sua mãe havia voltado sabe lá Deus por que motivo. *E Juliana quase fora arruinada no estábulo.*

– Eu volto, tu voltas, ela volta...

Sua mãe havia voltado sabe lá Deus por que motivo e Juliana quase fora arruinada no estábulo. *Pelo duque de Leighton.*

E ela havia gostado.

Não da parte de sua mãe, mas da outra.

Aquela parte fora bastante... magnífica.

Até ele estar noivo. E ter alegremente dado as costas e saído da vida dela.

Deixando-a para lidar com a mãe.

Que tinha voltado.

Ela suspirou, batendo as palmas das mãos no brocado frio da colcha em sua cama.

Era alguma surpresa ela não ter conseguido dormir?

Afinal, ela não tivera uma noite das mais fáceis.

Ele fora embora.

Bem, primeiro ele a pedira em casamento.

Depois de fazê-la se sentir maravilhada.

Depois de pedir em casamento outra mulher.

Algo se retorceu dentro dela. Algo facilmente identificado.

Saudade. Ela nem entendia isso. Ele era um homem horrível, arrogante e orgulhoso, frio e insensível. Exceto quando não era essas coisas. Exceto quando era provocante e charmoso e cheio de ardor. De paixão.

Ela fechou os olhos, tentando ignorar a dor em seu peito.

Ele a fizera desejar-lo. E então fora embora.

– Eu parto, você parte...

Conjugações verbais não estavam ajudando.

Frustrada, ela pulou da cama, abrindo a porta com um puxão e descendo o corredor largo e escuro da Casa Ralston, passando as pontas dos dedos pela parede, contando portas até chegar à escadaria central do sobrado. Descendo silenciosamente os degraus, ela viu uma luz fraca vindo do gabinete do irmão.

Ela não bateu.

Ralston estava de pé diante das enormes janelas de seu gabinete, uma das mãos brincando indolentemente com uma esfera de vidro que ela lhe dera vários meses antes,

enquanto olhava para o grande abismo negro à frente. Seu cabelo escuro estava despenteado e ele havia tirado casaco, colete e gravata.

Juliana se retraiu ao ver o hematoma em seu maxilar, onde Simon o acertara.

Ela fizera muito pouco além de lhe causar problemas.

No lugar dele, ela a teria jogado na rua meses atrás.

Ele olhou quando Juliana entrou, mas não a repreendeu por sua invasão. Ela tomou um assento diante da mesa dele e puxou os pés descalços para debaixo de sua camisola enquanto ele se virava de novo para a janela.

Ficaram em silêncio por um longo instante, e isso, de certa forma, era confortável para eles. Juliana respirou fundo.

– Eu gostaria de limpar o clima.

Ralston deu um sorrisinho.

– *Aliviar* o clima.

Isso realmente fazia mais sentido. Ela franziu os olhos.

– Estou prestes a pedir desculpas e você zomba de mim?

Ele deu um meio sorriso.

– Vá em frente.

– Obrigada. – Ela fez uma pausa. – Eu sinto muito.

– Pelo quê? – Ele parecia sinceramente confuso.

Ela deu uma risadinha.

– Há muita coisa para eu me desculpar, não é? – Juliana pensou por um momento. – Suponho que eu sinto muito por tudo cair nas suas costas.

Ele não respondeu.

– Onde está ela?

A esfera de vidro rolou entre os dedos dele.

– Partiu.

Juliana fez uma pausa, uma onda de emoção atravessando seu corpo. Ela não parou para inspecioná-la. Não tinha certeza se queria fazer isso.

– Para sempre?

Ele abaixou a cabeça e ela achou que o escutara rir.

– Não. Quem dera fosse fácil assim. Eu não a queria dentro de casa.

Ela ficou olhando para ele, seu irmão forte e robusto, que parecia carregar o peso do mundo em seus ombros.

– Para onde você a mandou?

Ele se virou para encará-la então, a esfera girando.

– Ela não sabia que você estava lá, sabe? Não esperava vê-la. Foi por isso que não a procurei na sala. Durante o jantar.

Ela assentiu. Isso não tornava a rejeição de sua mãe mais fácil de aceitar.

– Ela sabe que estou aqui agora?

– Eu contei a ela – explicou ele.

O tom de voz era baixo, permeado por algo que poderia ter sido um pedido de desculpas. Ela assentiu e o silêncio recaiu sobre eles. Ele voltou para a escrivaninha e tomou o assento na frente dela.

– Você é minha irmã. Você tem prioridade.

Ele estava lembrando a ela ou a si mesmo?

Juliana olhou nos olhos dele.

– O que ela quer?

Ele se inclinou para a frente, apoiado nos cotovelos.

– Ela diz que não quer nada.

– A não ser sua posição como marquesa-viúva. – Juliana não conseguiu impedir o sarcasmo em seu tom.

– Ela nunca terá isso.

Ela não podia. Os aristocratas nunca a aceitariam. Os fofoqueiros iriam se alimentar desse escândalo durante anos. Quando Juliana chegara a Londres, seis meses antes, a história sórdida do abandono de sua mãe fora puxada do fundo do grande rio de drama que nutria a sociedade. Mesmo agora, com conexões com algumas das famílias mais poderosas de Londres, Juliana existia à margem da sociedade elegante – aceita por associação em vez de por seus próprios méritos.

Ia começar tudo de novo. Pior do que antes.

– Você não acredita nela, não é? – perguntou ela. – Que ela não quer nada.

– Não.

– Então o quê?

Ele balançou a cabeça.

– Dinheiro, família...

– Ou perdão?

Ele pensou por algum tempo, aí deu de ombros como eles todos faziam quando não tinham uma resposta.

– É uma motivação poderosa. Quem sabe?

Uma onda de calor a invadiu e ela se inclinou para a frente, balançando a cabeça.

– Ela não merece perdão. Não merece... o que ela fez com você... com Nick... com os nossos pais...

Um dos cantos da boca de Gabriel se elevou quase imperceptivelmente.

– Com você...

Comigo.

Ele se recostou em sua cadeira, mudando o peso do vidro de uma mão para outra.

– Nunca pensei que ela fosse voltar.

Juliana assentiu.

– Imaginava-se que o escândalo a manteria longe.

Ele deu uma risadinha ao ouvir aquilo.

– Você se esquece de que essa é nossa mãe. Uma mulher que sempre viveu como se o

escândalo fosse para os outros. E, para ser justo, sempre foi.

Nossa mãe.

Juliana lembrou-se da conversa com Simon no estábulo. Quanto dessa mulher havia em Juliana? Quanto de sua falta de preocupação e completo desprezo pelos outros espreitava no âmago de sua filha?

Juliana se enrijeceu.

– Você não é como ela.

A atenção dela voltou-se para o irmão, seus olhos azuis inflamados firmes nela.

As lágrimas arderam diante da sinceridade dele.

– Como você pode saber disso?

– Eu sei. E um dia você também vai saber.

As palavras eram tão simples, seu sentimento tão seguro, que Juliana quis gritar. Como ele podia saber? Como podia ter tanta certeza de que ela não era exatamente a mulher que sua mãe era? Que junto com a altura, o cabelo e os olhos azuis ela não havia herdado também um total e absoluto desprezo por aqueles à sua volta, a quem ela devia amar?

O sangue vai aparecer.

Em vez disso, ela falou:

– O escândalo... quando eles ficarem sabendo... que ela voltou...

– Será enorme. A meu ver, temos duas opções. Ou fazemos as malas e vamos para o campo, com ela a reboque, e esperamos que a fofoca se dissipe.

Se desejar tornar isso realidade...

Ela franziu o nariz.

– Ou?

– Ou aprumamos nossos ombros e encaramos.

Não era uma opção. Não para ela. Para ele também não.

Juliana contraiu os lábios em um meio sorriso.

– Bem, não se pode dizer que a Casa Ralston não mantenha Londres fofocando alegremente.

Houve uma pausa e ele começou a rir, um som trovejante que vinha do fundo de seu peito. E logo ela também estava rindo.

Porque, no momento, era rir ou chorar.

Conforme o riso ia morrendo, Ralston se recostou em sua cadeira e olhou para o teto.

– Nick tem que ser avisado.

É claro. O irmão deles e sua nova esposa viviam em Yorkshire, mas esta era uma notícia que ele tinha que saber o mais rápido possível.

– Ele virá?

As sobranceiras dele se ergueram, como se ele não tivesse considerado a possibilidade.

– Não sei. Nick e ela... eles... – Ralston deixou a frase morrer e eles ficaram sentados

em silêncio de novo, cada um perdido nos próprios pensamentos.

Ela estava de volta.

E, com ela, décadas de perguntas há muito enterradas.

Ela olhou nos olhos de seu irmão.

– Gabriel – sussurrou. – E se ela estiver aqui para ficar?

Algo chamejou nos olhos azuis dele, uma combinação de raiva e preocupação. Ele respirou fundo, como se estivesse organizando os pensamentos.

– Nem por um minuto imagine que ela está aqui de vez, Juliana. Se há uma coisa que sei a respeito dessa mulher é que ela é incapaz de suportar a constância. Ela quer alguma coisa. E, quando obtiver, ela vai partir. – Ele colocou a esfera de cristal na mesa. – Ela vai partir. E tudo vai voltar ao normal.

Nos seis meses desde que chegara a Londres, Juliana tivera muitas oportunidades de ver o homem que existia sob a fachada indiferente do marquês de Ralston. Oportunidades suficientes para saber que ele não acreditava naquelas palavras.

Que não podia acreditar nelas.

Era um eufemismo dizer que a volta de sua mãe mudava tudo. Sua chegada estava prestes a desenterrar um escândalo que vinha sendo traçado há 25 anos. Ela parecia não se preocupar com o impacto que causara na sociedade e demonstrava pouco remorso por seus atos. Ela havia marchado para dentro da Casa Ralston como se nunca tivesse ido embora.

Mesmo que tudo isso pudesse ser apagado – se Gabriel a expulsasse e a mandasse em um navio para as Hébridais Exteriores, para nunca mais ter notícias dela –, nada nunca seria igual.

Até a noite anterior, eles podiam ter fingido – haviam fingido – que ela partira para sempre. Certamente Juliana sempre imaginara se a mãe ainda estaria viva, onde ela se encontrava, o que fazia, com quem estava. Mas, em algum lugar profundo e silencioso dentro dela, sempre presumira que sua mãe se fora para sempre.

E começara a se acostumar com a ideia ao chegar a Londres e conhecer seus irmãos, recebendo a chance de uma vida nova. Uma vida na qual o fantasma de sua mãe continuava a assomar, mas menos pesado e agourento do que antes.

Até agora.

– Você não acredita realmente nisso – disse ela.

Houve uma longa pausa então.

– Ela quer falar com você.

Ela percebeu a mudança de assunto, mas não fez nada para corrigir. Brincava com um fiapinho da manga de sua camisola.

– Tenho certeza que quer – afirmou Juliana.

– Você pode lidar com ela como quiser.

Ela o observou cuidadosamente.

– O que acha que devo fazer?

– Acho que você devia tomar a decisão por si mesma.

Ela puxou os joelhos até o queixo novamente, acomodando os calcanhares no assento liso de couro.

– Acho que não quero falar com ela. Ainda não.

Algum dia, talvez. Sim. Mas não agora.

Ele assentiu.

– É justo.

O silêncio caiu e ele organizou várias pilhas de correspondência, o hematoma em seu maxilar cintilando à luz das velas.

– Dói?

Uma das mãos foi para a lateral do rosto dele, explorando a lesão com dedos hesitantes.

– Leighton sempre foi bom de soco. Não bastasse ser grande daquele jeito.

Juliana contraiu os lábios. Seu irmão não respondera à pergunta. Ela imaginou que doía muito.

– Sinto muito por isso também.

Ele viu o olhar dela, os olhos azuis cintilando de raiva.

– Não sei há quanto tempo vocês dois...

– Nós...

Ele cortou o ar com a mão, detendo as palavras dela.

– E, francamente, não quero saber. – Ele deu um suspiro longo e cansado. – Mas fique longe dele, Juliana. Quando dissemos que queríamos que você fizesse um bom casamento, Leighton não era o que imaginávamos.

Até mesmo seu irmão achava Simon bom demais para ela.

– Porque ele é um duque?

– O quê? Não – disse Ralston, perplexo de verdade com a reação defensiva dela. – Porque ele é um cretino.

Ela sorriu. Não podia evitar. Ele falou de uma forma tão óbvia, tão pragmática.

– Por que acha isso?

– Digamos apenas que eu e o duque tivemos nossa cota de desentendimentos. Ele é arrogante, orgulhoso e impossível. Leva seu nome a sério demais e seu título mais a sério ainda. Eu não o suporto. Devia ter me lembrado disso durante as últimas semanas, mas ele parecia tão preocupado com sua reputação que fiquei disposto a esquecer meu preconceito. – Ele lhe deu um olhar enviesado. – Agora vejo que devia ter imaginado.

– Você não foi o único que foi enganado – falou ela, mais para si mesma do que para ele.

Ele se levantou.

– Vendo pelo lado positivo, há vinte anos eu queria bater nele. Então isso foi algo que deu certo hoje. – Ele flexionou a mão. – Acha que ele tem um hematoma parecido com o meu?

O orgulho masculino no tom dele a fez rir e ela também se levantou.

– Tenho certeza de que é muito maior. E mais feio. E mais doloroso. Pelo menos eu espero que seja.

Ele deu a volta na mesa e tocou no queixo dela.

– Resposta correta.

– Eu entendo rápido.

Ele riu desta vez.

– Aprende rápido.

Ela inclinou a cabeça.

– Sêrio?

– Sêrio. Agora. Um favor?

– Sim?

– Fique bem longe dele.

A dor no peito dela voltou com as palavras. Ela a ignorou.

– Não quero ter nada a ver com aquele homem difícil.

– Excelente.

Ele acreditou nela.

Agora ela simplesmente teria que acreditar em si mesma.

ONZE



Mesmo em bailes, deve-se ter cautela com o vulgar.

Damas elegantes ficam longe de cantos escuros.

– UM TRATADO SOBRE A MAIS REQUINTADA DAS DAMAS

Pardais esvoaçantes e seus companheiros recentemente receberam o que é seu por direito...

– O JORNAL DO ESCÂNDALO, OUTUBRO DE 1823

Os degraus que levavam à Casa Dolby estavam cobertos de vegetais.

A marquesa de Needham e Dolby havia levado seu baile da colheita mais do que a sério, cobrindo a frente da casa com cebolas, batatas, o que pareciam ser vários tipos diferentes de trigo e abóboras de todos os tamanhos e cores imagináveis. Um caminho fora criado para os convidados; não uma trilha reta degraus acima e para dentro da casa, mas uma passagem sinuosa, curva, ladeada por despojos da colheita que faziam sete degraus parecerem setenta, e aqueles que por ali seguiam sentirem-se absolutamente ridículos.

Juliana saltou da carruagem e olhou espantada para a trilha de abóbora e trigo. Callie a seguiu e deu uma risadinha diante da exibição.

– Meu Deus.

Ralston tomou o braço da esposa e liderou o caminho através do extravagante labirinto.

– Isso tudo é culpa sua, você sabe – sussurrou ele no ouvido dela, e Juliana pôde ouvir o humor em seu tom. – Espero que esteja feliz.

Callie riu.

– Eu nunca tive a oportunidade de passear por uma horta, milorde – provocou ela. – Então, sim, estou bastante feliz.

Ralston revirou os olhos para o céu.

– Não vai haver passeio, imperatriz. Vamos acabar logo com isso. – Ele se virou na

direção de Juliana, indicando que ela deveria precedê-lo nos degraus. – Irmã?

Juliana colocou um sorriso brilhante no rosto e subiu um degrau ao lado dele. Ele se curvou e disse baixinho:

– Mantenha o sorriso no rosto e eles não saberão como reagir.

Não havia dúvidas de que, a esta altura, um dia inteiro desde o retorno de sua mãe, todos estariam fofocando sobre a notícia. Houvera uma breve discussão naquela tarde sobre não comparecer a este baile em particular, oferecido na casa de lady Penélope – a futura duquesa de Leighton –, mas Callie insistira que, se fossem enfrentar essa tempestade, eles teriam que comparecer a qualquer evento para o qual recebessem convite, quer Leighton estivesse presente ou não. Em breve, afinal de contas, haveria bem menos para aceitar.

E nesta ocasião, pelo menos, toda a narrativa dos acontecimentos da noite anterior na Casa Ralston seria nebulosa, na melhor das hipóteses.

Ela aumentou a vivacidade de seu sorriso e andou pelo caminho, entre nabos e abóboras e abobrinhas, rumo ao que estava destinado a ser uma das noites mais longas de sua vida.

Uma vez despida de seu manto, Juliana virou-se para encarar o fosso de víboras que esperava do lado de dentro do salão de baile da Casa Dolby.

A primeira coisa que ela percebeu foram os olhares. A entrada para o salão de baile era de cima, descendo um pequeno lance de escadas quase que certamente projetado para a melhor – e menos inócua – entrada. Enquanto pairava ali no topo da escada, Juliana sentiu dezenas de olhos em cima dela. Olhando para o outro lado do aposento, ela se recusou a permitir que seu sorriso diminuísse mesmo enquanto notava os sinais evidentes de fofoca: cabeças curvadas, leques esvoaçantes e olhos vivamente iluminados, ansiosos por um vislumbre de qualquer drama sórdido que pudesse se desenrolar.

Callie virou-se para ela e Juliana reconheceu um sorriso animado demais no rosto da cunhada.

– Você está indo maravilhosamente bem. Depois que estivermos no meio da multidão, tudo vai se acalmar.

Ela queria acreditar que as palavras eram verdadeiras. Olhou por cima da multidão, desesperada para fazer parecer que algo havia chamado a sua atenção. E então algo chamou.

Simon.

Ela prendeu a respiração conforme a lembrança ardente a inundava.

Ele estava do outro lado do salão de baile, alto e lindo, em trajes formais perfeitos e uma gravata de linho com linhas tão engomadas que poderiam fatiar uma manteiga. No alto de uma bochecha ela notou um vergão vermelho – parecia que pelo menos um dos socos de Ralston na noite anterior havia atingido o alvo –, mas a marca só tornava Simon mais bonito. Mais devastador.

Só fazia com que ela o quisesse mais.

Ele não a vira e ainda assim ela resistiu aos ímpetos tanto de alisar suas saias quanto de se virar e correr para a saída. Em vez disso, concentrou-se em descer para o salão de baile, onde não poderia vê-lo.

Talvez se não pudesse vê-lo ela parasse de pensar tanto nele – em seus beijos, em seus braços fortes e em como fora a sensação de seus lábios contra a pele nua dela.

E em como ele pedira lady Penélope em casamento antes de ir atrás de Juliana no estábulo.

Lady Penélope, na casa de quem Juliana estava.

Ela afastou os pensamentos quando seu irmão pegou seu cotovelo e se inclinou em direção a seu ouvido.

– Lembre-se do que discutimos.

Ela assentiu.

– Eu serei a bela do baile.

Ele deu um sorriso largo.

– Como sempre – reconheceu ele. Quando ela riu, ele acrescentou: – Bem, tente fazer o mínimo *disso* possível.

– Vivo para obedecer às suas ordens, milorde.

Ele deu uma gargalhada curta.

– Se pelo menos isso fosse verdade. – O olhar dele ficou sério. – Tente se divertir. Dance o máximo que puder.

Ela assentiu. *Se alguém a convidasse.*

– Srta. Fiori? – A voz com o pedido grave e caloroso veio de detrás dela, que girou para ficar de frente para o irmão de Callie, o conde de Allendale. Ele sorriu, a gentileza em seus olhos castanhos. Estendeu uma das mãos. – Você me daria a honra?

Fora planejado, ela sabia. Planejado que ela tivesse alguém com quem dançar no instante em que entrasse no salão de baile. Planejado que esse alguém fosse um conde.

Ela aceitou e eles dançaram uma quadrilha animada, e Benedick foi um perfeito cavalheiro, passeando com ela pelo aposento após a dança, sem sair do seu lado.

– Não precisa ser tão cuidadoso comigo, sabe? – disse ela finalmente, baixinho. – Eles não podem fazer muita coisa contra mim em um salão de baile.

Ele deu um meio sorriso.

– Eles podem fazer o bastante contra você em um salão de baile. E, além disso, eu não tenho nenhum lugar melhor para ir.

Eles chegaram a um local mais tranquilo do salão e ficaram em silêncio um ao lado do outro, observando outros dançarinos atravessarem a pista em uma dança escocesa.

– Você não tem outras damas para cortejar? – provocou ela.

Ele balançou a cabeça em uma tristeza fingida.

– Nenhuma. Fui aliviado de meus deveres como conde solteiro esta noite.

– Ah – falou ela –, então algo de bom resultou da confusão na Casa Ralston.

Ele abriu um sorriso largo para ela.

– Para mim, pelo menos. – Eles voltaram a olhar os dançarinos por algum tempo antes de Benedick dizer baixinho: – Vai ficar tudo bem.

Ela não olhou para ele por medo de perder sua máscara de serenidade.

– Eu não estou tão certa disso, mas muito obrigada por dizê-lo.

– Ralston fará o que precisar ser feito para que fique tudo bem. Ele terá todo o meu apoio, o de Rivington... e de dezenas de outros.

Mas não do homem que eu esperava que ficasse do nosso lado.

Ela se virou diante da certeza suave em seu tom caloroso, olhando em seus olhos gentis e imaginando, por um breve momento, por que não podia ser este homem a deixá-la em chamas.

– Não sei por que vocês todos arriscariam tanto.

Ele fez um sonzinho de protesto.

– Risco – falou, como se fosse uma palavra tola. – Não é um risco para nós. Somos jovens e belos aristocratas com muitas terras e bastante dinheiro. Que risco?

Ela ficou surpresa com a candura dele.

– Nem todos vocês parecem dar tão pouca importância aos danos à sua reputação que uma associação conosco pode causar.

– Bem, Rivington e eu não temos muita escolha, já que somos parentes, se é que você se lembra. – Ela entendeu a provocação no tom dele, mas não achou muito engraçado. Houve um instante de silêncio. – Presumo que esteja falando de Leighton.

Ela se enrijeceu. Não podia evitar.

– Entre outros.

– Eu vi como ele olhava para você ontem à noite. Acho que Leighton vai se aliar a você mais rápido do que imagina.

As palavras – baseadas em uma lógica tão falha – doeram. Ela balançou a cabeça.

– Você está errado.

Benedick podia achar que vira apoio no comportamento de Leighton na noite anterior, mas entendera errado a emoção. Ele vira frustração, irritação, desejo talvez. Mas não carinho.

Pelo contrário. Se Benedick tivesse visto o duque sair feito um furacão do estábulo mais tarde naquela noite, após revelar que estava noivo, ele não teria a mesma opinião.

Simon ia se casar.

As palavras mal haviam sido sussurradas em sua mente quando, como se ela tivesse conjurado a futura noiva dele, Juliana teve um vislumbre da uva no meio da multidão, dirigindo-se para o salão das damas.

E ela não pôde resistir.

– Volto já – sussurrou ela, em movimento.

Ela sabia, mesmo enquanto se dirigia para o salão, que não devia seguir lady Penélope, que qualquer conversa que pudessem ter seria mais dolorosa do que conversa nenhuma, mas não conseguia evitar. A uva fizera o que Juliana não podia – ela fisgava

Simon. E havia uma parte perversa de Juliana que precisava saber quem essa inglesa perfeita e sem graça era.

O que havia nela para levar o impassível duque de Leighton a escolhê-la como sua duquesa.

Era cedo o bastante para que o salão estivesse vazio, a não ser por um punhado de criadas, e Juliana atravessou o aposento principal do salão até um quartinho lateral, onde encontrou Penélope despejando água em uma pequena bacia, ali colocando as mãos e respirando fundo.

A uva parecia doente.

– Você não vai colocar os bois para fora, vai?

Penélope se virou, a surpresa em seus olhos transformando-se rapidamente em confusão.

– Colocar os bois para fora?

– É possível que eu tenha falado errado – Juliana moveu a mão, girando-a, e completou: – Passar mal. Em italiano, dizemos *vomitare*. – Os olhos da uva se arregalaram com a compreensão antes de um rubor tomar suas faces. – Ah, estou vendo que entende.

– Sim. Eu entendo – lady Penélope balançou a cabeça. – Não. Não vou botar os bofes para fora. Pelo menos acho que não.

Juliana assentiu.

– *Bene*. – Ela indicou uma cadeira perto da bacia. – Posso me juntar a você?

A uva franziu as sobrancelhas. Evidentemente não era todos os dias que ela tinha uma conversa como essa.

Mas, se ela queria recusar, era educada demais para fazê-lo.

– Por favor.

Juliana sentou-se, acenando com uma das mãos.

– Não precisa parar o que quer que esteja fazendo – disse, antes de uma pausa. – O que estava fazendo?

Penélope olhou para a bacia antes de olhar nos olhos curiosos de Juliana.

– É só uma coisa que faço para me acalmar.

– Lavar as mãos?

Um dos cantos da boca de Penélope se elevou em um sorriso autodepreciativo.

– É tolice.

Juliana balançou a cabeça.

– Eu conjugo verbos.

– Em italiano?

– Em latim. E em inglês.

Penélope pareceu considerar a ideia.

– E funciona?

Com tudo, menos Leighton.

- Na maioria das vezes.
- Vou experimentar.
- Por que está precisando se acalmar?

Penélope ergueu um longo quadrado de linho para secar as mãos.

- Nenhum motivo.

Juliana esboçou um sorriso diante da óbvia mentira.

– Não quero ofender, lady Penélope, mas você não é muito boa em esconder seus sentimentos.

Penélope encarou Juliana.

- Você fala o que quer que esteja pensando, não é?

Juliana encolheu os ombros de leve.

– Quando você tem uma reputação como a minha, há pouca necessidade de medir as palavras. É o baile que a está deixando nervosa?

Penélope desviou o olhar e observou seu reflexo em um espelho próximo.

- Entre outras coisas.

– Bem, eu certamente posso entender isso. São eventos horríveis, os bailes. Não entendo por que alguém gosta deles. São só sussurros desonestos e danças tolas.

Penélope olhou para Juliana pelo espelho.

- O baile desta noite ficará na história.
- Está se referindo à fofoca sobre minha mãe?
- O meu noivado será anunciado esta noite.

As palavras não deveriam ter sido uma surpresa e ainda assim foram um choque para Juliana.

Ele ia anunciar o noivado esta noite.

- Seu noivado com quem?

Ela sabia que não devia perguntar. Mas não conseguiu evitar. De alguma maneira perversa, ela tinha que ouvir as palavras da boca daquela mulher – a futura esposa dele.

- Com o duque de Leighton.

Juliana sabia que ouviria aquelas palavras, mas elas a rasgaram mesmo assim.

- Você vai se casar com o duque de Leighton. – *Pare de falar.* – Ele pediu a sua mão.

Penélope assentiu, perdida em seus próprios pensamentos, seus cachinhos dourados subindo e descendo como o cabelo de uma das bonecas da infância de Juliana.

- Hoje de manhã.

Juliana sentiu um nó na garganta. Ele obviamente saíra da Casa Ralston na noite anterior determinado – tendo escapado por pouco de um mau casamento com Juliana... ele garantira alegremente um bom com...

Outra pessoa.

E em uma virada medonha do destino, Juliana estava comparecendo ao baile de noivado.

Tudo isso acontecia enquanto a reputação de sua família estava sendo feita em

pedaços.

Tardiamente, ela se lembrou de seus modos.

– Como você... deve... estar feliz!

– Sim. Suponho que eu devia estar feliz.

Ela não parecia feliz.

Na verdade, os olhos de Penélope ficaram cheios d'água e ela parecia muito perto das lágrimas.

E, de repente, Juliana sentiu pena da outra mulher.

A mulher que ia se casar com Simon.

– Você não deseja se casar com ele?

Houve uma longa pausa enquanto Penélope parecia se recompor. Juliana observou, admirada, as lágrimas sumirem dos olhos da outra mulher, retornando ao seu azul pálido, e um sorriso branco e brilhante aparecer em seu rosto. Ela respirou fundo.

– O duque de Leighton é um bom homem. É um bom casamento.

Juliana percebeu que ela não havia respondido à sua pergunta. Juliana ergueu uma sobrancelha.

– Você parece um deles.

Penélope se espantou.

– Deles quem?

Juliana fez um gesto com a mão, indicando o salão exterior e o salão de baile mais além.

– Dos ingleses.

Penélope piscou.

– Eu *sou* um dos ingleses.

– Suponho que seja. – Juliana observou-a por um longo tempo. – Ele é um bom homem.

– Ele dará um bom marido para mim.

Juliana revirou os olhos.

– Eu não iria tão longe a ponto de dizer isso. Ele é arrogante e despótico e vai querer tudo de seu modo frio e calculista.

Ela devia parar com isso agora. Simon ia se casar com sua lady. E Juliana não tinha nada que se meter.

Houve uma longa pausa enquanto a outra mulher considerava aquelas palavras, e Juliana começou a se arrepender de seu discurso ousado. No momento em que estava prestes a pedir desculpas, Penélope falou:

– O casamento é assim.

A declaração simples, dita como se fosse um fato irrefutável, foi a ruína de Juliana. Ela se levantou da cadeira, sem ter opção a não ser se mover.

– O que há com os ingleses? Vocês falam de casamento como se fosse um acordo de negócios.

– É um acordo de negócios – declarou Penélope simplesmente.
– E quanto ao amor?
– Tenho certeza de que... com o tempo... iremos desenvolver certa... predileção um pelo outro.

Juliana não pôde impedir uma gargalhada.

– Eu desenvolvi certa predileção por tortas de maçã, mas não quero me casar com uma – disse Juliana, notando que a outra mulher não sorriu. – E a paixão?

Penélope balançou a cabeça.

– Não há lugar para a paixão em um bom casamento inglês.

Juliana ficou imóvel diante de tais palavras, um eco de um outro baile. Outro aristocrata.

– Ele disse isso a você?

– Não, mas é... o jeito como as coisas são feitas.

O aposento ficou imediatamente menor, mais sufocante, e Juliana ansiou por ar. Aquela mulher era perfeita para Simon. Ela não o desafiaria, lhe daria lindos filhos de cabelos dourados e ofereceria jantares enquanto ele vivia sua vida tranquila, livre de escândalo, sem complicações causadas pela paixão.

Juliana nunca tivera chance com ele.

E só naquele momento, enquanto a verdade invadia seu corpo, ela percebeu quanto quisera uma.

Não há lugar para a paixão em um bom casamento inglês.

Ela se virou para a porta.

– Bem, pelo menos nisso vocês formam um par excelente.

No momento em que Juliana alcançou a entrada para o salão maior, a uva encontrou sua voz.

– Não é fácil, sabe? Você acha que as damas inglesas não crescem imaginando o amor? É claro que sim. Mas não somos criadas para o amor. Somos criadas para a reputação. Para a lealdade. Somos criadas para dar as costas para a paixão e segurar na mão da segurança. É o material dos romances? Não. Nós gostamos disso? Não importa. É o nosso dever.

Juliana absorveu as palavras. Dever. Reputação. Segurança. Ela nunca conseguiria entender esse mundo, essa cultura. Ela nunca seria um deles e isso sempre iria diferenciá-la. Sempre a faria digna dos cochichos deles.

E nunca a faria digna *dele*.

Não da maneira que essa inglesa tenaz fazia.

A dor voltou e, antes que ela pudesse pedir licença, Penélope ofereceu um sorrisinho tranquilo.

– Nós deixamos o amor para os italianos.

– Não tenho certeza se nós o queremos. – A conversa havia acabado. – Minhas felicitações, lady Penélope.

Ela deixou a futura duquesa com sua bacia e seu destino e passou pelo aposento principal, ignorando ambos os grupos de mulheres reunidas ali, as cabeças curvadas no prazer extasiado da mais pura essência dos bailes – fofoca e moda.

– Ouvi dizer que ela voltou e que jura que nunca esteve na Itália.

As palavras subiram acima dos murmúrios dissimulados, ditas para serem ouvidas. Ditas para ferir e instigar.

E Juliana não pôde se conter.

Ela se virou para ver lady Sparrow, que entretinha suas seguidoras. Ela deu um sorrisinho afetado, uma víbora prestes a atacar, olhando nos olhos de Juliana e dizendo abertamente:

– O que significa que alguém não é quem diz ser.

Houve uma arfada coletiva diante da sugestão. Sugerir a ilegitimidade de alguém era a maior forma de insulto. E fazê-lo enquanto a pessoa em questão estava no aposento...

Nada de drama esta noite. A família não precisava disso.

Sparrow – pardal em inglês – devia se chamar Abutre. Ela estava circulando como se tivesse visto carniça.

– Porque não me surpreenderia se ela tivesse ouvido que havia dinheiro e posição para se obter aqui. Quero dizer, nós não sabemos nada sobre ela. Na verdade, ela pode nem ser italiana. Pode ser algo completamente diferente.

Juliana queria se virar e provar quão italiana era. Com palavras pequenas e cruéis que queimariam as orelhas de Sparrow.

Mas isso mudaria alguma coisa?

Não a faria ter a aceitação delas. Não tornaria esta noite, ou qualquer noite por vir, mais fácil. Não removeria o escândalo do nome deles nem a tornaria digna aos olhos dos demais.

Aos olhos dele.

Ela resistiu ao pensamento. Isso nada tinha a ver com ele.

Ou tinha?

Ele não era um deles? Não a havia julgado exatamente como eles? Não esperava que ela causasse um escândalo aonde quer que fosse?

Ela não havia provado que ele estava certo?

– Algo diferente?

– Uma cigana?

– Uma espanhola?

Se não estivesse tão zangada, Juliana teria rido da forma como a palavra fora dita, como se fosse sinônimo de *bruxa*. Qual era o problema com os espanhóis?

– Podíamos perguntar a ela – disse lady Sparrow.

E o grupo de mulheres virou-se para encará-la. Cada rosto com um sorriso mais malicioso do que o outro.

Eis como seria de agora em diante.

Eis como seria ter o escândalo à sua volta – escândalo de verdade, não uma pequena mancha negra na sua reputação por ser italiana ou sincera ou desajeitada ou resistente às regras tolas deles.

Era disso que ele tinha medo.

E enquanto observava seus sorrisos maliciosos, lendo a crueldade em seus olhos, ela não pôde culpá-lo.

Ela também se casaria com a uva.

Tomada por uma onda de raiva e vergonha, Juliana quis gritar e jogar coisas naquelas mulheres horríveis. Seus músculos se retesaram com o desejo insuportável de atacar. Mas ela aprendera, nos oito meses em que estava em Londres, que existiam coisas mais dolorosas do que golpes físicos.

E ela já estava cheia. Em vez disso, Juliana se virou e verificou o próprio reflexo no espelho, fazendo uma cena para ajeitar seu penteado antes de voltar sua atenção para elas, fingindo tanto tédio quanto possível.

– Sabe tão bem quanto eu, lady Sparrow, que sou o que quer que você e suas – ela fez um gesto preguiçoso com a mão na direção do grupo – harpias decidirem que eu seja. Italiana, espanhola, cigana, filha de fada. Aprecio qualquer papel que escolherem... desde que não me tornem inglesa.

Ela observou conforme a compreensão surgia em seus rostos chocados.

– Pois certamente não há nada pior do que ser uma de vocês.



Ele fingiu não tê-la visto chegar.

Assim como fingiu não se importar enquanto ela ria e dançava nos braços do conde de Allendale.

Assim como fingiu não contar os minutos que ela passara no salão das damas.

Em vez disso, ele simulou um enorme interesse na conversa à sua volta – nas opiniões dos homens que estavam ansiosos para partilhar suas ideias sobre o projeto de lei do orçamento militar e para obter o respeito e o apoio do duque de Leighton.

Mas, quando ela saiu de modo silencioso do salão de baile, dirigindo-se para um longo corredor escuro nos fundos da casa, onde só Deus sabia quem ou o que poderia estar esperando por ela, ele não pôde mais fingir.

E então ele atravessou o salão, dispensando educadamente aqueles que tentaram pará-lo para conversar, e seguiu Juliana para os recessos da casa ancestral da mulher de quem estava noivo.

A segunda mulher que pedira em casamento nas últimas 24 horas.

A única que havia aceitado o seu pedido.

Juliana o havia rejeitado.

Ele ainda era incapaz de aceitar a ridícula verdade.

Ela nem havia *considerado* a possibilidade de se casar com ele.

Simplesmente virara-se para seu irmão e sugerira, em um tom que a maioria das pessoas reservava para as crianças e os criados, que Simon Pearson, décimo primeiro duque de Leighton, não sabia o que estava dizendo.

Como se ele se oferecesse para casar com qualquer uma que aparecesse.

Ele devia ficar felicíssimo com o rumo dos acontecimentos... afinal de contas, agora tudo estava correndo de acordo com o planejado. Ele ia se casar com a impecável lady Penélope e, dentro de instantes, iria unir as duas famílias, fortalecendo oficialmente suas defesas em preparação para os ataques que viriam quando o escândalo acontecesse.

O duque passou por várias portas fechadas ou trancadas antes do corredor fazer uma curva para a direita, e parou na completa escuridão, esperando seus olhos se ajustarem à luz. Depois que conseguiu distinguir as portas no longo corredor, continuou.

Ele devia se considerar o homem mais sortudo do mundo por ter evitado uma união terrível com Juliana Fiori.

Devia estar de joelhos, agradecendo ao Criador por ter sido salvo por pouco.

Em vez disso, ele a seguia em meio à escuridão.

Ele não gostou da metáfora.

Ela era uma feiticeira.

Parecera tão frágil lá no estábulo, escovando seu cavalo, falando consigo mesma em um tom baixo e autodepreciativo.

Que homem poderia resistir a tal imagem?

Ralston achara que *Leighton* era o culpado – um cavalheiro mais velho se aproveitando de uma moça que acabara de fazer 20 anos. Certamente Simon aceitara o fato... e aceitara os socos e as acusações, e a havia *pedido em casamento*.

E, por mais que tentasse se convencer de que o fizera pela noção do que era certo, a verdade era que, naquele momento, ele o fizera porque queria. Queria marcá-la como dele e terminar o que haviam começado.

O beijo fora diferente de tudo o que ele já havia experimentado. A maciez da pele de Juliana, a sensação de seus dedos no cabelo dele, a forma como ela o virara do avesso com um pequeno suspiro, a maneira como ele ficara duro com a mera lembrança do jeito que ela sussurrara seu nome, o modo como ela implorara que ele sentisse seu gosto naqueles lábios macios e rosados...

Ele abriu uma porta, olhando dentro de um quarto escuro. Fazendo uma pausa, escutando. Ela não estava ali. Ele fechou a porta com um xingamento.

Simon jamais se sentira daquele jeito. Nunca se sentira tão consumido pela frustração, desejo ou...

Paixão.

Ele congelou diante da palavra, balançando a cabeça.

O que ele estava fazendo?

Eram os últimos minutos antes que seu noivado com lady Penélope se tornasse público... antes que todos os portões e quaisquer outros caminhos se fechassem para só existir aquele no qual encontrava sua futura duquesa e sua vida em comum. E ele estava seguindo outra mulher por um corredor escuro!

Estava na hora de ele se lembrar de quem era.

Penélope daria uma ótima esposa. E uma excelente duquesa.

Uma visão surgiu em sua mente – não de Penélope. E sim de cachos cor de ébano e olhos da cor do mar Egeu. Lábios cheios e maduros que sussurravam o nome dele como uma oração. Uma risada carregada pelo vento enquanto Juliana cavalgava para longe dele em Hyde Park, o provocava durante o jantar, nas ruas de Londres e no estábulo.

Ela vivia com paixão. E amaria com ela também.

Ele ignorou o pensamento.

Ela não era para ele.

O duque se virou. Resoluto. Viu a luz na escuridão, marcando o corredor que retornava para o salão de baile. Dirigiu-se para lá.

No exato momento em que ela falou das sombras.

– Simon?

Seu nome de batismo, no italiano cadenciado dela, ofegante de surpresa, era o chamado de uma sereia.

Ele se virou para ela.

– O que você está...

Ele a agarrou pelos ombros, puxou-a para dentro do primeiro aposento que encontrou e fechou a porta atrás deles, rapidamente, isolando-os dentro de um conservatório.

Juliana deu alguns passos para trás, na direção da grande janela de sacada e uma poça de luar prateado, conseguindo chutar um violoncelo. Ela sussurrou um xingamento em italiano, que foi alto demais para ser chamado de sussurro, enquanto mergulhava para impedi-lo de se espatifar no chão.

Se não estivesse tão furioso com ela por invadir seu espaço, seus pensamentos e sua vida, ele poderia ter rido.

Mas estava ocupado demais se preocupando que o irmão dela pudesse estripá-lo alegremente se os dois fossem descobertos ali, em uma situação comprometedora que jamais acreditariam ter acontecido por acaso.

A mulher era impossível.

E ele estava felicíssimo que ela estivesse ali.

Aquilo era um problema.

– O que você está fazendo me seguindo por um corredor escuro? – sibilou ela.

– O que você está fazendo *andando* por um corredor escuro?

– Eu estava tentando encontrar um pouco de paz! – Ela lhe deu as costas, dirigindo-

se para a janela e resmungando em italiano: – Nesta cidade inteira, há algum lugar em que eu não seja *atormetada* por alguém?

Simon não se moveu, sentindo um prazer perverso na agitação dela. Ele não deveria ser o único a se sentir nervoso.

– Você é que não deveria estar aqui, não eu.

– Por quê? A casa vem com a noiva? – disse ela antes de mudar para o inglês. – E como é que você fala italiano tão bem?

– Acho que só vale a pena fazer algo se o fizer bem.

Ela lhe ofereceu um olhar resignado.

– É claro que você diria isso.

Houve um longo silêncio.

– Dante.

– O que tem ele?

Simon contraiu os lábios diante da impertinência dela.

– Tenho predileção por ele. E então aprendi italiano.

Ela se virou para ele, seu cabelo negro brilhando prateado, a longa coluna de sua garganta pura porcelana ao luar.

– Você aprendeu italiano por causa de Dante.

– Sim.

Ela voltou sua atenção para os jardins do outro lado da janela.

– Suponho que não deveria ficar surpresa. Às vezes acho que os aristocratas ingleses são um círculo do inferno.

Ele riu. Não pôde evitar. Ela era magnífica às vezes. Quando não era irritante.

– Você não devia estar lá fora, em vez de estar aqui, se encolhendo no escuro?

– Acho que você quer dizer se escondendo. – Ela não precisava saber quão perto da verdade estava em seu erro.

Ela pôs uma pauta musical no suporte com uma bufada de irritação.

– Está bem. Escondendo. É uma palavra tola, de qualquer modo.

Era uma palavra tola, mas ele descobriu que gostava da forma como ela a dizia.

Ele gostava da forma como ela dizia várias coisas.

Não que tivesse qualquer direito a isso.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou ele.

Ela se sentou no banco do piano, franzindo os olhos na escuridão, tentando vê-lo.

– Eu queria ficar sozinha.

Ele ficou admirado com a sinceridade dela.

– Por quê?

Juliana balançou a cabeça.

– Não é importante.

De repente, nada no mundo parecia tão importante. Ele se aproximou, sabendo que não devia chegar mais perto dela.

Mas se aproximou mesmo assim.

– A fofoca – disse ele.

É claro que era a fofoca. Ela certamente seria o grande alvo.

Juliana deu uma meia risadinha, abrindo espaço para ele no banco do piano. O movimento foi tão espontâneo – como se ela nem tivesse pensado naquilo.

Como se aquele fosse o lugar natural dele.

Ele se sentou, sabendo que era uma péssima ideia.

Sabendo que nada de bom poderia advir de tanta proximidade.

– Aparentemente, não sou filha dela, mas sim de uma cigana ardilosa que vedou seus olhos – falou ela, sorrindo com as palavras e, enfim, olhando nos olhos dele.

Ela podia ter sido uma cigana então, com faixas de luar prateado em seu cabelo e um sorriso suave e triste em seus lindos olhos azuis tornados negros pela noite. Ela era fascinante.

Ele engoliu em seco.

– Vendou.

– Vendou?

– Vendou nossos olhos – corrigiu ele, os dedos ansiando por tocá-la, por alisar um cacho que havia se soltado em sua têmpora. – Você disse vedou.

Ela inclinou a cabeça, a coluna de sua garganta se alongando enquanto ela considerava as palavras.

– Em italiano é assim. Fiquei confusa.

– Eu sei – ele também estava se sentindo confuso.

Juliana suspirou.

– Eu nunca serei uma de vocês.

– Porque não consegue saber a diferença entre vedou e vendou? – provocou ele.

Simon não queria que ela ficasse triste. Não agora. Não neste momento tranquilo antes que tudo mudasse.

Ela sorriu.

– Entre outras coisas – respondeu ela.

Os olhos deles se encontraram por um longo momento e ele tentou dominar o desejo de tocá-la. De passar os dedos por sua pele lisa e puxá-la para perto e terminar o que haviam começado na noite anterior. Ela deve ter sentido, pois quebrou a conexão, virando-se para o outro lado.

– Então você está noivo.

Ele não queria discutir isso. Não queria que fosse real. Não aqui.

– Estou.

– E o anúncio será feito esta noite.

– Será.

Ela o fitou.

– Você terá, enfim, seu perfeito casamento inglês.

Ele se inclinou para trás, esticando as longas pernas à frente de si.

– Você está surpresa?

Um ombro se elevou em um elegante dar de ombros. Ele estava começando a gostar daquele gesto que dizia tanto.

– Nunca foi um jogo que eu pudesse ganhar.

Ele ficou surpreso.

– Está admitindo a derrota?

– Suponho que sim. Eu o libero da aposta.

Era exatamente o que ele havia esperado que ela fizesse.

– Essa não parece com a guerreira que eu passei a conhecer.

Juliana lhe deu um sorrisinho enviesado.

– Não sou mais tão guerreira assim.

As sobrancelhas dele se uniram.

– Por que não?

– Eu... – ela parou.

Ele daria toda a sua fortuna para ouvir o resto da frase.

– Você... – incitou ele.

– Eu passei a me importar muito com o resultado.

Ele congelou, observando-a, absorvendo a maneira como sua garganta trabalhava enquanto ela engolia, a forma como ela brincava com um pedaço de viés de seu vestido cor-de-rosa.

– O que isso quer dizer?

– Nada. – Ela não o encarou; em vez disso balançou a cabeça mais uma vez e falou: – Sinto muito que você tenha achado que tinha que cuidar de mim. Sinto muito que Gabriel tenha batido em você. Sinto muito ter me tornado algo de que você... se arrepende.

Arrepende.

A palavra foi um golpe mais doloroso do que qualquer um que Ralston lhe tivesse dado.

Ele sentira muitas coisas por ela durante a última semana... durante os últimos meses. Mas arrependimento nunca fora uma delas.

– Juliana... – o nome dela saiu como cascalho enquanto ele esticava a mão para ela, sabendo que, quando a tivesse nas mãos, poderia não soltá-la.

Ela se levantou antes que ele pudesse tocá-la.

– Seria um problema se fôssemos descobertos. Eu tenho que ir.

Simon também se levantou.

– Juliana. Pare.

Ela se virou, dando um passo para trás, para dentro da escuridão, colocando-se fora do alcance.

– Não devemos nos falar. Não devemos nos ver – disse ela, como se as palavras

pudessem construir um muro entre eles.

– É tarde demais para isso – declarou ele, dando um passo na direção dela.

Ela deu um passo para trás.

– Ralston deve estar procurando por mim.

Ele avançou.

– Ralston pode esperar.

Ela recuou mais.

– E você tem uma noiva para reclamar.

– Ela também pode esperar.

Ela parou, encontrando suas forças.

– Não, não pode.

Ele não queria falar de Penélope.

Ele a encarou.

– Explique-se. – O sussurro era grave e sombrio.

– Eu... – Ela baixou os olhos, dando a ele o topo de sua cabeça. Ele quis enterrar o rosto naqueles cachos, no cheiro e na sensação dela.

Mas, primeiro, ela ia se explicar.

Ela não falou durante uma eternidade – tanto tempo que ele achou que não falaria mais. E então ela respirou fundo e disse, as palavras cheias de derrota:

– Eu pedi para não me fazer gostar de você.

– Você gosta de mim?

Juliana olhou para cima, seus olhos azuis refletindo a luz da janela atrás dele, e ele prendeu a respiração diante da beleza dela. Ele ergueu a mão, passou as costas dos dedos por sua face. Ela fechou os olhos diante da carícia.

– Sim. – O sussurro era baixo e lamurioso, quase inaudível. – Não sei por quê. Você é um homem horrível. – Ela se inclinou para perto dele. – Você é arrogante e irritante e tem um péssimo temperamento.

– Não tenho um péssimo temperamento – disse ele, levantando o rosto dela para si, para poder olhar à vontade. Ela fitou-o com um olhar de total descrença, e ele emendou: – Só quando estou perto de você.

– Você acha que é o homem mais importante de toda a Inglaterra – continuou ela, a voz um fiapo de som na escuridão, pontuada por pequenas interrupções em suas palavras conforme os dedos dele corriam pela linha de seu maxilar. – Você acha que tem razão o tempo todo. Você acha que sabe tudo...

A pele dela era tão macia.

Ele devia sair da sala. Era errado ele estar ali com ela. Se fossem pegos, ela estaria arruinada e ele não teria opção a não ser deixá-la na ruína. Ele estava noivo havia apenas algumas horas.

Isso era completamente errado.

Ele devia ir.

Um cavalheiro iria.

– Você cobriu isso tudo com “arrogante”. – Ele traçou a coluna do pescoço dela.

– Eu... – ela arfou quando ele pressionou um beijo suave na base de sua garganta. –

Eu achei que você poderia precisar de mais explicações.

– Hmm – falou ele contra a pele do ombro dela. – Excelente ponto. Continue.

Ela respirou fundo enquanto os lábios e a língua dele brincavam pela lateral de seu pescoço.

– O que estávamos discutindo?

Ele sorriu antes de pegar o lóbulo macio e aveludado da orelha dela entre os dentes.

– Você me dizia os motivos pelos quais não devia gostar de mim.

– Ah... – A palavra se transformou em um gemidinho enquanto ele lambia a pele sensível da orelha dela. Ela agarrou os braços dele diante da sensação. – Sim. Bem. Estes são os motivos principais.

– E, ainda assim, você gosta de mim. – Ele se moveu, pressionando beijos suaves ao longo da beirada do vestido dela, descendo devagar pela pele macia, o peito dela subindo e descendo enquanto ela arfava. Ela não respondeu por um longo tempo e ele deslizou um dedo por baixo da seda, acariciando, buscando, até encontrar o que estava procurando, duro e pronto para ele. – Juliana?

– Sim, maldito seja, eu gosto de você.

Ele a recompensou puxando o vestido para baixo e expondo o seio de bico rosado ao luar.

– Há algo que você deve saber – sussurrou ele, as palavras vindo de longe.

– Sim?

Ele soprou um longo jato de ar frio no mamilo enrijecido dela, adorando a forma como ficava mais duro, implorando por sua boca.

Ele iria sentir o gosto dela esta noite.

Uma vez, antes que voltasse para sua existência sóbria e respeitável.

Só uma vez.

Uma onda de prazer o percorreu e ele ficou duro com o pensamento.

– Simon... – suspirou ela. – Você está me torturando.

Ele segurou um de seus seios perfeitos com a palma da mão, rolando os polegares por cima do bico, deleitando-se com a maneira como ela se entregava à sensação.

– O que é? – perguntou ela, as palavras ditas em volta de seu prazer.

– O que é? – repetiu ele.

– O que eu devo saber?

Ele sorriu com a pergunta, arrastando o olhar para os olhos dela – semicerrados e lindos.

Provar o gosto dela mais uma vez. Pela última vez.

– Eu também gosto de você.

DOZE



A música é o som dos deuses.

A dama delicada toca piano à perfeição.

– UM TRATADO SOBRE A MAIS REQUINTADA DAS DAMAS

Fomos assegurados de que ainda há tempo para o casamento da temporada...

– O JORNAL DO ESCÂNDALO, OUTUBRO DE 1823

Ele a ergueu nos braços, virou-se e a carregou de volta para o banco do piano. Colocando-a no assento duro de madeira, ele ficou de joelhos diante dela, segurando seu rosto com as palmas das mãos para receber o beijo dele.

Suas mãos foram para os seios dela, os levantaram, os desnudaram, acariciaram seus bicos, beliscando de leve até ela arfar, e ele recompensou o som, dando a ela tudo o que ela não sabia que queria. Ela sussurrou seu nome enquanto ele sugava o bico duro de um seio, fazendo a excitação correr por seu corpo. Ela mergulhou os dedos nos cachos dourados exuberantes dele, segurando-o no local onde ele causava uma devastação em sua carne e em suas emoções.

Ele gemeu com a sensação das mãos dela em seus cabelos, e o som a cobriu de ondas de prazer.

Ela sabia que não devia permitir.

Sabia que estava arriscando tudo.

Não se importava.

Desde que ele não parasse.

Ele a agarrou, adorando-a com lábios e língua e a sugestão maliciosa de dentes conforme suas mãos passeavam por seu corpo, pressionando-a contra si até ela achar que eles poderiam se tornar um.

– Simon... – Ela sussurrou o nome dele e ele parou, levantando a cabeça, seus olhos brilhando com ardor.

– Meu Deus, Juliana.

Ele esticou uma das mãos para acariciar seu rosto e ela virou a cabeça impulsivamente, plantando um beijo quente e suave no polegar dele, traçando um círculo com a língua ali antes de morder a carne de leve.

Ele grunhiu com a sensação, puxando-a para si para um beijo que era mais reivindicação do que carícia. Quando ele terminou, ambos arfavam, e as mãos dela encontraram um caminho por dentro do casaco dele para lhe acariciar o peito firme.

– Eu quero... – começou ela, as palavras sendo interrompidas conforme ele voltava sua atenção para os seios dela, pegando um mamilo entre os lábios, rolando o bico duro entre língua e dentes até ela não poder pensar.

Quando a soltou, ele deu um sorriso lascivo e ela não conseguiu não esticar os braços para ele, deixando seus dedos brincarem pelos lábios dele – como se tocar o sorriso esquivo pudesse deixá-lo marcado em sua memória. Ele botou a ponta de um dedo dentro da boca, chupando-o até ela arfar.

– O que você quer, amor?

O tratamento carinhoso envolveu-os e ela foi atingida por uma pontada de saudade... Ela o queria. Por mais do que um momento roubado neste lugar escuro e privado... por mais de duas semanas...

Eu quero que você me queira.

Que me escolha.

– Chegue mais perto – pediu ela.

Juliana abriu as pernas, sabendo que estava sendo atrevida. Sabendo que se fossem pegos ela estaria arruinada e que ele iria embora para ficar com sua futura noiva. Mas ela não se importava. Ela queria senti-lo contra ela. Não se importava que houvesse camadas de tecido entre eles. Não se importava que jamais fossem estar tão perto quanto ela queria.

Os olhos dele se fecharam brevemente como se estivesse se fortalecendo contra ela, e Juliana pensou por um momento que ele poderia recusar. Mas, quando ele os abriu, ela viu o desejo chamejar nas deslumbrantes profundezas cor de âmbar, e então ele grunhiu seu prazer e lhe deu o que ela queria, pressionando mais perto.

– Você é a minha sereia – disse ele, passando as mãos pelas coxas dela e descendo por suas panturrilhas, sentindo a forma dela mesmo enquanto a seda de seu vestido impedia. – Minha sedutora... minha feiticeira... Não consigo resistir a você, não importa quanto eu tente. Você ameaça me enlouquecer.

As mãos dele chegaram aos tornozelos dela e ela se retraiu com o prazer instantâneo e intenso de seu toque. Os olhos dela se arregalaram.

– Simon, eu não...

– Shh – falou ele enquanto suas mãos alisavam lentamente a parte de dentro das pernas dela, fazendo as meias pegarem fogo. – Estou lhe mostrando o que quero dizer.

As pontas dos dedos dele chegaram à beirada rendada e recortada das meias no alto

das coxas dela e ambos gemeram com a sensação de pele com pele. Ela fechou as pernas com força, prendendo as mãos dele entre suas coxas quentes.

Ela não podia.

Ela não devia.

Ele se inclinou para a frente e encostou a testa na dela.

– Juliana, deixe-me tocá-la.

Como ela podia resistir a uma tentação como aquela?

Ela relaxou, abrindo as coxas, sabendo que era uma atrevida.

Sem se importar.

Ele sorriu, as mãos subindo cada vez mais.

– Você não está usando roupas de baixo.

Ela balançou a cabeça, quase incapaz de falar.

– Eu não gosto. Nós não usamos... na Itália.

Ele tomou sua boca em um beijo malicioso.

– Já mencionei como adoro os italianos?

O sentimento, tão contrário a todas as discussões que já tinham tido, a fez rir. Aí os dedos dele chegaram ao seu âmago, acariciando de leve por cima dos pelos macios ali, abrindo, procurando e enviando um choque de sensações por todo o corpo dela. E a risada se transformou em um gemido.

A boca de Simon estava na orelha dela agora e ele sussurrou coisas maliciosas enquanto seus dedos procuravam. *Achavam*. Ela não sabia o que queria. Só isso...

– Simon... – murmurou ela.

Ele deslizou um dedo fundo no âmago dela e ela fechou os olhos com a carícia, inclinando-se para trás com a sensação, as teclas do piano suspirando debaixo de seu movimento.

– Sim – sussurrou ela, envergonhada e ousada ao mesmo tempo.

– Sim – repetiu ele enquanto um segundo dedo se juntava ao primeiro e seu polegar fazia coisas maliciosas e maravilhosas, circundando as dobras secretas dela.

Ela mordeu o lábio.

– Pare... não pare.

O sorriso dele era largo e malicioso.

– Qual dos dois?

Ele acariciou fundo e ela agarrou seu braço com força, sussurrando:

– Não. Não pare.

Ele balançou a cabeça, observando-a.

– Eu não poderia nem se tentasse.

Olhando nos olhos dela, ele trabalhou no ritmo do movimento de seus quadris, com o tilintar baixo e dissonante das teclas do piano debaixo dela. Tudo desapareceu a não ser a sensação dele, dos músculos fortes e rijos de seus braços, da forma magnífica como ele

a tocava, levando-a com mais e mais força na direção de algo que ela não entendia e em que não confiava inteiramente.

Ela se sentou ereta e ele estava ali, a mão capturando seu rosto, segurando-a junto aos lábios dele.

– Eu estou aqui – sussurrou ele contra ela.

Estava, realmente?

Ela enrijeceu, sacudindo a cabeça, subindo como um foguete na direção do prazer.

– Não. Simon...

– Tome, Juliana.

A ordem a atravessou, tão autoritária que ela não podia desobedecê-la. Ela arfou de prazer e ele tomou seus lábios novamente, alimentando seu desejo insuportável por mais, por *ele*, onde ela doía e precisava mais do que jamais teria imaginado, os lindos olhos cor de âmbar dele sua âncora na tempestade.

Quando espremera o resto de prazer dela, ele plantou um beijo suave no arco alto de sua face e ajeitou suas saias, puxando-a para ele enquanto ela recuperava suas forças. Ele a segurou ali, quieta e imóvel por longos minutos. Cinco. Talvez mais.

Antes de ela se lembrar de onde estavam.

E por quê.

Ela o empurrou para trás, para longe dela.

– Tenho que voltar.

Ela se levantou, imaginando por quanto tempo seria capaz de suportar aquela noite interminável.

O pior ainda estava por vir.

– Juliana – falou ele, e ela ouviu o apelo em sua voz, pelo quê ela não sabia.

Ela esperou, ansiosa para que ele dissesse algo que melhorasse as coisas. Que consertasse as coisas.

Quando ele não o fez, ela disse:

– Você vai se casar.

Ele ergueu as mãos. Fez uma pausa. Abaixou-as, frustrado.

– Sinto muito. Eu não devia... Eu devia...

Ela se retraiu diante das palavras – não podia evitar.

– Não – sussurrou. – Não peça desculpas. – Ela andou até a porta, estava com a mão na maçaneta quando ele falou novamente.

– Juliana, eu não posso... – Ele parou. Pensou melhor. – Vou me casar com lady Penélope. Não tenho escolha.

Lá estava ele de novo, seu tom frio e autoritário.

Ela deixou a testa descansar no mogno frio da porta, tão perto que podia sentir o verniz encorpado na madeira.

Ele falou de novo.

– Há coisas que você não pode entender. Eu *tenho*.

Ela encostou a palma da mão na porta, resistindo à horrível tentação de se jogar aos pés dele e implorar para que a tomasse. *Não*. Ela tinha mais orgulho do que isso. Só havia um modo de sobreviver àquilo. Com a dignidade intacta.

– É claro que tem – murmurou ela.

– Você não entende.

– Tem razão. Eu não entendo. Mas não é importante. Obrigada pela lição.

– Lição?

Esta era a chance de ela ter a última palavra.

De pelo menos sentir que havia ganhado.

– A paixão não é tudo, certo? – declarou ela, orgulhosa da leveza em seu tom, da forma com que jogara as palavras em cima dele como se elas não importassem.

Como se ele não tivesse lançado o mundo dela em convulsão.

De novo.

Mas ela não confiava em si mesma para olhar para ele. Isso seria um papel muito desafiador para interpretar.

Então, ela abriu a porta e deslizou para o corredor, sentindo-se absolutamente derrotada.

Sentindo-se uma grande perdedora.

Ela havia, afinal de contas, quebrado a mais importante de suas regras.

Ela quis mais do que podia ter.

Ela o quis, e mais do que isso... ela quis que ele a quisesse.

Em nome de algo maior do que a tradição, mais ousado do que a reputação, mais importante do que um título tolo.

Ela parou na entrada para o salão de baile, observando as sedas rodopiando, a maneira como os homens andavam, dançavam e falavam com o inegável senso de direito e propósito, as linhas longas e graciosas das mulheres, que sabiam sem dúvida que aquele era seu lugar.

Aqui, nada ganhava da sagrada trindade: tradição, reputação e título.

E, para alguém como ela – que não reivindicava nenhum dos três –, alguém como ele – que possuía todos os três como um direito casual – estava completa e inegavelmente fora de alcance.

E ela se enganara até mesmo ao fingir que podia alcançá-lo.

Ela não podia tê-lo.

Respirou fundo para se acalmar.

Ela não podia tê-lo.

– Ah, que bom. Eu a encontrei. Precisamos conversar – sussurrou Mariana, aparecendo de repente. – Aparentemente a nossa não é a única fofoca de hoje.

Juliana piscou.

– A *nossa* fofoca?

Mariana lhe lançou um olhar rápido e irritado.

– Francamente, Juliana. Você vai ter que deixar de lado a ideia de que é a dona de todos os problemas na nossa família. Nós somos uma família. É nosso fardo para carregar também. – Juliana não teve tempo para reconhecer o sentimento, já que Mariana já estava indo em frente: – Parece que há outro grande evento para acontecer esta noite. E você não vai gostar. Leighton vai...

– Eu sei.

Juliana interrompeu a amiga. Ela não suportaria ouvir aquilo de novo. Nem mesmo de Mariana.

– Como você sabe?

– Ele me disse.

As sobrancelhas de Mariana se juntaram.

– Quando?

Ela levantou um ombro, esperando que fosse o suficiente para a irmã de sua cunhada. Aparentemente não.

– Juliana Fiori! Quando ele lhe contou?

Ela devia ter dito que Ralston lhe contara. Ou que ela ouvira no salão das damas. Em geral, ela era mais rápida.

Em geral, ela não acabara de ter o coração partido.

Seu coração não estava partido, estava?

Com certeza parecia que sim.

– Mais cedo.

– Mais cedo quando?

– Mais cedo esta noite.

Mariana guinchou. Realmente guinchou.

Juliana se retraiu. *Ela devia ter dito ontem à noite.*

Juliana virou-se para encará-la.

– Por favor, não transforme isso em um problema.

– Por que você estava com Leighton mais cedo esta noite?

Nenhum motivo, só que quase fui arruinada no conservatório que pertence à futura noiva dele.

Ela deu de ombros novamente.

– Juliana, você sabe que este pode muito bem ser o seu hábito mais irritante.

– Sério? Mas eu tenho tantos.

– Você está bem?

– Quer dizer o ombro? Sim. Ótimo.

Mariana franziu as sobrancelhas.

– Você está sendo deliberadamente difícil.

– É possível.

Mariana fitou-a então. Olhou para ela de verdade. E Juliana ficou muito nervosa. Tão nervosa que o olhar da jovem duquesa se suavizou quase imediatamente.

– Ah. Juliana – sussurrou ela. – Você não está nada bem, está?

As palavras suaves e gentis provaram ser a ruína de Juliana. De repente era difícil respirar, engolir, e ela precisou de toda a sua energia para resistir ao impulso de se jogar nos braços da amiga e chorar.

O que, é claro, ela não podia fazer.

– Eu tenho que ir.

– Vou com você.

– Não! – Ela ouviu o pânico em sua voz. Respirou, tentando impedir que ele aparecesse de novo. – Não. Eu estou... você tem que ficar.

Mariana não gostava que lhe dissessem o que fazer. Juliana a viu hesitar, observou-a pensar em negar o pedido. *Por favor, Mari.*

– Está bem. Mas vá na nossa carruagem.

Juliana fez uma pausa por um momento, considerando a oferta.

– Eu... sim. Está bem. Irei na sua carruagem, Mari... – Ela ouviu a falha em sua voz. Detestou-a. – Eu tenho que ir embora. Agora. Antes.

Antes que ela tivesse que ver o anúncio do noivado se desenrolar em uma cena horrível e perversa.

Mariana assentiu uma vez.

– É claro. Vou acompanhá-la até lá fora. Você obviamente não está se sentindo bem. Está com uma dor de cabeça lancinante.

Juliana teria rido, se tivesse parecido um pouco engraçado.

Mariana começou a abrir caminho pela multidão na beira do salão de baile, Juliana seguindo logo atrás. Elas mal haviam dado doze passos quando a orquestra parou de tocar e houve uma comoção no pequeno palco próximo a elas. A conversa parou e o marquês de Needham e Dolby, um homem corpulento que obviamente gostava de beber, trovejou:

– Atenção!

Juliana cometeu o erro de olhar na direção do palco. Viu Simon ali, alto e inacreditavelmente lindo – o duque perfeito. O marido perfeito.

Perfeito.

Mariana virou-se para ela, os olhos arregalados, e Juliana apertou sua mão.

– Mais rápido.

– Não podemos... – Mariana balançou a cabeça. – Todos vão ver.

Ela sentiu pânico, e o salão de baile inclinou-se de modo terrível, causando-lhe uma onda de náusea. É claro que não podiam ir embora. Fugir só as tornaria o assunto de mais fofoca. Não agora. Não quando o noivado tirava um pouco da atenção do escândalo deles. Ela odiou a mãe naquele momento; mais do que nunca. Juliana fechou os olhos, sabendo o que estava por vir. Sem saber como iria sobreviver àquilo.

Ela se virou para o tablado e Mariana pegou sua mão, apertando-a com força, uma rocha em um turbilhão de pavor.

E Juliana ouviu em silêncio enquanto o único homem que ela já desejara se comprometia com outra.

Acabou abençoadamente rápido, com lacaios passando champanhe entre os foliões, que erguiam seus copos e vozes em um brinde ao feliz casal. Ninguém percebeu que Mariana e Juliana recusaram com educação a bebida e que, no momento em que o duque de Leighton levava a mão de sua futura duquesa aos lábios, as duas se dirigiam para a saída.

Foi uma eternidade até elas subirem correndo os degraus do salão de baile. Uma vez lá, Juliana cometeu o erro de olhar para trás – de dar uma última olhada para Simon e sua noiva.

Ele a estava observando.

E ela foi incapaz de resistir a absorvê-lo – os cachos dourados, o maxilar forte, os lábios cheios e aquele olhar cor de âmbar sério que a fazia sentir-se como se fosse a única mulher no mundo.

É claro que ela não era.

Porque a futura noiva dele estava ao seu lado.

Ela se virou e fugiu para o saguão, temendo vomitar se ficasse naquela maldita casa mais um minuto. Felizmente, os criados da Casa Dolby eram os melhores de todos, e um laiaio já estava abrindo a porta quando correu na direção dela, lágrimas turvando sua visão, Mariana em seus calcanhares.

Ela sentiu o ar frio da noite de outubro do lado de fora e fez uma pequena oração de agradecimento. Ela estava a salvo.

Ou teria estado...

Se pelo menos tivesse se lembrado dos vegetais.

Tarde demais, ela percebeu que a escadaria continuava coberta de frutos da colheita e, àquela altura, era tarde demais para parar. Ela já pusera um pé calçado em uma toranja grande e redonda e feito a pirâmide inteira desmoronar.

Ela ouviu Mariana chamar seu nome, alarmada enquanto caía, descendo os doze ou treze degraus até a base da escadaria em cima de uma onda de abóboras, cebolas e abobrinhas, aterrissando sobre um monte delas. Quando abriu os olhos para se assegurar de que havia sobrevivido à queda, ela estava cercada de vegetais – muitos esmagados e abertos, suas entranhas salpicadas pela rua de paralelepípedos.

Juliana ficou olhando enquanto um nabo, menor do que o tamanho de seu punho, passou rolando e parou debaixo de uma carruagem – um último soldado morto no massacre.

– Ah, meu...

Ela olhou para cima e viu Mariana no alto da escada, fitando-a, os olhos arregalados, uma das mãos sobre a boca aberta. Dois lacaios estavam de pé logo atrás dela, parecendo absolutamente inseguros sobre o protocolo dessa situação específica.

Juliana não conseguiu se conter.

Começou a rir.

Não risadinhas suaves e baixas. Uma gargalhada alta e áspera que ela não podia segurar. Uma gargalhada que ameaçava sua capacidade de respirar. Uma gargalhada que continha toda a sua tristeza e frustração e raiva e irritação.

Ao enxugar uma lágrima e erguer os olhos para Mariana, descobriu que os ombros de sua amiga também estavam tremendo de rir. E os lacaios também – eles não podiam evitar.

A risada deles fez outra onda de emoção tomá-la.

Ela abriu um espaço para ficar de pé e seus movimentos sacudiram os outros. Eles todos desceram as escadas, um laçao curvando-se para ajudar Juliana a ficar de pé enquanto ela percebia a extensão completa dos danos.

Ela havia destruído o arranjo de lady Needham.

Os degraus teriam que ser limpos antes que qualquer um pudesse deixar o baile.

E a adorável seda cor-de-rosa de Juliana estava coberta de sementes e grandes pedaços de polpa, inteiramente arruinada.

Ela se levantou, agradecendo ao laçao e ficando de frente para Mariana, que ainda ria – a reação certamente tanto de horror quanto de divertimento.

– Você tem... – Ela balançou a cabeça e fez um gesto com a mão para indicar o corpo inteiro de Juliana. – Em todos os lugares.

Juliana puxou um longo talo de trigo do cabelo.

– Suponho que seja pedir demais que uma destas carruagens seja a sua.

Mariana inspecionou os veículos.

– Na verdade, não são. Aquela lá é a nossa.

Juliana se encaminhou para ela.

– Finalmente algo dá certo.

Mariana abriu sua bolsinha e extraiu uma gorjeta em moedas de ouro para os lacaios.

– Se puderem esquecer quem, precisamente, destruiu a decoração de sua patroa... – Ela pressionou as moedas na palma de suas mãos antes de disparar para a carruagem e seguir Juliana para dentro.

– Acha que eles vão ficar quietos? – perguntou Juliana conforme o coche sacudia, entrando em movimento.

– Espero que eles tenham pena de você.

Juliana suspirou, recostando a cabeça no estofamento preto macio. Ela deixou o movimento da carruagem acalmá-la por longos minutos antes de dizer:

– Bem, você tem que me dar algum crédito.

Mariana deu uma risadinha.

– Por?

– Não posso ser acusada de sumir silenciosamente noite adentro.

TREZE



A infelicidade é para aqueles que não têm cultura.

A dama requintada enfrenta os obstáculos com graciosidade.

– UM TRATADO SOBRE A MAIS REQUINTADA DAS DAMAS

A recompensa da colheita foi chocantemente escassa este ano...

– O JORNAL DO ESCÂNDALO, OUTUBRO DE 1823

Sua noite horrorosa não havia acabado.

Bennett, o mordomo idoso que servia aos marqueses de Ralston, pelo que Juliana suspeitava, desde sempre, estava acordado quando ela chegou em casa – uma ocorrência rara, já que ele estava um tanto abatido e havia criados mais jovens e mais capazes de esperar até o dono da casa voltar.

Anos de experiência impediram que Bennett reagisse ao estado de Juliana, sem seu manto – que ela havia abandonado na pressa de ir embora do baile e que teria que descobrir um modo de recuperar em algum momento – e coberta de polpa de abóbora, entre outras coisas.

Na verdade, ele fez uma pequena reverência quando ela entrou em casa – uma que a teria feito brincar com ele se não estivesse tão exausta e desesperada por um banho e uma cama.

– Bennett, por favor, faça com que subam com água para um banho. Como pode ver, estou precisando – falou ela, encaminhando-se para a larga escadaria central de mármore do sobrado.

– Srta. Fiori, por favor... – Ele hesitou e ela se virou para encará-lo, esperando. – A senhorita tem uma visita.

O entusiasmo se acendeu dentro dela, deixando-a sem fôlego ao pensar que Simon viera. Mas, não... não havia como ele ter chegado antes dela à Casa Ralston – a não ser que tivesse fugido da cena de seu noivado assim que o anunciara. Por mais adorável que

pudesse ser a ideia, ela sabia que não devia pensar nisso. Simon nunca faria algo tão escandaloso.

Ela ignorou o fato de que mais cedo naquela noite eles haviam se envolvido em um interlúdio chocantemente escandaloso.

– Uma visita? Para mim?

O rosto do mordomo ficou sombrio, traindo uma emoção da qual Juliana não gostou.

– Sim, milady. Sua mãe.

O pavor se instalou dentro dela, pesado e frio. Juliana balançou a cabeça.

– Não. Estou cansada demais para lidar com ela esta noite. Que espere por Gabriel.

– Ela disse que está aqui para vê-la.

– Bem, não estou recebendo ninguém. Ela vai ter que tentar de novo.

– Estou impressionada. Você se transformou em uma jovem bastante determinada.

Juliana congelou ao ouvir aquelas palavras, ditas em um italiano perfeito e calmo atrás de si. Ela olhou nos olhos de Bennett, cheios de remorso, e o dispensou com o que ela esperava ser um sorriso reconfortante antes de se virar para encarar a mãe, com quem não falava havia mais de uma década.

A mãe a examinou dos pés à cabeça, absorvendo seu penteado destruído, o vestido arruinado e os pedaços de gosma não identificada grudados nela, e Juliana lembrou-se imediatamente de como era ser filha de Louisa Hathbourne – quando não se era o beneficiário de frio desinteresse, era-se inundado com aversão. Ela nunca fora boa o suficiente para sua mãe. Todas as vezes que tentara se provar digna do amor de Louisa... de seu orgulho... ela nunca os recebera.

– Não pense nem por um momento que você teve algo a ver com o meu caráter.

– Eu não sonharia com isso, Juli.

O diminutivo – o favorito de seu pai – fez uma onda de tristeza e raiva passar por Juliana.

– Não me chame assim.

Sua mãe andou da porta até a sala de recepção, esticando o braço para Juliana.

– Pode se juntar a mim? Eu gostaria de conversar com você. Estou esperando há bastante tempo.

– E qual é a sensação de ser aquela que espera que alguém volte? Imagino que seja uma novidade e tanto.

O sorriso de Louisa foi pequeno e secreto.

– Eu mereci isso.

– E muito mais, eu lhe garanto.

Ela considerou ignorar o pedido da mãe. Considerou entrar em seu quarto de dormir e deixar a mulher mais velha cozinhando na sala de recepção até ficar entediada e ir embora.

Mas, em algum lugar, bem no fundo, Juliana ainda era aquela menina de 10 anos. A

que corria para cumprir as ordens da mãe na esperança de que, hoje, ela fosse digna de sua atenção.

Ela odiou a si mesma enquanto seguia a mulher para a sala de recepção. Odiou a si mesma quando tomou um assento à sua frente. Odiou a si mesma enquanto esperava que a mulher que havia tomado tanto dela tomasse ainda mais.

Tempo que ela não queria dar.

– Sinto muito sobre Sergio. Eu não sabia que ele tinha falecido.

Juliana quis gritar ao ouvir o nome de seu pai na língua dessa víbora. Em vez disso ela manteve a mesma calma de sua mãe e disse:

– Como poderia? Você não olhou para trás uma única vez depois que foi embora.

Louisa abaixou a cabeça, reconhecendo o golpe.

– Você tem razão, é claro.

Peça desculpas, pensou Juliana, as palavras um grito em sua mente. *Você não se arrepende?*

Elas ficaram sentadas em silêncio por um longo tempo, até Juliana estar pronta para ir embora. Se Louisa achava que ela iria conduzir a conversa, estava terrivelmente enganada. Estava prestes a se levantar quando a mãe voltou a falar.

– Fico feliz que tenha encontrado Gabriel e Nick.

– Eu também.

– Ah, então, algo de bom surgiu por eu ser sua mãe.

Havia uma satisfação presunçosa nas palavras. É claro que havia. Louisa nunca se esquivava de destacar as coisas boas a respeito de si mesma. Fazia questão disso.

Talvez porque houvesse tão poucas.

– É este o momento em que devo lhe dizer como sou grata por você ter me deixado?

Por tê-los deixado?

Pelo menos ela soube que não devia responder a isso.

– O que gostaria que eu dissesse, Juli?

A voz dela se transformou em aço.

– Primeiro, eu gostaria que parasse de usar este nome.

– Por quê? Eu também a batizei. Nós dois a chamávamos assim.

– Só um de vocês merecia.

Um olhar de tédio cruzou o rosto de Louisa.

– Bobagem. Eu lhe dei a vida. Isso me dá tanto direito quanto qualquer um de chamá-la como eu quiser. Mas, muito bem, *Juliana*, responda à pergunta – ela mudou para o inglês: – O que você quer de mim?

Eu quero que você explique. Quero que me diga por que me abandonou. Por que nos abandonou. Por que voltou.

Juliana deu uma risadinha debochada e então respondeu em inglês:

– A própria ideia de você me perguntar isso é ridícula.

– Você quer que eu peça desculpas?

– Seria um excelente começo.

Os olhos azuis e frios de Louisa, tão parecidos com os de Juliana, pareceram olhar através dela.

– Vamos ficar aqui muito tempo se é isso que você quer.

Juliana ergueu um ombro.

– Excelente. Então já terminamos – disse ela, se levantando.

– Seu pai também costumava fazer isso. O ombro. Estou surpresa que a Inglaterra não tenha lhe arrancado isso. Não é dos maneirismos mais educados.

– A Inglaterra não tem poder sobre mim.

De repente, as palavras não pareciam tão verdadeiras.

– Não? O seu inglês é muito bom para alguém que não gosta da cultura. Vou ser sincera: fiquei surpresa quando Gabriel me disse que você estava aqui. Imagino que não seja fácil para você. – Juliana permaneceu calada, recusando-se a dar a Louisa o prazer de saber que estava certa. Sua mãe continuou: – Imagino que seja igual ao que foi para mim. Difícil. Sabe, filha, nós não somos tão diferentes.

Nós não somos tão diferentes. Essas eram as palavras que ela temia. As palavras que ela rezava para não serem verdadeiras.

– Nós não somos nada parecidas.

– Você pode repetir isso de novo e de novo. Não vai mudar a verdade. – Louisa recostou-se em seu assento. – Olhe para você. Acabou de voltar de um baile, talvez, mas está coberta de alguma coisa que indica que não teve uma noite das mais respeitáveis. O que andou fazendo?

Juliana olhou para si mesma e resistiu ao impulso de limpar tudo que estava agarrado a ela.

– Não é da sua conta.

– Não tem importância. A questão é que você é incapaz de resistir à aventura. Não está disposta a se fechar para qualquer prazer que a tente a qualquer momento. O meu gosto por emoção esteve presente em você desde que respirou pela primeira vez. Resista quanto quiser, mas eu sou sua *mãe*. Eu estou em você. Quanto mais cedo parar de lutar contra isso, mais feliz você será.

Não.

Não era verdade. Fazia uma década desde que Louisa vira Juliana pela última vez. Dez anos durante os quais Juliana tivera a oportunidade de crescer e mudar e resistir às partes de sua mãe que permaneciam dormentes dentro dela.

Ela não procurava aventura ou escândalo ou ruína.

Procurava?

Lembranças lhe vieram à mente: correndo por um jardim escuro, escondendo-se em uma carruagem desconhecida, cavalgando por Hyde Park com roupas de homem, subindo em uma tora de madeira para pegar uma touca substituível, derrubando uma

pirâmide de vegetais, esperando por Simon do lado de fora de seu clube, beijando Simon no estábulo, beijando Simon no conservatório da casa de sua noiva.

Beijando Simon.

Ela praticamente se esforçara para causar um escândalo na última semana – e, desde que chegara a Londres, ela podia não ter procurado por aventura, mas com certeza não a negligenciara quando ela batera à sua porta.

Minha nossa.

Ela olhou para a mãe, fitando aqueles olhos azuis tão parecidos com os seus, os olhos que brilhavam com um conhecimento que Juliana ao mesmo tempo temia e desprezava.

Ela tinha razão.

– O que você quer de nós? – Juliana ouviu o tremor em sua voz. Desejou que ele não estivesse ali.

Louisa ficou calada por um longo tempo, imóvel, seu olhar frio absorvendo Juliana. Após vários minutos, Juliana estava entediada.

– Passei tempo demais da minha vida esperando por você. – Ela se levantou. – Vou para a cama.

– Eu quero minha vida de volta.

Não havia tristeza nem remorso nas palavras. Jamais haveria. Isso era o mais perto que sua mãe chegaria de qualquer uma dessas emoções. Remorso era para pessoas com capacidade de sentir.

Incapaz de se conter, Juliana se sentou mais uma vez, na beirada da cadeira, e olhou atentamente para a mulher que lhe dera a vida. Sua beleza – o presente que havia dado aos seus três filhos – estava mostrando sua idade. Havia mechas de prata em seu cabelo negro, seus olhos azuis estavam enevoados pelo passar dos anos. Havia um punhado de rugas no rosto e no pescoço, uma mancha em uma das têmporas. Uma marca de nascença logo acima de uma sobrancelha escura e arqueada que Juliana lembrava ser menos apagada, mais perfeita.

Os anos haviam sido gentis com Louisa Hathbourne, mas o desgaste natural da idade fazia com que a mais linda das mulheres achasse que havia perdido tudo.

Não que ela desse qualquer impressão de que se sentia assim.

– Você deve saber... – disse Juliana – que não pode apagar o passado.

A irritação se evidenciou no rosto de sua mãe.

– É claro que sei disso. Não voltei por causa do meu título. Ou pela casa. Ou por Gabriel e Nicholas.

E certamente não por mim, pensou Juliana.

– Mas chega um momento em que já não é fácil viver a vida que vivi.

Ela então compreendeu.

– E você acha que Gabriel vai ajudá-la a viver uma vida diferente.

– Ele foi criado para ser marquês. Criado para proteger a família a todo custo. Por que acha que eu disse ao seu pai para mandá-la para cá se algo acontecesse com ele?

Juliana balançou a cabeça.

– Você o abandonou.

– Sim.

E mais uma vez ela ficou pasma com a falta de remorso na resposta.

– Ele nunca irá apoiá-la...

– Veremos – declarou; e havia algo em seus olhos, uma profunda consciência nascida de anos de manipulação em nome de interesse pessoal.

E finalmente tudo ficou claro.

Esta era a sociedade londrina, onde a reputação ganhava de tudo – até para o marquês de Ralston. Especialmente para o novo marquês de Ralston, que tinha esposa, irmã e um filho por nascer para proteger.

Juliana estreitou os olhos.

– Você sabia. Você sabia que causaria um escândalo. Você sabia que ele faria o que fosse preciso para mitigar os danos. Não os danos a você, os danos a nós. Você acha que ele fará um acordo. Algo para mantê-la da maneira que você está acostumada.

A mãe deu um meio sorriso e espanou um pontinho em seu vestido – um modelo bem antigo.

– Você adivinhou a minha estratégia bem rápido. Como eu disse, você e eu não somos tão diferentes.

– Eu não teria tanta certeza disso, mãe – falou Ralston do vão da porta e Juliana voltou sua atenção para ele e para Callie, que estava andando apressada na direção dela. – Que parte de “você não deve mais se aproximar da Casa Ralston” você teve dificuldade para entender?

Louisa olhou para cima com um sorriso.

– Bem, já faz quase duas décadas desde que estive na Inglaterra pela última vez, querido. Significados são problemáticos às vezes. – Ela ergueu uma das mãos para Callie.

– Você deve ser a marquesa. Sinto muito, fui acompanhada para fora da sala tão rápido ontem à noite que não fomos devidamente apresentadas.

– Não. Não foram – falou Ralston arrastado.

– Você sabe por que ela está aqui? – interrompeu Juliana, o ultraje fazendo-a ficar de pé. – Sabe que ela quer dinheiro de você?

– Sim – disse Gabriel de modo pragmático antes de perceber o vestido de Juliana. – O que diabo aconteceu com você?

– Acho que agora não é hora de discutir isso, Gabriel – interrompeu Callie.

– Você não vai dar nada a ela, vai? – perguntou Juliana em um guincho, ignorando tudo, menos o assunto mais importante em questão.

– Ainda não decidi.

– Gabriel! – gritou ela, resistindo ao ímpeto de bater o pé.

Ele a ignorou.

– Eu gostaria que fosse embora agora, mãe. Se precisar de nós, pode mandar um

recado. Nick tem empregados excelentes. Eles sabem como nos encontrar.

– Ela está morando no sobrado de Nick? – disse Juliana. – Ele vai ficar furioso quando descobrir!

– Bobagem. Nick sempre foi o filho que mais gostava de mim – falou Louisa casualmente, levantando-se e dirigindo-se para a porta. – Fico imaginando se Bennett botou fogo no meu manto. Aquele homem sempre me detestou.

– Suspeito que ele tenha um gosto excelente – disse Juliana, incapaz de ficar calada.

– Tsc, tsc, Juliana, é de se pensar que ninguém jamais lhe ensinou boas maneiras.

– Faltou uma influência feminina na minha juventude.

– Hmm. – Louisa deu uma longa inspecionada no vestido de Juliana. – Diga-me... acha que se eu tivesse permanecido na Itália, você ainda estaria coberta de sementes e trigo esta noite?

Ela se virou e saiu da sala, Juliana olhando fixo para ela, desejando ter um dardo para atirar na mãe.

Quando Louisa saiu do aposento, Callie voltou-se para eles e disse:

– É incrível que vocês dois tenham saído tão *normais* com uma mãe como essa.

– Eu não sou tão normal, imperatriz. E também não tenho certeza sobre Juliana.

Callie olhou para ela com um sorriso enviesado.

– O grande mistério da noite foi solucionado: você derrubou o grande arranjo de lady Needham.

Ele olhou para Juliana e ergueu uma sobrancelha.

– Deus do Céu. E fugiu como uma criança errante?

Juliana mastigou o lábio inferior.

– Talvez.

Ele fechou a cara.

– O que eu devia fazer? Teria estragado a noite para todos.

Ele suspirou, então cruzou o aposento até o aparador e se serviu de uma dose de uísque.

– Só uma vez, Juliana, eu gostaria que você se contivesse e não causasse um escândalo. Não todas as vezes. Só uma.

– Gabriel – disse Callie baixinho. – Tome cuidado.

– Bem, é verdade. O que discutimos esta noite antes de sair para o baile? Nós tínhamos que nos comportar da melhor maneira possível para tentar escapar do tornado que é nossa mãe.

Juliana se retraiu com a frustração na voz dele.

– Eu não queria que isso acontecesse, Gabriel...

– É claro que não. Você não queria cair no Serpentine ou ser atacada no nosso jardim ou quase ser comprometida por Leighton também, eu aposto.

– Gabriel! – Callie não falou tão baixo desta vez.

O rubor tomou as bochechas de Juliana.

– Não, eu não queria. Mas vejo que você não acredita nisso.

– Tem que admitir que você torna isso bem difícil, irmã.

Ela sabia que ele estava zangado. Sabia que se sentia encurralado pela chegada da mãe e seus pedidos e a ameaça que ela era para a reputação de sua família. Ela sabia que não devia levar suas críticas a sério. Sabia que estava descontando a irritação em cima dela porque podia.

Mas estava cansada de todo mundo apontar seus defeitos.

Principalmente quando tinham razão.

– Eu não tive exatamente uma noite das mais fáceis. Tirando cair por um lance de escada e ter minha primeira conversa em uma década com minha mãe, discuti com você, arruinei meu vestido, fugi de um baile e vi...

Vi Simon se comprometer com outra pessoa.

– Viu? – incitou ele.

De repente ela se sentia muito cansada. Cansada do dia, cansada da semana passada, cansada dos últimos sete meses. Cansada de Londres.

Ela balançou a cabeça.

– Nada.

Houve uma longa pausa enquanto ele a observava, e Juliana evitou de modo deliberado seu olhar até ele finalmente suspirar.

– Bom, eu também já tive o suficiente nesse dia desastroso.

Ele saiu da sala.

Callie o acompanhou com os olhos antes de também dar um suspiro.

– Ele não quis dizer isso, sabe? Ele só está... não é fácil para ele lidar com ela.

Juliana fitou a bondosa cunhada. Callie sempre fora a calmaria na tempestade de Gabriel.

– Eu sei. Mas ele não está inteiramente errado.

Elas ficaram sentadas por longos minutos em um silêncio sociável antes de Juliana não conseguir mais ficar calada.

– Leighton vai se casar.

Callie assentiu.

– Lady Penélope fez uma boa união.

– Ela não o ama.

Callie inclinou a cabeça.

– Não, acredito que não.

O silêncio se alongou entre elas até Juliana não conseguir mais suportar. Olhando para as mãos, apertadas uma contra a outra, ela perguntou baixinho:

– Quando eles vão se casar? Disseram alguma coisa?

– Ouvi dizer que será em algum momento no final de novembro.

Um mês.

Juliana assentiu, pressionando os lábios.

Estava feito. Ele se fora.
Ela respirou fundo.
– Acho que já chega de Londres para mim.
Os olhos de Callie se arregalaram.
– Para sempre?
– Pelo menos por enquanto.



Simon precisava de um drinque.

Mais de um.

Ele jogou o chapéu e as luvas para o lacaio que esperara por seu regresso, dispensou o homem de seus deveres pelo resto da noite e abriu com força a porta da biblioteca, obtendo um prazer perverso com a forma com que a grande prancha de carvalho batia contra a parede interna do aposento.

Aparentemente, o gesto só impressionara a ele próprio. Leopold levantou a cabeça e cheirou o ar uma vez, pensativo, antes de considerar todo o acontecimento indigno de entusiasmo.

Simon andou até um aparador e se serviu de um copo de uísque, engolindo imediatamente o líquido ardente.

Ele estava noivo.

Ele se serviu de outra dose.

Estava noivo e esta noite ele quase arruinara uma mulher que não era sua futura noiva.

Simon fitou a garrafa por um breve momento antes de pegá-la e se dirigir para sua poltrona. Olhando de modo ameaçador para o cachorro, ele ordenou que saísse do modo mais autoritário.

O maldito animal bocejou e saiu da poltrona com uma longa espreguiçada, como se tivesse tomado a decisão de sair sozinho.

Era nisso que ele havia se transformado – um duque incapaz até de assegurar a obediência de seu próprio cachorro.

Ele tomou a poltrona, ignorando a forma como o cachorro se esticava na frente do fogo que queimava na lareira.

Soltou o longo suspiro que trazia preso desde cedo naquela noite... desde o momento em que o marquês de Needham e Dolby trovejara o anúncio do noivado de sua filha, e Simon tomara a mão de lady Penélope na sua, a erguera até os lábios e cumprira seu dever.

E então ele sentiu o fardo. Pois agora não era mais responsável apenas por sua mãe, por sua irmã e pelo ducado. Era responsável também por lady Penélope. E mesmo nesse

momento não era seu futuro casamento ou a futura ruína de sua irmã que consumia seus pensamentos.

Era Juliana.

Ele estivera profundamente consciente de sua partida. Observara pelo canto do olho quando ela e a duquesa de Rivington abriram caminho pela multidão, serpenteando pelo monte de foliões até chegarem à saída. Se ela tivesse se movido mais rápido, estaria correndo.

Não que ele a culpasse.

Ele queria ter podido fugir daquele salão de baile também. Na verdade, o que ele fez foi se retirar o mais rápido que pôde sem chamar atenção para si.

E então ela se virara e olhara para ele... dentro dele.

Algo em seus olhos o aterrorizara e o provocara e o tentara.

Algo que tirara seu fôlego e o fizera querer correr atrás dela.

Ele bebeu novamente, fechando os olhos dentro da noite. Mas fechar os olhos só servia para avivar a lembrança dela. Seu cabelo, seus olhos, sua pele, a forma como ela se movera contra ele como uma feiticeira.

Ele não tivera a intenção de piorar as coisas. Não quisera tocar nela. Não quisera aproximá-la ainda mais da ruína do que já fizera. Ele não era aquele homem, pelo amor de Deus! Não era um libertino. Sim, havia tido uma ou outra amante e tivera sua cota de namoricos, mas nunca arruinara uma garota. Nunca nem chegara perto disso.

Ele sempre se orgulhara de ser um cavalheiro.

Até encontrar a única mulher que o fazia querer jogar o cavalheirismo pela janela e arrastá-la para o chão e fazer o que quisesse com ela.

Antes de anunciar seu noivado com outra pessoa.

No que ele havia se transformado?

Ela estava certa quando recusara seu pedido na noite anterior. Ralston também.

Mas, Deus, ele a queria.

E em outro tempo, como outro homem, ele a teria tido. Sem hesitação. Como amante... como mais.

Como esposa.

Ele praguejou, alto e duro no silêncio do aposento, chamando a atenção do cachorro.

– Ah, me desculpe, estou atrapalhando seu descanso?

Leopold deu um suspiro resignado e voltou a dormir.

Simon se serviu de outro drinque.

– Você não precisa disso.

Ele riu, o som áspero no silêncio do recinto.

Sua mãe o seguira até em casa.

A noite horrenda parecia não haver terminado.

– São duas horas da manhã.

Ela o ignorou.

– Você saiu cedo do baile.

– Não é cedo. Na verdade, é absolutamente tarde demais para a senhora estar fazendo visitas, não acha?

– Vim para lhe dizer que você fez a coisa certa.

Não, eu não fiz. Mas fico feliz que pense assim.

– Não podia esperar por um horário mais razoável?

– Não – respondeu ela, deslizando pelo aposento para se empoleirar na beirada do assento diante dele. Deu uma olhada de desaprovação para sua poltrona. – Essa poltrona precisa ser estofada.

– Vou levar sua opinião em consideração. – Ele deu um gole, ignorando a óbvia aversão dela pelo ato.

Imaginou quanto tempo teria que ficar sentado ali antes que ela fosse embora.

– Leighton... – começou ela e ele a interrompeu.

– A senhora nunca usa o meu nome.

As sobrancelhas dela se franziram levemente e ele sentiu um prazer perverso em sua habilidade de desconcertá-la.

– Como disse?

– Simon. A senhora nunca me chamou assim.

– Por que eu o chamaria assim?

– É o meu nome.

Ela balançou a cabeça.

– Você tem um título. Responsabilidades. Deve receber o respeito que eles exigem.

– A senhora não me chamava de Simon quando eu era criança.

– Você também tinha um título então. Marquês de Hastings – acrescentou ela, como se ele fosse um imbecil. – O que é isso, Leighton?

Ele ouviu a irritação na voz dela.

– Nada.

– Ótimo. – Ela assentiu uma vez antes de mudar de assunto. – A marquesa e eu planejamos começar os arranjos para o casamento amanhã. Você, é claro, deve se assegurar de acompanhar lady Penélope em público o máximo que puder durante o próximo mês. E chega de convites para a Casa Ralston. Realmente não sei o que aconteceu com você; nunca se associou a gente tão... questionável antes. E agora que o nosso nome tem que permanecer irrepreensível, está vagabundeando com Ralston e sua... família barata.

O olhar dele foi cortante.

– Ralston é casado com a irmã do conde de Allendale e da duquesa de Rivington.

Sua mãe fez um gesto com a mão, afastando a ideia.

– Nada disso importa agora que a mãe voltou. E a irmã – seu lábio superior se encrespou como se ela tivesse inalado algo desagradável –, ela é uma vergonha.

Ele ficou imóvel, mesmo com a onda de raiva que o invadiu ao ouvir as palavras

sarcásticas e desdenhosas. Não havia nada vergonhoso a respeito de Juliana. Ela era linda e brilhante e, sim, talvez ousada demais às vezes, mas era maravilhosa. E ele queria expulsar a mãe dali por dizer o contrário.

Simon apertou com força o copo de cristal.

– Não vou admitir que fale assim sobre a dama.

Os olhos da duquesa se franziram para ele.

– Eu não sabia que você tinha a *senhorita* Fiori em tão alta conta.

Ele não deixou de perceber a correção ao título de Juliana. Quando permaneceu calado, ela acrescentou, com a frieza de quem tinha compreendido tudo.

– Não me diga que você quer a garota.

Ele não falou. Não olhou para a mãe.

– Vejo que sim. – Houve uma longa pausa e então: – Ela não é nada, Leighton. Sem nome, sem estirpe, nada que a recomende a não ser um fiapo de parentesco com Ralston, ele mesmo quase nada respeitável agora que sua mãe escandalosa voltou. Meu Deus, nem mesmo temos certeza se ela é quem diz ser! Os rumores de que ela é ilegítima começaram novamente. Nem a ligação com Allendale e Rivington vai salvar a reputação da família agora... – A duquesa se inclinou para a frente e endureceu seu tom. – Ela está tão abaixo de você que quase não é boa o suficiente para ser sua amante.

O duque foi tomado pela ira. Sim, houve um momento em que ele próprio sugeriu que Juliana daria uma boa amante, mas isso fora há muito tempo, muito antes de ele ter passado a ver...

Como ela era notável.

A duquesa continuou, tédio em seu tom.

– Procure em outro lugar alguém para aquecer sua cama, Leighton. Você pode achar uma pessoa de maior... valor.

Ele absorveu as palavras odiosas, deixou que elas o tomassem.

E percebeu que nunca encontraria alguém com tanto valor quanto Juliana.

Ele nunca a teria. Mas, por Deus, não permitiria que ela fosse difamada.

– Saia. – As palavras eram frias e ele ficou impressionado com seu autocontrole.

Os olhos dela se arregalaram.

– Como disse? – Havia um fio de ultraje em sua voz.

– A senhora me ouviu.

Ela não se moveu.

– Leighton. Realmente. Não há necessidade de tanto drama. Desde quando você se tornou tão vulgar?

– Não há nada de vulgar nisso. Já me cansei da senhora esta noite, mamãe. Já recebeu o que quer. Vou me casar com lady Penélope: dama de reputação impecável e imenso valor. Cansei de fazer o que a senhora quer por enquanto.

A duquesa se levantou, aprumando-se em toda a sua altura estoica.

– Lembre-se de que sou sua mãe, Leighton, e mereço o respeito da posição.

– E a senhora, lembre-se de que sou *duque*, mamãe. E já vai longe a época em que recebia ordens suas. Vá para casa, antes que eu diga algo de que me arrependa.

Eles ficaram olhando um para o outro por um longo tempo, nenhum dos dois cedendo até haver uma batida de leve na porta.

Será que esta noite nunca vai acabar?

Simon se afastou da mãe.

– Maldição! O que é?

Boggs entrou, temor em seu rosto.

– Vossa Graça, minhas desculpas. Há um recado urgente para o duque. É de Yorkshire.

Simon gelou, pegando o bilhete e dispensando o mordomo.

Quebrou o lacre de cera e desdobrou o papel, sabendo que este era o bilhete que vinha temendo – e que iria mudar tudo.

Ele o leu rapidamente, então o dobrou de novo e colocou-o no bolso. Esse tempo todo ele estivera esperando... preparando-se para a mensagem e, com ela, vinham várias emoções – raiva, medo, nervosismo, irritação.

Mas o que ele sentia era calma.

Simon se levantou, indo até a porta.

– Leighton... – chamou a mãe.

Ele fez uma pausa, de costas para ela. Aquilo fora um tremor em sua voz? Ele olhou por cima do ombro, notando a pele dela como pergaminho, seus olhos cinza engastados fundo no rosto, o sulco nas bochechas.

Ela parecia esgotada.

E resignada.

– Há notícias?

A notícia pela qual vinham esperando.

– Você é avó.

QUATORZE



O campo é para onde os boatos vão para se esconder.

Damas elegantes não se retiram para o campo.

– UM TRATADO SOBRE A MAIS REQUINTADA DAS DAMAS

Tragédia! Nosso item favorito do continente desapareceu...

– O JORNAL DO ESCÂNDALO, NOVEMBRO DE 1823

Após viajar por cinco dias pelas estradas duras e impiedosas dos campos ingleses, Juliana nunca se sentira tão feliz quanto estava ao ver Townsend Park.

Se pelo menos pudesse chegar lá logo.

A carruagem fora parada assim que saíra da estrada dos correios e entrara em um longo caminho levando à grande casa de pedra que assomava, imponente e linda, das vastas charnecas de Yorkshire. Quando ela explicara aos dois enormes guardas que seu irmão era o dono da casa e que ela só estava ali para uma visita, um dos homens pulara em cima de um cavalo e partira como um raio para a casa grande – presumivelmente para anunciar sua chegada.

Após um quarto de hora, Juliana descera da carruagem para esticar as pernas ao lado da estrada enquanto esperava ser aprovada para entrar no parque.

A segurança era um assunto sério naquele cantinho da Inglaterra.

Townsend Park era a residência principal do conde de Reddich, supervisionada pelo meio-irmão de Juliana e gêmeo de Ralston, lorde Nicholas St. John, e sua esposa Isabel, irmã do conde. Mas a mansão também era conhecida como Casa de Minerva, um lugar seguro para moças de toda a Inglaterra que precisavam de um refúgio para circunstâncias difíceis. Até Nick descobrir Isabel e a casa vários meses antes, a segurança de seus residentes estivera sob constante ameaça.

Não mais, pensou Juliana conforme erguia os olhos para o guarda imenso com quem fora deixada. *Estes cavalheiros parecem prontos para enfrentar qualquer coisa que cruze seu caminho.*

Ela chutou uma pedra, observando-a desaparecer no meio dos juncos que cresciam ao lado do caminho, iluminados pelo brilho do sol da tarde.

Talvez ela nunca fosse embora.

Ela imaginou se alguém chegaria a perceber.

Imaginou se Simon perceberia.

Ela sabia que não devia pensar nele – a última vez em que o vira, havia pouco mais de uma semana, parecia o noivo feliz. Mas ela não conseguia evitar. Havia passado cinco longos dias na carruagem, vinda de Londres, com pouca coisa para fazer além de jogar *briscola* com Carla e pensar nele... e na forma como ele a havia tocado... e na forma como ele dizia seu nome... na forma como o olhar dele se aquecia ao olhar para ela até seus olhos ficarem da cor do bronze.

Ela respirou fundo.

Ele não era para ela.

E estava na hora de perceber isso e tirá-lo da cabeça.

Quando ela finalmente voltasse a Londres, ele estaria casado. E ela não teria escolha a não ser fingir que seus encontros clandestinos nunca haviam acontecido. Que ela e o duque de Leighton não passavam de conhecidos casuais.

E que ela não conhecia o modo como a voz dele ficava grave e aveludada logo antes de beijá-la.

Ela suspirou e voltou-se para a casa, para ver seu irmão, no alto de um cavalo, um sorriso largo no rosto, galopando na direção dela.

Retribuindo o sorriso dele, ela acenou e gritou:

– Meu irmão mais bonito!

Ele saltou do cavalo antes que este parasse, envolvendo-a em um abraço vigoroso, alegria em sua voz.

– Vou contar ao Gabriel que você disse isso.

Ela fez um gesto com a mão enquanto ele a punha no chão.

– Como se fosse uma surpresa! Ele empalidece terrivelmente quando comparado a você. Ainda não tenho certeza se vocês são mesmo gêmeos.

Gabriel e Nick eram idênticos de todas as maneiras, exceto uma – a cicatriz horrível que descia em curva pelo lado do rosto de Nick, por pouco não pegando seu olho. A cicatriz não estragava nem um pouco sua beleza; ao contrário, dava a seu semblante franco e simpático uma ponta de mistério que atraía as mulheres como mariposas pelas chamas.

Ele inclinou a cabeça, num gesto de agradecimento para o guarda no portão, e então apontou para a carruagem.

– Vamos levá-la para a casa?

Ela franziu o nariz.

– Tenho que voltar para a minha prisão? Não podemos andar em vez disso?

Fazendo um sinal para a carruagem passar, ele pegou as rédeas de seu cavalo e os dois

começaram a caminhada de oitocentos metros até a mansão. Nick fez um punhado de perguntas educadas sobre a viagem antes que Juliana o interrompesse.

– Presumo que você tenha ouvido a notícia.

Ele assentiu, os lábios em uma linha firme.

– Gabriel mandou um bilhete na noite em que ela chegou. – Ele fez uma pausa. – Como ela está?

– Igual.

Eles andaram em silêncio por um momento antes do irmão perguntar:

– E como você está?

Juliana olhou para os pés, observando as pontas de suas botas debaixo da bainha de seu manto de viagem cor de vinho.

– Eu estou... – Ela se virou para Nick, encarando seus olhos azul-claros, cheios de interesse e nenhuma preocupação, e então para trás dele, para a ampla charneca que se estendia por quilômetros em todas as direções. – Estou feliz por estar aqui – disse ela.

E era verdade.

Ele sorriu, oferecendo-lhe o braço, que ela tomou com prazer. Nick sempre fora o mais fácil de seus irmãos – Gabriel era quente e explosivo; Nick era paciente e compreensivo. Ele não a pressionaria para discutir sobre a mãe nem nada mais. Mas escutaria quando ela estivesse pronta para falar.

Ela não estava pronta.

Ainda não.

– E como estão as coisas aqui? – questionou ela, mudando de assunto. – Você escreve tão raramente que às vezes acho que não tenho um irmão do meio.

Ele deu uma risadinha.

– Loucas e bem, como sempre. Tivemos três garotas novas no último mês... quatro se você contar o bebê que chegou há dez dias.

Os olhos dela se arregalaram.

– Bebê?

– Uma das garotas... – Ele deixou a voz sumir.

Ele não precisava terminar a frase. A história era velha. Uma das garotas havia cometido um erro e se vira solteira e grávida. Talvez um mês atrás Juliana não tivesse considerado tal circunstância o produto de ignorância ou irresponsabilidade. Mas agora...

Agora ela sabia muito bem como os homens podiam ser tentadores.

– De qualquer modo, Isabel está trabalhando demais – declarou Nick, interrompendo seus pensamentos.

Ela sorriu.

– Isabel sempre trabalha demais.

– É, mas agora que ela está carregando o meu filho, eu preferiria vê-la na cama comendo biscoitos. Talvez você possa empurrá-la nessa direção.

Juliana riu. Isabel era tão suscetível a empurrões quanto uma das estátuas de mármore que ela tanto amava. O sorriso dele ficou suave diante da gargalhada e Juliana sentiu uma pontada de inveja da emoção que viu ali.

– Vejo que acha esse um pedido despropositado.

– Não despropositado. Só fadado a não se realizar.

Ele gargalhou e viu o objeto da conversa dos dois surgir no topo das escadas da mansão. Juliana acenou para a cunhada, que devolveu a saudação e começou a descer os degraus na direção deles.

Juliana correu para encontrar Isabel e as duas se abraçaram calorosamente antes de segurarem uma à outra à distância do braço para uma inspeção.

– Como é que você está viajando há cinco dias e ainda está linda? – provocou Isabel.

– Eu mal posso descer a escada de manhã sem arruinar um vestido!

Juliana deu um largo sorriso para a cunhada, agora com cinco meses de gravidez e resplandecendo alegria e beleza.

– Bobagem. Você está linda! – disse Juliana, segurando Isabel e notando o leve volume de seu abdômen. – E como tenho sorte por ter em breve duas sobrinhas para mimar!

– Sobrinhas, é? – provocou Nick.

Juliana sorriu.

– Nesta casa? Você acha que vai ter um filho?

– Um homem pode sonhar.

Isabel pegou o braço de Juliana, guiando-a na direção da casa.

– Estou tão feliz que você esteja aqui e bem a tempo da Noite da Fogueira!

– Há uma noite para o fogo?

Isabel fez um gesto com a mão.

– Você vai ver.

Juliana olhou por cima do ombro para Nick.

– Devo ficar preocupada?

– Possivelmente. Envolve queimar católicos em efígie.

Os olhos de Juliana se arregalaram e Isabel riu.

– Nick. Pare. Ela ainda não confia nos ingleses.

– E, aparentemente, não devo! – disse Juliana. – Eu devia saber que não era boa ideia vir para o campo. Parece que é um risco.

– Só é um risco para a sua diversão diária – respondeu Isabel. – É terrivelmente tedioso comparado a Londres.

– Achei que você odiava Londres – falou Nick.

– Continuo preocupada com o fogo – declarou Juliana abruptamente.

– Eu não odeio Londres. Não mais – disse Isabel para Nick, aí virou-se para Juliana. – Não se preocupe com o fogo. Você vai ficar bem. Vai ver amanhã. Agora, conte-me tudo

o que está acontecendo em Londres. Só recebo notícias com semanas de atraso, da *Pérolas e Peliças!*

Nick gemeu com a referência à revista feminina que certa vez fizera todas as mulheres solteiras de Londres correrem atrás dele.

– Não sei por que ainda recebemos a maldita revista.

– As garotas gostam – explicou Isabel, referindo-se ao resto da população da Casa de Minerva.

– Ah – provocou Juliana. – As *garotas*. Bem, elas vão gostar muito da próxima edição, eu imagino. Nossa mãe nos transformou mais uma vez no assunto do dia. – Ela fez uma pausa e então, incapaz de resistir, continuou: – Pelo menos havia feito antes de o duque de Leighton escolher sua noiva.

Nick e Isabel trocaram um olhar chocado.

– Leighton vai se casar?

– Ele anunciou seu noivado com lady Penélope Marbury na semana passada – informou Juliana, muito orgulhosa de si por manter o tom equilibrado e impassível. – Você está surpreso? Duques precisam se casar, Nick.

Nick fez uma pausa, pensando na pergunta.

– É claro que precisam. Só estou surpreso que ele não nos tenha dito nada.

Ela piscou.

– Eu não sabia que sua relação com o duque era próxima a ponto de ele lhe escrever a respeito de suas futuras núpcias.

– Ah, não é – intrometeu-se Isabel. – Mas poderia ter entrado na conversa em algum momento.

Sinos de alarme soaram e Juliana parou de andar.

– Conversa?

Talvez ela tivesse entendido errado. Seu inglês estava longe de ser perfeito.

– Sim. Leighton está aqui.

– Aqui? – questionou Juliana e olhou para Nick. Talvez estivesse entendendo errado o que Isabel dizia. – Por que ele estaria aqui?

Ele não podia estar aqui. Não agora. Não quando a única coisa que ela precisava era ficar o mais longe possível dele.

– Suponho que você vai descobrir logo, logo... – falou Nick. – Ele veio assim que a criança nasceu.

Uma onda de pânico a invadiu.

A criança.

Ele tinha um filho.

Ela foi tomada pela emoção – uma combinação de tristeza e choque e ciúme. Outra mulher tivera o filho dele. Uma mulher a quem ele pertencera por algum tempo.

De uma forma que ele nunca pertenceria a Juliana.

A ideia era devastadora.

– Juliana? – A voz de Isabel soou longe. – Você ficou pálida. Está passando mal?
– Leighton... ele está aqui agora?
– Sim. Juliana... há algo errado? O duque foi grosseiro com você? – perguntou Isabel, olhando para Nick. – É incrível que o homem não tenha tomado uma boa sova em vinte anos.

Aparentemente, Isabel também não gostava de Simon. Ninguém na família dela parecia gostar dele, o homem que havia mandado uma mulher para Yorkshire para parir seu filho ilegítimo enquanto ele pedia outra em casamento.

E enquanto ele fazia coisas maravilhosas e indizíveis a uma terceira em conservatórios escuros.

Sua família de repente parecia ter um excelente juízo de caráter.

– Gabriel já lhe deu uma sova.

– Deu? Ótimo! – disse Isabel.

– Deu? Quando? – perguntou Nick.

– Semana passada – falou Juliana, desejando que não tivessem tomado esse rumo.

– Por quê?

– Nenhum motivo.

Nenhum que Nick precisasse saber, pelo menos.

As sobrancelhas de Nick se elevaram.

– Eu duvido disso – afirmou ele. Após uma pausa, continuou: – Então, você conhece Leighton.

Ela se sentiu enjoada.

– Vagamente.

Isabel e Nick trocaram um longo olhar antes que ele falasse.

– Na verdade, não parece que seja vagamente. Parece que você o conhece bem o bastante para ficar perturbada com a ideia de ele estar aqui.

– De jeito nenhum.

Por que ela ficaria perturbada com o fato de ter ido para Yorkshire para fugir de alguém e descobrir que a pessoa de quem fugira estava justamente ali?

Com um filho secreto.

Não era o primeiro segredo que ele não contava a ela.

Só o mais importante.

– Então – disse ela, enquanto caminhava, esperando soar casual. – A criança. Ele vai reconhecê-la?

Isso não havia soado nem um pouco casual. Soara como se ela estivesse sendo estrangulada. Juliana estava começando a desejar que sua carruagem tivesse sido atacada por salteadores a caminho dali. Sim. Rapto pelas mãos de criminosos teria sido um destino melhor do que este.

– Não está claro – respondeu Nick.

Ela parou de novo, virando-se para Nick mais uma vez.

- Perdão. Você disse que não está claro?
- Há várias coisas que ele tem que levar em consideração...

A raiva dela começou a se manifestar.

- Que tipo de coisas? Está querendo dizer sua futura noiva?

Nick pareceu confuso.

- Entre outras coisas.

– Você não acha que ela merece saber? Isabel? Você não teria querido saber antes de se casar com Nick?

Isabel pensou por um momento.

- Talvez...

Os olhos de Juliana se arregalaram. *Será que todo mundo na família havia enlouquecido?*

- Talvez? – guinchou ela.

Isabel pareceu surpresa, aí apressou-se em corrigir.

- Está bem, sim. Suponho que teria.

- Exatamente! – Juliana olhou para Nick. – Está vendo?

Ela não podia acreditar que Nick considerasse menos do que o reconhecimento de Leighton. Era seu *filho*. Legítimo ou não, ele merecia saber de onde vinha.

Merecia saber que tinha uma família além de seu mundinho.

Era difícil para Juliana compreender a ideia de que Simon poderia não reconhecer a criança. Talvez fosse assim que agissem na aristocracia britânica – esse universo perverso onde as pessoas eram menos inclinadas a aceitar uma criança ilegítima do que a aceitar um pai que admitia seus erros.

Erros.

Ela se retraiu com a palavra.

O duque perfeito, que avaliava com inegável arrogância as falhas de todos à sua volta, cometera o pior tipo de erro.

Ela jamais poderia imaginar que ele fosse o tipo de homem que consideraria dar as costas à própria prole.

Isso não devia importar.

Na verdade, ela não tinha nenhuma reivindicação para ele. Ele estava comprometido com lady Penélope. O que mudaria se ele tivesse tido um filho ilegítimo no campo?

Tudo.

Ela sabia que era verdade mesmo antes de a palavra flutuar por sua mente.

Ele teria sido menos do que o Simon que ela conhecia. O tipo de homem que mandava uma mulher embora para gestar seu filho não era o tipo de homem que ela acreditava que ele fosse. Não era o tipo de homem que ela queria que ele fosse.

O tipo de homem que ela queria para si.

Juliana queria encontrá-lo e sacudi-lo.

- Onde ele está? Quero falar com ele.

Nick hesitou.

– Juliana. Há mais em questão do que isso. Não é tão simples. Ele é um duque... e um duque muito respeitado, além de tudo. Ele tem opções a considerar. Uma família na qual pensar.

Ela apertou os olhos. Talvez ela começasse sacudindo seu irmão.

– Bem, ele devia ter pensado nisso antes de mandar a criança e sua mãe para Yorkshire!

O queixo de Isabel caiu e Juliana percebeu que praticamente havia berrado aquelas palavras. Ela deu uma pequena bufada de indignação. Se achavam que pediria desculpas por se sentir ultrajada com a típica e horrível arrogância dele, eles estavam muito enganados.

– Juliana – a voz de Nick era baixa e calma.

– Não tente me fazer mudar de ideia, Nick. Ilegitimidade é um assunto doloroso para mim no momento, já que nossa mãe botou a minha em dúvida publicamente. Não vou deixar que aquele... homem impossível simplesmente acene com a mão e mande sua própria carne e sangue embora sem reconhecimento. É inaceitável. E, se você não tem coragem de dizer isso a ele, eu digo.

Ela parou, ofegante depois de seu discurso, e olhou nos olhos de Nick, vendo a frustração ali. Talvez ela não devesse ter sugerido que ele era um covarde.

– Claro que eu não quis dizer...

– Ah, acho que quis sim, irmã; e você tem sorte por eu ser o gêmeo bonzinho – falou ele. – Se isso é tão importante para você, converse com Leighton. Não tenho o menor interesse em provocar a sua ira. Você o verá no jantar.

Algo naquelas palavras não soou bem para Juliana, mas ela ainda estava zangada demais e ansiosa para enfrentar Simon para sequer pensar duas vezes a respeito de seu irmão. Eles haviam chegado ao pé dos largos degraus de pedra que levavam ao solar, e Juliana ergueu os olhos para a enorme porta no topo, que estava aberta, chamando-a para dentro.

Ela não estava disposta a esperar por ele.

Ela estava cheia.

Quando Juliana o encontrou, Simon estava de pé na extremidade de uma sala comprida, olhando por uma janela, de costas para a porta. Ela quase não o viu, sua silhueta contra um céu azul brilhante que contrariava a tempestade se formando em seu coração.

Ela entrou no aposento, notando o tamanho dele – alto e devastadoramente lindo – e odiando que mesmo agora, em sua raiva, se sentisse tão atraída pelo duque. Ela queria correr em sua direção, enroscar-se nele e implorar que ele fosse o homem que ela pensara que ele era.

Ele não era para ela.

Ela tinha que se lembrar disso.

Juliana atravessou o que parecia ser uma sala de estar; não se importava muito com o que a cercava, já que estava ansiosa demais para falar com Simon – para lhe dizer exatamente o que pensava de sua última decisão ducal.

Ela se aproximou dele por trás e não fez nenhum preâmbulo.

– Eu achei que você fosse diferente.

Ele virou apenas a cabeça na direção dela, seus traços vagos nas sombras da tarde, tornando mais fácil ela dizer o que pensava. Juliana esperou um instante, mas ele não falou, não rebateu o argumento dela, e então ela continuou, deixando sua ira aumentar.

– Achei que você era um cavalheiro, o tipo de homem que cumpria suas promessas e se importava profundamente com o que é certo no mundo. – Ela fez uma pausa. – Engano meu. Esqueci que você não se importa com honra ou justiça, apenas com reputação.

Ela riu, ouvindo a autodepreciação no tom, o tremor em sua voz enquanto continuava:

– Suponho que eu tenha pensado que mesmo enquanto você ria de mim e me criticava por ter paixão demais, por ser inconsequente demais ou por não me importar o suficiente com minha reputação... suponho que tenha pensado que talvez eu... Que talvez você...

Suponho que eu tenha pensado que você fosse diferente.

Que talvez você tivesse mudado.

Que talvez eu o tivesse mudado.

Ela não podia dizer nenhuma dessas coisas para ele.

Não tinha o direito de dizê-las.

Ele se virou para encará-la e ela percebeu que ele segurava um bebê nos braços.

O aposento ficou nítido. Não uma sala de estar. Um berçário.

E ele estava ali, segurando uma criança adormecida, tão pequena que cabia facilmente em suas mãos.

Ela engoliu em seco, chegando mais perto, espiando o rostinho redondo e vermelho e a indignação a deixou. Ela não queria mais gritar ou sacudi-lo. Ela não se sentiu vingada. Ela se sentiu... perdida.

Em um mundo diferente – outra época –, eles poderiam ter estado em um berçário parecido. Poderiam ter tido um momento parecido. Um mais feliz.

A voz dela ficou presa quando ela falou, olhando para o bebê e não para o homem.

– Eu sei o que é crescer sabendo que um dos pais não a quer, Simon – murmurou ela. – Sei o que é ter o mundo sabendo disso também. É devastador. Devastador quando você tem 4 anos, quando tem 10, quando tem... 20. Sei o que é ser ridicularizada e rejeitada por todos.

O que é ser rejeitada por você.

De repente, a aceitação dessa criança por ele significava tudo para ela. Ela não sabia por que – só que era verdade.

– Você tem que reconhecê-la, Simon. – Houve um longo silêncio. – Você precisa. Então haverá escândalo. Mas você pode resistir. Você pode. Eu... – *Não. Não havia eu.* Ela não era nada para ele. – Nós... nós vamos ficar do seu lado.

As lágrimas corriam por seu rosto e ela sabia que devia se arrepender delas.

– Você está aqui por ela, Simon. Você veio conhecê-la. Certamente isso significa alguma coisa. Você pode querê-la. Pode amá-la.

Juliana ouviu a súplica em suas palavras, sabia que estava falando sobre mais do que essa criança.

Devia se sentir envergonhada, mas não conseguia ter energia para se importar.

Ela só se importava com ele.

Este homem que a arruinara para todos os outros.

Desde o começo.

– Simon – sussurrou ela, e no nome havia um oceano de emoções.

Ele era tudo o que ela sempre havia jurado odiar... um aristocrata arrogante que havia arruinado uma mulher inocente e tivera uma filha que ele poderia não reconhecer.

Ela se odiou por perceber a força e a perfeição dele.

Por querê-lo mesmo quando devia desprezá-lo.

Ele deu um passo na direção dela e ela deu um passo para trás, com medo de ficar muito perto. Com medo do que poderia fazer. Com medo do que poderia permitir que ele fizesse.

– Juliana, gostaria de conhecer a minha sobrinha?

Sua sobrinha.

– Sua sobrinha?

– Caroline – a palavra era suave, cheia de algo que ela instantaneamente invejou.

– Caroline – repetiu ela, dando um passo na direção dele, na direção do querubim em seus braços, com seu rostinho redondo e sua boquinha de botão de rosa e cachos de cabelo dourado iguais aos de seu tio.

Seu tio.

Ela suspirou profundamente.

– Você é o tio dela.

Um dos cantos da boca de Simon se elevou em um sorriso quase inexistente.

– Você achou que eu era o pai.

– Achei.

– E não pensou em confirmar antes de fazer tais acusações?

Um calor inundou as bochechas dela.

– Talvez eu devesse ter confirmado.

Ele olhou para o bebê em seus braços e algo se apertou no peito de Juliana diante do quadro incongruente que eles formavam – esse homem enorme, o retrato da correção e arrogância, e sua sobrinha recém-nascida, um pouco menor do que o comprimento das mãos dele.

– Caroline – sussurrou ele mais uma vez, e ela ouviu a admiração em sua voz. – Ela é igualzinha a Georgiana. Igual a ela quando nasceu.

– A sua irmã.

Ele olhou nos olhos dela.

– Georgiana.

Ela compreendeu então.

– Ela é o segredo. O que você vem se esforçando para proteger.

Ele assentiu.

– Eu não tinha escolha. Precisava proteger a família. Tinha que protegê-la.

Juliana assentiu.

– Quantos anos ela tem?

– Dezessete.

Nem havia debutado.

– Solteira? – perguntou ela, já consciente de que não precisava ter feito a pergunta.

Ele assentiu outra vez, passando um dedo pela mãozinha minúscula de Caroline.

O bebê era a razão de tudo: da raiva dele com a inconsequência de Juliana, de sua insistência de que a reputação dela era soberana, de seu casamento iminente.

Um nó se formou na garganta de Juliana, tornando difícil engolir.

– Eu achei que chegaria aqui e a resposta seria clara. Achei que seria fácil mandá-la embora. Mandá-las embora.

Ela estava hipnotizada pela voz baixa e líquida dele, pela forma como ele segurava a recém-nascida, com tanto cuidado.

– Aí eu conheci Caroline.

Em seu sono, a criança agarrou com força a ponta do dedo dele e ele sorriu, admiração e tristeza se manifestando em seus belos traços – traços que tão raramente traíam suas emoções. Ele exalou e Juliana ouviu o peso de sua responsabilidade naquele som.

Lágrimas arderam em seus olhos e Juliana piscou para afastá-las.

Quando a sociedade ficasse sabendo, o escândalo seria insuportável. Ele realmente achava que seria possível se esconder deles para sempre?

Ela sabia que devia ser cuidadosa.

– Você mandou sua irmã para cá para manter a... situação dela... em segredo?

Ele balançou a cabeça.

– Não. Ela fugiu. Da família... de mim. Ela achou que eu não a apoiaria. Não as apoiaria. E ela tinha razão.

Juliana ouviu a amargura em sua voz e notou como sua boca se curvou em uma careta antes que ele se virasse para atravessar o aposento e devolver o bebê ao seu berço.

De onde ele a havia tirado.

De repente, Juliana percebeu a enormidade do momento que ela havia presenciado.

Homens aristocratas não entravam em berçários. Não seguravam crianças. Mas Simon entrara ali. Ele segurara aquela criança com todo o cuidado que ela merecia.

Havia tamanha incerteza nele – naquele homem que nunca duvidava de si mesmo. De quem ninguém nunca duvidava. Ela se doeu por ele.

– Ela vai perdoá-lo.

– Você não sabe disso.

– Eu sei... – Ela fez uma pausa. *Como ela poderia não perdoá-lo?* – Eu sei. Você veio atrás dela. Atrás das duas.

Para cuidar delas.

– Não me transforme em um herói, Juliana. Eu a encontrei... descobri sua situação... ela não me contou quem era o pai... e eu fiquei furioso. E a deixei aqui. Não queria ter nada a ver com ela.

Ela não podia acreditar. Não iria acreditar.

– Não... – Ela balançou a cabeça. – Não é verdade. Você está aqui agora.

Ele lhe deu as costas e voltou para a janela. Ficou calado, olhando a paisagem, por um longo momento.

– Mas por quanto tempo?

Juliana andou em sua direção, mas ele falou antes que ela pudesse fazê-lo.

– Só vim para decidir o que fazer a seguir. Para obrigá-la a me dizer quem é o homem. Para fazer arranjos para esconder a criança. Para esconder minha irmã. Ainda acha que sou um herói?

Ela franziu a testa.

– Ainda planeja fazer essas coisas?

Ele tornou a olhar para ela.

– Não sei. Talvez. Quando eu estava vindo para cá, essa certamente era uma opção... mas agora...

Ele deixou a frase morrer.

Ela não podia ficar calada.

– Agora?

– Não sei. – As palavras ecoaram pelo aposento, frustração e raiva surpreendendo a ambos. Ele enfiou as duas mãos no cabelo. – Agora meus planos bem elaborados parecem despropositados. Agora minha irmã não está falando comigo. Agora... eu segurei a maldita criança.

Eles estavam a centímetros um do outro, e, quando ele a fitou, Juliana pôde ver a angústia em seus olhos. Ele ergueu a mão, as costas dos dedos traçando um caminho por sua face, em um movimento tão suave e adorável que ela fechou os olhos para se deliciar com a sensação.

– Você tornou tudo mais complicado.

Os olhos dela se abriram diante da acusação.

– O que isso quer dizer?

– Que quando você está por perto, eu esqueço de tudo de que devo me lembrar. De tudo o que devo ser. E só penso nisso.

Ele colou os lábios nos dela, a maciez do beijo aumentando a dor que havia se instalado em Juliana durante a conversa. Ela o deixou guiar, seus lábios movendo-se desesperados e gentis ao mesmo tempo. A língua dele roçou nela e ela se abriu para ele, permitindo sua entrada e entregando-se à carícia.

Aquele não era um beijo de comemoração, mas de devastação. Era um beijo que deixava os dois expostos e tinha gosto tanto de arrependimento quanto de desejo. E, mesmo odiando aquela emoção, ela não conseguia resistir.

Não queria.

Os braços dela se elevaram, os dedos escorregando para dentro dos cachos macios na nuca de Simon, e ela o beijou de volta com tudo que havia dentro de si: paixão e emoção e desejo. Ela devolveu carícia por carícia na esperança de, de alguma forma, conseguir convencê-lo, com movimentos em vez de palavras, de que as coisas podiam ser diferentes. De que as coisas podiam mudar.

E então elas mudaram.

Ele se afastou, praguejando baixinho, deixando-a atordoada. Eles ficaram parados por um longo tempo no espaço mal-iluminado, a respiração de ambos pesada e entrecortada.

Ele passou as costas da mão sobre a boca, como se para apagar a lembrança do que acontecera, e ela se retraiu com o movimento.

– Eu tenho que proteger minha família, Juliana. Tenho que fazer o possível para proteger o nosso nome. Para proteger minha irmã. Deles.

– Eu entendo.

– Não. Você não entende – disse ele, os lindos olhos traindo sua emoção.

Ela não conseguia desviar os olhos da emoção que havia ali, tão rara, tão tentadora.

– Não pode entender. Isso não pode acontecer. Eu sou o duque. É o meu dever.

– Você fala como se eu tivesse lhe pedido para negar esse dever.

Ele fechou os olhos. Respirou fundo.

– Você não pediu.

– Não – protestou ela. – Não pedi.

– Eu sei. Mas você me faz querer negá-lo. Você me faz querer jogar tudo para o alto. Você me faz pensar que tudo poderia ser diferente. Mas... – ele deixou a frase morrer.

É assim que as coisas são.

Juliana ouviu as palavras, embora ele não as tivesse dito.

Ela queria xingá-lo. Queria gritar que podia ser diferente. Que ele podia mudar a forma como as coisas eram feitas. Que ele era um duque e que seu mundo idiota o perdoaria por quase tudo – e, de qualquer modo, quem se importava com o que aquelas pessoas horríveis pensavam?

Mas ela sabia que não devia fazer isso. Ela já lhe dissera aquelas palavras inúmeras

vezes antes. E não haviam significado nada. Era chover no molhado.

Ele continuou.

– Eu não sou livre para fazer o que quero. Não posso simplesmente dar as costas para o mundo no qual vivemos.

– O mundo no qual *você* vive, Simon – corrigiu ela. – E acredito, sim, que você é livre para fazer o que quiser. Você não é um deus ou um rei, mas apenas um homem, só carne e osso como o resto de nós – ela sabia que devia parar, mas, agora que pegara aquele caminho, era incapaz de voltar. – Isso não tem a ver com sua irmã, com sua sobrinha nem com o que é certo para elas. Isso tem a ver com você. Com os seus medos. Você não está encurralado pela sociedade. A sua prisão é obra sua.

Ele se enrijeceu, e a emoção sumiu imediatamente de seus olhos – o duque de Leighton frio e indiferente voltou.

– Você não sabe do que está falando.

Juliana sabia que ouviria isso. Mesmo assim, as palavras feriram e ela se afastou dele, na direção do berço. Acariciou a pele macia da bochecha da bebê adormecida.

– Algumas coisas são mais poderosas do que o escândalo, Simon.

Ele não falou enquanto ela atravessava o aposento, roçando nele enquanto se encaminhava para a porta.

– Eu só espero que você enxergue isso antes que seja tarde demais para ela.

Juliana saiu da sala, as costas eretas, a cabeça erguida, determinada a não lhe mostrar quanto sentia por ele. No momento em que a porta se fechou, Juliana desabou contra ela, a verdade atingindo-a, dura e rápida e cruel.

Ela o amava.

Isso não mudava nada. Ele ainda estava noivo de outra, ainda estava obcecado por decoro e reputação. Ainda o Duque do Desdém. Seria bom ela se lembrar disso.

Porque ela não achava que podia amá-lo mais.

Ela respirou fundo, um sonzinho minúsculo ficando preso em sua garganta.

Aqueles que haviam enaltecido as virtudes do amor – seus prazeres, sua grandeza –, que haviam dito a ela que ele era lindo e valia a pena mentiram.

Não havia nada de lindo nele.

Era horrível.

Havia uma luta dentro dele. Decoro e paixão. Reputação e recompensa. E Juliana sabia agora, com uma clareza revoltante, que era essa luta o que ela mais amava nele.

Mas agora ele a estava machucando.

E ela não podia suportar.

Não podia suportar não ser boa o bastante para ele.

E então se aprumou, distanciando-se da parede, e fez a única coisa que podia fazer.

Ela se afastou.

QUINZE



Criados íntimos demais são o pior tipo de ofensa.

Damas refinadas não aceitam fofocas na cozinha.

– UM TRATADO SOBRE A MAIS REQUINTADA DAS DAMAS

Finalmente o encanto do campo voltou...

– O JORNAL DO ESCÂNDALO, NOVEMBRO DE 1823

Simon queria esmurrar a parede do berçário.

Ele partira para Yorkshire no minuto em que recebera a mensagem de que o bebê de Georgiana havia nascido. Dissera a si mesmo que estava indo por sua irmã e por sua sobrinha, para garantir que os segredos da família continuassem sendo exatamente isso: segredo. E ele viera mesmo por esses motivos.

Mas também viera para fugir de Juliana.

Simon deveria ter imaginado que, depois que chegasse ali, naquela casa cheia de mulheres, ele se lembraria dela. Deveria ter imaginado que, quando bebesse uísque com Nick, ele veria Juliana nos olhos do amigo, na forma como ele ria. Deveria ter imaginado que, perto de sua família, pensaria nela sem cessar.

Mas o que ele não imaginara é que fosse pensar nela quando estivesse perto de sua própria família. Quando sua mãe deixara a casa, mal lhe dando uma palavra de adeus, quando a irmã se recusara a vê-lo no momento de sua chegada a Townsend Park, quando ele segurara a sobrinha nos braços. Ele havia pensado em Juliana em todos esses momentos.

Ele a quisera ao seu lado. Sua força. Sua disposição para enfrentar qualquer adversário. Seu comprometimento com aqueles com quem se importava.

Com aqueles que amava.

Quando ela entrara como um furacão no berçário para enfrentá-lo, para defender a recém-nascida Caroline a todo custo, foi como se ele a tivesse invocado. E, de alguma

forma, em seu ataque, ele encontrou consolo pela primeira vez desde que chegara a Yorkshire.

Ela o encarara com um comprometimento feroz com o que ela acreditava ser certo. Ninguém nunca o enfrentara da forma como ela havia feito. Ninguém nunca o pressionara do modo como ela fizera.

Ela era tudo o que ele jamais fora – emoção e paixão e entusiasmo e desejo. Ela não se importava nem um pouco com seu nome, seu título ou sua reputação.

Juliana se importava com o homem que ele poderia ser.

E fazia com que ele quisesse ser esse homem.

Mas isso era impossível.

Ele pedira a mão de Penélope, pensando que ela poderia salvar todos eles, e só agora percebia que, com aquele último ato, havia estragado tudo.

Simon ficou olhando para a porta através da qual Juliana saía, sabendo que o melhor que podia fazer por ela – por ambos – era ficar longe. Ele lhe devia pelo menos isso.

Ela merecia mais do que ser arruinada por ele.

Uma onda de remorso o invadiu – pelo que havia feito e pelo que nunca faria. Tentou não pensar nisso, e então ouviu o som, alto e bem-vindo, no berço; Caroline acordara. Moveu-se instintivamente na direção dela, querendo segurar a criaturinha que não tinha, ainda, conhecimento sobre suas falhas.

Ele estava ao lado dela em segundos, grato pela estranha falta de criados na propriedade. Em qualquer outra casa, a sobrinha do duque estaria cercada de enfermeiras e babás, mas aqui ela ficava sozinha às vezes, dando a seu tio a chance de ficar com ela sem uma plateia em volta.

Simon a ergueu mais uma vez nos braços, esperando que aquele contato fosse suficiente para ela se acalmar e voltar a dormir. Mas Caroline tinha outros planos; seus gritinhos foram ficando mais altos.

– Não chore, queridinha – disse ele, no que esperava ser uma voz calmante. – Não me faça ter que encontrar uma criada... ou a sua mãe. Eu cometi erros graves com ela também.

A recém-nascida não teve pena dele, contorcendo-se em suas mãos. Ele a colocou perto do peito, a cabeça em seu ombro, a mão grande aberta em suas costas.

– Não sou o suficiente para fazê-la feliz, sou? É claro que não há motivos para acreditar que eu poderia, agora, começar a deixar felizes as mulheres da minha vida.

– Você podia tentar com um pouco mais de empenho.

O duque se virou ao ouvir as palavras. Sua irmã atravessava o berçário na direção dele, os braços estendidos. Ele entregou a bebê e ficou olhando enquanto Georgiana embalava a filha. A criança se acalmou de imediato nos braços da mãe, seus gritos se transformando em pequenas lamúrias.

– Ela a conhece.

Georgiana deu um sorrisinho, sem tirar os olhos do bebê.

– Nós tivemos vários meses para nos conhecer.

Vários meses durante os quais ele estivera ausente.

Ele era um imbecil.

– Eu soube que você vai se casar.

– As notícias correm rápido nesta casa – disse Simon.

– É uma casa povoada por mulheres. O que você achou que aconteceria com a informação? – Ela fez uma pausa. – Devo dar os parabéns?

– Lady Penélope dará uma ótima esposa. Sua família é antiga; sua reputação, impecável.

– Como a nossa costumava ser?

– Como ainda é.

Ela ergueu os olhos cor de âmbar – tão parecidos com os dele – para o irmão, vendo mais do que ele gostaria.

– Mas não por muito tempo.

Ele não queria discutir seu casamento com Penélope. Não queria discutir o nome da família deles, sua reputação. Ele queria discutir sobre sua irmã. Queria começar do zero.

Não que fosse possível.

– Georgiana... – começou ele, parando quando ela se virou de costas, ignorando-o e cruzando o aposento até uma mesa alta, onde deitou Caroline e começou a mexer nela.

– Não imagino que vá querer ficar para esta parte.

A testa dele se franziu diante das palavras e ele se aproximou, curioso.

– Para que parte? – Ele espiou por cima do ombro da irmã, observou suas ações e virou imediatamente de costas para a cena. – Ah! Sim. Ah... Não – em todo o seu treinamento ducal, ele nunca fora treinado para cuidar, e limpar, de recém-nascidos. – Não há... – questionou ele, limpando a garganta. – Alguém que possa... fazer isso... para você?

Ele teve a impressão de ouvir sua irmã dar uma risadinha.

– As crianças não nascem com uma babá a reboque, Simon.

Ele não gostou da zombaria no tom dela.

– Eu sei disso. Mas você é... – Ele parou. Havia uma dúzia de maneiras de terminar essa frase.

A filha de um duque... minha irmã... a meu ver, praticamente recém-saída dos cueiros...

– Eu sou uma mãe.

Ela se virou para encará-lo, Caroline agora em silêncio em seus braços. Sua irmã, que ele sempre considerara frágil, agora calma e forte, com uma voz dura como aço.

– O que quer que você fosse dizer, não tem importância. Eu sou a mãe dela. E ela vem primeiro. Não há nada que você possa dizer que me faça mudar de ideia.

Sua irmã não era mais uma menina delicada, mas Juno, totalmente crescida e protegendo sua prole.

Dele.

Dele, que devia estar lhe dando toda a proteção.

– Não quero fazê-la mudar de ideia.

Ela piscou.

– Não quer?

– Não.

Era verdade.

Ela soltou um longo suspiro.

– Você vai me deixar ficar com Caroline. E não vai me fazer brigar com você.

Ao longo dos últimos seis meses, ele estivera certo de que mandar a criança para longe seria o melhor. Mesmo na viagem até ali, ele pensou nas possibilidades, imaginou potenciais destinos, sem querer abandonar a esperança de que tudo pudesse voltar ao normal.

Agora ele entendia quão ridícula fora aquela ideia.

Ele não podia suportar a ideia de mandar Caroline para longe.

Eu sei o que é crescer sabendo que um dos pais não a quer, Simon. Ele vira a tristeza nos olhos de Juliana ao dizer essas palavras. Ele queria bater nas pessoas que a tinham feito se sentir devastada. E não queria que sua sobrinha sentisse aquela dor.

– É claro que você vai ficar com Caroline.

O alívio de Georgiana foi evidente.

– Obrigada, Simon.

Ele virou de costas, sabendo que não era merecedor das palavras de gratidão da irmã depois do modo como a tratara nos meses anteriores. Ele merecia sua raiva, sua fúria e seu desprezo, não seu agradecimento.

Entretanto, mesmo enquanto ela segurava a filha em um abraço amoroso, ele pensava no dano que seria causado ao nome da família.

O escândalo aconteceria. E eles iriam enfrentá-lo. Ele estava preparado. Ou estaria, depois que se casasse com lady Penélope.

– Vou me casar em um mês. Isso vai ajudar a diminuir o interesse em sua situação.

Ela riu ao ouvi-lo.

– Simon, nem um casamento real iria diminuir o interesse em minha situação.

Ele ignorou as palavras, dirigindo-se para a porta, querendo apenas se livrar daquele aposento que parecera tão acolhedor e que de repente se tornara tão sufocante. Antes que ele saísse, Georgiana falou:

– Não precisa fazer isso, sabe? Não está escrito em lugar algum que você deve carregar o fardo da nossa reputação. Você não tem que se casar com ela.

É claro que ele tinha.

Ele era o duque de Leighton – um dos homens mais poderosos da Inglaterra, nascido para carregar o peso de um dos títulos mais veneráveis da aristocracia. Ele passara a vida

inteira se preparando para este momento, quando a honra e o dever vinham antes de todo o resto.

Onde estava a honra no que ele havia feito à Juliana? No estábulo? No parque? Nesta sala?

Uma onda de vergonha o invadiu, sua pele ficando quente.

– Não é um ponto de discussão. Eu vou me casar com a dama.

Ele ia fazer o que precisava ser feito.



Ele encontrou St. John no gabinete do conde de Reddich.

A porta estava aberta e ele bateu uma vez, esperando que St. John acenasse para, então, entrar na sala e tomar a ampla poltrona de couro ao largo da grande mesa de mogno.

– Você fica muito bem atrás desta mesa; quase se pode pensar que essa foi a razão de ter recebido seu título – disse ele.

Nick terminou de anotar uma longa coluna de números no livro-caixa e olhou para cima.

– Considerando-se que o conde tem 10 anos e está na escola, acho que ele não vai se importar se eu esquentar o assento para ele até estar preparado. – Nick se recostou. – É com a senhora da casa que temos que nos preocupar. Ela fica irritada quando uso sua escrivaninha.

– Por que não arruma uma para si, então?

St. John deu um sorriso largo.

– Eu gosto bastante quando ela fica irritada.

Simon fingiu não ouvir o comentário inapropriado.

– Eu gostaria de conversar sobre a minha irmã.

– Excelente. Eu gostaria de falar sobre a minha.

Simon congelou ao ouvir aquelas palavras e os olhos de St. John imediatamente se estreitaram.

– Isabel acha que há algo entre vocês. E ela sempre tem razão. É muito irritante.

– Não há nada entre nós.

– Não?

Sim.

– Não – negou ele, tentando soar enfático e esperando ter sido bem-sucedido.

– Hmm. – Nick tirou os óculos e os jogou em cima da mesa. – Muito bem, então. Por favor, vamos discutir lady Georgiana.

O alívio de Simon veio em uma onda de irritação.

– Fico feliz que alguém nesta casa se lembre da posição de minha irmã.

As sobrelhas de Nick se elevaram.

– Eu teria mais cuidado se fosse você, Leighton.

Simon praguejou baixinho, suas mãos se fechando em punhos.

– Tente de novo – falou Nick.

Nicholas St. John era, muito possivelmente, o amigo mais antigo de Simon. Os dois, junto com Ralston, eram do mesmo ano em Eton, e Simon, jovem e com título, passava muito tempo lembrando aos irmãos – e ao resto da turma – que os filhos da Casa Ralston tinham, sem dúvida, vindo de uma linhagem questionável. Um dia, ele provocou demais o tranquilo Nick e sofreu as consequências. Nick tirara sangue de seu nariz e sua amizade havia começado.

Eles haviam se afastado nos anos que se seguiram à sua partida da escola. Simon então tinha se tornado o duque de Leighton, o chefe da família, um dos homens mais poderosos da Inglaterra, e Nick partira para o continente, desaparecendo no Oriente enquanto a guerra assolava. O dinheiro de Leighton havia financiado as atividades de Nick, mas isso fora o mais perto que Simon chegara de seu amigo durante aqueles anos.

Quando Juliana chegou a Londres, Simon não fez nada para apoiar a casa de St. John. E, ainda assim, quando Georgiana chegou aos degraus de Townsend Park, com um filho na barriga e pouca coisa mais, Nick e Isabel a abrigaram. Eles a protegeram como se fosse deles. E, enquanto Simon os atacava, ameaçando aquela casa, seus nomes e até mesmo suas vidas, Nick ficara firme, protegendo Georgiana a todo custo.

Um amigo.

Talvez seu único amigo.

E Simon devia a Nick mais do que jamais poderia pagar.

E agora ele ia pedir mais.

– Ela quer ficar aqui. Com a criança.

Nick se recostou em sua poltrona.

– E o que você quer?

O que ele queria?

Ele queria que tudo voltasse a ser como era. Queria Georgiana segura em sua cama em sua casa de campo, preparando-se para colheitas de outono e feriados de inverno. Ele queria se livrar do fardo que fora seu desde que ele assumira o ducado... e desde antes disso.

E ele queria Juliana.

Ele deteve o pensamento, o nome dela sendo sussurrado em sua mente.

Mas em vez de trazer clareza, serviu apenas para trazer muita angústia e frustração.

Ele não podia tê-la.

Nem agora nem nunca.

E então ele pediu o que podia ter.

– Quero que Georgiana fique em segurança. E Caroline, a criança... Quero que ambas fiquem em segurança.

Nick assentiu.

- Elas estão em segurança aqui.
- Diga-me de quanto você precisa.

Nick cortou o ar com uma das mãos.

– Não, Leighton. Você nos deu o suficiente durante os últimos seis meses. Mais do que o necessário.

– Mais do que você esperava.

– Bem, você tem que admitir... do jeito que você saiu daqui como um furacão após descobrir a situação de sua irmã, não esperávamos que se tornasse um benfeitor da Casa de Minerva.

Ele o fizera por culpa.

Georgiana ficara tão apavorada ao lhe contar a verdade sobre sua situação – sua gravidez – que a identidade do pai continuaria sendo seu segredo. Ela fora às lágrimas, havia praticamente implorado a ele que a perdoasse. Que a protegesse.

E ele fora embora, zangado e perturbado.

Havia voltado a Londres, desesperado para fortalecer sua reputação.

Fingindo que ela era uma inconveniência e não sua irmã.

E então ele fizera a única coisa que podia fazer. Ele mandara dinheiro. Uma quantia bem grande.

– Elas são minha responsabilidade. Vou continuar a cuidar delas.

Nick o observou por um longo momento, e Simon sustentou o olhar do amigo. Isso não seria negado a ele – a única maneira de, pelo menos, começar a reparar seus erros.

Nick assentiu.

- Faça o que achar que precisa ser feito.
- Avise-me se algo... se ela precisar de alguma coisa.
- Eu aviso.
- Você é um bom amigo.

Era a primeira vez que Simon dizia aquelas palavras. Para Nick... ou para qualquer um. A primeira vez que ele reconhecia uma amizade como algo mais do que um drinque no clube ou uma luta de esgrima. Ele se surpreendeu com o sentimento.

Os olhos de Nick se arregalaram ao ouvi-lo.

– Você faria o mesmo.

A verdade simples tocou Simon profundamente. *Ele faria. Agora.* Mas até recentemente, ele poderia não ter feito.

O que havia mudado?

A resposta estava clara.

Mas ele não podia admitir. Não para si mesmo. Certamente não para Nick.

– Agora que isso está acertado – falou Nick, esticando a mão para uma garrafa de conhaque e servindo duas taças cheias do líquido opulento –, vamos voltar ao tópico de Juliana?

Não. Ela já é demais na minha cabeça do jeito que está.

Simon aceitou o copo oferecido, tentando evitar trair seus pensamentos.

– Não há muito a dizer.

Nick bebeu, saboreando o líquido e prolongando o momento.

– Vamos, Leighton. Você se esquece com quem está falando? Por que não me conta a verdade desta vez? Sei que meu irmão bateu em você. Sei que minha irmã quase ficou louca de raiva quando achou que você poderia estar aqui com seu próprio bebê. Quer mesmo que eu tire minhas próprias conclusões?

Isso não seria pior do que a verdade.

Simon permaneceu calado.

Nick se recostou, as mãos unidas por cima de seu colete azul-marinho – o retrato da calma. Simon o detestou por isso. E então seu amigo falou.

– É justo. Vou lhe dizer o que eu acho. Acho que você está mais do que desconfortável com a situação de sua irmã. Acho que pediu a mão de lady Penélope em uma crença absurda de que o *seu* casamento pode compensar o escândalo de *Georgiana*. Acho que está se casando por todos os motivos errados. E acho que minha irmã está provando isso para você.

Simon teve um desejo instantâneo de dar um soco em Nick, que percebeu a centelha de ira com um sorriso irônico.

– Pode me bater, velho amigo, mas posso lhe dizer que não vai tornar isso mais fácil. Ou minhas palavras menos verdadeiras.

Simon supôs que deveria ter ficado impressionado com a astúcia de Nick. No entanto, quando pensou direito, notou que não era tão difícil ver a verdade.

Ele ficava bobo perto dela. Ela fazia dele um tolo.

Ela fazia dele mais do que isso.

Ela o fazia sofrer. E querer.

E mais.

Ele não deu continuidade ao pensamento. Não daria.

Nick não precisava saber dessas coisas.

Em vez disso, ele encarou o amigo em silêncio, e ambos ficaram assim, imóveis e calados, por um longo tempo antes de um dos cantos da boca de Nick se elevar em um sorrisinho.

– Você sabe que não vai ser capaz de evitar.

Simon fez uma cena para espanar um pontinho invisível da manga de seu casaco, fingindo estar entediado, fingindo não se importar mesmo enquanto sua mente e seu coração disparavam.

– Evitar o quê?

– Evitar o modo como ela faz com que você se sinta.

– E quem disse que ela me faz sentir qualquer coisa além de irritação?

Nick riu.

– O fato de você saber exatamente de quem estou falando é o bastante. E você vai descobrir que, nesta família, a irritação é a precursora de sentimentos muito mais perigosos.

– Eu já descobri coisas demais a respeito desta família do jeito que está – disse ele, esperando que anos de prática em arrogância disfarçassem as outras emoções que o exasperavam.

– Você pode bancar o duque desdenhoso quanto quiser, Leighton. Não vai mudar nada. – Nick botou sua taça na mesa e se levantou, dirigindo-se para a porta, virando-se antes de abri-la. – Suponho que seja pedir demais que você fique longe dela?

Sim.

A ideia de ficar longe de Juliana era inconcebível.

E, ainda assim, ele devia.

Que imbecil ele era. Que idiota.

– De jeito nenhum.

Mentiroso.

Nick deu um resmungo que disse muita coisa.

– Não acredita em mim?

Não que ele devesse. Lorde Nicholas St. John deveria usar de força física para retirá-lo da casa – para a proteção de sua irmã.

Para a proteção de Simon.

– Não, Leighton. Não acredito em você. Nem um pouco.

Nick abriu a porta.

– Se você acha que sou um risco para ela e para sua reputação, por que me deixa ficar aqui?

Nick virou-se para encará-lo e Simon viu algo nos olhos azuis do outro homem – olhos tão parecidos com os de Juliana.

Compaixão.

– Você não é um risco para ela.

Nick não sabia como o desejo o tomava quando ele estava perto dela.

Simon permaneceu calado enquanto Nick continuava.

– Você é cuidadoso demais, Leighton. Cauteloso demais. Juliana não faz parte da sua vida perfeita, impecável. Ela traz escândalo, assim como toda a nossa família. Não que nos importemos muito – acrescentou ele em um aparte –, mas só isso já o impedirá de tocar nela.

Simon queria discordar. Ele queria gritar com a irresponsabilidade inerente às palavras. Sua própria irmã estava no andar de cima, prova viva do que acontecia quando os homens perdiam o controle. Quando cometiam erros.

Mas, antes que tivesse a chance de falar, Nick acrescentou:

– Não a impeça de ser feliz, Simon. Talvez não queira isso para si mesmo, mas você sabe que ela merece. E ela pode fazer um bom casamento.

Com outra pessoa.

Um ódio visceral percorreu Simon com o pensamento.

– Você diz isso como se houvesse alguém pronto para fazer a oferta – provocou ele, mesmo sem querer, mesmo não pretendendo imprimir desdém em seu tom.

Nick o ouviu mesmo assim, e Simon viu a raiva se acender nos olhos do amigo.

– Eu deveria lhe dar a briga que você tão desesperadamente quer por dizer isso. Você acha que, só porque você nunca ousaria sujar sua preciosa reputação com alguém como Juliana, não há outros que fariam fila para ter uma chance com ela?

É claro que haveria. Ela era inteligente e sagaz e charmosa e hipnoticamente linda.

Mas, antes que ele pudesse admitir, Nick saiu da sala, fechando a porta atrás de si com um clique baixo, deixando Simon com seus pensamentos.



Ela não queria ficar sozinha com tudo que se passava em sua mente, então Juliana encontrou consolo no lugar menos solitário de Townsend Park.

A cozinha.

A cozinha da Casa de Minerva era exatamente como Juliana achava que uma cozinha devia ser – barulhenta e bagunçada e cheia de risadas e cheiros e pessoas. Ela era o coração do lar que a casa se tornara para todas as mulheres que viviam ali. Isso significava que a cozinha da Casa de Minerva era muito diferente daquelas das elegantes mansões inglesas.

O que era excelente, pois Juliana já tivera o suficiente de coisas inglesas elegantes naquele dia – decoro inglês elegante, arrogância inglesa elegante, duques ingleses elegantes.

Ela queria algo real e sincero.

Quando passou pela porta, o grupo de mulheres reunidas em volta da enorme mesa no centro do aposento mal olhou para cima, continuando a conversa barulhenta enquanto Gwen, a cozinheira do solar, dava uma olhada em Juliana e a botava para trabalhar.

– Esta é Juliana – disse Gwen, enquanto as outras mulheres abriam espaço para ela em volta da mesa de carvalho comprida e adorável, marcada por anos de refeições e segredos. – A irmã de lorde Nicholas.

E, com isso, ela foi aceita. Gwen passou farinha no lugar à frente de Juliana e virou uma tigela de cobre ali, depositando um pedaço de massa grossa que precisava de atenção.

– Sove – falou a mulher minúscula, e Juliana não pensou em desobedecer.

Havia meia dúzia de mulheres em volta da mesa, cada uma com sua própria tarefa –

picar, cortar, misturar, bater –, um batalhão perfeitamente organizado de cozinheiras tagarelando.

Juliana respirou fundo, inalando o conforto do lugar. Ela pressionou a massa em um disco redondo e achatado e ficou escutando. Esta era a distração de que precisava. Aqui ela não teria que pensar em Simon.

– ... só digo que ele é um dos visitantes mais lindos que tivemos em muito tempo.

– Talvez o mais lindo de todos – acrescentou Gwen e houve um murmúrio de concordância em volta da mesa.

– Ele parece um anjo.

– Um anjo mau... caído dos céus. Vocês viram a forma como ele entrou aqui como um furacão e exigiu ver Georgiana?

Juliana congelou. *Elas estavam falando de Simon.* Parecia que ela não conseguiria fugir dele, afinal.

– O maior em muito tempo também – comentou uma mulher alta e magra que Juliana nunca vira.

– Fico imaginando se ele é grande assim em tudo – disse outra delas, e as garotas se dissolveram em uma crise de risos com a insinuação.

– Ele é um convidado! – Gwen bateu com uma toalha na direção da mulher que fizera o comentário insinuante antes de dar um sorriso largo. – Não que eu também não tenha pensado nisso.

– Por favor, digam-me que não estão falando de quem acho que estão falando.

Juliana olhou para cima conforme todas riam e abriam espaço para a recém-chegada: lady Georgiana.

Só podia ser ela. Era igualzinha a ele, com os cabelos dourados e olhos cor de âmbar. Não chegava nem perto de ter a altura dele, no entanto. Era miúda e adorável, como uma boneca de porcelana, com a beleza suave e arredondada de uma mulher que acabara de dar à luz. Ela não parecia ter 17 anos. Em vez disso, parecia muito mais velha. Mais sábia.

– Se você achou que estávamos falando sobre o seu lindo irmão, está certa – provocou Gwen. – Está se sentindo disposta para descascar maçãs?

Gwen não esperou uma resposta, colocando um punhado de maçãs vermelhas brilhantes diante de Georgiana. A garota não protestou, em vez disso levantou uma faquinha e começou a trabalhar. Um choque de surpresa percorreu Juliana diante da cena – a irmã do duque descascando maçãs alegremente na cozinha da Casa de Minerva –, mas ela nada comentou.

– Meu lindo irmão, é? – disse Georgiana, erguendo os olhos para Juliana com um sorriso.

Juliana voltou de imediato ao trabalho.

Dobrar, esticar, dobrar, esticar.

– Você tem que admitir, ele é bonito.

Juliana fingiu não ouvir.

Virar, enfarinhar, dobrar, esticar.

– Ele tem mulheres o suficiente em Londres se jogando em cima dele. Não lhe deem o prazer de ter a mesma recepção aqui.

Fingiu não pensar em outras mulheres nos braços dele. Em Penélope nos braços dele.

Virar, dobrar, apertar.

– Não, homens como o duque são frios demais, de qualquer maneira – acrescentou a mulher alta. – Veja o que ele fez, mandando você e Caroline embora por causa do escândalo.

– Ele não nos mandou embora, exatamente.

A mulher alta fez um gesto com a mão, rejeitando a ideia.

– Não me interessa o que aconteceu. Você está aqui conosco em vez de estar lá com ele, e isso é o bastante para mim. Eu gosto de homens com coração.

– Ele tem coração. – Juliana não sabia que tinha falado em voz alta até notar que a conversa em torno da mesa silenciara.

– Ele tem, é? – questionou a jovem mãe.

Com as faces pegando fogo, ela olhou nos olhos curiosos de Georgiana antes de voltar para a massa.

– Nós não fomos apresentadas.

– Esta é a irmã de lorde Nicholas. – Gwen apressou-se em dizer.

– Srta. Fiori, não é?

Juliana ergueu os olhos novamente, as mãos afundadas até os punhos na massa.

– Juliana.

Georgiana assentiu.

– E o que você sabe sobre o coração do meu irmão, Juliana?

– Eu... eu só quis dizer que ele deve ter um coração, não? – disse ela, e quando nenhuma das mulheres respondeu, ela voltou para a massa e completou: – Não sei.

Dobrar, virar, dobrar.

– Parece que você sabe bastante.

– Não sei – declarou, desejando que tivesse soado mais enfático do que soou.

– Juliana – perguntou Georgiana de uma forma contundente que era familiar demais –, você... gosta do meu irmão?

Ela não devia gostar. Ele era tudo o que ela não queria. Tudo o que ela detestava na Inglaterra e nos aristocratas e nos homens.

A não ser as partes dele que eram tudo o que ela amava neles.

Mas seu lado ruim superava em muito o lado bom.

Ele não havia acabado de provar?

Juliana bateu com a mão na massa, espalhando-a achatada na mesa.

– O seu irmão não gosta de mim.

Houve um longo silêncio antes de ela encontrar o olhar de Georgiana e vê-la sorrindo para ela.

– Não foi isso que perguntei.

– Não! Não há nada naquele homem para se gostar – explodiu ela. E o queixo de Georgiana caiu enquanto ela continuava: – Ele só se importa com seu precioso ducado – ela coletou violentamente a massa em uma bola – e sua preciosa reputação – ela socou a bola, gostando da sensação da massa passando por entre os dedos. Virou o disco de lado e repetiu a ação antes de perceber que acabara de insultar o irmão da dama. – E com você, é claro, milady.

– Mas ele é bonito – intrometeu-se Gwen, tentando aliviar o clima.

Juliana não achou engraçado.

– Não me interessa quão grande ou bonito ele seja. Não, eu *não* gosto dele.

Houve um silêncio perplexo em torno da mesa e Juliana soprou uma mecha de cabelo que desabou sobre seu rosto. Ela esfregou a mão suja de farinha por cima da bochecha.

– É claro que não – falou Georgiana cuidadosamente.

Houve um coro de concordância, e Juliana percebeu como devia estar parecendo tola.

– Eu sinto muito.

– Bobagem. Ele é um homem muito difícil de se gostar. Você não precisa me dizer isso – disse Georgiana.

Gwen arrancou a massa das mãos de Juliana, devolvendo-a à tigela.

– Acho que está muito bem sovada. Obrigada.

– De nada. – Ela ouviu a desolação em seu tom. Não se importou com ele.

– Ele também não é tão bonito – falou a mulher alta.

– Já vi mais bonitos – concordou outra.

– Sem dúvida – disse Gwen, entregando a Juliana um biscoito quentinho, recém-saído do forno.

Ela mordiscou um lado, impressionada que aquele grupo de mulheres que ela não conhecia tivesse ignorado seu comportamento louco, voltando uma a uma às suas tarefas.

Que idiota ela havia se tornado.

Ela se levantou ao pensar isso, empurrando o banquinho para trás tão rápido que ele virou.

– Eu não devia ter... eu não quis...

Só uma das coisas que tentou dizer era verdadeira.

Ela praguejou baixinho em italiano e as mulheres olharam umas para as outras, procurando uma tradutora entre elas. Não encontraram nenhuma.

– Tenho que ir.

– Juliana – pediu Georgiana, e havia súplica em sua voz. – Fique. Por favor.

Juliana congelou, já diante da porta, as costas voltadas para o aposento, sentindo imediatamente pena de qualquer um que já tivesse vivenciado ou que fosse vivenciar o

que ela sentia naquele exato momento – uma combinação de vergonha, tristeza, frustração e náusea que a fazia querer rastejar para a cama e nunca mais sair de lá.

– Desculpe – falou ela. – Não posso ficar.

Abriu a porta e saiu correndo. Se conseguisse chegar à escadaria central da casa... se conseguisse chegar ao andar de cima, as coisas ficariam melhores. *Ela* ficaria melhor.

Juliana aumentou a velocidade, ansiosa para escapar do constrangimento que parecia persegui-la desde a cozinha.

– Juliana!

O constrangimento a seguiu mesmo assim, na forma de lady Georgiana.

Ela se virou, encarando a mulher mais baixa, desejando poder apagar os últimos minutos, a última hora, toda a viagem para Yorkshire.

– Por favor.

Georgiana sorriu, uma covinha aparecendo em sua bochecha.

– Gostaria de dar uma volta comigo? Os jardins são bem bonitos.

– Eu...

– Por favor, dizem que devo tomar bastante ar depois do nascimento do bebê. Eu vou adorar ter companhia.

Ela fazia com que fosse impossível recusar. As duas deixaram o corredor, entraram numa pequena sala de estar cuja porta dava para o jardim, desceram um lance de degraus de pedra e chegaram à horta ao lado da casa.

Andaram em silêncio pelo meio das fileiras de plantas perfeitamente organizadas por um longo tempo, até Juliana não aguentar mais.

– Sinto muito pelo que falei na cozinha.

– Que parte?

– Tudo, eu suponho. Eu não queria criticar seu irmão.

Georgiana sorriu, passando um dedo em um raminho de alecrim e levando-o ao nariz para sentir o aroma.

– Que pena. Eu gostei que você estivesse disposta a criticar meu irmão. Tão poucos o fazem.

Juliana abriu a boca para falar, e então a fechou, sem saber ao certo o que dizer.

– Suponho que ele faça pouca coisa para merecer suas críticas – disse finalmente.

Georgiana lhe deu uma olhada.

– Supõe?

A verdade era muito mais fácil do que tentar dizer a coisa certa. Ela deu uma risadinha autodepreciativa.

– Na realidade, não.

– Ótimo. Ele é irritante, não é?

Os olhos de Juliana se arregalaram de surpresa, e ela assentiu.

– Excessivamente.

Georgiana deu um sorriso largo.

– Acho que gosto de você.

– Fico feliz em ouvir isso. – Elas caminharam por mais algum tempo. – Eu não lhe dei os parabéns. Pelo nascimento da sua filha.

– Caroline. Obrigada. – Houve uma longa pausa. – Suponho que saiba que sou um terrível escândalo prestes a estourar.

Juliana ofereceu a ela um sorriso.

– Então estamos destinadas a ser amigas, já que sou considerada por muitos um terrível escândalo já estourado.

– Verdade?

Juliana assentiu, puxando um raminho de tomilho e levando-o ao nariz, inalando profundamente.

– Sim. Por causa da minha mãe. Ela é uma lenda.

– Ouvi falar dela.

– Ela voltou para a Inglaterra na semana passada.

Os olhos de Georgiana se arregalaram.

– Não.

– Sim. Seu irmão estava lá. – Juliana jogou a erva fora. – Todo mundo acha que sou farelo da mesma saca. – Georgiana inclinou a cabeça, do modo que as pessoas faziam quando não entendiam o que ela dizia. Juliana refez a frase: – Eles acham que sou igual a ela.

– Ah. Farinha do mesmo saco.

Isso.

– Sim.

– E você é?

– Seu irmão acha que sim.

– Não foi essa a pergunta.

Juliana pensou naquelas palavras. Ninguém jamais lhe pergantara se ela era igual à mãe. Ninguém jamais se importara. Os fofoqueiros aristocratas a haviam condenado imediatamente por seu parentesco; Gabriel, Nick e o resto da família haviam simplesmente rejeitado de cara a ideia de qualquer semelhança. Mas Georgiana parou diante dela e fez a pergunta que ninguém jamais fizera. Então Juliana disse a verdade:

– Espero que não.

E foi o suficiente para Georgiana. O caminho se bifurcava à frente das duas; ela então passou a mão pelo braço de Juliana, guiando-a de volta para a casa.

– Não tema, Juliana. Quando as notícias sobre mim se tornarem conhecidas, eles vão se esquecer de você e de sua mãe. Anjos caídos dão fofocas excelentes.

– Mas você é filha de um duque – protestou Juliana. – Simon vai se casar para protegê-la.

– Estou arruinada. Absoluta e irremediavelmente arruinada. Talvez ele possa

proteger nossa reputação, talvez possa silenciar os rumores, mas eles nunca vão desaparecer.

– Eu sinto muito – disse Juliana, porque não conseguia pensar em outra coisa.

Georgiana apertou a mão dela e sorriu.

– Eu também senti, por algum tempo. Mas, agora que estou aqui pelo tempo que Nick e Isabel me quiserem e que Caroline é saudável, eu acho difícil me importar.

Eu acho difícil me importar. Desde que chegara à Inglaterra, Juliana nunca deixara de se importar com as palavras e os olhares desdenhosos dos aristocratas, mesmo quando escarnecera deles.

Ela se importara com o que Simon pensava.

Ela se importara com o fato de ele nunca vir a considerá-la boa o suficiente.

E ela invejou aquela mulher forte e corajosa que encarava seu futuro incerto com tanta confiança.

– Pode não ser adequado que eu diga isso – falou Juliana –, mas eles são idiotas por rejeitarem você. Os salões de baile de Londres se beneficiariam com a presença de uma mulher com tanta personalidade.

Os olhos de Georgiana brilharam com um humor irônico.

– Não é nada adequado você dizer isso. Mas ambas sabemos que os salões de baile de Londres mal aguentam uma mulher com personalidade. O que eles fariam com duas de nós?

Juliana riu.

– Quando decidir voltar, milady, vamos abrir um caminho largo e escandaloso juntas. A minha família tem um carinho especial por crianças com parentescos questionáveis... – ela deixou a frase morrer, percebendo que fora longe demais. – Sinto muito. Eu não quis dizer que...

– Bobagem – falou Georgiana, fazendo um gesto no ar para rejeitar as desculpas. – Caroline definitivamente é de parentesco questionável – ela deu um sorriso largo. – Então fico bastante feliz em saber que há pelo menos uma sala de estar na qual seremos recebidas.

– Posso perguntar...

Georgiana olhou-a, admirada.

– Você não se preocupa mesmo com decoro, não é, Srta. Fiori? – declarou, fazendo Juliana desviar o olhar, mortificada. – É a história de sempre, cansativa e absurdamente banal. Achei que ele me amava. E talvez ele amasse. Mas às vezes o amor não é o suficiente. Creio que, na maioria das vezes, amar não é o bastante.

Não havia tristeza no tom, nenhum remorso. Juliana fitou os olhos cor de âmbar de Georgiana e viu sinceridade ali, uma clareza que desmentia sua idade.

Às vezes o amor não é o suficiente.

Elas caminharam em silêncio de volta para a casa, aquelas palavras ecoando sem parar na mente de Juliana.

Palavras de que ela devia lembrar-se sempre.

DEZESSEIS



Companheirismo para o resto da vida começa com suavidade e temeridade.

Damas delicadas não falam livremente com cavalheiros.

– UM TRATADO SOBRE A MAIS REQUINTADA DAS DAMAS

Guy não é o único com um temperamento ardente este outono...

– O JORNAL DO ESCÂNDALO, NOVEMBRO DE 1823

Na maioria dos dias do ano, a aldeia de Dunscroft era um lugar tranquilo – a idílica vida do campo interrompida ocasionalmente por um touro solto ou uma carruagem desembestada, mas, comparada às outras pequenas cidades inglesas, havia pouca coisa digna de nota no vilarejo.

Não era assim na Noite da Fogueira.

Parecia que toda a Dunscroft viera para as festividades. O sol acabara de se pôr e o gramado da aldeia estava tomado pelos aparatos da celebração – lampiões foram acesos no perímetro do relvado, banhando as barraquinhas que cercavam o espaço em um adorável brilho dourado.

Juliana saltou da carruagem e foi imediatamente tomada pelos cheiros e sons da atmosfera de carnaval. Havia centenas de pessoas no relvado, todas se divertindo em uma ou outra parte da feira – crianças com máscaras de papel corriam por entre as pernas dos adultos antes de dar de cara com espetáculos improvisados de marionetes ou garotas sorridentes com bandejas de maçãs do amor.

Mais distante dali, um porco estava sendo assado, e Juliana ficou observando enquanto nas proximidades um grupo de rapazes tentava fazer uma estátua viva sair de sua pose impressionantemente rígida com gracejos e danças. Ela riu da imagem que formavam com suas palhaçadas, apreciando a sensação de alegria.

– Está vendo? – disse Isabel do lado dela. – Falei que você não tinha com o que se preocupar.

– Ainda não tenho certeza – respondeu Juliana com um sorriso. – Não estou vendo a

fogueira que você prometeu.

Uma pira fora montada no meio da praça da cidade, uma pilha enorme de madeira encimada por um homem de palha de aparência lamentável. A cabeça da efígie pendia perigosamente para um lado, indicando que seria preciso apenas uma brisa leve em vez de um fogo ardente para derrubá-la. Crianças corriam e cantavam em volta da fogueira apagada enquanto um bebê gordinho estava sentado ali perto, coberto de caramelo.

Juliana virou-se para a cunhada com um sorriso.

– Isso não parece nem um pouco assustador.

– Espere só até as crianças se empanturrarem de doces. Aí você vai ver o que é assustador. – Isabel inspecionou a multidão, como à procura de algo. – A maioria das garotas já devia estar aqui. Tirando Nick e Leighton, a casa estava vazia quando saímos.

A menção a Simon deixou Juliana nervosa. Ela pensara nele o dia inteiro – passara grande parte da manhã encontrando motivos para entrar e sair de aposentos, para buscar coisas perto do berçário e para visitar o irmão em seu gabinete, tudo em vão.

Ele praticamente desaparecera.

Ela sabia que devia estar feliz por ele estar mantendo distância. Sabia que não devia tentar o destino. Ele fizera sua escolha, afinal de contas – era só uma questão de tempo antes que voltasse para Londres e se casasse com outra.

Alguém que ele tinha em alta conta.

Alguém que se equiparava a ele em nome e posição.

E, agora, em vez de fazer o máximo para esquecê-lo, ei-la de pé no meio de uma multidão de homens ingleses, usando um de seus vestidos mais bonitos e desejando que ele estivesse ali.

Imaginando por que ele *não estava* ali.

Mesmo sabendo que ele não servia para ela.

Deveria ser mais fácil aqui no campo – protegida do resto do mundo, do escândalo de mães há muito ausentes e filhos ilegítimos, longe de casamentos por conveniência e bailes de noivado e sussurros e fofocas.

E ainda assim ela pensava nele. No futuro dele.

No seu próprio futuro.

E de como seriam diferentes.

Ela tinha que ir embora.

Ela não podia ficar. Não se ele estivesse ali.

Isabel levantou o nariz no ar.

– Ah... está sentindo o cheiro das tortas de maçã?

A pergunta tirou Juliana de seu devaneio. Esta era uma festa e toda a Yorkshire estava celebrando e ela não ia deixar que o futuro mudasse o agora. Haveria tempo suficiente para se preocupar com isso amanhã.

– Vamos comer uma? – perguntou ela para a cunhada com um sorriso.

Elas caminharam pela longa fileira de barraquinhas à procura das tortas, quando

Isabel disse:

– Você está avisada, depois que eu começar, é possível que não pare até ter me transformado em uma torta de maçã.

Juliana riu.

– É um risco que vou assumir.

Elas encontraram a barraca e compraram tortas antes de uma moça parar Isabel para falar a respeito de uniformes para os criados de Townsend Park. Juliana perambulou pelo lugar, demorando-se nas barraquinhas próximas enquanto esperava a conversa terminar, observando o relvado ficar escuro, a única luz no meio da praça vinda de velas que as pessoas seguravam enquanto conversavam com seus vizinhos e esperavam, provavelmente, que a fogueira fosse acesa.

Tudo nessa aldeiazinha provocava esse momento simples de conversa e comemoração. O ar estava fresco com o cheiro do outono, as folhas das árvores em volta do relvado caíam com a brisa e não havia espaço para preocupações... nem tristeza. Nem solidão.

Ali estava ela, no campo, onde diziam que a vida era mais simples. Juliana viera atrás disso. Noites de fogueira e cantigas de roda e tortas de maçã. E, por uma noite, ela teria isso.

Ela não deixaria que ele a impedisse.

Juliana fez uma pausa diante de uma barraca cheia de ervas e flores secas, e a mulher gorda que cuidava da barraca tirou os olhos do sachê que estava amarrando e perguntou:

– Qual é o seu prazer, milady?

– Meu prazer?

A mulher se levantou de seu banquinho e caminhou até a mesa alta onde Juliana estava.

– Filhos? Dinheiro? Felicidade?

Juliana sorriu.

– Plantas podem me dar essas coisas?

– Você duvida?

Ela deu uma risadinha.

– Sim.

A mulher fitou-a por um longo momento.

– Eu vejo o que você quer.

– Ah, é?

Eu quero uma noite de simplicidade.

– Amor – declarou a comerciante.

Complicado demais.

– O que tem ele?

– É o que você quer – respondeu a mulher.

As mãos dela voaram para a coleção de ervas e flores, mais rápido do que alguém do

tamanho dela deveria ser capaz de se mover. Ela beliscou a ponta de uma lavanda, um raminho de alecrim, tomilho e coentro e várias outras coisas que Juliana não conseguiu identificar. Colocou-os em um saquinho de juta, amarrando-o com um barbante e dando um nó que o próprio Odisseu não seria capaz de desatar. Então ela entregou o saquinho para Juliana.

– Durma com ele debaixo do travesseiro.

Juliana ficou olhando para o pequeno sachê.

– E depois?

A mulher sorriu, um sorriso grande e largo que revelou vários dentes faltando.

– Ele virá.

– Quem virá? – Ela estava sendo deliberadamente teimosa.

A mulher não pareceu se importar.

– O seu amor. – Ela estendeu a mão larga, palma para cima. – Meio centavo pela mágica, milady.

Juliana levantou uma sobrancelha.

– Tenho que admitir, isso parece uma pechincha... para uma *mágica* – declarou, jogando as ervas em sua bolsinha e retirando uma moeda.

– Vai funcionar.

– Ah, sim, tenho certeza de que vai.

Ela se virou resolutamente e congelou.

Ali, apoiado na viga no canto da barraca, os braços cruzados, estava Simon, parecendo menos com um duque do que o duque de Leighton poderia parecer.

O que era, ainda, extraordinariamente ducal.

Ele usava calças de pelica e botas de montaria altas e marrons, uma camisa branca de linho e um casaco verde, mas não havia nada de elaborado nas roupas – sua gravata era descomplicada, seu casaco simples e modesto. Um boné, em vez de um chapéu, estava puxado por cima da testa e, apesar de estar usando luvas, ele não carregava a bengala que era exigida na cidade.

Este era Simon adaptado ao campo.

Um Simon que ela poderia amar.

Então ela abriria mão dele. Em nome de sua reputação e sua correção e sua responsabilidade e todas as coisas que ela passara a amar nele.

Mas esta noite eles estavam no campo. E as coisas eram mais simples.

Talvez ela pudesse convencê-lo disso.

O pensamento a destravou. Ela começou a se mover.

Na direção dele.

Ele se aprumou.

– Está comprando poções mágicas?

– Estou.

Ela olhou por cima do ombro para a mulher, agora de pé do lado de fora da barraca.

A mulher retribuiu com seu sorriso aberto.

– Viu como funciona rápido, milady?

Juliana não pôde deixar de sorrir.

– Sem dúvida. Obrigada.

Simon parecia desconfortável.

– O que ela lhe vendeu?

Ela fitou-o por um longo instante.

Era agora ou nunca.

– E se eu dissesse que ela me vendeu uma noite?

As sobrancelhas dele se franziram.

– Uma noite de quê?

Ela encolheu os ombros de leve.

– Simplicidade. Tranquilidade. Paz.

Simon esboçou um meio sorriso.

– Eu diria: vamos comprar uma vida inteira disso.

Juliana pensou na conversa, muito tempo atrás, em que eles haviam discutido a linhagem perfeita dos Leightons – a reputação que ele protegia, a honra que valorizava. Ela se lembrou do orgulho na voz dele, a responsabilidade pesada que era presumida.

Como seria ter que carregar tamanho fardo?

Diferente o bastante para ser tentado por uma noite de liberdade.

Juliana balançou a cabeça.

– Não podemos ter uma vida inteira. Só uma noite. Só esta noite.

Simon ficou olhando para ela por algum tempo e ela fez força mental para que ele aceitasse sua oferta. Esta noite, nesta cidade simples no interior da Inglaterra, sem fofoca ou escândalo. Uma fogueira, uma feira e algumas horas de tranquilidade.

O dia seguinte, a semana seguinte, o mês seguinte poderiam ser todos horríveis. Provavelmente seriam horríveis.

Mas ela teria esta noite.

Com ele.

Só o que ela precisava fazer era esticar a mão e pegar.

– Tenho o suficiente para nós dois, Simon – sussurrou ela. – Por que não viver esta noite?

Por favor.

Ele estava prestes a responder e ela imaginou se ele a rejeitaria – sabia que ele a rejeitaria. Seu coração martelava no peito enquanto observava os músculos do maxilar dele se contraírem, preparando-se para falar.

Mas, antes que dissesse qualquer coisa, os sinos da igreja do outro lado da praça começaram a tocar – uma explosão de som. Os olhos dela se arregalaram conforme as pessoas em volta davam vivas poderosos e barulhentos.

– O que está acontecendo? – perguntou ela.

Houve uma pausa, como se ele não tivesse ouvido a pergunta imediatamente. Antes de ele lhe oferecer o braço.

– A fogueira. Está prestes a começar.



Por que não viver esta noite?

As palavras ecoavam na cabeça de Simon enquanto eles estavam junto ao calor da fogueira ardente.

Uma noite.

Um momento que seria deles, juntos, aqui no campo. Sem responsabilidades, preocupação... só esta Noite da Fogueira e nada mais.

Mas e se ele quisesse mais?

Ele não poderia ter.

Só uma noite. Só esta noite.

Mais uma vez, Juliana estava propondo um desafio.

Ele temia não sobreviver se aceitasse.

Simon se virou ligeiramente, só o bastante para observá-la. Ela estava de perfil, olhando para a fogueira, um quê de alegria no rosto. Seu cabelo preto brilhava à luz do fogo – uma desordem de vermelhos e laranjas, uma coisa magnífica, vibrante. Sua pele reluzia devido ao calor e ao seu entusiasmo.

Ela sentiu seu olhar e voltou-se para ele. Quando olhou em seus olhos, ele prendeu a respiração.

Como era linda!

E ele queria esta noite. Ele queria o que quer que pudesse ter dela.

O duque se curvou, os lábios perto da orelha dela, e resistiu ao ímpeto de beijá-la naquela parte de seu corpo, onde o cheiro era tão maravilhosamente o de Juliana.

– Eu gostaria da poção.

Ela chegou para trás, seus olhos azuis escuros na escuridão.

– Tem certeza?

Ele assentiu.

Os lábios dela se curvaram em um sorriso largo, aberto e sem restrições, e ele sentiu como se tivesse tomado uma pancada violenta na cabeça.

– E agora?

Uma excelente pergunta. As pessoas haviam começado a se afastar do fogo; voltavam para a animação na praça. Ele lhe ofereceu um braço.

– Gostaria de dar uma volta no gramado comigo?

Ela avaliou o braço dele por um longo instante, e ele entendeu sua hesitação, viu um certo temor em seus olhos enquanto ela o fitava.

– Uma noite.

Cada pedacinho dele gritava que não seria suficiente.

Mas teria que ser.

E ele não ia se permitir pensar no que viria amanhã.

Ele abaixou a cabeça. Aquiesceu.

– Uma noite.

E então a mão dela estava no braço dele, quente e firme, e eles foram se afastando do fogo. A luz diminuiu, mas o calor permaneceu, ardendo mais do que antes.

Eles caminharam em silêncio antes que ela dissesse, fazendo um gesto na direção da pira:

– Eu confesso, estou honrada. Tudo isso para os católicos.

Um vento frio soprou pela praça, fazendo-a aproximar-se mais dele, e Simon resistiu ao impulso de passar o braço em volta dela.

– Para um católico específico – disse ele. – Guy Fawkes quase explodiu o Parlamento e matou o rei. A Noite da Fogueira é a comemoração da derrota do plano.

Ela se virou na direção dele, interessada.

– O homem no topo do fogo... é o Guy? – perguntou ela. E, quando ele assentiu, ela contemplou e acariciou uma peça de tecido em uma das barracas e declarou: – Ele não parece tão perigoso.

Simon riu.

Ela o olhou por cima do ombro ao ouvir aquele som.

– Gosto de ouvi-lo rir, Vossa Graça.

Ele resistiu ao título.

– Nada de Vossa Graça esta noite. Se eu tenho uma noite de liberdade e tranquilidade, não quero ser um duque.

Ele não sabia de onde as palavras tinham vindo, mas eram a mais pura verdade.

Juliana inclinou a cabeça na direção dele.

– Um pedido razoável. Então quem você é esta noite?

Ele não precisou pensar. Fez uma pequena reverência na direção dela e ela riu, o som como música na escuridão.

– Simon Pearson. Sem título. Só o homem.

Por uma noite ele podia imaginar que o homem seria suficiente.

– Você espera que as pessoas acreditem que você é apenas um homem?

Se era um jogo, por que ele não podia fazer as regras?

– Essa poção é mágica ou não?

Ela sorriu suavemente, devolvendo a mão ao braço dele.

– Pode ser mágica, afinal de contas.

Os dois continuaram a caminhar em silêncio, passando por uma carrocinha de doces e uma barraca onde eram vendidos pastéis de porco e de frango.

– Você está com fome? – perguntou ele.

Quando ela assentiu, Simon comprou dois dos salgados e um odre de vinho e, voltando-se para ela com um sorriso, declarou:

– O Sr. Pearson gostaria de fazer um piquenique improvisado.

Ela abriu um sorriso.

– Bem, eu não gostaria de decepcioná-lo. Não na Noite da Fogueira.

Eles andaram até uma parte mais afastada do gramado, onde se sentaram em um banco baixo e comeram, observando os foliões. Um grupo de crianças passou correndo – perseguindo ou sendo perseguido –, seus risos seguindo atrás delas.

Juliana suspirou e o som ondulou na direção deles, baixo e adorável.

– Essas noites eram as minhas favoritas quando eu era pequena – confessou ela, a voz cadenciada com o sotaque italiano. – Festivais significavam uma noite em que as coisas não tinham que ser tão respeitáveis.

Ele a imaginou menina, alta demais para sua idade, com joelhos sujos e um monte de cachos selvagens se emaranhando na brisa, e sorriu diante do quadro. Ele se inclinou para perto e disse em italiano:

– Eu gostaria de tê-la conhecido nessa época. Ter visto a pequena Juliana em seu elemento.

Ela riu, gostando que ele tivesse falado em seu idioma natal, desfrutando da privacidade que isso lhes dava.

– Você ficaria chocado com a pequena Juliana. Eu estava sempre suja, sempre voltando para casa com uma nova descoberta, encrocada por gritar no pátio, roubando *biscotti* da cozinha. Sempre causando estragos.

Simon ergueu uma sobrancelha.

– E você acha que isso tudo me surpreende?

Juliana sorriu e abaixou a cabeça.

– Suponho que não.

– E quando você ficou mais velha? Partiu uma fileira de corações nessas noites de festival?

Ele não deveria perguntar tal coisa. Não era apropriado. Mas esta noite não havia regras. Esta noite era mais fácil. Esta noite, perguntas eram permitidas.

Ela virou a cabeça para o céu, com uma risada baixa e fluida, e a longa coluna de seu pescoço foi iluminada pelo fogo distante. Ele resistiu ao ímpeto de pressionar os lábios na pele delicada e transformar o riso em um suspiro de prazer.

Quando ela olhou de volta para ele, havia travessura em seus olhos.

– Ah – disse ele, esticando as pernas na frente do corpo. – Vejo que não errei muito.

– Houve um garoto – falou ela. – Vincenzo.

Simon foi atingido por uma onda de emoção, curiosidade e ciúme e intriga, tudo ao mesmo tempo.

– Conte a história.

– Todos os anos em Verona, em abril, há a festa de *San Zeno*. A cidade se prepara por

semanas e comemora como se fosse Natal. Houve um ano... – ela deixou a frase morrer, como se estivesse incerta se deveria continuar.

Ele nunca quisera tanto ouvir o resto de uma história.

– Você não pode parar agora. Quantos anos você tinha?

– Dezessete.

Dezessete. Tão jovem e linda quanto era agora.

– E Vincenzo?

Ela encolheu os ombros.

– Não muito mais velho. Dezoito, talvez.

Simon lembrou-se de si mesmo aos 18, da forma como pensava nas mulheres... nas coisas que queria fazer com elas.

Ainda queria fazer. Com ela.

Ele sentiu uma vontade imensa de bater nesse garoto italiano desconhecido.

– Os jovens da cidade foram recrutados para ajudar com os preparativos para a festa e eu carreguei comida para o pátio da igreja durante a maior parte da manhã. Toda vez que eu chegava com um novo prato nas mãos, Vincenzo estava lá, ansioso para ajudar.

Imagino que sim, pensou Simon enquanto ela continuava.

– Isso durou uma hora... quatro ou cinco viagens da casa para a igreja... Eu havia deixado a bandeja maior por último: um prato enorme de bolos para a comemoração. Saí da casa, as mãos cheias, e cortei caminho por um beco estreito que levava à igreja; e ali, sozinho, encostado em uma parede, estava Vincenzo.

Uma visão surgiu, um jovem italiano esguio de cabelos escuros – os olhos brilhando de desejo –, e Simon cerrou os punhos.

– E achei que ele estava ali para pegar a bandeja.

– Imagino que não estivesse. – A voz dele havia ficado áspera.

Ela balançou a cabeça com uma risadinha.

– Não. Ele não estava. Ele esticou os braços para pegar o prato e, quando fui entregá-lo, ele roubou um beijo.

Ele detestava esse garoto. Queria matá-lo.

– Espero que o tenha acertado na *inguine*.

Os olhos dela se arregalaram.

– Sr. Pearson! – gracejou ela, voltando para o inglês. – Que rude da sua parte!

– Parece que o rapazola mereceu.

– Basta dizer que eu lidei com a situação.

Um grande prazer o percorreu. Boa menina. Ele devia ter imaginado que ela cuidaria de si mesma. Mesmo que ele desejasse ter feito isso por ela.

– O que você fez com ele?

– Infelizmente, Vincenzo agora tem a reputação de beijar com o entusiasmo de um cão babão.

Simon riu alto.

– Bom trabalho.

Ela deu um sorriso largo.

– Nós mulheres não somos tão indefesas quanto vocês pensam, sabe?

– Nunca achei que você fosse indefesa. Desde o começo, achei que você era uma gladiadora – disse ele, oferecendo a ela o odre de vinho.

Ela adorou ouvir aquelas palavras.

– *Un gladiatore?* Gostei muito disso – falou ela antes de beber.

– Sim, imagino que tenha gostado. – Ele a observou beber e, quando ela abaixou o odre, acrescentou: – Confesso que fico muito feliz por ele não saber beijar.

Ela sorriu e ele ficou hipnotizado pelo movimento de sua língua conforme ela a esticava para lamber uma gotinha de vinho que ficara em seus lábios.

– Não precisa se preocupar. Ele não é páreo para você.

As palavras saíram casualmente, antes que ela pudesse perceber sua implicação. O ar ficou mais denso e quase imediatamente ela abaixou a cabeça, o rubor tomando suas faces.

– Eu não quis dizer...

– Agora você já disse – gracejou ele, a voz grave e cheia da necessidade que o invadia, a necessidade de tomá-la nos braços e provar que ela tinha razão. – Não vou deixar que retire.

Ela olhou para cima, através de seus cílios longos e negros, e ele ficou chocado com sua beleza exuberante. *Um homem podia passar a vida inteira olhando para ela.*

– Eu não retiro.

A pulsação dele martelou diante daquelas palavras e ele desejou que estivessem em qualquer outro lugar que não ali, naquela praça lotada, com o irmão dela e metade de Yorkshire à distância de um grito.

Ele se levantou, sabendo que, se não o fizesse, não seria responsável por seus atos. Esticando o braço, lhe ofereceu a mão e a puxou para ficar de pé. Foi inundado pelo cheiro dela – a mistura estranha e exótica de groselha e manjerição. Ela levantou o rosto para o dele, o brilho laranja da fogueira tremeluzindo em sua pele, e Simon viu a emoção no olhar dela, soube que se tomasse seus lábios ali – naquele lugar público –, na frente de todo mundo, ela não o rejeitaria.

A tentação era grande.

Por um momento fugaz, ele imaginou o que aconteceria se fizesse isso – se ele a marcasse como sua ali, no meio da praça do interior. Mudaria tudo em um instante. A honra exigiria que se casassem, e o escândalo de Georgiana ficaria em segundo lugar para o duque de Leighton, abandonando a filha de um duplo marquês para casar-se com a filha de legitimidade duvidosa de um mercador italiano.

Mas ele teria Juliana.

E, naquele momento, quase pareceu que seria suficiente.

Ele podia fazer isso. A boca de Juliana estava a apenas alguns centímetros da sua,

toda maciez e tentação, e só o que ele precisava fazer era diminuir a distância entre ambos. E ela seria dele.

Simon ficou observando enquanto a ponta da língua rosa dela passava por seu lábio inferior, e o desejo o atingiu como uma lança. Quando ela falou, sua voz era leve e casual.

– Vamos andar um pouco mais?

Juliana não notou a necessidade insuportável que se agigantava dentro dele.

Ele pigarreou, em uma tentativa de restabelecer a postura e na esperança de que sua mente também se equilibrasse.

– Lógico – disse ele.

E ela partiu, fazendo-o segui-la como o trágico rapazola que ele havia se tornado. Ele ficou tão grato quando ela o levou de volta à fileira de barraquinhas; sentia-se mais seguro quando estava perto de outras pessoas, quando se colocava em movimento e não tinha o calor dela tão junto ao seu corpo.

Ela ergueu o queixo para o ar noturno enquanto eles andavam, respirando fundo e dando um longo suspiro.

– Acho que poderia gostar de viver no campo.

Ele ficou surpreso com a declaração. Essa aldeia tranquila do interior não parecia combinar com o tanto de energia que ela trazia em si.

– Você prefere o campo a Londres?

Ela sorriu e ele viu a autodepreciação no gesto.

– Acho que ele me prefere.

– Eu acho que seu lugar é em Londres.

Ela balançou a cabeça.

– Não mais. Pelo menos, não pelo resto do ano. Acho que vou ficar aqui em Yorkshire. Gosto das moças da Casa de Minerva, Lucrezia gosta de correr na charneca e estou pronta para encerrar a temporada.

Ele odiava a ideia de deixá-la no campo. De voltar para Londres – para sua vida sóbria e tediosa lá – sem a agitação que Juliana acrescentava. Sua vitalidade se perdia ali, em meio aos campos e às ovelhas. Ela devia estar cavalgando pela bruma matinal em Hyde Park, valsando por salões de baile da sociedade, envolta em sedas e cetins.

Com ele.

Simon prendeu a respiração diante da visão que surgiu em sua mente, Juliana de braço dado com ele, recebendo a sociedade. *Impossível.*

Ela parou diante de uma barraca, passando os dedos pela renda verde de uma touca simples. Ele ficou olhando suas unhas delicadas correrem pelo tecido, imaginando qual seria a sensação daqueles dedos passeando por seu pescoço... seus ombros... por seu torso...

Ele ficou imediatamente duro e mudou de posição, grato pela escuridão, mas não desviou o olhar, fascinado pela forma como ela acariciava a touca. Quando não podia

mais suportar vê-la acariciar o adereço de cabeça, ele retirou uma bolsa de moedas do bolso e disse ao vendedor:

– Eu gostaria de comprar a touca para a dama.

Os olhos dela se arregalaram.

– Você não pode.

Mas o homem na barraca já pegara a moeda.

– Gostaria de usá-la, milady?

Ela o ignorou, olhando nos olhos de Simon.

– Isso não se faz. Você não pode me comprar roupas.

Ele pegou a touca e jogou uma moeda extra para o vendedor. Estendendo-a para Juliana, ele disse:

– Achei que tínhamos bebido a poção?

Ela olhou para a touca por um instante e ele achou que ela não a aceitaria. Quando a pegou, ele soltou longamente o ar que não sabia que estava prendendo.

– E além do mais – provocou ele –, prometi lhe comprar uma touca para substituir a que você perdeu.

Simon a fitou enquanto ela repassava a lembrança na cabeça. Lembrou-se da sensação de tê-la trêmula em seus braços. Desejou não ter tocado no assunto.

– Se a minha memória não falha, Sr. Pearson... – ela hesitou, virando a touca nas mãos, e ele se enterneceu com o uso do pseudônimo da noite –, o senhor se ofereceu para comprar-me uma dúzia.

Ele assentiu uma vez, fingindo seriedade, e virou-se para o dono da barraca.

– Tem mais onze destas? Talvez em outras cores?

Os olhos do homem se arregalaram, e Juliana riu, agarrando o braço de Simon e puxando-o para longe da barraca. Ela sorriu para o vendedor.

– Ele não está falando sério. Desculpe.

Os olhos do homem se iluminaram.

– É a Noite da Fogueira, milady; há algo nela que nos deixa a todos um pouco loucos.

Conforme se afastavam, Simon falou:

– Eu teria dito um pouco mais divertidos.

Os dois haviam caminhado um bom trecho até que ela diminuiu o passo mais uma vez, dando-lhe uma olhada de esguelha antes de voltar sua atenção para a touca em suas mãos.

– Obrigada.

– O prazer foi meu.

E fora. Ele queria lhe comprar cem toucas. E mantos e vestidos e cavalos e selas e pianos e o que mais ela quisesse. E, o que quer que a fizesse feliz, ele queria que ela tivesse em abundância.

Então, quando ela disse “sinto muito”, ele ouviu a tristeza em seu tom e não gostou nem um pouco.

Ele parou, até ela se virar para trás e olhar para ele.

– Pelo quê?

Ela subiu os ombros discretamente. *Deus, ele estava começando a adorar o dar de ombros dela.*

– Por tudo. Por ser tão difícil. Por desafiá-lo e provocá-lo e por lhe mandar bilhetes inapropriados e indesejados e por enfurecê-lo e frustrá-lo e tornar isso tudo tão... difícil – falou ela, fitando-o, e ele viu a sinceridade e a contrição em seus enormes olhos azuis.

Ela balançou a cabeça uma vez, antes de continuar.

– Eu não sabia, Simon... Eu não sabia que você tinha tanta razão para se preocupar com decoro e reputação. Se eu soubesse... – ela deixou a frase morrer, olhando para a fogueira por cima de seu ombro, como se olhar para ele fosse doloroso demais. E então ela sussurrou: – Se eu soubesse, jamais teria proposto aquele desafio bobo. Jamais o teria forçado.

As palavras saíram tão baixas que se a brisa estivesse soprando em outra direção, ele não as teria ouvido. Não teria ouvido a tristeza nelas.

– Eu sinto muito.

Eles estavam distantes do gramado agora, onde a fileira de barraquinhas terminava, e Simon não pensou duas vezes em puxá-la para longe da última barraca, para dentro da escuridão e de um grupo de árvores no canto da praça.

– Achei que tínhamos concordado que esta noite era para simplicidade – falou ele baixinho, na privacidade do espaço, as árvores dando-lhes a cobertura da escuridão, a luz tremeluzente e os sons da fogueira afastados o bastante para que tudo parecesse um sonho.

Como se eles realmente tivessem tomado uma poção mágica.

Como se esta noite fosse diferente.

No escuro, ele sentiu que ela balançava a cabeça.

– Mas não é realmente, é? Você ainda é um duque e eu... bem, eu sou quem eu sou.

– Não, Juliana – murmurou ele, chegando mais perto, erguendo a mão para segurar o queixo dela e virar seu rosto na direção dele. – Não esta noite.

Ele queria poder ver seu rosto.

– Sim, mesmo esta noite. Nem mesmo a mágica pode nos desfazer, Simon. Somos muito bem formados. – A voz dela o envolveu, cheia de emoção, causando dor nele. – Eu só quero que você saiba... quero que saiba que eu entendo. E que, se pudesse voltar à noite em que lancei meu desafio, eu retiraria tudo.

Ele não queria que ela retirasse.

– Eu queria poder voltar e escolher outra carruagem.

Um ciúme irracional se acendeu diante da ideia dessa realidade alternativa, onde outro homem a encontraria no chão da carruagem dele.

Ela era dele.

A onda de possessividade era perturbadora e ele a soltou enquanto tentava controlá-

la.

Ela entendeu errado o movimento dele e chegou para trás, colocando distância entre eles. Ele sentiu profundamente a perda dela.

– Faz duas semanas hoje, você sabia disso?

Simon não pensava na aposta havia dias. Não desde que partira para Yorkshire. Ele fez um rápido cálculo de tempo.

– Duas semanas esta noite. Sim.

E você cumpriu sua promessa de me mostrar paixão.

Ele não disse as palavras. Não teve chance de fazê-lo.

– Eu não o botei de joelhos.

Juliana fizera pior. Parecia que ela havia arrancado seu coração do peito.

– Em algum ponto, meu plano deu errado – declarou ela, a voz tão baixa que ele mal conseguia ouvir. – Pois, em vez de você descobrir que a paixão é tudo, eu descobri que a paixão não é nada sem amor.

O que ela estava dizendo?

Seria possível que ela...

Ele esticou as mãos, seus dedos roçando os braços dela conforme ela chegava para trás, recuando mais para dentro da escuridão.

– O que isso quer dizer?

Uma risadinha sem humor soou, e ele quis desesperadamente ver o rosto dela.

– Juliana? – chamou ele, mal distinguindo sua silhueta no escuro.

– Você não vê, Simon? – Havia um tremor na voz dela, e ele o odiou. – Eu amo você.

Só quando ouviu as palavras na língua dela, em seu sotaque lindo e lírico, foi que ele percebeu quanto quisera que ela as dissesse. *Ela o amava.* O pensamento o tomou, prazer e dor, e ele só conseguia pensar que morreria se ela não estivesse em seus braços.

Ele não queria nada além de abraçá-la.

Ele não sabia o que viria depois disso, mas era um começo.

Ela o amava.

Com o nome dela nos lábios, ele andou em sua direção, certo de que neste momento – esta noite – ela era dele.

Simon a puxou para si, mas Juliana lutou contra ele.

– Não. Solte-me.

– Diga de novo – pediu ele.

Ele nunca quisera tanto alguma coisa. Não tinha nenhum direito. Mas queria mesmo assim.

– Não. – Ele ouviu o arrependimento na voz dela. – Eu não devia ter falado, para começo de conversa.

Ele sorriu. Não podia evitar.

– Mulher obstinada – disse ele, puxando-a mais para perto, uma das mãos seguindo a curva delicada de seu pescoço, virando o rosto dela para ele. – Diga de novo.

– Não.

Ele a beijou, tomando seus lábios com força e propósito, e ela se rendeu instantaneamente. Ele gemeu com a doçura dela – o sabor do vinho e dos temperos em seus lábios –, afastando-a um pouco antes que se perdesse nela.

– Diga de novo.

Ela deu uma pequena bufada de desprazer.

– Eu amo você.

Ele não se importou por ela soar torturada. As palavras fizeram um fogo arder dentro dele.

– Com sentimento, sereia.

Juliana hesitou, e Simon achou que ela poderia não querer se entregar ao momento. Mas logo suas mãos passeavam pelos braços dele, acariciavam sua nuca, dedos dentro de seus cachos, afagando-o de uma maneira que o deixava em chamas. A boca de Juliana estava a um milímetro da dele e, quando ela falou, seu tom de voz era baixo, suave e perfeito.

– *Ti amo.*

Quando ela disse aquelas palavras em sua língua natal, ele ouviu a verdade. E se rendeu. Naquele momento, teria dado qualquer coisa que ela lhe pedisse... desde que ela nunca parasse de amá-lo.

– Beije-me de novo – sussurrou Juliana.

O pedido era desnecessário; os lábios dele já estavam nos dela.

Simon tomou sua boca vezes sem conta, procurando o ângulo perfeito, moldando-a contra ele e afagando-a com beijos longos e lentos que ameaçavam sua força e sua sanidade. Eles se beijaram como se tivessem, à sua disposição, a eternidade, e ela o seguiu movimento a movimento, selvagem quando ele era selvagem, gentil quando ele ficava gentil.

Ela era perfeita.

– Juliana – disse ele, quase sem reconhecer sua própria voz enquanto pausava entre os beijos. – Deus, você é linda.

Ela riu, e aquele som o invadiu.

– Está escuro. Você não pode ver.

As mãos de Simon acariciaram o corpo dela, lindamente arredondado nos lugares apropriados, segurando-a junto a si até ambos arfarem com a sensação deliciosa.

– Mas posso sentir – sussurrou ele, antes que suas línguas se entrelançassem em um novo beijo.

Quando ela passou a língua sedosa pelo lábio inferior dele, fazendo-o queimar de desejo, ele gemeu e segurou um de seus seios cheios, beliscando o bico duro através das camadas de sua roupa. Ela ofegou e o som foi um canto de sereia, implorando que ele a deixasse nua e a cobrisse com sua boca e corpo.

Ele queria deitá-la sobre o gramado daquele pequeno paraíso e fazer amor com ela

até nenhum dos dois lembrar o próprio nome.

Não.

Eles estavam em uma praça pública.

Ele tinha que parar.

Ela merecia mais.

Eles tinham que parar.

Antes que ele a arruinasse.

Ele se afastou, terminando o beijo.

– Espere – disse ele, enquanto ambos respiravam pesado, o ritmo das arfadas de Juliana fazendo seu corpo doer de tanta necessidade dela. Simon a soltou e deu um passo para trás, seu corpo inteiro protestando. – Temos que parar.

– Por quê?

A pergunta simples e suplicante quase o matou. Ele merecia uma medalha por autocontrole.

Deus, ele a queria.

E estava ficando impossível ficar perto dela sem ameaçar seriamente sua reputação.

Ameaçar sua reputação?

A reputação dela seria *destruída* se alguém os encontrasse.

– Simon... – falou ela e ele odiou a calma em seu tom. – Isso é tudo que temos. Uma noite.

Uma noite.

Parecera tão simples uma hora antes, quando eles estavam rindo e brincando e fingindo ser quem não eram.

Mas agora, ali no escuro com ela, ele não queria ser outra pessoa. Queria ser ele. E queria que ela fosse ela. E queria que fosse o suficiente.

Mas não era.

Uma noite só também não era.

Ele não podia mais ficar perto dela. Não sem tomar o que queria. Não sem arruiná-la.

E ele não iria arruiná-la.

Então Simon disse a única coisa que pôde pensar em dizer, grato pela escuridão que a impedia de ver a verdade em seus olhos. Ver que com uma única palavra ela poderia colocá-lo de joelhos, suplicando por ela.

– A noite acabou.

Ela congelou e ele odiou a si mesmo.

Odiou a si mesmo ainda mais quando ela se virou e fugiu.

DEZESSETE



Festas em casa são cheias de tentações.

A dama requintada tranca sua porta.

– UM TRATADO SOBRE A MAIS REQUINTADA DAS DAMAS

Culpamos a epidemia de casamentos por amor pela falta chocante de noivados desfeitos nesta temporada...

– O JORNAL DO ESCÂNDALO, NOVEMBRO DE 1823

Várias horas depois, toda a Townsend Park já dormia, mas Juliana andava de um lado para outro em seu quarto, furiosa.

Furiosa consigo mesma por confessar seus sentimentos para Simon.

Furiosa com ele por rejeitá-la, por afastá-la.

Uma hora eles falavam sobre poções mágicas e uma noite de simplicidade, no instante seguinte ela confessava seu amor e estava nos braços dele. E tudo corria maravilhosamente bem... até que ele a rejeitou.

Que idiota ela fora ao dizer que o amava.

Mesmo sendo verdade.

Juliana parou ao pé da cama, os olhos fechados, mortificada.

O que ela pensara?

Bem, ela obviamente não pensara.

Ou talvez tivesse pensado que aquilo poderia mudar as coisas.

Ela se sentou na beirada da cama com um suspiro, cobriu o rosto com as duas mãos e deixou a humilhação percorrê-la até dar lugar à tristeza.

Ela o amava.

E sabia que não podia tê-lo. Sabia que ele não podia dar as costas à família, a seu título e a sua noiva, mas talvez, em um canto silencioso e sombrio de sua mente, ela esperasse que suas palavras fossem capazes de destrancar algum mundo secreto onde seu amor bastasse.

Bastasse para superar a necessidade de decoro e reputação.

Bastasse para ele.

E então ela falara. Em voz alta. E, enquanto as palavras ecoavam em meio às árvores, ela desejou, instantaneamente, poder retirá-las. Poder torná-las não ditas. Porque haver confessado seu amor tornava tudo pior.

Porque dizê-las em voz alta tornava-as muito mais reais.

Ela o amava.

Antes desta noite, ela havia amado o Simon respeitável, arrogante e insensível, com sua queda pela correção e sua fachada calma e fria. E ela amara emocioná-lo, quebrar aquela fachada e soltar o Simon ardente e apaixonado que não conseguia se proibir de beijá-la, de tocá-la, de falar com ela de seu jeito sombrio e malicioso.

Mas esta noite ela havia se apaixonado pelo resto dele – o Simon secreto, sorridente e brincalhão que se escondia dentro do duque de Leighton.

E ela o queria para si.

No entanto, ele nunca seria dela. Ela era uma coleção de defeitos que a aristocracia jamais aceitaria como esposa de um duque – que *ele* jamais aceitaria –, a filha italiana e católica de uma marquesa desonrada que continuava a provocar escândalo. E, enquanto ele fosse o duque de Leighton, sua união jamais aconteceria. Eles estavam destinados a outros.

Bem, *ele* estava destinado a outra.

Ela enrijeceu diante do pensamento, e, de repente, com uma clareza impressionante, soube o que viria a seguir. Ela se levantou e se dirigiu ao biombo no canto do quarto.

Ela se renderia a ele por uma noite.

Amanhã ela pensaria no que viria a seguir – Londres, Itália, uma vida sem Simon.

Mas agora ela se permitiria isso. Uma noite com ele.

Juliana vestiu um robe de seda, amarrou o laço em volta da cintura e saiu do quarto antes que pudesse repensar suas ações.

Entrou no corredor escuro, deslizando junto à parede e contando as portas enquanto andava. Duas. Três. Na quarta ela parou, o coração batendo pesado no peito.

Se fosse em frente, finalmente suas ações seriam tão escandalosas quanto a sociedade sempre esperara que fossem. E ela provavelmente ia pagar.

Mas não ia se arrepender.

Se não tomasse para si essa única noite... sem dúvida, ela se arrependeria para sempre.

Juliana respirou fundo e girou a maçaneta.

A única luz no quarto vinha da lareira, e ela levou um instante para ver Simon, de pé ao lado do fogo, copo de uísque na mão, vestido com suas botas, calças e uma camisa branca impecável.

Ele se virou para a porta quando ela a fechou atrás de si, o choque em seu rosto rapidamente substituído por algo mais perigoso.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou ele, dando um passo na direção dela antes de parar no meio do caminho, como se tivesse batido em uma parede invisível.

Ela respirou fundo.

– A noite não acabou, Simon. Você me deve o resto.

Ele fechou os olhos.

– Diga-me que você não está neste quarto comigo. Diga-me que não está aqui usando apenas sua roupa de dormir.

Simon abriu os olhos e seu olhar incendiou-a, fazendo-a lembrar-se de como amava seu calor, seu toque, seu beijo... ele.

Juliana não podia viver o resto da vida sem este momento... esta noite... sem saber como era ser dele.

Era agora ou nunca. E não havia tempo para hesitação.

Ela desfez o laço de seu robe de seda em movimentos rápidos, antes que ele pudesse detê-la. Antes que ela pudesse se deter.

Uma noite.

Deixando o robe escorregar para o chão, ela o fitou e disse:

– Eu não estou usando roupas de dormir, Simon.



Enquanto Simon absorvia o deslumbrante, perfeito e exuberante corpo nu de Juliana, ele não pensava apenas em sua beleza estonteante.

Ele também não pensava que deveria resistir a ela – que deveria embrulhá-la de volta no pedacinho de seda que ela havia descartado e devolvê-la para o quarto.

Nem pensava que deveria esquecer que aquilo acontecia, pois, com toda a honestidade, seria impossível. Ele jamais esqueceria aquele momento.

O momento em que ele percebeu que ela seria sua.

A verdade das palavras era quase insuportável enquanto ele a olhava encarando-o – ousada e corajosa e perfeita e aguardando que ele tomasse o que ela oferecia.

Ela estava aqui. E ela estava nua.

E ela o amava.

Ele não tinha nem a disposição nem a força para mandá-la embora – não quando a queria tanto.

Não havia nenhum homem na Terra capaz de resistir a ela.

E ele estava cansado de tentar.

Tudo iria mudar.

As palavras dançavam em sua mente e ele não tinha certeza se elas eram uma advertência ou uma promessa. Mas ele não se importava mais.

Ela ficou ali diante dele, orgulhosa e imóvel, sua pele linda cintilando na luz dourada

bruxuleante que lhe lançava sombras maliciosas e sedutoras. Havia soltado o cabelo, que formava um casulo em torno dela, os cachos cor de ébano envolvendo seus ombros e seus seios altos e firmes como se ela fosse uma pintura clássica.

Suas mãos estavam ao lado do corpo, os dedos fechados como se ela se esforçasse para não cobrir o perfeito triângulo escuro que escondia seus segredos mais tentadores. Ele quase gemeu com a perfeição dela.

Era uma oferenda de sacrifício no templo da sanidade dele.

Ela respirou fundo, soltando um suspiro longo, e ele percebeu que ela tremia – a pele macia de sua barriga arredondada e exuberante, o subir e descer hesitante de seus seios, o tremor em sua garganta.

Ela estava nervosa.

Ele deixou o copo cair no chão, sem se importar com onde ele fora parar ou o que estragara – preocupando-se apenas em alcançá-la.

E então ele a abraçou, erguendo-a contra si, e ela passou os braços em torno de seu pescoço e as pernas em volta de sua cintura, mergulhando os dedos em seu cabelo e sua boca na dele.

O beijo foi selvagem e ardente, e ela igualou a necessidade dele: aonde ele ia, ela seguia, abrindo-se para ele, dando-lhe tudo o que ele queria com uma série de pequenos suspiros lascivos que o deixavam em chamas.

Ela era dele.

Ele afastou os lábios, dando a ela um espaço limitado para respirar.

– Se você ficar... vai se entregar a mim.

Ela tinha que entender isso. Tinha que tomar sua própria decisão.

Ela assentiu, os olhos pesados de desejo.

– Sim. Eu sou sua.

Ele balançou a cabeça, sabendo que tinha segundos antes que sua paixão tomasse conta e ambos estivessem perdidos.

– Saia agora se tem alguma dúvida.

Houve uma pausa e a necessidade de possuí-la o percorreu, densa e implacável, parecendo fazer a terra tremer. Os olhos dela se desanuviaram, azuis e lindos.

– Não tenho dúvidas, Simon – disse ela inclinando-se, os lábios mal tocando os dele, ameaçando deixá-lo louco. – Mostre-me tudo.

Ele perdeu o controle; já não importava mais. Ele foi tomado por um desejo primitivo conforme a beijava de novo e de novo, as mãos correndo pela pele quente e infinitamente macia dela, apertando-a contra si, segurando seu traseiro cheio e redondo com as mãos.

Ele a afastou o suficiente para falar.

– Você é minha – disse, ouvindo a falta de controle em suas palavras. Não se importou. O que ele sentia por ela naquele momento era brutal. – Minha – repetiu,

recusando-se a deixá-la ter o beijo que ela estava procurando até que ela olhasse em seus olhos. – *Minha*.

– Sim – concordou ela, esfregando-se nele, seu calor contra o comprimento dele deixando-o louco. – Eu sou sua.

Ele a recompensou com outro beijo.

Deus, ele adorava beijá-la. Adorava o gosto dela, e também seu entusiasmo, a forma como ela o fazia pegar fogo com um roçar de língua. Quando ele chegou para trás só por um instante para olhar de novo nos olhos dela – deslumbrantemente azuis de desejo –, ela balançou a cabeça quase de imediato.

– Eu sou sua – repetiu ela, pegando o lábio inferior dele entre os dentes e puxando-o de volta para o beijo. Ele grunhiu com a rudeza, pontuada pela suavidade quase insuportavelmente lasciva da língua de Juliana, no ponto onde seus dentes haviam estado.

Ela era sua sereia. Ela o fora desde o começo.

O duque refinado que a rejeitara na praça da cidade – que a mandara de volta para a família com todo o comedimento cavalheiresco que convinha à sua posição – havia sumido. Em seu lugar estava apenas um homem – carne e osso e faminto.

E ela era o banquete dele.

Ele a carregou até a cama, sabendo, sem se importar, que tudo estava prestes a mudar. Ele se juntou a ela nos lençóis engomados de linho, pressionando entre suas coxas longas e quentes e tomando sua boca novamente, sussurrando, entre os beijos, palavras em inglês e em italiano.

– Minha sereia... *carina...* tão macia... tão linda... *che bella... che bellissima.*

Ela se contorceu debaixo de Simon, pressionando e se esfregando nele enquanto suas mãos puxavam o linho de sua camisa até conseguir ter acesso à pele nua. E então os dedos dela estavam nele, deixando trilhas de fogo em suas costas, e ele achou que poderia morrer se não pudesse chegar mais perto dela. Ele se lançou sobre Juliana, sibilando seu prazer conforme o movimento o pressionava – duro e grosso – contra a parte mais quente e macia dela.

Olhando para ela, ele observou os lábios largos e inchados pelos beijos, as faces coradas e os enormes olhos azuis cheios de desejo. As mãos dela traçaram um caminho pela barriga dele e subiram por debaixo da camisa, correndo por seu peito até que um polegar caprichoso encontrou um mamilo e ele arfou.

Um conhecimento malicioso se acendeu no olhar dela e ela fez de novo, uma vez, duas vezes, até ele sussurrar:

– Você está me matando.

Ele se inclinou para tomar a boca de Juliana mais uma vez.

Quando ele ergueu a cabeça novamente, ela falou:

– Tire. Eu quero ficar mais perto. O mais perto possível.

E ele achou que ia se afogar no calor daquelas palavras.

A camisa sumiu imediatamente e ele sugou a boca de Juliana, acariciando-a antes de rolar de cima dela para ter acesso ao seu corpo exuberante. Ela protestou por Simon ter-se afastado, mas então ele capturou os braços de Juliana e puxou-os por cima da cabeça dela, segurando-os com facilidade com uma das mãos.

– Não. Você é minha – disse ele, a mão livre descendo para acariciar o bico de um seio lindo, provocando-o até ele estar duro e implorando por sua boca. – Você veio até mim – sussurrou ele no ouvido dela, lambendo o lóbulo macio. – Por quê, minha sereia?

– Eu... – começou ela, parando quando ele rolou o bico de um seio entre os dedos.

– Por quê? – repetiu ele, desesperado para ouvir a resposta dela.

– Eu queria a noite... – arfou ela.

– Por quê? – perguntou ele, traçando com os lábios um caminho ao longo de seu pescoço e mergulhando a língua em sua base.

– Eu... – Ela parou conforme ele plantava beijos suaves na pele do seu seio, deixando um rastro enquanto se dirigia para o bico dolorido. – Simon... – o sussurro era uma súplica. *Deus, ele amava o som de seu nome nos lábios dela.* Ele soprou um longo jato de ar em cima do mamilo, deleitando-se com a contração da pele e a arfada dela. – Por favor...

– Por que você veio a mim?

Diga, pensou ele, sabendo que não tinha direito. Sabendo que não merecia.

– Eu amo você.

Um arrepio o percorreu ao ouvir as palavras. Tão sinceras. Ele pegou o bico duro entre os lábios, recompensando-a com sugadas longas na pele doce. Adorando a maneira como ela se contorcia contra ele, a forma como ela gritava quando ele passava a língua e os dentes sobre a carne sensível, o modo como suas mãos se retorciam para que seus dedos pudessem se entrelaçar com os dele.

Quando ele ergueu a cabeça, ambos respiravam pesado, e ele estava desesperado para tocá-la em todos os lugares.

Para sentir seu gosto em todos os lugares.

– De novo.

– Eu amo você.

Ele deslizou as mãos por seu corpo, plantando beijos quentes em seus seios, na barriga, na dobra macia onde suas coxas e quadris se encontravam e o aroma que emanava dela era insuportavelmente perfeito.

Simon estava viciado na maciez, na sensação de Juliana, no modo como ela se pressionava contra os lençóis e esfregava seus quadris nos dele. Ele jamais desejara nada na vida do jeito que a desejava. Agora.

E ela estava aqui.

E ela era dele.

Simon escorregou para fora da cama, ajoelhando-se ao lado dela. Ela se sentou ereta imediatamente.

– Onde você...?

A pergunta deu lugar a um guinchinho quando ele a puxou mais para a beirada da cama, deixando suas pernas penduradas, e acariciou a pele lisa e macia dela do tornozelo até o joelho. Ele ficou olhando sua mão, grande e bronzeada, seguir a curva das pernas dela e não conseguiu resistir a segurar suas panturrilhas fortes e esguias e afastar suas pernas.

– O que você está...? Simon!

Ele se inclinou para a frente, insinuando seu corpo entre as coxas dela. As mãos dela voaram para cobrir o lugar onde ele estava desesperado para tocar e ele mordiscou a beirada do maxilar dela de leve com os dentes.

– Deite-se, sereia.

Ela balançou a cabeça.

– Não posso. Você não pode.

– Você pode. E eu vou. – Ele ouviu a aspereza em seu tom. Sentiu o desejo desesperado correndo nas veias. Se ela não o deixasse tocá-la logo... – Você pediu tudo – falou ele, as palavras grossas no ouvido dela. – Isso é uma parte.

Ela chegou para trás e, se ele não estivesse tão duro e dolorido, teria rido da incredulidade em seu olhar.

– Nunca ouvi falar nisso.

– Você se entregou a mim – disse ele, pressionando as coxas dela para afastá-las, deslizando as mãos mais alto, tocando a língua no arco perfeito de suas bochechas. – Isso é o que eu quero.

Ela prendeu a respiração conforme ele acariciava suas mãos. Ele passou as pontas dos dedos em sua pele, um toque leve, quase inexistente, que ambos sentiram profundamente, passeou até o pulso delicado e então para baixo mais uma vez.

– Eu acho que você também quer.

Ele voltou para a orelha dela, adorando sua timidez, sua incerteza. Querendo ensiná-la a partilhar seus segredos.

– Você dói aqui, não dói? – Ela assentiu, muito de leve, e uma onda de prazer masculino correu por ele. – Eu posso fazer parar.

Ela soltou uma respiração longa e trêmula, e o som foi direto para o comprimento duro e tenso dele. Ele cerrou os dentes. *Não*. Isso era para ela. Ela ia encontrar seu prazer. Ele o daria a ela e tiraria o dele disso.

– Simon – falou ela, o sotaque denso, envolvendo as sílabas do nome dele. – Por favor.

– Deite-se – sussurrou ele, pressionando-a na cama com seu beijo antes de descer para onde ele queria desesperadamente estar. Ele plantou um beijo suave em um dos nós dos dedos dela. – Deixe-me entrar. – Quando ela deixou, revelando as dobras de seu sexo, ele gemeu seu prazer. Ele abriu os lábios dela gentilmente, e ela ergueu os quadris

na direção dele. Ela era tão terna, estava tão pronta para ele. Escorregadia e molhada e perfeita.

Ele passou um dedo pelo centro dela, ouvindo sua respiração, os gritinhos que ela dava enquanto ele a explorava. Ele a descobriu, pressionando e acariciando ao som do prazer dela, deslizando um dedo para dentro de seu âmago quente e molhado. Ela era tão apertada... ela escorregou para o centro da cama.

Ele olhou para seu corpo enquanto ela se erguia e sorveu aquela visão, o lindo cabelo preto, os olhos como safiras cintilando de prazer, lábios cheios e rosados entreabertos enquanto ela arfava.

Ele nunca quisera nada tanto quanto a queria.

Ele moveu a mão, adorando a maneira como os olhos dela se fechavam e então se abriam no ritmo do movimento. Inclinou-se para a frente, soprou um longo jato de ar diretamente no centro do prazer dela, e exultou com o gritinho de deleite que ela não conseguiu impedir que escapasse.

Ele ia morrer se não pusesse a boca nela imediatamente.

Ele esfregou o polegar em seu sexo inchado e pulsante e ela arfou como resposta, sua timidez desaparecida.

– Beije-me.

– Como desejar – disse ele.

Simon colocou os lábios nela, segurando-a aberta enquanto pressionava a língua no lugar onde seu polegar estivera, fazendo amor com ela com carícias lentas e saboreando. Ela arqueou, mergulhando os dedos nos cabelos dele e segurando-o junto a si enquanto se movia contra a boca dele. Ela era vinho e ele ficou instantaneamente obcecado por seu gosto, por aprender as coisas que ela amava, querendo apenas lhe dar prazer. Deixá-la louca.

E ele deixou. Círculos lentos foram ficando mais rápidos, a língua trabalhando no ritmo dos dedos dela nos cabelos dele, e então ela se ergueu da cama oferecendo-se para ele. Ele a tomou, mantendo-a junto a si enquanto ela encontrava seu prazer, a satisfação percorrendo o corpo dele em ondas.

E quando ela explodiu de prazer, ele estava lá, segurando-a, afagando-a, trazendo-a de volta à Terra.

Simon ergueu a cabeça depois que o último tremor de satisfação deixou o corpo de Juliana, indo deitar ao lado dela, querendo abraçá-la, mantê-la segura.

Ele beijou seu pescoço, chupando de leve a pele delicada até ela suspirar. Ele podia dar prazer a ela para sempre. Podia ficar na cama e idolatrá-la por uma eternidade. Tomou um mamilo na boca, trabalhando nele até ela murmurar seu nome, aí a beijou, deslizando a mão entre as coxas dela em um impulso inegável para marcá-la como sua.

As pernas dela se abriram contra o peso da mão dele e seus dedos passearam pelo torso de Simon até o cós de suas calças.

– Simon – disse ela, e o prazer grave e saciado em sua voz o deixou agonizantemente

duro. – Tire as calças.

Deus, sim.

Ele fechou os olhos diante do pedido.

– Tem certeza?

Se ele ficasse nu, com ela ao seu lado, não haveria como voltar atrás.

Ela assentiu, os olhos cor de safira escuros de paixão.

– Muita.

Ela o teria. De novo e de novo, pelo resto de seus dias.

Ele a beijou mais uma vez, lenta e profundamente.

– Não posso negar nada a você.

E, enquanto as palavras ecoavam entre os dois, ele sabia que eram verdadeiras. Juliana era tudo o que ele sempre quisera. E ele faria tudo que estivesse a seu alcance para mantê-la em seu mundo. Nada mais importava.

As mãos dela trabalharam de modo inexperiente nos botões das calças dele até ele não aguentar mais a pressão atrapalhada; então se levantou da cama para se livrar das calças e das botas o mais rápido possível. Voltando para ela, gemeu seu prazer quando se acomodou entre suas coxas sedosas, desesperado para estar dentro dela.

– Espere – sussurrou ela, arrastando-se para trás, para longe dele. – Eu quero ver.

Ele franziu os olhos e a seguiu pela cama.

– Agora não. Da próxima vez.

Ele segurou as pernas dela e a puxou para si, esfregando-se contra ela até ela suspirar com a fricção.

– Mas... nós só temos uma noite. Esta é minha única oportunidade de vê-lo.

Ele congelou diante de suas palavras, as mãos tocando o rosto dela, segurando-a com firmeza para poder olhar em seus olhos. Ele viu ali a tristeza e o desespero em meio à paixão.

Aquilo não seria apenas por uma noite. Ela tinha que saber disso.

Ele nunca a deixaria ir.

Tudo havia mudado.

– Juliana – sussurrou ele, grave e sombrio, estocando através da umidade dela de forma que a ponta de seu membro friccionava o ponto mais sensível dela. Ele viu seus olhos se arregalarem e em seguida se turvarem de prazer. – Não me faça parar.

Ele repetiu o movimento e as pálpebras dela se fecharam.

– Não. Não pare.

Simon se pressionou contra a entrada dela, deslizando para dentro daquele paraíso apertado e em chamas antes de pausar – a coisa mais difícil que já fizera – e olhar para ela.

– Você está bem?

Ela assentiu uma vez, prendendo o lábio inferior entre os dentes, e o movimento mandou um arrepio de desejo direto ao âmago dele. Mas ele não ia arruinar a primeira

prova de paixão que ela lhe dava. E se segurou ali, imóvel, deleitando-se com o calor dela, sem desejar nada além de se enterrar dentro dela.

– Eu não quero machucá-la.

Ela balançou a cabeça.

– Você não vai.

Ele esticou a mão entre eles, acariciando o sexo tenro e sensível dela até ouvi-la arfar de prazer.

– Eu vou. Mas farei o melhor que puder para nunca mais machucá-la de novo – falou, fitando-a, antes de passar a língua por seu lábio inferior e dizer: – Olhe para mim. Eu quero vê-la.

Juliana assentiu e ele se moveu contra ela, deslizando mais e mais para dentro de sua passagem apertada, tentando ser gentil, vendo dor e prazer lutarem em seu íntimo enquanto se ajustava às estocadas uniformes dele, cada uma mais funda do que a anterior. Ele logo estava totalmente enterrado nela e ambos respiravam pesado.

Ela sussurrou:

– Você tem os olhos mais lindos.

O prazer o percorreu diante do elogio inesperado e ele a beijou longa e lentamente. Afastando-se um pouco, ele sorriu, balançando-se suavemente contra ela.

– Impossível. Eles não são nada comparados aos seus.

Ele estava desesperado para se mexer. Desesperado para ter o alívio pelo qual seu corpo vinha implorando a noite toda. Em vez disso, plantou um beijo no maxilar dela e falou:

– Está doendo, sereia?

Ela balançou a cabeça e, quando falou, ele ouviu algo maravilhoso em seu tom.

– Não... parece... Simon, eu posso senti-lo... em todo lugar. – Ela relaxou e pressionou para cima para acompanhar os movimentos dele. Ele sibilou seu prazer. Ela escorregou as mãos pelas costas dele até a curva de suas nádegas e as segurou apertado contra si. – Faça isso de novo. Com mais força.

Ele gemeu. Ela ia matá-lo.

Começou a se mexer, mais fundo, mais rápido, com mais força, e ela gritou seu prazer no ouvido dele, ameaçando sua sanidade. Em instantes ela estava sussurrando o nome dele, as mãos entrelaçadas em seu cabelo, movendo-se no ritmo das estocadas firmes e uniformes dele. Ele nunca estivera tão pronto para o orgasmo, mas não o experimentaria sem ela. Ele a queria com ele quando se jogasse do precipício.

Eles balançaram juntos, a sensação crescendo até ambos estarem ofegantes.

– Simon... é... eu não posso parar.

– Nem eu. – Ele recuou até estar quase fora dela, e então voltou, mergulhando no calor dela. *Como ele tinha pensado que poderia resistir a ela?* – Olhe para mim, amor. Eu quero ver.

Juliana olhou, e sua total entrega ao prazer foi a ruína dele. Ele a seguiu rumo ao

precipício de uma forma que nunca havia experimentado; ela era o centro de seu mundo. Ele queria ficar nos braços dela, neste momento, nesta noite, para sempre.

Simon desabou nos braços dela e ficou deitado ali por um longo tempo, a respiração saindo em erupções ásperas, antes de perceber que seu peso devia estar esmagando-a. Ele se virou e puxou Juliana para se esparramar por cima dele, toda macia, a pele cintilando e o cabelo sedoso. Ele podia sentir os seios dela subindo e descendo contra seu peito, e cerrou os dentes com a excitação instantânea que o tomou.

Ele a queria de novo. Agora.

Mas ele ignorou o desejo e, em vez disso, deslizou os dedos pelos ombros lisos e nus dela, deleitando-se com o pequeno tremor que a empurrou mais para perto dele, adorando a sensação do corpo dela nu.

Enquanto a segurava, macia e quente nos braços, ele não queria pensar no futuro. Só queria saboreá-la.

Queria saborear o agora.



Fora um erro.

Mesmo enquanto ela se deleitava com a sensação dele debaixo dela, todo músculos firmes e pele quente, ela sabia que acabara de tornar tudo pior.

Ele lhe dera tudo o que ela jamais imaginara – ela nunca se sentira tão próxima, tão conectada, tão desejada.

Ela nunca sonhara que iria amá-lo com tanta intensidade.

Amanhã ela o deixaria. E ele se casaria com outra.

E Juliana viveria sabendo que o homem que amava jamais seria seu.

Ela estremeceu diante do pensamento, pressionando seu corpo contra o de Simon como se pudesse se fundir a ele, como se pudesse parar o movimento do tempo.

Ele passou a mão quente pela espinha dela, deixando um rastro de fogo, e pressionou os lábios em sua testa.

– Está com frio?

Não.

Era mais fácil dizer sim do que contar a verdade.

Ela assentiu, sem confiar em si mesma para falar.

Simon deslizou de debaixo dela, puxando-a para fora da cama com ele para poder abrir os lençóis. Ele a beijou, de modo pleno e exuberante, a carícia queimando-a antes de ele se virar de costas para atizar o fogo.

Sentindo-se vulnerável demais, ela vestiu o robe antes de voltar-se para observar os movimentos dele enquanto se agachava diante do fogo, os músculos de suas costas se

encrespando com o movimento, suas coxas enormes cintilando com o brilho laranja – um deus de fogo.

Ao se levantar, ele olhou para a cama. Sua testa se franziu quando notou que ela não estava ali, encontrando-a nas sombras. Ele ergueu a mão, chamando-a para perto, e ela não pôde resistir.

Ele a ergueu nos braços, acomodando ambos em uma poltrona perto do fogo. Ele deslizou uma das mãos para dentro da abertura do robe dela, passando-a por sua coxa enquanto plantava um beijo na base de seu pescoço.

– Eu prefiro você nua – disse ele, e ela se surpreendeu com esse novo Simon, brincalhão.

Ela acariciou seu antebraço e seguiu até seu ombro largo e musculoso.

– Eu sinto a mesma coisa – confessou ela. – Achei que você não podia ficar mais lindo. Mas vê-lo à luz do fogo... você é Hefesto, todo músculo e chama.

Os olhos dele escureceram com a comparação, e ele a puxou para si, beijando-a apaixonadamente antes de abraçá-la junto ao peito e dizer:

– Isso faz de você Afrodite; uma comparação adequada.

Mas Afrodite e Hefesto eram casados. O pensamento sussurrou na mente dela. *Nós só temos esta noite.*

Não. Ela não ia pensar nisso.

– Está me promovendo de sereia a deusa, então?

Ele deu uma risadinha e ela adorou a sensação daquele som junto a ela. Ele capturou uma de suas mãos, entrelaçando os dedos com os dela e trazendo-os até os lábios.

– Parece que sim, garota inteligente.

– Está vendo? Sou mais do que um escândalo ambulante – provocou ela, e se arrependeu de imediato do que disse.

Ela acabara de assumir o escândalo mais sério de sua vida. E ele sabia disso. Talvez ele até achasse que ela o fizera de propósito – para causar um escândalo.

Juliana odiou a ideia.

Odiava ter colocado essa ideia na cabeça dele.

Ela se sentou ereta no colo dele, desesperada para garantir que ele não pensasse mal dela.

– Simon... você sabe que eu não... isso não foi... eu nunca contaria a ninguém que isso... que esta noite aconteceu. – Ela se retraiu com as palavras, absolutamente inarticuladas. – Não precisa se preocupar com outro...

Ele ficou olhando para ela, seus olhos cor de âmbar sérios, e ela desejou poder retirar tudo – as palavras, os atos, a noite. Os braços dele se apertaram em volta dela e ele beijou sua mão mais uma vez.

– Não vamos mais falar nisso.

Ela odiava ter acabado de se transformar em mais uma coisa para ele se preocupar.

– Eu só... O que estou tentando dizer é que ninguém jamais saberá.

Simon esticou a mão e afastou uma mecha de cabelo dela de sua bochecha.

– Juliana, *eu* vou saber.

A frustração se acendeu.

– Bem, sim. É claro que *nós* vamos saber. Mas também quero dizer que nunca vou pedir nada de você. Que estava falando sério quando propus uma noite. Só uma noite.

Algo passou pelos olhos cor de mel dele, algo que ela não conseguiu identificar.

– Nós dois deveríamos ter imaginado que uma noite não seria nem de perto o suficiente.

Ela ficou imóvel, as palavras ressoando em sua mente. Ele queria mais.

Assim como ela.

Mas ele ia se casar.

Ele estava oferecendo o que ela achava que estava oferecendo?

Será que ela poderia aceitar?

Se fosse a única maneira de tê-lo... seria suficiente?

Tinha que ser.

Ela respirou fundo.

– Eu poderia ser sua bem-amada.

Ele ficou absolutamente imóvel debaixo dela.

– O que você disse?

– Sua amante.

A mão dele agarrou a coxa de Juliana com uma força imensurável.

– Não diga nem mais uma palavra.

Ela colocou as mãos nos ombros dele, içando-se para encará-lo.

– Por quê? Uma vez você sugeriu que eu daria uma ótima amante.

Simon fechou os olhos.

– Juliana. Pare.

Ela o ignorou.

– Eu não daria uma companheira digna?

– Não.

Uma dor incendiou-a. Ela era escandalosa demais até mesmo para ser sua amante?

– Por que não? – perguntou ela, ouvindo a súplica em seu tom e odiando-se por isso.

– Porque você merece mais! – explodiu ele, ficando de pé rapidamente e quase derrubando-a de seu colo.

Simon segurou-a junto a si antes que ela caísse, colocando-a de frente para ele. Suas mãos estavam nos braços dela, como se fosse sacudi-la para fazê-la entender.

– Eu não a terei como minha amante. Eu queria poder voltar no tempo para apagar essa oferta. Queria poder voltar e dar um soco em mim mesmo por sugerir isso.

Aquelas palavras a deliciaram, e ela ansiou pela promessa que devia vir a seguir. Amor. Casamento. Família.

As coisas que ele prometera para outra.

Coisas que ele prometera para outra porque não podia ver um futuro com ela.

E de repente as palavras não eram suficientes.

– Venha para a cama comigo – sussurrou ele. – Deixe-me dormir com você em meus braços. Vamos devolvê-la para o seu próprio quarto antes que a casa acorde.

A tentação era inegável. Não havia nada no mundo que ela quisesse mais do que dormir com ele, o som de seu coração junto ao dela.

– Eu tenho que ir, Simon.

Ele esticou a mão para ela, um sorriso brincando em seus lábios.

– Ainda não. Fique mais um pouco.

Juliana balançou a cabeça, dando um passo para trás.

– Não posso arriscar...

Não posso arriscar mais do meu coração.

Ela respirou fundo. Tentou de novo.

– Não posso arriscar ser pega.

Simon a fitou, seus olhos devastando os dela, que fez um enorme esforço para que ele não visse a verdade – que ela o estava deixando. *De uma vez por todas*, como os ingleses gostavam de dizer.

Mas a sensação não era boa. A sensação era de tortura.

Ele ficou imóvel por um longo tempo, como se estivesse considerando suas opções, aí assentiu uma vez, firmemente.

– Você tem razão. Amanhã vou falar com Nick.

– Sobre o quê?

– Sobre nosso casamento.

O coração dela quase saiu pela boca.

– Nosso casamento?

Ele não podia se casar com ela. Havia um monte de motivos para isso.

Ela era italiana. Católica. Sua paternidade era, na melhor das hipóteses, questionável. Sua mãe era um desastre. Seu pai fora um simples mercador. Os aristocratas mal a toleravam.

E ele já estava noivo de uma queridinha do beau monde.

Mas, enquanto pensava naquelas palavras, um fio de esperança serpenteou dentro dela sem ser solicitado. Seria possível? Ele poderia escolhê-la, afinal de contas? Eles poderiam se casar? Ela poderia ter este homem que amava até doer? Poderia ter o que passara a invejar nos casais à sua volta?

– Não fique com essa cara tão triste – brincou ele. – Você finalmente vai conseguir seu escândalo.

Ela congelou, afastando-se do seu abraço.

Escândalo.

Isso era o que ela seria para ele – a italiana escandalosa e vulgar com quem ele se

casara depois de uma noite no campo. E, algum dia, quando as notícias sobre Georgiana fossem divulgadas e ele não tivesse uma esposa com uma reputação impecável a seu lado, quando seus filhos fossem zombados por terem uma mãe plebeia, quando ele visse lady Penélope dançando em algum salão de baile com um marido perfeito, a bela do baile, ele se arrependeria.

Ela nunca fora boa o suficiente. Nunca digna da companhia dele. Nunca uma possível esposa. Nem uma única vez ela fora qualquer coisa além de uma distração escandalosa de seus deveres e responsabilidades. Ele era um duque; ela era um escândalo.

Nunca sua igual.

Nunca boa o bastante.

E ela acreditara nisso também. Quantas vezes havia se comparado à mãe? Quantas vezes realizara as expectativas dos outros? Vivera de acordo com elas? Com que frequência ela buscara a irritação e a paixão dele em vez de lutar por sua admiração e seu respeito porque não acreditava que este último estivesse a seu alcance?

Era mais do que ela podia suportar.

Ela o amava.

Às vezes, o amor não era o suficiente.

As palavras da irmã dele ecoaram em seus ouvidos.

– Não posso me casar com você, Simon.

Ele sorriu a princípio, antes de o significado das palavras ser registrado.

– O que você disse?

Ela respirou fundo e fitou aqueles olhos cor de âmbar profundos que ela passara a amar tanto.

– Não posso me casar com você.

– Por que não? – Havia confusão e descrença nas palavras, e em seguida algo próximo à raiva.

– Se esta noite não tivesse acontecido, estaríamos discutindo isso?

– Eu... – Ele parou. Começou de novo. – Esta noite aconteceu, Juliana.

– Você está noivo de outra.

– Eu vou terminar – falou ele simplesmente, como se fosse uma coisa muito razoável de se fazer.

– E quanto a lady Penélope? E quanto à reputação dela? E quanto à sua? E os seus planos para proteger sua família, sua irmã, sua sobrinha? E quanto ao seu dever?

Ele esticou os braços para ela enquanto ela se afastava.

– Juliana, eu a comprometi. Nós vamos nos casar.

Não por amor. Não por respeito. Não por admiração.

– Porque é assim que as coisas são feitas – murmurou ela.

– Entre outros motivos, sim – disse ele simplesmente, como se fosse óbvio.

– Eu não sou o que você almeja em uma esposa. – Ele ficou imóvel diante de suas

palavras e ela continuou: – Você mesmo disse isso. Sou inconsequente demais. Impulsiva demais. Escandalosa demais. Antes desta noite, você jamais cogitou casar-se comigo.

– Eu pedi a sua mão há uma semana!

Ela ouviu a frustração no tom de voz de Simon enquanto ele se voltava para pegar seu robe.

– Só depois que Gabriel nos descobriu no estábulo. Você pediu por dever. Do mesmo jeito que faz tudo. Você teria se casado comigo, mas estaria aquém de você. Assim como estará agora.

Ele enfiou os braços dentro do brocado de seda e virou-se para ela, o olhar sombrio. Quando falou, sua voz estava dura como aço.

– Não diga isso.

– Por quê? – perguntou ela suavemente. – É verdade, não é?

Ele não respondeu.

– Eu nunca serei o bastante para você. Nunca boa o bastante, nunca respeitável o bastante, nunca adequada o bastante. Mesmo que eu tentasse, o meu passado, a minha família, o meu sangue, tudo isso tornaria impossível que fôssemos iguais. O que eles diriam? O que sua mãe diria?

– Eles que se danem. Especialmente a minha mãe.

Ela deu um passo na direção dele, ergueu a mão e tocou seu maxilar quadrado por um momento fugaz antes de ele se afastar do seu toque e dar um passo para trás, recusando-se a olhar em seus olhos.

As lágrimas se acumularam enquanto ela considerava o semblante lindo e duro, sabendo que esta era a última vez que eles estariam juntos assim, sozinhos e sinceros.

Um deles, pelo menos, era sincero.

– Uma vez você me acusou de nunca levar as consequências em consideração – disse ela, se esforçando para que ele compreendesse. Para que visse. – De nunca pensar no que vem a seguir.

– O que vem a seguir é que nós nos casamos.

Ela negou.

– Agora é você quem não está considerando as consequências. Eu sempre seria o seu escândalo, Simon. Nunca inteiramente digna.

– Isso é ridículo. É claro que você seria digna.

Ela ficou chocada ao notar como ele soava autoritário mesmo vestido com nada além de um robe. Tão ducal, mesmo agora.

– Não, não seria. Não aos seus olhos. E chegaria o dia em que eu não seria digna aos meus. – Enquanto falava, ela finalmente entendeu o que queria de sua vida. De seu futuro. – Eu mereço coisa melhor. Eu mereço mais.

– Não pode conseguir ninguém melhor do que eu. Sou um duque.

Havia um ligeiro tremor na voz dele. Raiva.

Ela enxugou uma lágrima antes que ela rolasse por seu rosto.

– Isso pode muito bem ser verdade, Simon. Mas, se for, não tem nada a ver com você ser um duque.

Ele ignorou sua declaração; e os dois ficaram parados ali por longos momentos antes de ela começar a sair do quarto e ele finalmente falar:

– Isso não acabou, Juliana.

– Acabou, sim.

Ela ficou orgulhosa da força em suas palavras.

Uma força que ela não tinha certeza se possuía.

DEZOITO



Problemas do coração são, sem dúvida, um desafio.

A dama elegante segue a liderança do cavaleiro.

– UM TRATADO SOBRE A MAIS REQUINTADA DAS DAMAS

De dia, as visitas da noite se tornam mais emocionantes...

– O JORNAL DO ESCÂNDALO, NOVEMBRO DE 1823

Ela o havia deixado.

Era inacreditável.

Simon acordara e fora selar os cavalos, querendo levar Juliana para cavalgar, querendo tirá-la daquela casa e botar algum bom senso em sua cabeça. E, então, descobrira que Lucrezia não estava lá. Algumas perguntas no estábulo haviam revelado que ela deixara Townsend Park naquela manhã, sob o manto da escuridão.

Como uma covarde.

Como ela ousava deixá-lo?

Ele não era um rapazola que buscava a aprovação dela. Ele era o maldito duque de Leighton! Tinha metade de Londres a seus pés, uns caindo por cima dos outros para atender a seus comandos, e não conseguia assegurar a obediência de uma única mulher italiana!

Uma única mulher italiana *maluca*, para ser mais preciso.

Ela o acusara de pensar que ela não era *o suficiente* para ele? Aquela mulher era inteiramente demais para ele! Ela o fazia querer berrar de raiva e trancá-la em um quarto e beijá-la até ela desmaiar, até ceder.

Até eles cederem um ao outro.

Mas ela o havia recusado.

Duas vezes.

Ela o deixara!

E, maldição!, isso o fazia desejá-la ainda mais.

Tanto que suas mãos comichavam de desejo. Ele queria tocá-la, domá-la, tomá-la em seus braços e fazer amor com ela até estarem ambos exaustos e incapazes de pensar em qualquer coisa além de seu enlace. Ele queria mergulhar em seus ricos cachos cor de ébano, seus lindos olhos, sua maciez infinita e nunca mais voltar.

Ele abriu com força a porta da sala de café da manhã de Townsend Park, fazendo o pesado carvalho bater na parede e surpreendendo uma mesa cheia de mulheres durante sua refeição matinal, e partiu para cima de St. John, enquanto este passava, calmamente, manteiga em sua torrada.

– Onde está ela?

Nick deu um longo gole de chá.

– Onde está quem?

Simon conteve o ímpeto de despejar o conteúdo do serviço de chá na cabeça de Nick.

– Juliana.

– Ela foi embora. Assim que o sol raiou – disse St. John casualmente. – Sente-se. Vamos lhe trazer um pouco de bacon.

– Não quero nenhuma porcaria de bacon. Por que não me traz a sua irmã?

A declaração, inadequada em um surpreendente número de maneiras, foi o necessário para garantir a atenção de St. John – e a atenção das mulheres presentes no aposento, que imediatamente pararam de comer. Nick olhou para Simon e se levantou, empurrando a cadeira para trás e ficando totalmente ereto.

– Talvez você queira pedir desculpas às damas e se juntar a mim no meu gabinete?

Finalmente.

Ele fez uma reverência em direção à mesa.

– Minhas desculpas – entooou ele antes de se virar nos calcanhares e seguir Nick para fora da sala.

Eles não disseram nada até estarem na segurança do gabinete do conde, mas, quando a porta se fechou atrás deles, ambos começaram a falar.

– Primeiro, o bacon é excelente e não estou feliz por ter tido de parar de comê-lo.

– Não tenho tempo para joguinhos...

Nick o ignorou e foi em frente.

– E, em segundo lugar, o que diabos você estava pensando para falar desse modo da minha irmã?

– Eu vou me casar com ela.

Nick piscou.

– É mesmo? Porque tenho quase certeza de que Ralston e eu não lhe demos permissão nem mesmo para cortejá-la... que dirá para se casar com ela.

A fúria se acendeu com as palavras.

– Não preciso da sua permissão. Ela é minha.

Os olhos de Nick se franziram.

– Posso sugerir que reformule essa frase, duque?

Simon respirou fundo, esforçando-se para permanecer calmo enquanto cada centímetro de seu ser queria socar Nick.

– Eu gostaria de cortejar sua irmã.

Nick assentiu.

– Muito melhor.

– Excelente. Onde ela está?

– Eu não dei minha permissão.

Simon ouviu o rugido grave subindo por sua garganta. Ele nunca fora um homem violento, mas os irmãos de Juliana pareciam tirar seu equilíbrio.

– Vai dá-la?

– Não, acho que não.

Simon estava cheio dessa família e de sua insanidade.

– Por que diabo não vai? – trovejou ele.

– Por vários motivos. Devo listá-los?

– Imagino que não possa detê-lo. Para mim, chega. Se ela foi para Londres, ainda posso alcançá-la. Posso cavalgar mais rápido do que a carruagem.

Ele se dirigiu para a porta.

– Você não vai sair desta casa, Leighton. Não neste humor.

Simon virou-se de volta, chocado.

– Você acha que eu a machucaria?

– Não, mas acho que você a deixaria magoada, e neste momento ela não merece.

– Você acha que pode me impedir?

– Sei que posso. Não tenho que lembrá-lo do calibre da segurança contratada por Townsend Park.

Simon começou a andar de um lado para outro do aposento.

– Eu sou um duque! Como é possível que o título abra portas pelo mundo todo, mas nesta família pareça apenas contar contra mim?

Nick deu um sorriso largo.

– É a nossa natureza perversa. É a primeira coisa na minha lista de razões pelas quais não gosto da ideia de você se casar com Juliana.

– É, ser uma duquesa é sem dúvida uma coisa difícil.

Nick ignorou o sarcasmo.

– Para ela seria. Ela iria odiar. O *beau monde* nunca a perdoaria por zombar de suas regras. E a sua preciosa reputação iria sofrer com isso.

Ele não se importava. Mataria toda a aristocracia por ela.

E com o humor que estava, faria isso com as próprias mãos.

Nick continuou:

– E, mesmo que ela se comportasse (embora eu nunca tenha visto Juliana tomar o caminho da mansidão), nunca escaparia do fantasma de nossa mãe. Eles sempre iriam julgá-la por sua origem. E você passaria a se ressentir dela por isso.

– Não é verdade.

Mas no mesmo instante compreendeu por que ele pensava assim. Até recentemente tudo que St. John estava dizendo sobre ele era verdade. Até Juliana acontecer em sua vida. Até ela ensinar a ele que havia coisas infinitamente mais importantes do que a reputação.

– Não?

Ele ouviu a descrença na voz de Nick. Não gostou.

– Leighton, desde que o conheço, você tem como missão ficar longe de escândalos. Você foi criado para evitar a emoção. Você é frio e impassível e absolutamente correto de todas as maneiras.

As palavras se encrespavam dentro de Simon. *Frio. Impassível.*

Ele não se sentia frio nem impassível naquele momento.

Ela o conquistara completamente.

E então o deixara.

Nick foi em frente.

– Você viveu a vida inteira mantendo sua reputação imaculada. Pelo amor de Deus, homem! Você deixou *sua* irmã no campo conosco por não conseguir encarar o fato de ela não ter correspondido às suas expectativas. E você quer que eu lhe entregue a *minha* irmã?

A pergunta pairou no ar e Simon entendeu que Nick tinha razão. Ele passara a vida julgando aqueles com reputações menos que perfeitas, famílias menos que perfeitas, passados menos que perfeitos. Ele fora o Duque do Desdém – sempre esteve certo de que estava acima de coisas tão básicas e vulgares como escândalos... e amor.

Até Juliana lhe mostrar que ele queria as ideias ousadas dela e sua risada impertinente e seus sorrisos largos e sua natureza escandalosa que, afinal de contas, não era tão escandalosa assim.

Ele a queria em sua vida.

Ao lado dele.

Como sua duquesa.

E não seria um sacrifício chamá-la assim. Seria uma honra.

Ele a amava.

Juliana havia mudado tudo. Ela o fizera querer tudo isso. Ela o fizera querer enfrentar o desafio confuso do amor. Abraçá-lo. Refestelar-se nele. Celebrá-lo.

Ele teria orgulho de sair de braço dado com ela.

Na verdade, teria tido muito antes desta manhã, se fosse honesto consigo mesmo.

Ele só pensava em tê-la ao seu lado. E em se casar com ela e lhe dar filhos e viver com ela para sempre... e que se danassem as fofocas. Ele não se importava com quão grandes ou brutais os irmãos dela pudessem ser. Eles não ficariam em seu caminho.

– Juliana já sofreu o suficiente... – disse Nick, a voz quase tranquila comparada aos pensamentos enfurecidos de Simon. – Ela não merece a sua caridade.

As palavras o fizeram voar através do aposento, agarrando o casaco de Nick e empurrando-o contra a parede com extrema força, sacudindo os quadros em suas molduras.

– Jamais... – Ele puxou Nick da parede e o pressionou contra ela de novo. – Jamais... refira-se ao que sinto por sua irmã como *caridade*. Ela é ousada e linda e brilhante, e vocês têm sorte de respirar o mesmo ar que ela. – Sua raiva dele era tão profunda que ele mal conseguia pronunciar as palavras. – Ela não se acha digna? *Nós* é que não somos dignos *dela*. E, se a chamar de um escândalo mais uma vez, Nick, acabo com você. Com um prazer visceral.

Eles ficaram ali parados, encarando-se por longos minutos, Simon respirando pesado, até que Nick disse calmamente:

– Bem, isso foi inesperado.

Simon tentou recuperar a calma.

Fracassou.

Ele a amava.

Com uma força impressionante e inegável.

Simon soltou Nick e deu um passo para trás.

Ela era tudo o que ele queria. Ele daria tudo por ela. Sem pensar. Sem arrependimento.

Porque, sem ela, ele não tinha nada.

– Eu vou atrás dela. Tente me deter.

– Mas, Leighton... – a voz de Nick interrompeu seus pensamentos. – Você está noivo. De outra.

Noivo de outra.

Ele praguejou, a palavra dura e cruel.

Ele havia se esquecido de Penélope.



– Eu cometi um erro.

Georgiana ergueu Caroline do berço e fitou Simon, fingindo estar chocada.

– Claro que não. Os Pearsons não cometem erros. Pense em mim, se quiser. Perfeita de todas as maneiras. Um exemplo brilhante de bom comportamento.

– Juliana foi embora.

Georgiana não pareceu surpresa.

– Ouvi dizer.

– Eu fui um idiota.

Ela se sentou na cadeira de balanço ao lado do berço de Caroline.

– Continue.

Ele não sabia por onde começar. Não entendia como tudo em sua vida escapara tão completamente de suas mãos.

– Eu... – Ele parou, desabou na poltrona diante da irmã, curvou-se para a frente, os cotovelos nos joelhos, e disse a única coisa que pôde pensar em dizer. – Eu a amo.

– Juliana?

Ele assentiu, passando a mão pelos cabelos.

– Então por que vai se casar com a mulher errada?

Uma dor começou no fundo de seu peito ao ouvir a pergunta – a única pergunta que importava e para a qual ele não tinha uma resposta. Tudo parecera tão adequado quando ele fizera os planos de se casar com Penélope, e agora nenhum deles fazia sentido.

– Eu não sei.

Georgiana balançou-se em sua cadeira, para a frente e para trás, suas palavras suaves contradizendo a importância de tudo aquilo.

– Você não a ama.

– Eu não *precisava* amá-la. E ainda assim... – *E ainda assim ele descobrira que não conseguia deixar de amar outra.* Ele colocou a cabeça entre as mãos. – Eu cometi um erro – repetiu.

Ele não podia voltar atrás sem arruinar Penélope, que não merecia esse tratamento.

– Simon... – Havia uma suavidade na voz da irmã, uma preocupação que ele não merecia.

Ele amava Juliana.

Juliana, que o assombrava com seus olhos cintilantes e sua sagacidade e sua mente brilhante e seu temperamento ardente e aqueles sorrisos e promessas e beijos que o faziam querer idolatrá-la pelo tempo que ele continuasse a respirar.

– Você pode tê-la, Simon. Nenhum dos dois é casado. Noivados podem ser desmanchados.

Ele sacudiu a cabeça.

– Não sem arruinar a reputação de Penélope.

Georgiana discordou.

– Lady Penélope é filha de um duplo marquês, dono de uma propriedade do tamanho de Windsor. Você acha que ela não encontrará outra pessoa? Alguém que possa um dia gostar dela com mais do que um interesse passageiro? Alguém que não esteja apaixonado por outra?

É claro que alguém se casaria com ela. Mas não seria Simon quem a jogaria aos lobos.

– Eu não posso.

– Você é cavalheiro demais e destrói a si próprio! – A irritação inundou o tom de voz dela, e Caroline se remexeu em seus braços. Georgiana abaixou a voz imediatamente. – Está em seu poder fazer tanto você quanto Juliana felizes. Para sempre. E, eu lhe asseguro, Simon, não há prêmio nenhum em se casar com um homem que ama outra.

As palavras, tão tentadoras, libertaram algo dentro dele.

– Eu não me importo com o escândalo. Não me importo com a dama! Só me importo em ter Juliana na minha vida! Mas, se eu fizer isso, se eu destruir a reputação de Penélope, o que Juliana vai pensar de mim? Como poderei lhe pedir que confie seu nome a mim se eu for tão insensível com o de outra?

Aquelas palavras pairaram no recinto silencioso por longos minutos antes de ele dizer:

– Não posso fazer isso. Não sem ser um homem inferior para Juliana. Não sem ser menos do que ela merece.

E, enquanto dizia aquilo, ele sabia que jamais fora o que Juliana merecia – alguém que reconheceria seu brilhantismo, beleza e valor desde o primeiro momento, alguém que a colocara sempre acima de si. Ela merecia alguém sem os defeitos dele, sem sua arrogância, sem suas imperfeições.

Mas de jeito nenhum desistiria dela.

Ele a encontraria.

E queria uma vida inteira com ela.

– Pelo menos dê a Penélope a oportunidade de escolher, Simon – propôs ela, observando-o atentamente e vendo sua angústia, seu conflito interno. – Ela merece uma chance de optar. Deus sabe que você e Juliana têm o direito de ser felizes.

Esta parte, pelo menos, era verdade. Uma esperança o invadiu.

– Você acha que há uma possibilidade de minha noiva me liberar?

Georgiana sorriu, e havia algo em seus olhos – um conhecimento que ele não entendia inteiramente.

– Acho.

Os dois fizeram silêncio e ele ficou olhando para Caroline, dormindo no ombro da irmã, sua boquinha fazendo movimentos suaves e doces enquanto ela sonhava. E ele imaginou outra criança, com cabelos escuros e olhos cor de safira, dormindo no ombro da mãe.

Simon fechou os olhos diante da imagem, o desejo se avolumando dentro dele.

Ele queria aquela criança. Queria aquela família.

Queria que a vida deles começasse.

Imediatamente.

Mas, antes, devia desculpas à irmã.

– Também cometi um erro com você.

– Só um? – disse ela, e deu um sorriso largo quando ele fechou a cara. – A qual erro está se referindo?

– Eu não devia tê-la deixado aqui. Em Yorkshire.

Georgiana considerou as palavras por um longo tempo.

– Eu queria estar aqui.

– Sim. Mas eu não devia ter partido quando parti. Do modo como parti. Devia ter

ficado mais preocupado com você. E menos com o escândalo. – Ele foi até a janela e olhou para a charneca. – Não posso mudar isso. Mas sinto muito.

– Obrigada – disse ela simplesmente, e ele ficou chocado ao notar como ela havia crescido, ao observar quem havia se tornado.

– Eu gostaria de poder consertar. Queria que você me dissesse quem...

Ela o interrompeu.

– Ele se foi.

– Eu posso encontrá-lo. Ainda podemos reparar esse dano.

– Você não poderia achá-lo – falou ela. – Simon, não há como reparar nada. Certamente você pode ver isso.

A frustração se acendeu nele, o impulso de protegê-la era inegável.

– Não é verdade. Não é tarde demais para encontrar um homem para assumir a criança... você é filha de um duque. Poderíamos, sem dúvida, encontrar um homem para se casar com você. Para ser um bom marido. Um bom pai para Caroline.

– Pare.

Ele observou enquanto ela passava a mão pelas costas do bebê, um toque instintivo e tranquilizador.

– Você acha que ambas podem ficar aqui neste cantinho da Inglaterra pelo resto de suas vidas? O que vai acontecer quando Caroline tiver idade suficiente para entender? Como vai responder às suas perguntas a respeito de quem ela é e de onde veio? O que vai acontecer quando isso for descoberto? Não posso escondê-la para sempre, Georgiana.

Georgiana fitou-o de modo firme e resoluta.

– Nunca lhe pedi para nos esconder. Sem dúvida, eu preferiria não ser escondida. No entanto, minha reputação está arruinada, Simon. Você pode tentar mudar isso quanto quiser, mas os dados já foram lançados.

As palavras eram simples, como a verdade, em geral, é.

– Você merece...

– Eu mereço ser mãe. Mereço criar uma criança que seja saudável, forte e que saiba que é amada. Deus sabe que nós não tivemos isso.

– Eu quero que você seja feliz – declarou ele.

Engraçado como ele nunca pensara muito na felicidade até recentemente. Até Juliana.

Georgiana sorriu.

– E eu vou ser. No meu tempo. Mas não da maneira que você planejou.

A ironia da situação não lhe passou despercebida. Ela era irmã de um dos homens mais poderosos da Inglaterra. E, ainda assim, nem mesmo ele podia mudar o rumo da vida dela. Não podia restaurar sua reputação ou impedir as fofocas que acabariam por encontrá-la – encontrar a todos eles. Mas podia lhe dar seu apoio. E podia lhe dar seu amor.

– Georgiana – falou ele, as palavras cheias de promessa. – O que você quiser. O que

você decidir. É seu. Seu e de Caroline. Vou ficar ao lado de vocês.

– Tem certeza de que quer provocar o destino dessa maneira?

Simon esboçou um meio sorriso.

– Tenho.

– Eu pergunto porque, em breve, o sentimento pode ser testado.

Ele franziu a testa.

– O que isso quer dizer?

– Só que eu desejo que um de nós tenha o “felizes para sempre”, Simon. E, já que não posso ser eu, que seja você.

Juliana.

Ela era a felicidade dele. Ela era sua paixão.

E ele não podia mais viver essa vida sem paixão.

Tinha que ir atrás dela. Agora.

Simon se levantou e andou na direção da irmã e da sobrinha. Curvando-se, plantou um beijo no topo da cabeça de Caroline e outro na bochecha de Georgiana.

– Preciso ir. Tenho que trazê-la de volta.

– Mamãe vai ficar furiosa.

Simon ergueu uma sobrancelha.

– Mamãe dará uma excelente duquesa-viúva.

Ela riu.

– Conte-me seu plano para aposentá-la.

– Não é uma impossibilidade – disse ele enquanto se retirava, pensando apenas em Juliana.

– Simon? – chamou a irmã.

Ele se virou, ansioso para seguir seu amor.

Ansioso para começar sua vida.

– Seu presente de noivado já está a caminho de Londres. – O rosto dela se abriu em um sorriso largo. – Mande lembranças minhas para mamãe.

DEZENOVE



Reputação é tudo o que uma mulher pode reivindicar.

A dama refinada protege a sua a qualquer custo.

– UM TRATADO SOBRE A MAIS REQUINTADA DAS DAMAS

Há momentos em que a fonte do escândalo nos surpreende...

– O JORNAL DO ESCÂNDALO, NOVEMBRO DE 1823

Juliana foi direto ver a mãe.

Era tarde da noite, um horário bastante inapropriado para fazer ou receber visitas, e ela estava de pé na sala de recepção do sobrado de Nick e Isabel em Londres – um lugar repleto de mármore gregos e romanos colecionados durante o período de Nick no exterior –, aguardando que a mãe se juntasse a ela.

Havia uma estátua de Afrodite e Eros no meio do aposento, uma representação deslumbrante da deusa do amor segurando o filho nos braços enquanto ele se esticava para alcançar algo por cima do ombro dela. Todos os músculos do pequeno deus pareciam tensos, seus braços e dedos estendidos, suas pernas gorduchas chutando para longe do peito da mãe, tentando atingir algo que ele nunca iria alcançar.

A estátua servia como um lembrete pálido e belo de que, às vezes, nem mesmo os deuses tinham seus desejos atendidos e que meros mortais eram tolos por esperar qualquer coisa diferente.

A viagem de Yorkshire fora terrível. Juliana sentira-se incapaz de comer ou de descansar até ter posto o máximo de distância possível entre ela e Simon... Como se a distância pudesse curá-la da dor devastadora que invadia seu coração sempre que pensava nele.

O que era constante.

Ela sabia que fugir não era um ato dos mais respeitáveis, mas não podia ficar em Yorkshire – naquela casa – enquanto ele a atraía para seus braços, sua cama e sua vida. Não quando ela sabia que nunca seria o suficiente para ele.

Não quando ela não podia lhe dar aquilo que ele tinha em tão alta conta – um bom pedigree, uma reputação imaculada, decoro.

Tudo o que ela tinha para dar a ele era um passado confuso e seu amor.

Mas, infelizmente, amor não era o suficiente.

Como eu gostaria que fosse!

Ela suspirou, deslizando um dedo pelo pé perfeitamente esculpido de Eros. Ela não devia estar ali. Não àquela hora; provavelmente nem mesmo em outra hora qualquer. Mas quatro dias presa dentro de uma carruagem, com nada além de seus pensamentos, a haviam deixado desesperada para provar algo a si mesma.

Ela quase fora à loucura repassando a última semana na cabeça – todo o tempo com Simon, todas as conversas, todos os momentos em que ele questionara suas ações e que a salvara do escândalo.

Todas as vezes em que ele a segurara em seus braços e a fizera acreditar que ela poderia ser o suficiente para ele.

Sua respiração ficou presa na garganta.

Ela percebera então... percebera que quanto mais rápido fosse embora, melhor todos ficariam. Ela nunca o teria – nunca poderia ser sua verdadeira parceira. Ele sempre seria um duque e ela, uma plebeia com uma história questionável. Mas isso não a fazia amá-lo menos, mesmo que ela assim desejasse.

Juliana não podia provar a ele que era mais.

Mas podia provar a si mesma.

E então ela esperou pela mãe.

Ela estava ali por causa do escândalo. Porque as ações da mãe haviam manchado a visão que o mundo tinha dela... para sempre. Porque as ações da mãe a haviam feito questionar suas próprias ações, suas próprias motivações, seus próprios desejos.

Porque ela tinha que saber, de uma vez por todas, que o sangue não aparecia.

Ela tinha que saber que ela podia ser mais. Melhor. Diferente.

Ela vivera à sombra da mãe por anos demais; estava na hora de sair e ver o sol.

– Horário estranho para uma visita – falou Louisa ao entrar na sala, envolta em um robe que flutuava em torno dela como se estivesse embrulhada em vento.

A mãe estava linda. Como sempre.

Ela se sentou, lançando um olhar crítico para Juliana e observando seu vestido amassado e empoeirado da viagem, suas botas cobertas de lama e seu cabelo soltando-se do penteado simples que Carla fizera no último posto de reabastecimento.

– Você está horrível.

Juliana resistiu ao impulso de alisar a roupa ou de se arrumar. Ela não tinha nada a provar para a mãe. Em vez disso, sentou-se e ficou olhando enquanto Louisa servia-se de um copo de xerez sem oferecer nada para Juliana.

– Então você veio me visitar na prisão.

– Isso dificilmente é uma prisão – disse Juliana secamente.

Louisa fez um gesto com a mão, dispensando a ideia.

– Todas essas estátuas me fazem sentir como se eu morasse em um museu.

– Ninguém a está forçando a permanecer em Londres – constatou Juliana.

– Isso é verdade. Mas não tenho outro lugar para ir, querida – declarou ela, e Juliana não gostou do tratamento frio e casual. – Suponho que Gabriel ainda não tenha decidido o que fazer comigo.

– Suponho que não.

– Bem, espero que ele faça isso em breve. Eu gostaria de ir embora daqui antes de virar avó. Não preciso do lembrete de que estou envelhecendo.

Um dos cantos da boca de Juliana se elevou diante de tão completo e inacreditável egocentrismo.

– Acho que Gabriel não está muito interessado no seu cronograma.

Louisa revirou os olhos.

– Não é que eu não esteja feliz por ele. Ele e a esposa parecem confortáveis. Mas essa vida... as crianças grudentas... o choro... os pedidos incessantes... – Ela se recostou em sua poltrona. – Não era para mim.

– Nem percebi.

Louisa estreitou os olhos.

– Você tem a língua afiada de seu pai.

Juliana deu de ombros, sabendo que o movimento irritaria sua mãe.

– Não tive outros exemplos.

Louisa suspirou.

– Bem, se você não veio para me dar notícias sobre o meu futuro, o que a traz aqui no meio da noite?

Tão típico. Tamanha preocupação consigo mesma e com mais ninguém.

Juliana não hesitou.

– Você se arrepende?

Louisa não era boba. Ela não fingiu não entender.

– De qual parte?

– De tudo.

Ela não teve que pensar na resposta.

– Não me arrependo. De tudo, não. Não me arrependo de ser uma marquesa ou mesmo a esposa de um mercador... apesar de seu pai ser menos rico do que me fez crer inicialmente, e as coisas nem sempre terem sido fáceis...

– Eu lhe garanto, as coisas não ficaram mais fáceis depois que você nos abandonou.

– *Abandonou* – ridicularizou Louisa. – Que palavra dramática.

– Você se referiria a isso de outra maneira?

– Juliana... era a minha vida. E eu queria vivê-la. Não há dúvida de que você pode entender isso, querida. Você é tão igual a mim.

A observação casual fez um arrepio percorrê-la.

– O que isso quer dizer?

– Que se fica sabendo de muitas coisas quando se está presa em casa sem nada para ler além de jornais de fofocas dos últimos seis meses. Você tem sido tão escandalosa quanto eu fui. Tendo encontros em jardins, derrubando vegetais e caindo no Serpentine!

– Louisa riu, um som agudo, tilintante, que Juliana abominava. – Meu Deus! Como deve ter sido divertido!

– Foi aterrorizante. Eu quase me afoguei.

Ele me salvou.

– Ah, tenho certeza de que você está exagerando. E você foi salva por um duque impetuoso! Parece algo que eu teria feito se não tivesse me casado tão ridiculamente jovem e me tornado mãe de gêmeos. Vou lhe dizer uma coisa: se tivesse que fazer de novo, eu teria sido mais escandalosa e menos marquesa.

– Você foi bastante escandalosa, mamãe, eu lhe garanto.

– Sim, mas eu não estava aqui para ver, querida, então é quase como se não tivesse acontecido – disse ela como se estivesse falando com uma criança. – Você, no entanto... você está vivendo o seu escândalo.

Não era verdade. Ela estava vivendo a reputação que herdara dessa mulher, da mulher diante de si que parecia não se importar nem um pouco com os fardos com os quais havia sobrecarregado seus filhos.

Ela era mais do que isso.

Não era?

Sua mãe foi em frente, seu tom aéreo, como se nunca tivesse pensado muito em seus atos. Na maneira como poderiam afetar os outros.

– Você se saiu bem sem mim, querida. E pensar... que você encontrou seus irmãos... e que eles cuidam bem de você. Sim... eu fiz o meu trabalho.

A presunção de Louisa era inegável. Juliana não conseguiu conter uma gargalhada. Era impossível odiar alguém que parecia tão absolutamente desconectada de suas próprias ações.

– Sei que você quer um motivo melhor, Juliana. Sei que anseia por alguma resposta que deixe tudo mais claro. Que a faça me perdoar. Mas não há. Fiz algumas escolhas difíceis. E, se tivesse que fazer tudo de novo, não sei se as repetiria.

– Quer dizer, escolher nos ter? Ou escolher nos deixar?

Louisa não falou.

Ela não precisava. A resposta estava em seus olhos.

E tudo ficou claro.

Ela não era nem um pouco parecida com a mãe.

Juliana expirou longamente, um ar que parecia estar preso dentro dela havia uma década. Ela se levantou e olhou para a mãe, que se parecia tanto com ela, como se estivesse olhando para o futuro.

Um futuro diferente de antes.

E melhor.

Graças a uma mãe que jamais lhe oferecera carinho ou atenção e que a abandonara sem nunca olhar para trás, Juliana finalmente ganhara uma família. E talvez fosse o suficiente.

Talvez ela pudesse se convencer disso.

Em breve a casa de seu irmão estaria cheia de crianças rindo e de pais amorosos, e talvez toda aquela agitação e afeição a impedisse de pensar na época em que ela estivera perto de encontrar um amor para si.

Talvez chegasse um tempo em que ele não estaria constantemente em seus pensamentos.

Quando ela não o amaria tanto.

Parecia impossível.

Ela olhou para a estátua de novo, observando conforme Eros se esticava para aquela coisa além do seu alcance.

Era só o que ela podia esperar.



Simon estava de pé em seu gabinete, exausto e coberto de lama de sua viagem através da Inglaterra. Ele chegara a seu sobrado no meio da noite apenas para descobrir que o mundo havia desabado enquanto ele estivera fora.

Boggs pegou seu manto e seu chapéu, entregou a *Gazette* para Simon com uma expressão mais sombria do que o normal e foi providenciar algo para o duque comer, já que Simon não fizera nada além de trocar de cavalo nas últimas dezoito horas, tão desesperado estivera para voltar para Londres.

E para Juliana.

Simon baixou os olhos para o jornal, lendo as palavras de novo e de novo, como se as visualizações repetidas pudessem mudá-las. Fazê-las desaparecer. Mas não, toda vez que ele relia a matéria, a notícia estava exatamente do mesmo jeito. Condenatória do mesmo jeito.

Relato em primeira mão... Duque de Leighton... sua irmã, que ainda nem debutou... uma filha, nascida há apenas alguns dias.

Ele ia matar a irmã.

Georgiana sabia que ele próprio nunca revelaria a situação. Sabia que ele jamais arriscaria a reputação dela ou de Caroline daquela forma.

E então ela decidira tomar uma atitude.

Por quê?

A resposta surgiu, tão rápida e óbvia que ele não podia acreditar que não tivesse visto.

Simon se dirigiu à escrivaninha e ergueu a pilha de correspondência, examinando cada envelope até encontrar o que procurava.

Deslizando o dedo por baixo do lacre de cera, ele se permitiu ter esperanças. Não muita. Só até ler a única frase de texto ali sublinhada. Duas vezes.

O noivado está terminado. – Needham

Georgiana havia se assegurado de que seu noivado com Penélope não pudesse continuar.

Seu presente de noivado já está a caminho de Londres.

Georgiana arruinara a própria reputação. Arruinara a de todos.

Para garantir a felicidade dele.

Agora ele só precisava estender a mão e apossar-se dela.



O baile de outono dos Northumberlands estava programado para ser o último evento oficial da temporada, antes que a sessão especial do Parlamento terminasse e a sociedade fizesse as malas e se dirigisse para o campo para o final do ano.

Os degraus que levavam até a casa e o saguão estavam lotados com uma multidão de convidados que entregavam seus mantos pesados para os lacaios e subiam a grande escadaria para o salão de baile, onde as festividades principais já haviam começado.

Toda a sociedade de Londres havia enfrentado uma chuva torrencial para estar ali – um final adequado para essa temporada longa demais.

E, se a noite de Simon corresse de acordo com o planejado, este baile seria o assunto não apenas desta temporada, mas de várias outras que viriam a seguir.

Infelizmente, ele parecia ter sido desconvidado.

– Sinto muito, Vossa Graça, mas o duque e a duquesa não estão recebendo. – O primeiro lacaio da Casa Northumberland, que fora encarregado da infeliz tarefa de pedir que Simon saísse da multidão, deu a má notícia com um ligeiro tremor.

– Como disse?

O criado deu um passo para trás.

– Eles não estão... – O homem limpou a garganta. – Recebendo.

Simon se virou para olhar para o fluxo de pessoas vestidas com suas melhores roupas, subindo pela escadaria central da casa, na direção do salão de baile.

– Então suponho que todas essas pessoas sejam... – Ele deixou a frase morrer, esperando que o lacaio a completasse.

– Parentes? – terminou o lacaio, incerto.

Simon achou que devia sentir pena do pobre homem, que provavelmente nunca

havia barrado um duque antes, mas ele não conseguiu invocar tal sentimento. Estava irritado demais.

– E a música vinda do andar de cima. Faz parte de uma... reunião de família?

O criado tornou a limpar a garganta.

– Err... Sim?

Ele estava sendo expulso da Casa Northumberland porque sua irmã dera à luz uma criança. Fora dos laços do matrimônio. O nome dos Leightons agora era sinônimo de escândalo. Levara menos de um dia e todos os convites que ele recebera para eventos que aconteceriam nas semanas seguintes foram educadamente cancelados – parecia que um surto de cancelamentos havia acontecido por toda a Londres.

Talvez, se tivesse sido em outro dia – outro baile –, ele fizesse o que era esperado e se retirasse, mas Juliana estava lá dentro. E ele tinha um plano para conquistá-la. Um que se baseava muito nisso, o último baile da temporada.

Simon já estava cheio.

– Bem, suponho que temos sorte por Northumberland ser um primo distante.

Ele passou pelo criado e começou a subir a escadaria, subindo dois degraus de cada vez enquanto o criado seguia atrás.

– Vossa Graça, o senhor não pode!

No patamar de cima, ele se virou e encarou o lacaio.

– E como planeja me impedir?

– Vossa Graça... – O lacaio aparentemente planejava apelar para o bom senso do duque.

Mal sabia ele que o bom senso de Simon já estava comprometido com outro propósito naquela noite – encontrar Juliana e torná-la dele.

Ele se misturou a um grupo de convidados e abriu caminho para o salão de baile, encontrando-a na multidão no minuto em que entrou. Ele era atraído por ela como a mariposa pela chama.

Simon sentira intensamente sua falta, e vê-la ali encheu-o de um prazer profundo. Ela era sua droga. Ele ansiava por sua proximidade, sua risada, sua coragem, pela forma como ela mexia as mãos quando falava, pelo pequeno dar de ombros que o enfurecera a princípio e com o qual agora sonhava.

Ela valsou pelo aposento nos braços de Allendale, usando um vestido adorável de um rosa muito claro e, por um momento fugaz, Simon foi distraído pelo fato de ela estar usando uma cor tão desinteressante – uma cor que a fazia se misturar com o resto das mulheres jovens e solteiras no salão –, até que um giro na dança lhe deu uma visão de seu lindo rosto... E, então, não importava mais o que ela estava vestindo.

A única coisa que importava era a tristeza nos olhos de Juliana. A saudade neles. Dele.

Graças a Deus.

Pois ele não suportaria que ela pertencesse a outro.

O pensamento veio em uma onda violenta de desejo – desejo de marchar até ela, puxá-la dos braços do conde e levá-la embora.

O que, por sorte, era exatamente o plano.

Ele não havia retirado sua capa quando entrara e, enquanto serpenteava em meio à multidão, aglomerações de convidados pararam, primeiro para olhar, depois para deliberadamente dar-lhe as costas. O duque sabia o que estavam fazendo – ele mesmo o fizera dezenas de vezes antes –, e mentiria se dissesse que aquilo não doía.

Mas o constrangimento e a vergonha que deveria estar sentindo diante daquelas pessoas – que poucos dias antes imploravam por sua aprovação e que agora lhe davam as costas para mostrar sua reprovação – empalideciam quando comparados ao prazer que sentiu com o modo como facilitavam sua passagem até seu único e inegável objetivo: Juliana.

A sua Juliana.

Ele respirou fundo e, desafiando todas as convenções e tudo o que havia treinado para ser ou fazer, atravessou o salão, fazendo parar os dançarinos.

E provando, de uma vez por todas, que ela estivera certa o tempo todo – que a reputação não era nada quando comparada ao amor.

Allendale o viu chegando. O sorriso amigável do conde se transformou em um olhar de choque, e ele diminuiu a velocidade da dança com Juliana até parar. A orquestra continuou tocando enquanto Simon se aproximava dos dois, e ele ouviu a confusão na voz de Juliana quando ela perguntou:

– O que aconteceu?

Sua voz era uma bênção – aquele sotaque italiano cadenciado pelo qual ele ansiava, a forma como ela prolongava as sílabas e as deixava demorar em sua língua. Ela se virou e seus olhos se arregalaram – com a proximidade dele, suas roupas ou ambos –, sua boca exuberante se abriu e todo o aposento desapareceu. Só ela existia. Só eles. Só o agora.

– Vossa Graça?

Ele não confiava em si mesmo para falar com ela. Não quando queria dizer mil coisas que deveriam ser ouvidas somente por ela. Então Simon se virou para o conde e, com uma vida inteira de autoridade ducal, informou:

– Allendale, vou tomar sua parceira.

A boca de Benedick se abriu e em seguida se fechou, como se ele estivesse tentando se lembrar do protocolo exato para esta situação. Finalmente, o conde virou-se para Juliana, dando-lhe a escolha.

Simon fez o mesmo, estendendo a mão enluvada, palma para cima.

– Juliana? – perguntou ele, adorando o modo como seus olhos cor de safira escureciam e seus lábios se abriam diante da palavra. – Eu gostaria muito de causar um escândalo.

Ela olhou para a mão por um longo momento, e então o fitou.

E havia uma tristeza insuportável em seus olhos.

De repente, ele sabia o que ela ia fazer.

E não podia detê-la.

Ela balançou a cabeça.

– Não.

Ele ficou parado ali como um idiota, braço estendido, sem entender.

Juliana balançou a cabeça de novo e murmurou:

– Eu não vou ser o seu escândalo. Não desta vez. – As palavras se despedaçaram em volta dele, que viu os olhos dela ficarem líquidos, com lágrimas não derramadas. – Não – repetiu ela e passou apressada por ele, dirigindo-se para a saída.

Simon levou um instante para perceber o que havia acontecido – ela o rejeitara. Olhou para Allendale, o sangue rugindo em seus ouvidos; vergonha e confusão e alguma outra coisa inundando-o, quentes e furiosas.

– Como pôde fazer uma coisa dessas com ela?

As palavras mal foram registradas e Allendale já o empurrava para poder seguir Juliana através da multidão.

Simon se virou e viu-os correndo no salão, a plateia imensa recuando para deixá-los passar, e ele fez a única coisa que conseguiu pensar em fazer: gritou por ela.

– Juliana!

Expressões de espanto percorreram o aposento diante daquele som, um grito trovejante que era inteiramente fora de propósito tanto em um salão de baile quanto em qualquer outro lugar em que um cavalheiro civilizado pudesse estar. Mas ele não se importava. Deu um passo na direção dela, para segui-la, e foi impedido por braços de aço envolvendo seu tórax.

Ralston o segurou.

Ele lutou para se desvencilhar e gritou de novo, o nome dela rasgando o salão, ecoando nas vigas do teto, silenciando todo mundo ali, inclusive a orquestra.

– Juliana!

Ela se virou. Ele olhou nos olhos dela – da cor de safiras do Ceilão – e disse a única coisa que podia pensar em dizer. A única coisa que ele podia imaginar que a mantivesse ali. Com ele. A única coisa que importava.

– Eu amo você.

Seu rosto lindo e perfeito se desmanchou diante daquelas palavras e as lágrimas que ela havia segurado se derramaram.

Ela saiu correndo do aposento, Allendale em seus calcanhares.

Simon se soltou de Ralston e a seguiu, determinado a alcançá-la. Determinado a consertar tudo.

E que se danassem os aristocratas.

A orquestra voltou a tocar e de repente tinha uma multidão em seu caminho. Para todo lugar que ele se virava havia um casal valsando, encurralando-o na pista de dança, e,

quando ele chegou à porta do salão de baile, um fluxo de convidados simplesmente barrou sua passagem.

Nenhum deles o olhou nos olhos, nenhum falou com ele. Mas fizeram com que fosse impossível que ele a alcançasse.

Quando Simon, enfim, conseguiu abrir caminho à força em meio a toda a gente, descendo as escadas e saindo, Juliana sumira e não havia nada além de uma chuva londrina torrencial para recebê-lo.

E, naquele momento, enquanto olhava para a neblina e repassava os acontecimentos dos últimos minutos repetidas vezes, ele reconheceu o sentimento que o tomava.

Era medo.

Medo de que tivesse perdido a única coisa que realmente quisera na vida.

VINTE



A sociedade não perdoa comportamentos escandalosos.

Esta é a máxima da dama delicada.

– UM TRATADO SOBRE A MAIS REQUINTADA DAS DAMAS

Com o espetáculo que se desenrola no beau monde este ano, o teatro parece desnecessário...

– O JORNAL DO ESCÂNDALO, NOVEMBRO DE 1823

Em uma hora, toda a família estava de volta à Casa Ralston.

Eles se reuniram na biblioteca; Benedick e Rivington sentados nas cadeiras de espaldar alto perto da enorme lareira, diante da qual Ralston andava de um lado para outro. Juliana estava sentada em uma *chaise* baixa, ladeada por Mariana e Callie.

Amo, amas, amat.

Eu amo, tu amas, ele ama.

Ele ama.

Ele me ama.

Ela respirou profundamente, sentindo um nó na garganta.

Callie levantou-se e se dirigiu para a porta.

– Acho que vou pedir chá.

– Acho que precisamos de algo ligeiramente mais forte do que chá – disse Ralston, andando até o aparador e pegando uma garrafa de uísque.

Ele serviu três copos para os homens e, após um longo momento, um quarto. E levou-o até Juliana.

– Beba isto, vai acalmá-la.

– Gabriel! – repreendeu Callie.

– Mas é verdade!

Juliana bebeu um golinho do líquido quente, gostando da queimação deslizando por

sua garganta. Pelo menos quando tinha essa sensação, não sentia a dor devastadora que Simon lhe causara com sua declaração de amor.

– Talvez você possa me explicar como foi que Leighton veio a declarar seu amor por você no meio de um salão de baile lotado.

A dor voltou.

– Ele estava em Yorkshire – murmurou ela, odiando o som das palavras. Odiando a fraqueza.

Ralston assentiu.

– E, diga-me, ele perdeu a cabeça lá?

– Gabriel – falou Callie, advertência em seu tom. – Tome cuidado.

– Ele a tocou? – perguntou seu irmão, e todos se enrijeceram. – Não responda. Não há necessidade. Nenhum homem se comporta dessa maneira sem...

– Ralston – interrompeu Benedick. – Já chega.

– Ele quer se casar comigo.

Mariana apertou a mão dela.

– Mas, Juliana, isso é bom, não é?

– Bem, depois desta noite, não estou certo de que ele daria uma boa união – disse Ralston de modo irônico.

Lágrimas brotaram nos olhos de Juliana e ela bebeu um gole de uísque para mandá-las embora.

Ela se esforçara tanto para ser algo mais do que um escândalo! Usara um vestido da cor exigida, dançara adequadamente apenas com o mais cavalheiro dos homens, convencera a si mesma de que podia ser o tipo de mulher que era conhecida pela correção. Que era conhecida pela reputação.

O tipo de mulher que ele iria querer ao seu lado.

E, ainda assim, ela não fora nada além de um escândalo para ele. Nada além do que ele vira nela desde o começo. E, quando ele declarou seu amor ali, na frente de toda a aristocracia, aquela parte sombria e escandalosa que existia dentro dela cantou de felicidade. E ela sofreu por querê-lo. Por amá-lo.

E, ainda assim, ela queria mais.

Ele era a união perfeita para ela.

– Se ele a seduziu, tenho o direito de desmembrá-lo inteiro.

– Já chega – falou Callie, levantando-se. – Saia.

– Não pode me exilar da minha própria biblioteca, Calpúrnia.

– Posso e vou. Na verdade, já exilei. Saia!

Ele deu uma risada áspera que não tinha muito humor.

– Eu não vou a lugar nenhum. – Ele se virou para Juliana. – Você quer se casar com ele?

Sim.

Mas não era tão simples.

De repente, o aposento era pequeno demais. Ela se levantou, dirigindo-se para a saída.

– Eu preciso de... *un attimo*. – Ela fez uma pausa. – *Per favore*.

Quando ela deixava a biblioteca, o irmão a chamou.

– Juliana. – Ela se virou e ele acrescentou: – Pense no que você quer. O que quer que seja, você pode ter.

Ela saiu, fechando a porta atrás de si, permitindo que a escuridão do corredor a envolvesse.

Ela queria Simon.

Queria seu amor, sim. Mas também queria seu respeito e sua admiração. Queria que ele a considerasse sua igual. Ela merecia isso, não merecia? Merecia o que via em Callie e Ralston, em Isabel e Nick, em Mariana e Rivington.

Ela queria isso.

E não tinha.

Tinha?

Juliana respirou fundo, repassando os acontecimentos da noite repetidas vezes em sua mente.

Ele havia quebrado todas as suas regras – ignorara o protocolo e comparecera a um evento ao qual fora desconvidado, permitira que toda a Londres lhe desse as costas, *parara um baile*.

Ele havia parado um baile – trazendo mais escândalo para si – enquanto toda a Londres lhe dava as costas.

E fizera aquilo por ela.

Porque se importava com ela.

Porque queria lhe mostrar que ela era mais importante do que qualquer outra coisa. Do que todas as outras coisas.

E ela o rejeitara.

Rejeitara o seu amor.

Juliana passou os braços em volta da cintura, a percepção vindo como um soco no estômago, e a porta da biblioteca se abriu.

Benedick saiu para o corredor, um sorriso gentil no rosto. Ele fechou a porta atrás de si, deixando a discussão entre Callie e Ralston do lado de dentro, e veio na direção dela.

Ela forçou um sorriso.

– Eles ainda estão discutindo sobre mim?

Ele deu um sorriso largo.

– Não. Agora eles estão discutindo se Callie deve andar a cavalo agora que está grávida.

Ela deu uma risadinha.

– Imagino que ela vá ganhar.

– Eu não teria tanta certeza – disse ele, e ambos ficaram em silêncio por um

momento. – Há algo que eu gostaria de discutir com você.

– É sobre o duque? Porque, para ser sincera, prefiro não discutir sobre isso.

– Não exatamente.

– O que é, então?

Ele hesitou, aí respirou fundo.

– Juliana, se você quiser, eu a terei. Como esposa.

Em termos de pedidos de casamento, esse não era dos mais eloquentes, mas era sincero, e os olhos dela se arregalaram diante das palavras. Ela balançou a cabeça.

– Benedick...

– Apenas me ouça. Nós gostamos da companhia um do outro, somos amigos. E acho que teríamos bons momentos. Não precisa me responder agora, mas se você... precisar de um marido...

– Não – disse ela, esticando-se para beijar seu rosto. – Muito obrigada, Benedick, mas você merece mais do que uma esposa que precisa de um marido. – Ela sorriu. – E eu mereço mais do que um marido que simplesmente me terá como esposa.

Ele assentiu.

– Isso, pelo menos, é verdade. – Ele fez uma pausa. – De qualquer maneira, acho que Leighton a ama muito.

As palavras fizeram um arrepiozinho triste percorrer o corpo dela.

– Eu também acho.

– Então por que não se casar comigo?

As palavras chamaram a atenção dela. Simon estava no topo da escada, ensopado até os ossos, o rosto entalhado com marcas de exaustão. Ele havia retirado o chapéu, mas o cabelo estava colado em sua cabeça e o casaco pendia molhado e esfarrapado de seus ombros. Ele estava com uma aparência terrível.

Estava maravilhoso.

– Como você... como você entrou aqui? – perguntou ela.

– Esta não é a primeira casa que invado esta noite. Estou me saindo muito bem nisso.

Ela sorriu. Não pôde evitar.

Ele soltou um longo suspiro.

– Eu esperava fazê-la sorrir, sereia. Odiei fazê-la chorar.

Juliana ouviu a verdade em suas palavras, e as lágrimas voltaram, espontâneas.

Simon praguejou na escuridão.

– Allendale, vou perdoá-lo por pedir a mão da mulher que amo. Em troca, acha que pode nos dar um instante?

– Não tenho certeza se devo.

– Não vou violentá-la na escada.

Benedick virou-se para Juliana para obter aprovação. Após um longo momento, ela assentiu.

– Cinco minutos. – O conde encarou Simon. – E eu vou voltar.

Ele retornou à biblioteca e, no segundo em que a porta se fechou, Simon deu um passo na direção dela. Passou uma das mãos pelos cabelos ensopados e balançou a cabeça.

– Não sei o que fazer. Não sei como conquistá-la.

Você já me conquistou, ela queria dizer. *Você já me arruinou para todos os outros*.

Ele continuou.

– Então vou simplesmente dizer a verdade. Passei minha vida inteira me preparando para uma existência fria, sem emoção, sem paixão. Uma vida cheia de amabilidades e simplicidade. E aí você entrou nela... você... o oposto de tudo isso. Você é linda e brilhante e ousada e tão apaixonada pela vida e pelo amor e por todas essas coisas nas quais acredita. E você me ensinou que tudo em que acredito, tudo o que achei que queria, tudo o que pensei que deveria apoiar... tudo... é errado. Eu quero a sua versão da vida... vibrante e emocional e bagunçada e maravilhosa e cheia de felicidade. Mas não posso tê-la sem você.

E encerrou dizendo:

– Eu amo você, Juliana. Amo a forma como virou minha vida inteira de cabeça para baixo e não tenho certeza de que possa vivê-la sem você.

Ele se aproximou e ela prendeu a respiração conforme seu grande e orgulhoso duque se colocava de joelhos diante dela.

– Uma vez você me disse que me poria de joelhos em nome da paixão.

– Simon... – chorando agora abertamente, ela deu um passo para a frente, colocando as mãos na cabeça dele e passando os dedos por seu cabelo. – *Amore*, não, por favor.

– Eu estou aqui. De joelhos. Mas não em nome da paixão – declarou ele, segurando as mãos dela nas dele e levando-as aos lábios, beijando-a, adorando-a. – Estou aqui em nome do amor.

Ele ergueu os olhos para ela, seu semblante tão decidido e sério no corredor mal-iluminado.

– Juliana... por favor, seja minha esposa. Eu juro que vou passar o resto dos meus dias provando que sou digno de você. Do seu amor.

Ele beijou as mãos dela novamente e sussurrou:

– Por favor.

E então ela também estava de joelhos, os braços em volta do pescoço dele.

– Sim. – Ela pressionou os lábios contra os dele. – Sim, Simon, sim.

O duque devolveu o beijo, sua língua deslizando para dentro do calor sedoso e intenso dela, acariciando até ambos precisarem de ar.

– Eu sinto tanto, meu amor – murmurou ele contra os lábios dela, puxando-a para si, como se pudesse trazê-la perto o bastante para eles nunca mais terem que se separar.

– Não, eu sinto muito. Eu não devia... eu o deixei lá... no baile. Só agora eu vi... quanto significou.

Simon a beijou novamente.

– Eu mereci.

– Não... Simon, eu amo você.

Os dois ficaram ali por longos minutos, envolvidos um com o outro, sussurrando seu amor, fazendo promessas para o futuro, tocando, deleitando-se, celebrando um ao outro.

E foi assim que Ralston os encontrou.

Ele abriu a porta da biblioteca, o brilho dourado e exuberante das velas do outro lado inundando o corredor e iluminando os amantes.

– É melhor você arrumar uma licença especial, Leighton.

Simon sorriu, ousado e impertinente, e Juliana prendeu a respiração ao fitá-lo – seu anjo, o homem mais lindo da Inglaterra. De toda a Europa.

– Eu já tenho uma.

Ralston ergueu uma sobrancelha negra.

– Excelente. Você tem dois minutos para se recompor antes de irmos lá para baixo e discutirmos isso.

Juliana sorriu ao ouvir aquelas palavras; Ralston olhou nos olhos dela e disse:

– Você, irmã, não está convidada.

Ele fechou a porta para as gargalhadas de Simon e Juliana.



Uma hora depois, Simon deixou a Casa Ralston, tendo feito todos os arranjos adequados com seu – ele estremeceu – futuro cunhado. Ele se deu conta de que finalmente se uniria àquela família barulhenta, as únicas pessoas na Inglaterra que não se importavam com o fato de ele ser um duque. Melhor, as únicas pessoas na Inglaterra que nunca haviam se importado. Agora a maior parte de Londres daria alegremente as costas para a Casa Leighton, por medo de ser afetada pelo escândalo.

E ele descobriu que não se importava muito com isso.

Tinha uma sobrinha saudável e uma mulher que o amava e, de repente, essas coisas pareciam mais que suficientes.

Simon desejava desesperadamente dar boa noite a Juliana, mas ela não estava em lugar algum, e Ralston não parecia inclinado a permitir que o duque subisse para procurá-la. Ele sabia que não podia culpar o marquês; afinal de contas, ele não era muito bom em manter as mãos longe de sua futura esposa.

Mas os dois iam se casar em menos de uma semana, e ele suportaria a distância esta noite, ainda que trouxesse com ela uma dor muito familiar e absolutamente desagradável.

O duque fez um gesto liberando o cocheiro de seu dever e abriu a porta de sua carruagem – a mesma onde tudo havia começado semanas antes. Entrou no veículo,

tomou seu assento e puxou a porta para fechá-la, batendo rapidamente no teto para botar a carruagem em movimento.

Foi só então que ele percebeu que não estava sozinho.

Juliana sorriu do outro lado do assento.

– Você não achou que eu o deixaria ir embora sem dizer boa noite, não é?

Ele sufocou um lampejo de prazer intenso e assumiu seu tom mais ducal.

– Vamos ter que discutir sua queda por viajar clandestinamente em carruagens.

Ela se moveu devagar na direção dele e uma onda de satisfação o percorreu.

– Só uma carruagem, Vossa Graça. Só a sua. Desta vez, verifiquei o brasão antes de entrar. Diga-me, o que pretende fazer comigo, agora que estou aqui?

Ele a fitou de modo intenso por um momento antes de se inclinar mais para perto, parando a um milímetro de beijá-la.

– Eu planejo amá-la, sereia – declarou, passando uma das mãos em volta da cintura dela e puxando-a para o seu colo, de forma que ela ficasse sobre ele.

Ela o encarou com uma intensidade maliciosa.

– Diga de novo.

Ele deu um sorriso largo.

– Eu amo você, Juliana.

As mãos dele correram pelas laterais do corpo dela, acariciaram seus ombros e viraram um pouco sua cabeça para expor seu pescoço. Ele plantou um beijo suave ali, onde a pulsação dela latejava.

– De novo – suspirou ela.

Ele sussurrou as palavras contra os lábios dela – uma promessa – e tomou sua boca, as mãos acariciando e apertando em todos os lugares.

Juliana se abriu para ele, devolvendo seus beijos longos e lentos, afago por afago. Pela primeira vez, não havia urgência nas carícias – nenhuma sensação de que estivessem sendo roubadas de outro tempo. *De outra mulher.*

O pensamento fez com que se afastasse, erguendo a cabeça.

– Penélope – falou.

– Temos que discutir isso agora? – questionou Simon.

Uma das mãos de Simon já seguia para o seio dela e Juliana sufocou um suspiro de prazer quando ela chegou ao seu destino.

– Não. – Ela saiu do colo dele e foi para o assento à sua frente.

Ele a seguiu, ficando de joelhos diante da amada, a carruagem balançando-os juntos.

– Sim.

As mãos dele agarraram os tornozelos dela, e Juliana não tinha certeza se era a sensação das mãos quentes de Simon afagando suas pernas debaixo das saias ou o fato de que ele não estava mais noivo de outra que a deixava tonta.

– O pai de lady Penélope dissolveu o acordo.

Ele olhou nos olhos dela, sério, e acrescentou:

– Se ele não o fizesse, eu faria, Juliana. Não poderia ir até o fim. Amo demais você.

Um fio de prazer envolveu-a ao ouvir suas palavras.

– Ele desmanchou o noivado por causa do escândalo de Georgiana?

– Sim – disse ele.

E, a forma como aquele “sim” rolou por sua língua, deu a ela a nítida impressão de que ele não estava respondendo à sua pergunta. Ele dobrou as saias dela para trás e praguejou, baixinho e malicioso, plantando um beijo na parte interna de um joelho.

Ela fechou as pernas com força, resistindo ao movimento dele.

– Simon...

Ele ficou imóvel, olhando nos olhos dela sob a luz bruxuleante que vinha de fora antes de beijá-la de novo, longa e completamente, e então se afastou.

– Minha irmã anunciou seu próprio escândalo. Na verdade, mandou uma carta para a *Gazette*! Foi seu presente de casamento. Para nós.

Juliana sorriu.

– Um noivado desfeito?

– Em troca de um noivado rápido – respondeu ele, tomando os lábios dela de novo, sua urgência fazendo uma onda de fogo percorrê-la.

Ela se deleitou com a carícia, com a sensação do toque dele por um longo minuto antes de empurrá-lo para trás mais uma vez.

– Simon, a sua mãe!

– Ela não é um tópico que eu gostaria de discutir agora, amor.

– Mas... ela deve estar furiosa!

– Eu não me importo. – Ele voltou sua atenção para o joelho dela, girando a língua ali até a seda estar molhada. – E, se estiver, não vai ser por sua causa. Você é a maior esperança de um neto respeitável. Sou *eu* que tenho a péssima reputação.

Ela riu.

– Um raptor de inocentes. Um sedutor de virgens.

Ele afastou as pernas dela lentamente, plantando beijos adoráveis e lânguidos por suas coxas.

– Só uma inocente. Uma virgem.

Ela suspirou e deixou seus olhos se fecharem de prazer enquanto ele lambia o lugar onde a liga segurava a meia, uma promessa do que estava por vir.

– Sorte minha. – Ela se inclinou para a frente, pegando o rosto insuportavelmente lindo dele entre as mãos. – Simon – murmurou ela –, eu o amei desde o começo. E vou amar você... pelo tempo que você me quiser.

Os olhos dele escureceram e ele ficou muito sério.

– Espero que planeje me amar por muito tempo.

Ela o beijou de novo, derramando a si mesma e seu amor na carícia, pois as palavras, de repente, pareciam insuficientes. Quando eles pararam, ambos arfando e desesperados para ter mais um do outro, Juliana sorriu.

– Então, qual é a sensação de ter arruinado completamente sua reputação?

Ele riu.

– Nunca vou superar.

– Você se arrepende?

– Nunca. – Ele a puxou para si para outro beijo.

O escândalo de Simon entraria para a história. Ele seria fonte de sussurros em salões de baile, de conversas em Bond Street e nos corredores do Parlamento. E, dali a anos, ele e Juliana contariam a seus netos a história de como o duque de Leighton havia sido derrotado pelo amor.

EPÍLOGO



Maio de 1824

Sua Graça, a duquesa de Leighton, estava no alto de uma escada na biblioteca – alto demais para se esconder – quando o marido entrou no aposento, chamando seu nome, distraído por uma carta que segurava.

– Sim?

– Temos notícias de...

Ele deixou a frase morrer e ela soube que havia sido descoberta. Quando ele falou novamente, seu tom era baixo e calmo demais para quem havia se tornado um homem de emoções fortes.

– Juliana?

– Sim?

– O que você está fazendo a seis metros do chão?

Ela fingiu não perceber que ele havia se posicionado debaixo dela; como se ela não fosse esmagá-lo como um inseto se despencasse lá de cima.

– Procurando um livro.

– Incomoda-se muito de voltar para a Terra?

Por sorte, o livro pelo qual procurava se revelou. Ela o puxou da prateleira e desceu. Quando estava com os dois pés firmemente plantados no chão, ele a soltou.

– O que você estava pensando quando subiu até as vigas do teto na sua condição?

– Não sou uma inválida, Simon, ainda posso utilizar todas as membranas do meu corpo.

– Sem dúvida que sim. Mas creio que você quis dizer membros. – Ele fez uma pausa, lembrando-se da razão de estar irritado. – Você podia ter caído!

– Mas não caí – disse ela simplesmente, oferecendo-lhe o rosto para um beijo.

Ele a beijou, as mãos acariciando o lugar onde seu filho crescia.

– Você precisa tomar mais cuidado – sussurrou ele, e um arrepio percorreu o corpo dela com a admiração que ouviu em seu tom de voz.

Ela levantou os braços, passando-os em volta do pescoço dele, deleitando-se com seu calor e sua força.

– Nós estamos bem, marido – informou ela, dando um sorriso largo. – Doze vidas,

lembra-se?

Ele gemeu diante de suas palavras.

– Acho que você já as usou, sabe? Certamente já usou seus doze escândalos.

Ela franziu o nariz para aquela declaração.

– Não. Não posso ter usado.

Ele a ergueu nos braços e andou até sua poltrona favorita, despejando Leopold. Enquanto o cachorro retomava seu sono no chão, Simon acomodou-se na poltrona, ajeitando a esposa no colo.

– A queda no Serpentine... a vez em que você me levou a uma perseguição não tão alegre em Hyde Park... o dia que ficou espreitando do lado de fora do meu clube...

– Isso não foi um escândalo de verdade – protestou ela, aconchegando-se no abraço de Simon enquanto a mão dele afagava sua barriga redonda.

– É escândalo suficiente.

– A chegada da minha mãe – falou Juliana.

Ele balançou a cabeça.

– Não é seu escândalo.

Ela sorriu.

– Bobagem. Ela é o escândalo que deu início a tudo.

– Ela é – concordou ele, plantando um beijo na têmpora da esposa. – Vou ter que agradecer a ela algum dia – reconheceu. E então prosseguiu: – Derrubar a colheita de lady Needham...

– Mas, pelo amor de Deus, quem decora uma escadaria com vegetais? E, se você vai contar todos os meus escândalos, que tal aqueles em que você também foi escandaloso? – ressaltou ela, que foi ticando, no ar, enquanto os listava. – Me beijar no estábulo do meu irmão... me arrebataram no seu próprio baile de noivado... e não vamos esquecer...

Ele beijou a lateral do pescoço dela.

– Hmm. Por favor, não vamos esquecer.

Ela riu e o empurrou para longe.

– A Noite da Fogueira.

O mel dos olhos dele escureceu.

– Eu lhe garanto, sereia, que nunca vou esquecer a Noite da Fogueira.

– Quantos são até agora?

– Oito.

– Pronto, está vendo? Eu lhe disse! Sou um modelo de correção! – gritou ela.

Ele deu uma gargalhada alta e um olhar de preocupação passou pelo rosto dela.

– Nove – disse ela.

– Nove?

– Eu insultei sua mãe na modista. – Ela abaixou a voz. – Na frente de outras pessoas.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Quando?

– Durante a nossa aposta.

Simon deu um sorriso largo.

– Eu gostaria de ter visto isso.

Juliana cobriu os olhos.

– Foi horrível. Ainda não consigo olhá-la nos olhos.

– Isso não tem absolutamente nada a ver com atacá-la na loja da modista e tudo a ver com o fato de a minha mãe ser assustadora.

Ela deu uma risadinha.

– Ah, houve pelo menos mais dois naquela primeira noite, no baile de Ralston – destacou ele.

Ela tentou se lembrar.

– Houve mesmo. Grabeham nos jardins e a sua carruagem.

Ele enrijeceu.

– Grabeham?

Os dedos dela passearam entre os cachos da nuca do marido.

– Ele não precisa de nenhuma lição adicional, querido.

Simon ergueu uma sobrancelha.

– Você pode achar que não... mas eu vou gostar de lhe fazer uma visita.

– Se obtiver permissão para entrar na casa dele, considerando-se o escândalo que *você* é – provocou ela.

– Pronto! Este é o seu décimo segundo. O baile dos Northumberlands – anunciou ele, enlaçando-a em seus braços. – Nada de subir em escadas enquanto estiver *incinta*.

– Ah, não – protestou ela. – Você ter saído como um furacão da Casa Northumberland é um escândalo inteiramente *seu*. Eu não tive nada a ver com isso! Retire.

Ele deu uma risadinha junto à orelha de Juliana e ela estremeceu com a sensação.

– É justo. Este eu assumo inteiramente.

Juliana sorriu.

– Este é o melhor de todos.

Ele ergueu uma sobrancelha com autoridade ducal.

– Eu já disse a você que só vale a pena fazer algo se for fazer bem!

A gargalhada dela se perdeu no beijo dele, longo e perfeito. Ele pressionou a testa na dela e sussurrou:

– Minha esposa magnífica.

Ela adorou o tom reverente. E então se lembrou:

– Você tem novidades. Quando entrou...

Simon se recostou na poltrona, retirando uma carta do bolso do casaco.

– Eu tenho. Nós temos um sobrinho. O futuro marquês de Ralston.

Os olhos de Juliana se arregalaram de prazer, tomando o papel das mãos dele, lendo avidamente.

– Um menino! Henry. – Ela olhou nos olhos de Simon. – E dois se tornam três – disse ela, lembrando que a filha de Nick, Elizabeth, havia nascido duas semanas antes, e agora dividia o berçário de Townsend Park com uma Caroline que crescia feliz.

Simon puxou Juliana para si, plantando um beijo na ponta de sua sobrancelha e aninhando-a contra o peito.

– Quando chegar o outono, vamos fazer nossa parte e acrescentar um quarto componente ao alegre bando.

Ela sentiu enorme prazer ao pensar em sua família florescendo – uma família louca e maravilhosa que ela jamais teria ousado imaginar.

– Você percebe que eles vão ser as piores das confusões? – provocou ela.

Ele ficou em silêncio por um longo tempo – longo o bastante para Juliana levantar a cabeça e olhar em seus olhos sérios e dourados.

Quando ela o fez, ele sorriu lindamente.

– Eles vão ser as melhores das confusões.



E eles foram.

AGRADECIMENTOS



Com o terceiro livro desta série chegando ao fim, preciso fazer uma confissão: Gabriel, Nick e Juliana nunca teriam encontrado seu caminho até estas páginas sem a ajuda de algumas pessoas extraordinárias.

Carrie Feron, minha editora, tem um discernimento incrível e uma paciência infinita e fez desses livros o que eles são. Carrie traz consigo a fabulosa Tessa Woodward e o resto da incomparável equipe da Avon Books – Pam Spengler-Jaffee, Christine Maddalena, Jessie Edwards, Adrienne DiPietro, Tom Enger, Gail Dubov, Ricky Mujica e Sara Schwager –, que trabalharam incansavelmente para dar vida a esta série.

Minha agente, Alyssa Eisner-Henkin, teve a surpresa de sua vida quando eu lhe disse que estava escrevendo um romance adulto. Alyssa, obrigada por dar este salto comigo.

E então vêm os meus amigos – todos geniais –, sem os quais esses livros ou jamais teriam sido escritos ou teriam ficado simplesmente horríveis. Agradeço a Sabrina Darby, Cate Dossetti, Sandra Mitchell, Aprilynne Pike, Carrie Ryan, Lisa Sandell e Meghan Tierney por me ajudarem a encontrar os melhores caminhos e a evitar as ciladas. Sophie Jordan, não acredito que você ainda atenda as minhas ligações; obrigada por me orientar. E obrigada a todos os meus amigos do Facebook e do Twitter pelo encorajamento infinito!

Sou muito grata à minha família por sempre me deixar voltar para casa. Obrigada, em especial, aos meus pais por revisarem o meu italiano (todos os erros são de minha responsabilidade) e, em particular, ao meu pai pelo brilhantismo e pelas peculiaridades adoráveis de Juliana.

E, para Eric, obrigada nunca será o suficiente. Jamais. Eu sou sua.

SOBRE A AUTORA

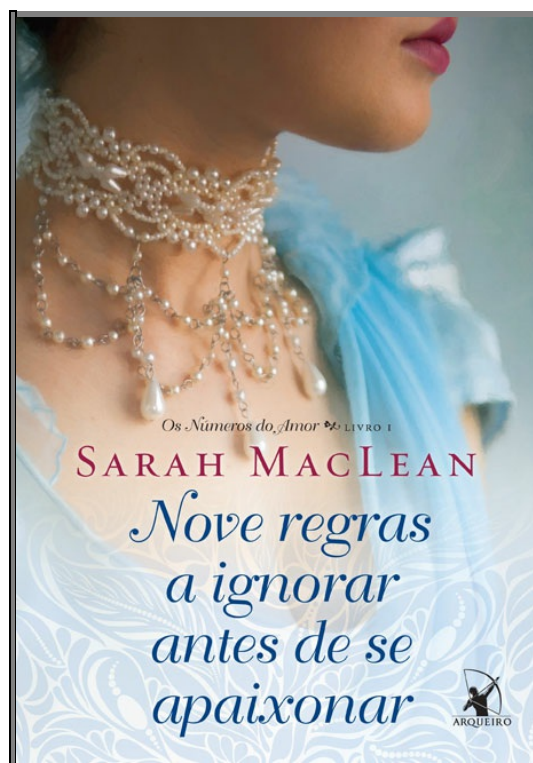


SARAH MACLEAN passou boa parte da infância em meio a livros e bibliotecas, o que lhe inspirou o amor tanto por fatos históricos quanto por romances ficcionais. Formada pela Smith College e pela Universidade Harvard, ambas em Massachusetts, foi quando se mudou para Nova York que finalmente decidiu unir suas maiores paixões e escrever o primeiro livro.

Desde então, suas obras já entraram na lista de mais vendidos dos jornais *The New York Times*, *The Washington Post* e *USA Today*, além de terem sido traduzidas para mais de vinte idiomas. Seu livro *Nove regras a ignorar antes de se apaixonar* foi eleito um dos dez romances de época do ano pela *Publishers Weekly* em seu lançamento.

Vencedora do prêmio RITA na categoria Romances de Época, Sarah MacLean também é colunista do *The Washington Post*. Ela ainda mora em Nova York, com o marido e a filha

CONHEÇA OS PRIMEIROS LIVROS DA SÉRIE



Nove regras a ignorar antes de se apaixonar

A sonhadora Calpúrnia Hartwell sempre fez tudo exatamente como se espera de uma dama. Ainda assim, dez anos depois de ser apresentada à sociedade, ela continua solteira e assistindo sentada enquanto as jovens se divertem nos bailes. Callie trocaria qualquer coisa por uma vida de prazeres.

E por que não se arriscar se, aos 28 anos, ela já passou da idade de procurar o príncipe encantado, nunca foi uma beldade e sua reputação já não lhe fará a menor diferença? Sem nada a perder, a moça resolve listar as nove regras sociais que mais deseja quebrar, como beijar alguém apaixonadamente, fumar charuto, beber uísque, jogar em um clube para cavalheiros e dançar todas as músicas de um baile. E depois começa a quebrá-las de fato.

Mas desafiar as convenções pode ser muito mais interessante em boa companhia, principalmente se for uma que saiba tudo sobre quebrar regras. E quem melhor que Gabriel St. John, o marquês de Ralston, para acompanhá-la? Afinal, além de charmoso e devastadoramente lindo, ele é um dos mais notórios libertinos de Londres.

Contudo, passar tanto tempo na companhia dele pode ser perigoso. Há anos Callie sonha com Gabriel e, se não tiver cuidado, pode acabar quebrando a regra mais importante de todas – a que diz que aqueles que buscam o prazer não devem se apaixonar perdidamente.



Dez formas de fazer um coração se derreter

Isabel Townsend não é exatamente o que se espera da filha de um conde. Apesar de ter a pele delicada e de saber se portar como uma dama quando necessário, a jovem também monta a cavalo, conserta telhados, administra a propriedade e cria o irmão caçula desde que a mãe faleceu – tudo isso sem despertar a menor suspeita de que não há um homem sequer para cuidar de sua família.

Para o pai dela, que só queria se divertir e gastar dinheiro em jogatinas, pouco importava o que ela fizesse. Porém, quando ele morre, Isabel se vê sem recursos e precisa defender os direitos do irmão, ameaçados pela chegada iminente de um tutor. Assim, não lhe resta saída senão vender sua coleção de estátuas de mármore, o único bem que herdou.

Para sorte sua, um especialista em antiguidades acaba de chegar ao condado. Inteligente e sensual, lorde Nicholas St. John é um solteiro convicto que deixou Londres para se livrar das jovens que passaram a persegui-lo desde que foi eleito um dos melhores partidos da cidade.

Em poucos dias, fica claro para Nick que Isabel é a mulher mais obstinada e misteriosa – além da mais interessante – que já cruzou seu caminho. Ao mesmo tempo, ao conhecê-lo melhor, a independente Isabel percebe que há homens em que vale a pena confiar. Enquanto eles põem de lado suas antigas convicções, seus corações se abrem para dar uma chance ao amor.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

[Créditos](#)

[Um](#)

[Dois](#)

[Três](#)

[Quatro](#)

[Cinco](#)

[Seis](#)

[Sete](#)

[Oito](#)

[Nove](#)

[Dez](#)

[Onze](#)

[Doze](#)

[Treze](#)

[Quatorze](#)

[Quinze](#)

[Dezesseis](#)

[Dezessete](#)

[Dezoito](#)

[Dezenove](#)

[Vinte](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Conheça os primeiros livros da série](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)